

Desde
que te vi

SÉRIE
CONFLITOS

I

GRAZI FONTES



Desde
que te vi

SÉRIE
CONFLITOS

1

GRAZI FONTES

Sumário

[Dedicatória](#)

[Nota Da Autora](#)

[Playlist](#)

[Prólogo](#)

[01- Recorda-Te](#)

[02 - Encontre-Me, Se Quiser](#)

[03 - Surpreende-Me!](#)

[04 - A Descoberta](#)

[05 - Primeiros Passos](#)

[06 - Inesperado](#)

[07 - Aproxime-Se](#)

[08 - A Primeira Rebelião](#)

[09 - Encontro](#)

[10 - Encantada](#)

[11 - Angústias](#)

[12 - Cedendo](#)

[13 - Pecado](#)

[14 - Promessas De Verão](#)

[15 - Nada Bom!](#)

[16 - Até Logo, Querida!](#)

[17 - Sozinhas](#)

[18 - Buscas](#)

[19 - Amor De Criança](#)

[20 - Ayah Kane](#)

[21 - Lar Doce Lar](#)

[22 - Saudade](#)

[23 - Joy](#)

[24 - Nostalgia](#)

[25 - Claire Turner](#)

[26 - Susan](#)

[27 - Conflito](#)

[28 - Revelações](#)

[29 - Aprendiz](#)

[30 - O Primeiro Dia De Suas Vidas](#)

[31 - A Tal Bisavó](#)

[32 - A Verdade](#)

[Epílogo - Despedindo-Se](#)

[Agradecimentos](#)

Dedicatória

Dedico *Desde que Te Vi* a minha mãe, ao meu pai, aos meus irmãos e a minha melhor amiga, Ana Carolina Castilho.

Nota Da Autora

A ideia de Desde Que te Vi surgiu através de conflitos familiares. Quem não os teve, não é verdade? Mas poucas pessoas costumam falar sobre eles. Quando comecei a escrever a história, eu via o que eu queria, mas algumas coisas não estavam claras. Eu sabia que precisava colocar tudo no papel para conseguir expressar o que estava sentindo, mas é provável que não tenha expressado tudo completamente, pois parece que nunca é o suficiente.

Eu não tenho problema em admitir que minha mãe e eu vivemos muitos conflitos diariamente, e a ideia surgiu daí, de todas as vezes que repeti a ela: eu não quero ser igual a você. Mas a gente sempre acaba levando um pouco de nossos pais conosco, não é? Embora tenhamos opiniões adversas e tentamos seguir arduamente nossas convicções.

A história da Susan não é igual a minha. Existem inúmeros conflitos familiares para escrever e quando surgiu a ideia, o problema da Susan já estava formado em minha cabeça e ele é bastante complexo, por isso foi necessário dividir em duas partes e quis focar em uma coisa de cada vez.

O que eu conto em Desde Que Te Vi, é algo que muitas pessoas vivem, mas só se dão conta do tempo perdido quando é tarde demais e espero ajudar muitas pessoas a não deixar que uma briga se transforme em anos afastado de alguém que você se importa, mas o orgulho não permite perdoar.

Perdoe. É importante para você e para a outra pessoa. E se não for importante para a outra pessoa, você pelo menos tentou. Outro esclarecimento importante; Desde que te vi contém cenas explícitas de sexo e palavrões.

É isso, espero que gostem da leitura.

Atenciosamente,
Grazi Fontes

Playlist

Essa é a playlist do livro, escaneie o QR Code e vá direto para o Spotify e ouça o que preparei para você.



Prólogo

A vida dela desde nova não foi fácil e mesmo vivendo um dia de cada vez, sonhando com o momento que conquistaria sua liberdade sem que seu coração doesse ou se preocupasse com o fato de sua mãe estar usando droga, bebendo ou fazendo questão de *foder* sua vida desde o instante que acordava até a hora de dormir, ela tinha esperança, acreditava que se esforçasse, poderia ter um futuro brilhante.

Mas não escolhemos o amor, não é? E nem a hora que o amor vai fazer parte da nossa vida. Entretanto, ela tinha sempre o pensamento de que as coisas dariam certo. Era nisso que Susan acreditava quando voltou até àquela casa, só que a vida adorava dar rasteiras nela. Gostava de cuidar para que nem tudo acontecesse como ela gostaria que fosse, como uma fofoqueira costuma bisbilhotar em surdina a vida dos vizinhos. Afinal, ela não tinha direito de escolher como viver, não é?

Sem onde morar, sem o amor que acreditou ser recíproco, ela não sabia o que fazer. Estava desesperada. Grávida, enxotada de casa e abandonada pelo homem que acreditou que a amava.

A porta grande de madeira maciça se fechara atrás dela. Susan estava impactada com o que acabara de ouvir, suas mãos estavam tremendo, seus olhos ardiam, mesmo ela sendo forte, ela não estava preparada para o que ouvira no meio daquela sala oval. A senhora apoiando-se numa bengala, transmitindo um recado hostil sem sequer olhar para ela, se controlou para não sucumbir em sua frente.

Aquelas palavras duras, não se pareciam em nada com o mesmo homem ao qual havia se apaixonado. Ela ficou tão estupefata que nem sequer conseguiu reagir ou articular qualquer palavra.

Seu peito subia e descia fortemente, mas aguentou até sair daquela casa que passou a sufocá-la. Desceu os olhos para suas mãos e olhou para o cheque que segurava. Era apenas um papel fino, mas que significava tanto para seu coração. Viu os números e não havia valor que apagasse a humilhação que acabou de passar. Ela não queria dinheiro.

Ela só queria encontrar Elliot. Como ele pode fazer algo tão...

Olhou para sua assinatura no cheque, a letra era a mesma. Ele havia lhe enviado tantas cartas, era inconfundível. Ele lhe dava uma quantia exorbitante para dar fim aquela gravidez. Uma lágrima deslizou por seu rosto, fazendo-a fechar os olhos um instante. Ele nem quis vê-la. Nem explicar qual a razão para não desejar aquilo.

Mas ela sabia.

Havia sido apenas mais uma de suas conquistas.

Outras lágrimas vieram, fazendo com que seus olhos ficassem embaçados e acabaram respingando no cheque que tinha em suas mãos.

Queria jogar aquele papel fora, mas não podia. Não tinha condições, só pensava que havia aceitado o dinheiro para abortar. Uma quantia muito alta e que pagaria mais abortos do que ela podia contar. Aquele valor significava muito mais. Significava que ele não queria vê-la nunca mais. Chorando, Susan desceu os degraus apressadamente, indo embora sentindo medo do que iria fazer em seguida.

Não era justo, pensou. Mas não havia outro caminho a seguir.

Da janela de vidro com a cortina aberta, alguém a observava se afastar. Um misto de emoções ultrapassava seu coração, tentando decidir se o que havia feito era realmente o certo.

01- Recorda-Te

*“Mas eu não respondo a perguntas, eu apenas deixo a dúvida
Meus olhos ainda estão abertos, as cortinas estão se fechando
Mas tudo o que eu tenho é esse velho sonho que eu devo ter tido”*
A 1000 Times

Nove anos depois...

“Recordações, geralmente, não são boas. Eu digo isso porque a maioria das pessoas só se recorda das coisas boas em momentos de nostalgia. A verdade é que nosso cérebro tem mais facilidade em guardar as mágoas e ressentimentos por mais tempo. É difícil perdoar e esquecer, a não ser que tantos anos tenham se passado e a mágoa tenha se transformado em uma lembrança escondida Mas acontece que ela nunca vai sumir.”

Uma artista, que ela não fazia ideia do nome, acabava de responder ao entrevistador. A mulher parecia tão desapontada, como ela também se sentiu nos últimos anos e aquele sentimento ainda permanecia.

Seus olhos e ouvidos estavam atentos à televisão. Era um assunto de suma importância para ela. Afinal, suas recordações e os sentimentos nunca se apagaram completamente.

O que sentia sempre quando encostava a cabeça no travesseiro, não se apagava. Ela havia perdido tanto em sua vida. Não tem boas lembranças da infância e nem da adolescência. Olhando para o passado, não sabia como tinha sobrevivido até agora.

Susan fechou os olhos um momento. Aquela era uma data importante. Uma data que ela não iria esquecer. A primeira overdose que desencadeou muitas outras. Foi quando sua vida que já não era muito boa, terminou de desmoronar.

Como ela conseguiu chegar até ali sem enlouquecer? Como poderia estar viva ainda? Se alguma garota na idade dela, na época, tivesse passado por aquilo, com certeza enlouqueceria. Talvez nem sobrevivesse a tantas pressões.

Tanto Susan quanto a entrevistada suspiraram ao mesmo tempo, pareciam

estar de acordo uma com a outra, mesmo sem estarem se vendo e, muito menos, conversando. Era como se tivessem pensado a mesma coisa: *“Embora desejassem esquecer-se de algumas situações terríveis pelas quais passaram, era praticamente impossível de conseguir, algo sempre surgia para fazê-las se lembrarem de tudo o que sofreram”*.

Ela olhou para o porta-retrato sobre a estante velha e caindo aos pedaços. Toda vez que encarava aquela fotografia, se perguntava por qual razão a mantinha ainda. Porém, algo dentro dela queria ter ao menos uma lembrança e uma razão para seguir em frente. E aquele retrato era uma razão.

Mas Susan tinha dúvidas se era necessário se recordar todos os dias como era estar naquela situação tão horrível a qual havia passado e estar ciente do significado que aquela mulher tinha em sua vida e o que sentia.

Susan tentava afastar a atenção da televisão e da conversa, mas estava sendo impossível desviar os olhos. Amelia que estava deitada na outra ponta do sofá, parecia entediada com o que passava na televisão velha, com transmissão em preto e branco. Por isso, se aproximou lentamente de Susan pensando em uma forma de chamar sua atenção e assustá-la.

– Mamãe? – Susan assustou-se ao sentir o toque de duas mãos pequenas em seu rosto. Ela estava sentada no sofá, com as duas pernas dobradas sobre ele. Ainda usava o uniforme da lanchonete onde trabalhava. – Olha para mim, mamãe! – estava ali, a razão de tudo aquilo ser tão difícil de esquecer.

– Oi, querida. – Susan a pegou no colo e a fez se sentar sobre suas pernas.

– No que “tá” pensando? – Amelia segurou suas mãos e a fez abraçá-la.

– Em nada importante, só no que estão falando na TV. – Susan suspirou e olhou o relógio que estava na parede, em cima da televisão. – Está na hora de dormir, querida.

– Mas eu quero ficar aqui com você, mamãe. – Amelia se afastou dela, voltando a deitar no sofá. Esticou as pernas, lhe oferecendo os pés.

Desde que Amelia começou a andar e conseguir discernir as coisas, ela fazia aquilo. Susan tirou os sapatos e ficou de frente para ela, encostando os pés nos de Amelia. Sempre achou gostoso fazer aquilo. Sempre foi bom sentir, a cada dia, os pés dela contra os seus e como eles estavam crescendo.

– Será que meus pés vão ser como os seus mamãe?

Susan ficou observando os dedos longos e finos e suas unhas que há muito não eram pintadas. Ela esperava que as coisas fossem diferentes para Amy. E estava batalhando muito todos os dias de sua vida para isso acontecer.

– Eu não sei meu amor, espero que não. – Susan desceu os pés e segurou as pernas de Amelia, acariciando-as. – Está na hora de você dormir, Amy.

– Ah, mamãe, eu quero ficar com você um pouco mais. – Amelia resmungou desanimada, mas se afastou, descendo do sofá e indo em direção à cama.

Elas moravam em um pequeno apartamento de três cômodos. Se é que podia dizer que eram três. A sala tinha uma parede de madeira que foi improvisada para separar o quarto. A cozinha era dividida com a lavanderia e havia um pequeno banheiro. Todo o apartamento tinha em torno de 30 metros quadrados. Mas Susan finalmente conseguiu terminar de pagar o financiamento e estava satisfeita com o resultado.

Seu apartamento era pequeno, mas estava em seu nome e podia chamá-lo de seu. Os móveis eram muito velhos e de segunda mão, mas estava esperando desapertar das contas para conseguir renovar. Sempre foi bastante controlada e organizada, planejava tudo tranquilamente.

– Terei folga neste fim de semana, poderíamos ir a uma loja comprar um fogão novo e, talvez, se não estiver muito caro, comprar uma televisão maior do que esta. – Susan se levantou e foi até o aparelho. – *E que seja com transmissão colorida.* – disse apenas para si.

Elas tinham uma televisão muito antiga de cubo e toda preta, de 20 polegadas, mas o que mais a irritava era a imagem ser em preto e branco.

– É, mamãe? – Amelia indagou com um sorriso imenso no rosto. Susan retirou o colete rosa e a camisa branca, indo em direção ao guarda-roupa.

– Sim! – Susan ficou apenas de calcinha e sutiã, enrolou a toalha no corpo e se virou para Amelia. Que a olhava com ansiedade e expectativa.

– Fez o dever de casa?

– Fiz sim, deixei na mesa da cozinha pra eu corrigir. – Susan sorriu para Amelia, emocionada. Sua filha era tão responsável. Não aparentava ter só oito anos. Foi até ela e a beijou na testa.

– Vou tomar um banho, já volto e vejo o seu dever. – Susan se afastou e foi em direção ao banheiro.

– Se eu estiver dormindo quando voltar... – Susan virou o rosto antes de entrar no banheiro e jogou um beijo no ar.

– É claro que estará dormindo, sempre está. Boa noite, meu amor, durma com os anjos. – Susan disse antes de entrar no banheiro.

– Eu te amo, mamãe. – a ouviu dizer antes de fechar a porta.

*

No aeroporto de Nova Iorque, um avião vindo de Portugal acabava de aterrissar. Era mais de meia noite, o clima estava agradável. As estrelas e a lua traziam um pouco de iluminação. Elliot esfregou o rosto, havia dormido bastante durante a viagem. Ele colocou a mochila que carregava seu notebook em suas costas e saiu do avião, acenando para uma das aeromoças.

Ele se sentia mal humorado e muito cansado. Fazia muito tempo que não pisava nos Estados Unidos e queria continuar assim, pelo menos, até conseguir reorganizar sua vida. Estava sendo uma tarefa difícil a cada dia, mas sentia que estava quase conseguindo. Ninguém sabia que ele estava de volta e nem saberia. Aquela era somente uma visita de última hora e que aconteceria rapidamente.

– Eu vou alugar um carro, já volto. – Joseph, seu amigo e segurança, disse antes de se afastar quando passaram pelo desembarque e caminharam em direção à locadora de carros.

– Não vou a lugar algum. – Elliot parou de andar e ficou olhando a sua volta.

Joseph, enquanto aguardava a atendente devolver os documentos e entregar a chave, não tirava o olho de Elliot. Ele estava agitado e isso era completamente novo, jamais o viu ficar assim. O celular em seu bolso vibrou e verificou quem era. Claire.

Suspirou e gesticulou negativamente. Ela não desistia de Elliot e ele não conseguia entender o porquê de toda essa obsessão dela, já que Elliot nunca foi uma pessoa muito comunicativa. Sempre com a expressão séria, nem ele que fazia anos que estava ao seu lado, conseguia identificar o que estava pensando ou sentindo, até o momento em que recebeu um telefonema no dia

anterior. Aquilo o deixou completamente diferente do homem que conhecia há tanto tempo. Algo do passado que era muito importante parecera retornar.

Era de madrugada, mas mesmo assim, Nova Iorque continuava despachando e recebendo pessoas o tempo todo. Ele segurou firmemente a mochila sobre os ombros e suspirou ao ouvir o anúncio de algum voo que estava para decolar. Desejava estar naquele avião. Não importava para onde fosse. Só não queria estar ali.

– Pronto, podemos ir. – Joseph disse atrás dele. Elliot acenou concordando e eles caminharam em silêncio, até chegar ao estacionamento da locadora.

Elliot jogou a mochila no banco de trás do carro e entrou. Ao se sentar, o celular de Joseph começou a tocar. Olhou para ele, arqueando a sobrancelha.

– Desligue esta merda. – Elliot bagunçou os cabelos.

– Sim, senhor. – Joseph desligou o aparelho. – Era a senhorita Claire.

– Que se dane! – Elliot respirou fundo. – Vamos logo, preciso acabar com isso e voltar o quanto antes.

– Quem é Susan? – Joseph apertou fortemente o volante. Sabia que não deveria ter tocado no assunto, mas precisava saber quem era aquela mulher que o deixou daquele jeito.

– Não é da sua conta, Joseph. – Elliot respirou fundo e ficou olhando as ruas transpassarem diante de seus olhos.

– Deixamos uma coisa grandiosa para trás de repente e você não quer me dizer? – Joseph disse impaciente.

– Podemos resolver isso quando voltarmos. Devia ter ficado para concluir o serviço, não pedi para você me acompanhar. – Elliot continuou sem olhar para ele.

– Eu sou seu segurança e amigo, não se esqueça disso, não posso te deixar vir sozinho. – Joseph acelerou mais o carro ao entrar na avenida principal. – É a garota da foto, não é?

– É. – Elliot se limitou a responder.

– E ela veio te visitar? Eu te conheço há tanto tempo e nunca a vi, por que, de repente, ela te procurou?

– Não sei. – Elliot virou o rosto para encará-lo. – Vamos descobrir assim que chegarmos.

– Você não acha que pode ser mais uma armação da sua avó com a senhorita Claire?

– Para Claire eu estou na Arábia Saudita. – dessa vez, Elliot sorriu. Ele estava se divertindo com aquela situação.

– Eu espero que esteja mesmo. – Joseph apontou para o som do carro. – Posso pôr uma música?

Elliot se limitou a dar de ombros e voltar a olhar para fora do carro. Ele abriu o vidro e retirou um cigarro do bolso, levando-o em direção à boca. Fazia tanto tempo que ninguém citava o nome dela que, quando o ouviu, ficou completamente desnortado. Todos os dias, ele pensava nela e no quanto seu coração havia se partido com seu desprezo, entretanto saber que ela o procurou foi, de certa forma, um alívio. Ele precisava olhar para ela mais uma vez e finalmente acabar de uma vez com o que sentiu por todos aqueles anos. Estava na hora de por um fim em tudo e seguir em frente.

A música no carro embalava a mente de Elliot. Ouvir o nome dela lhe trouxe tantas memórias que se esforçou muitos anos para esquecê-las. Mesmo as mantendo escondidas, de vez em quando se permitia desfrutar delas.

Ninguém podia substituí-la. O que ele sentia por Susan jamais sentiria por outra mulher na vida. E todos aqueles anos comprovaram isso. Já havia se dado por vencido e desistiu completamente de tentar encontrar outra pessoa.

Elliot reconhecia que a simples menção de seu nome, foi o suficiente para trazê-lo rapidamente para casa. Ele ainda a amava, mas tinha decidido que, assim que a encontrasse, ele confrontaria esse sentimento e não o deixaria abalar. Ele tinha se reparado durante a viagem para confrontá-la. Tinha que conseguir. Só que ela era sua única fraqueza.

O carro atravessou os portões que intimidava qualquer um e Elliot sentiu a pressão que aquele lugar fazia a ele. Fez a volta em um balão, parando em frente à escada, ele saiu do carro no instante que Joseph o parou e subiu os degraus com os passos acelerados, estava muito ansioso. Abriu as portas, escancarando-as completamente. Foi recebido por um dos empregados e caminhou pela casa toda, a procura dela. Joseph estava atrás dele, como sempre.

– Senhor. – disse Finn, o assistente pessoal de sua avó. – Que bom que voltou. A senhora Kane o aguarda no quarto.

– A minha avó estava me esperando? – Elliot olhou para Joseph que tinha a sobrancelha arqueada. – Por acaso, Claire não está com ela, está?

– Não, não senhor. Apenas sua avó lhe espera. – Finn levou a mão até o colarinho da camisa branca a ajustando. – Como já é tarde, vou pedir para que preparem algo para vocês comerem.

– Não precisa Finn. – Elliot suspirou. – Não pretendo demorar. – ele se virou para Joseph. – Compre nossa passagem de volta, imediatamente!

Elliot não aguardou a resposta de Joseph e foi para o segundo andar. Ao abrir a porta do quarto, sentiu um cheiro forte álcool e limpeza, sentiu-se em um hospital. A enfermeira, que trocava o soro, se assustou ao vê-lo entrar abruptamente no quarto. Ela acenou após conseguir finalizar o serviço e saiu do quarto.

Ele foi até a poltrona que havia perto da cama e se sentou, olhando para sua avó atentamente. Ela parecia dormir serenamente. Elliot segurou sua mão e levou-a até os lábios, beijando-a.

– Elliot. – Ayah Kane abriu os olhos. Sua respiração ficou ofegante e ele percebeu a dificuldade que ela tinha para respirar e falar.

Ele respirou fundo, pois imaginava o que iria acontecer assim que ela conseguisse formar as palavras. Estava na hora de firmar o acordo e estava ciente disso. Elliot abaixou a cabeça um momento, se sentindo um idiota por não ter resistido a tentação e vir correndo ao ouvir o nome de Susan. Havia caído na conversa de sua avó. Susan não o procurou, constatou.

– Claire está escondida debaixo da cama? – ao ouvi-lo, Ayah gesticulou negativamente. Elliot podia jurar que viu um sorriso se formar no rosto de sua avó.

– Não, não, meu filho. – ela tossiu em busca de fôlego. – Eu preciso te contar uma coisa, por isso te chamei. – Ayah falou pausadamente e buscou ar. – Abra essa gaveta. – ela apontou para a escrivaninha, ao lado da cama.

Elliot soltou sua mão e abriu a gaveta. Não havia nada além de um envelope amarelado dentro dela. Ele olhou para sua avó, que assentiu, incentivando-o a abrir. Retirou um papel de dentro e o abriu. Identificou o

PERIGOSAS TRADUÇÕES

nome e viu a data. Olhou para sua avó novamente. Em todo aquele tempo controlando sua raiva, de repente o sentimento foi substituído por uma dor. Uma lágrima escapou de seu rosto.

– Ela o procurou para te mostrar isso há nove anos. – Ayah voltou a tossir e buscou ar. – Ela veio aqui te procurar naquela época, mas não veio para te deixar uma carta terminando com você. Eu lhe dei o dinheiro sim, mas ela não o aceitou. Ela estava grávida, eu não podia deixar ela...

Enquanto Ayah continuava falando, Elliot amassou o papel com raiva e se levantou, afastando-se da cama, caminhou até a janela que estava fechada, mirou os olhos na rua. A voz e a respiração de sua avó ecoavam em sua mente, mas sequer prestava atenção ao que sua avó dizia. Ele fechou as mãos com força, até senti-las adormecerem.

– Ela abortou? – ele se virou de repente, a fazendo se calar. Os olhos dele estavam úmidos e não conseguia enxergar quase nada a sua frente. O som da respiração de sua avó era desigual, como se afogasse e ficasse sem ar.

Em sua mente, as palavras gravidez e aborto ecoavam forte e repetidamente. Elliot não podia acreditar... Ele não queria acreditar no que sua avó tinha acabado de dizer. Em todos aqueles anos, ele lutou para esquecer tudo o que sentia e, embora fosse um duelo praticamente impossível de ganhar, ele havia amortecido seu sentimento.

Como sua avó pôde fazer algo assim com sua vida? Como? Indagou-se furiosamente em pensamento. Ele estava farto de ouvi-la ditar o que deveria ou não fazer com a merda da sua vida. Faltava pouco para conseguir se desgarrar dela. Ela não apenas arruinou sua vida, mas a de Susan também. O que passou pela cabeça dela quando recebeu dinheiro para abortar? É claro, pensou que ele não queria mais nada com ela.

Elliot ficou observando sua avó tendo dificuldade para responder e respirar ao mesmo tempo. Parecia que iria falecer a qualquer momento, mas não se importava mais com a sua avó. Ela não parava de surpreendê-lo com suas atitudes. Aguardou ansiosamente pela resposta, mas quando esta não veio, repetiu a pergunta, forçando-a a respondê-lo.

– Elliot, eu preciso te explicar o que aconteceu, eu não tenho muito tempo e...

O horror invadiu seu rosto, o fazendo friccionar os dentes com força, uns

PERIGOSAS TRADUÇÕES

contra os outros, ao compreender o que ela queria dizer. Seus lábios tremeram enquanto encarava sua avó que batalhava para conseguir respirar. Elliot sentiu repulsa por sua avó.

– Eu espero que você se afogue no próprio ar. Não se cansa de me enganar e de fazer com a minha vida o que bem entender? – ele foi até ela, a encarando nos olhos.

– Elliot... – Ayah levou a mão até o peito.

– Eu nunca vou te perdoar por isso. – Elliot se afastou da cama, caminhando até a porta. – Eu vou acabar com o pouco que resta do nosso nome. Você não podia ter feito isso comigo! – ele aumentou o volume da sua voz – O que você fez para mim e para Susan é imperdoável. O que você disse a ela?

Pela primeira vez em muitos anos, Elliot sentia-se desolado. Ele havia se acostumado com a rejeição. Ele se preparou para ignorar e ser ignorado por Susan desde que o verão havia acabado, por todos aqueles nove anos que não se encontraram mais, mas saber o que realmente tinha acontecido, foi como se abrisse todas as feridas.

– Você não tinha esse direito, era um bebê. – Elliot mordeu o lábio inferior e bagunçou o cabelo. – Um bebê meu. Como você teve coragem?

Ninguém que o conhecia imaginou algum dia vê-lo chorando, porém, quando o assunto se referia a Susan, ele não conseguia controlar. Ainda mais um assunto tão delicado e de suma importância como aquele.

– Elliot! – ele abriu a porta sem dar ouvidos a ela e saiu do quarto. Encontrou Joseph no corredor, esperando por ele. Apoiou-se na parede um momento e fechou os olhos sentindo a dor dominá-lo por completo. Dessa vez ele queria sentir aquela dor. Era muito bem-vinda. Elliot suspirou, sentindo os pensamentos agitados em sua cabeça, correndo de um lado para o outro e abriu os olhos quando conseguiu controlar a emoção.

– Mudança de planos meu amigo. Vou à Avon Park, eu preciso me desculpar com alguém por ter estragado sua vida antes de voltar a Portugal.

Elliot passou por ele, desceu a escada de caracol rapidamente, levando as mãos até o bolso da calça. Retirando mais um cigarro e o isqueiro. Joseph arqueou a sobancelha, por perceber que Elliot iria fumar novamente. Ele não

costumava fumar com frequência, somente quando ficava nervoso.

02 - Encontre-Me, Se Quiser

“Diga-me o que é tudo isso

Sim, me diga o que é honesto

Você precisa de um elenco de corpo para todas as minhas promessas quebradas”

Sweet

Fazia muito tempo que não ia naquele lugar, não visitava o bairro e, muito menos, entrava naquela casa. Tentava se manter o mais longe possível daquelas recordações. Ela havia tido um sonho estranho. Sentiu-se angustiada no instante que abriu os olhos ao despertar. Algo dentro dela começou a corroê-la.

Muitas lembranças vieram e, a cada dia, se tornavam mais inquietantes. Não era capaz de dizer o real significado de sua ida até ali. Simplesmente quis ir. Havia levado Amy até a escola e rumou para o lugar que jurou que jamais colocaria os pés novamente. Entretanto, naquele momento, lá estava ela virando a chave e a maçaneta da porta para entrar.

Tudo estava do mesmo jeito que havia deixado, com a diferença de que havia muito pó. A casa era pequena. Tinha dois quartos, uma sala, um banheiro, cozinha, jardim. Tudo o que uma criança adoraria ter, mas Susan não tinha ótimas lembranças daquele lugar. Não queria que sua doce e delicada Amy crescesse em um local onde aconteceu muitas tragédias.

Avon Park sempre foi uma cidade calma. A população poderia andar tranquilamente nas ruas sem cogitar se alguma tragédia fosse acontecer. Todo mundo conhecia todo mundo. Era um lugar muito bom para criar uma criança, embora alguns contratempos surgissem no meio do caminho, uma fofoca aqui e outra ali, não deixava de ser uma cidade boa para morar. Mas tudo o que Susan precisava, estando sozinha como ela estava, era de um lugar tranquilo para educar e dar muito amor à sua filha, como Avon Park. Afinal, não é fácil ser mãe e pai em tempo integral.

Entretanto, aquela casa e tudo que girava em torno dela, não trazia recordações boas. A família que viveu ali não era feliz. Susan podia contar nos dedos quantas vezes, ela e a mãe, sorriram uma para a outra. Ou, como

era sentar no colo de seu pai e ouvi-lo contar alguma história sobre sua vida. Ela nunca foi próxima deles. Sua mãe era uma viciada em jogos de azar e heroína e, seu pai, um alcoólatra que na primeira oportunidade, abandonou a mulher problemática e a filha ainda criança.

Quando soube da gravidez e que continuaria vivendo em Avon Park, Susan não pensou duas vezes em procurar outra casa para morar. Não permitiria e nem se perdoaria fazer sua filha viver em um local com tantas memórias tristes. Susan não suportaria passar por isso. Ela tinha medo, mas tanto medo de fazer com Amy o mesmo que sua mãe fez.

Quando Amelia nasceu e olhou seu rostinho. Sussurrou bem pertinho de seu ouvido lhe fazendo uma promessa, mesmo que sua filha ainda não entedesse o que tinha acontecido para sua mãe fazer essa promessa. Ela nunca seria igual à mãe. Nunca, nunca, nunca! Ela sempre teve consciência de que devia educar, dar o que achava ser bom para uma criança.

Susan aprendeu na pele que amar incondicionalmente não era uma tarefa muito tranquila. Tinha que saber o momento certo para dizer sim e não. Ela se doava de corpo e alma a Amy. O amor que nutria por aquela garotinha não podia ser descrito de forma alguma. Ela havia prometido nunca negligenciar, mas também não passar a mão na cabeça. Ela queria dar tudo o que sua mãe nunca lhe deu. Amor, atenção, educação. Nenhuma dessas coisas ela teve. E por sorte não seguiu o mesmo caminho de sua mãe. Susan não soube quando decidiu não ser igual a ela. Simplesmente decidiu que não queria estar em uma situação tão dependente e decadente como aquela que a mãe estava e por isso, negligenciava com quem mais precisava dela.

Susan andou pela sala. Os móveis estavam todos cobertos por lençóis brancos. Ela foi até a velha poltrona de seu pai e tirou o lençol. Deslizou a mão, fechando os olhos, se recordando da escassa imagem que ainda tinha dele. Se algum dia encontrasse aquele homem na rua, com certeza não o reconheceria.

Se lembrava apenas que ele usava camisa xadrez, calça apertada, barba e um palito na boca. Ele costumava se sentar na poltrona e assistir aos jogos dos *Arizona Cardinals*¹, que era seu time de futebol americano preferido. Desde que ele se foi, ela nunca mais se importou com aquele esporte.

Ela olhou em volta de todo o recinto e respirou fundo. A angústia no peito

não havia amenizado nenhum pouco indo até ali, pelo contrário, piorou. Ela cobriu a poltrona e caminhou em direção ao seu quarto.

Abriu a porta e ficou parada olhando em volta, cruzou os braços e se apoiou no batente. Tudo ainda estava no mesmo lugar que havia deixado. Seus olhos foram rapidamente para a janela e acabou sorrindo, pois se lembrou de algo. Uma situação totalmente singular que envolvia Elliot e ela pulando a janela para entrarem no quarto, às escondidas.

Ela já havia perdido a conta de quantas vezes fizeram isso para conseguirem se ver. Enquanto sua mãe recebia visitas indesejadas e se drogava em algum canto da casa, ela e Elliot se aventuravam durante as noites e madrugadas. Ela gesticulou negativamente, para afastar estas lembranças.

Elliot e ela tiveram algo bom naquele verão e mesmo com tantas promessas que não foram cumpridas, ela ganhou um presente que não se arrependia da escolha que fizera nem por um segundo. Embora ainda sentisse dor ao se recordar dele, Susan tentava não guardar ressentimento, principalmente pelo presente que ela havia ganhado através do relacionamento deles.

Susan costumava chamar Amy de presente, pois foi devido à responsabilidade que tinha com uma vida, que ela se tornou a mulher que era.

A angústia se tornou excruciante e o peito começou a doer. Levou a mão na região dolorida achando que fosse sofrer alguma taquicardia naquele momento. Fechou os olhos e apoiou a cabeça no batente. Doía tanto. Eram tantas coisas para esquecer, mas infelizmente não conseguia.

Ela bateu com força na porta como uma forma para se estabilizar. Se virou e caminhou em direção a saída. Não podia continuar ali. Ao invés de melhorar o que estava sentindo, ficava cada vez pior. Trancou a porta e correu até o carro sem olhar para os lados. Não havia notado que um carro preto, com o vidro todo escuro, estava parado do outro lado da rua.

*

Joseph parou o carro em frente a uma casa pequena. Elliot tinha a testa praticamente colada no vidro do carro, com os olhos em direção ao carro estacionado em frente a casa. Era um Honda Accord dos anos 90, preto, com a pintura descascando. De repente, a porta abriu-se e uma mulher simples, de

cabelo comprido e corpo curvilíneo a atravessou. Joseph, por um momento, ficou fascinado. Ela parecia àquelas garotinhas do interior, que emanava pureza e ao mesmo tempo sensualidade. Ele queria tocá-la. Ela entrou no carro parecendo desorientada. Olhou pelo retrovisor, na direção de Elliot e viu sua dor. Aquela era Susan e a mulher que o transformara no que ele era agora.

Ir até ali estava sendo um erro. Elliot não podia envolvê-la no que eles faziam. Eles tinham uma regra importante de não se envolver emocionalmente com alguém para que aquela vida não afetasse ninguém. Olhando-o ainda, Joseph percebia que ele sequer havia pensado na gravidade da situação. Ele precisava alertá-lo. Elliot e ele precisavam ir embora e isso não tinha a ver apenas com o fato de se esconder de Claire.

Não sabia que podia encontrá-la. Ir até ali não foi premeditado, Elliot simplesmente tinha que ir. Precisava encontrá-la e a única forma de fazer isso, foi voltando onde tudo começou.

Ele havia acabado de chegar à Avon Park e foi direto até a casa de Susan. Ele não tinha se esquecido do endereço. Algumas vezes, se recordava do caminho que fazia para ir até lá. Era algo impossível de esquecer. Toda vez que iria vê-la, a ansiedade o dominava. Deixava todo seu corpo trêmulo e o peito batendo descontroladamente, como acontecia naquele momento.

Elliot quase abriu a porta do carro quando a viu sair da casa, ele estava totalmente surpreso em encontrá-la. Mas não foi apenas surpresa que tomou conta dele. Sentiu que voltava no tempo. Tudo a sua volta parou.

Ele olhou-a de cima a baixo. Susan tinha o mesmo formato do corpo, o mesmo estilo. Calça jeans rasgada, mas diferente de antigamente, aquela era mais justa. Ela usava uma blusa rosa de alças finas. Seus cabelos longos e castanhos se moviam junto com o corpo. Era muito bom olhar para ela.

A mesma sensação de anos atrás. Nada tinha mudado. Observou-a entrar no carro e bater a mão no volante com raiva. Ele enrugou a boca, se indagando. O que havia acontecido para ela estar tão brava daquele jeito? Susan deu a partida no carro, indo embora.

– Siga-a. – Elliot sentiu a garganta entalada e ficou praticamente sem voz. Joseph olhou-o através do espelho retrovisor, sem conseguir reconhecê-lo.

A seguia com certa distância. Ele nem sabia o que estava fazendo

realmente. Simplesmente agiu por impulso indo até ali. Tinha muitas coisas para fazer, mas nada era mais importante do que Susan e o que havia acontecido entre eles.

Se sentiu enganado esse tempo todo. Sua avó o enganou. Ela viu o quanto sofreu com o desprezo de Susan. Ela não o terminou tudo como tinha imaginado, entretanto, com seu abandono sua vida mudou completamente. Sua avó deveria ter lhe contado quando tudo começou a desmoronar. Ela tinha conhecimento do motivo de toda a sua mudança. Agora ele estava ali, sem saber o que fazer, diante do amor de sua vida.

Susan parou o carro em frente a um prédio de quatro andares. Ela praticamente pulou do carro e desapareceu dentro do prédio. Elliot olhava para lá, sem piscar. Encostou a testa no vidro, apenas aguardando. Não tinha noção de quanto tempo ficaria olhando para lá, na esperança de vê-la.

Quarenta minutos depois, Susan atravessa as portas de vidro, com uma bolsa no braço. Ela havia prendido o cabelo bem no alto da cabeça e havia mudado de roupa. Ela parecia usar um uniforme. À distância, Elliot não conseguia identificar o que estava escrito.

Sem precisar que Elliot dissesse mais alguma palavra, Joseph já sabia o que fazer, ele ligou o carro e começou a segui-la novamente. Ela dava passos largos e acelerados. Ele não sabia por que estava fazendo aquilo e queria muito entender qual a razão de estar se torturando tanto indo até ali, persegui-la e aproximar-se dela para conversar. Conversar o que? Os dois eram um passado distante.

Não demorou muito e eles pararam em frente à lanchonete Burger House. Elliot se recordou daquele lugar e ficou indignado por Susan estar trabalhando ali. Ela tinha tantos planos, tantos sonhos. Sua avó tinha acabado não somente a vida dele, mas a dela também.

Ele respirou fundo e saiu do carro. Sentiu choque térmico por causa do calor escaldante do lado de fora, se virou e apoiou os braços sobre o carro, pensando no que deveria fazer.

Falar com ela ou ir embora?

Ele não tinha ideia do que fazer, mas com certeza, não poderia ir embora, ainda. Entrou no carro após alguns minutos sentindo o calor irracional incomodar, olhou mais uma vez para a lanchonete, querendo entrar lá.

– Vamos voltar para o hotel, por enquanto. – disse para Joseph que continuou sem dizer nada.

Joseph entrou no quarto atrás dele, jogou o celular e a chave sobre a cama. Ele não sabia a melhor forma de tocar no assunto e desconfiava que não tivesse um jeito melhor de abordá-lo.

– Elliot, precisamos conversar. – ele se sentou na cama. Elliot o ignorou, indo até o banheiro.

– Não tente me convencer, Joseph. – Elliot voltou para o quarto. – Vai embora, preciso ficar sozinho.

– Elliot, você precis... – Joseph foi interrompido, quando Elliot grunhiu e caminhou até ele.

– Você não sabe o que está acontecendo e nem tente me impedir. – Elliot apontou o dedo para ele, muito furioso. Joseph nunca o viu aumentar o tom de voz para alguém como estava fazendo naquele momento. – Se você quiser ir e concluir o que estávamos fazendo, fique a vontade para partir, mas eu ficarei mais um pouco até decidir o que fazer.

– Elliot, eles vão...

– Danem-se todos eles. Isso é muito mais importante.

– Desde quando uma mulher é mais importante do que o seu trabalho? – Joseph se levantou o encarando, rangendo os dentes.

– Desde que a conheci, ela é e sempre vai ficar em primeiro lugar na minha vida.

– Mas você a está colocando em risco.

– Eu só preciso... – Elliot tinha a testa enrugada, os olhos castanhos haviam retornada a vida. Algo dentro dele despertou furiosamente. Ele levou a mão até os cabelos e o bagunçou. – Pode ir se assim desejar, Joseph.

– Eu não vou a lugar algum sem você.

*

Susan olhou o relógio do velho celular que estava no bolso do avental e continuou limpando a mesa. Era a última mesa que limparia antes de ir para casa depois do turno. Faltava tão pouco para ir embora e finalmente passar o fim de semana com sua filha.

Para ela, era sempre assim quando chegava o seu fim de semana de folga. Amelia era uma caixinha de surpresa sempre que estava com ela descobria algo novo. Ela achava que só quando os filhos eram apenas bebês que as descobertas deles surpreendiam, mas com Amelia sempre foi diferente e toda vez que olhava para aquele rostinho meigo e esperto, ela se orgulhava da decisão que havia tomado.

Amelia era seu presente. Não cansava de se repetir isso. Susan voltou para trás do balcão, jogando os produtos de limpeza e o pano dentro do balde. Tirou o avental, respirando fundo. Sentia-se exausta, mas satisfeita.

– Vai fazer o quê na sua folga? – Benjamin, o gerente, atravessou a porta que dividia a cozinha da lanchonete, perguntou enquanto enxugava as mãos em um pano de prato.

– Vou ficar com a Amy. – Susan umedeceu os lábios e apoiou os braços sobre o balcão. Olhou para Benjamin e um pouco do cabelo grisalho escapava da touca branca como sempre acontecia. – Vamos comprar alguns móveis novos amanhã.

– Espero que seja uma televisão nova. Amelia vive reclamando do aparelho velho que vocês têm e que chamam de televisão. – Susan virou o rosto na direção da porta achando que era Joy para tomar posse do seu posto, mas não, era só um cliente.

– Ela exagera um pouco, Ben, não devia dar ouvidos a uma criança. Você sabe que eles fazem chantagem emocional para conseguir o que querem. Mas pretendo comprar uma TV nova sim, afinal, estou cansada de bater naquela coisa velha sempre quando para de funcionar. – Susan olhou de novo em direção à porta e avistou Joy através do vidro. – Está na minha hora, Joy voltou do intervalo.

– Mande um beijo para Amy e para a senhora Jude. – Benjamin beijou seu rosto e observou-a atravessar a porta da cozinha.

– Darei sim. – Susan estava sorrindo. – Aliás, preciso correr. Senhora Jude não vai poder ficar muito tempo com a Amy hoje. Ela vai para um baile com um novo namorado.

– A senhora Jude não desiste nunca de encontrar um par, mesmo aos setenta anos.

– É verdade, mas confesso que acho estranho ouvi-la contar sobre seus encontros amorosos. – Benjamin gargalhou.

– Eu também não ia querer ouvir! – ele levantou as duas mãos, consternado, mas tinha um sorriso genuíno estampado no rosto.

Susan não tinha do que reclamar. Benjamin a acolheu como uma filha quando começou a trabalhar no Burger House. Havia se tornado mãe recentemente, estava sozinha. Tinha apenas Joy, sua melhor amiga a vida toda e seu marido, que a acolheu como parte da família. Trabalhar com Benjamin e Joy tornou possível dar um rumo a sua vida e a de Amelia.

Finalmente tinha conseguido mais um amigo. Um dos bons, para falar a verdade. Aconteceu quando ela menos imaginava e cogitava. Ele era uma pessoa tão boa que a acolheu, mesmo sabendo que ela tinha uma criança recém-nascida para cuidar e que poderia se ausentar quando Amelia ficasse doente.

Entretanto, Amy se tornou uma neta para Benjamin, pois ele nunca teve uma família. Ele se apaixonou por ela assim que a viu pela primeira vez. Aliás, Susan deduzia que qualquer pessoa se apaixonava pela sua filha quando a via pela primeira vez.

Susan se despediu do restante das pessoas da lanchonete e foi até o vestiário, trocar-se. Ela se livrou da camisa do uniforme e, antes de vestir sua blusa vermelha de alças finas, Joy apareceu.

– Nossa, você anda muito rápido! – Joy estava ofegante e levava uma das mãos até o peito. – Finalmente trouxe sua roupa, hoje!

– Ainda bem, porque hoje vou passar numa loja de *fast-food* que combinei com Amy, não posso entrar com o uniforme do concorrente, não é? – Susan passou a blusa no rosto, pois se sentia suada. – Você trouxe desodorante?

Susan e Joy se conheciam desde a infância. Aliás, todo mundo se conhecia naquela cidade, afinal, não tinha muitos habitantes em Avon Park. Joy abriu a bolsa e lhe entregou o desodorante.

– Precisa de alguma coisa Joy? – Susan pôs de volta a blusa que segurava no armário para passar o desodorante no braço.

– Não. Quer dizer... – Joy levou as mãos até os bolsos da calça jeans que vestia e encolheu os ombros, demonstrando nervosismo.

– O que aconteceu para você estar tão eufórica, Joy? – Susan lhe entregou o desodorante e a observou morder o lábio inferior e, em seguida, levar uma mão até a mecha de seu cabelo que estava solta e levá-la rapidamente atrás da orelha.

– Eu acabei de vê-lo. Ele voltou Susan. – Joy a encarou nos olhos. Observou Susan enrugar a testa por um longo minuto até compreender o que estava acontecendo. – Enquanto eu voltava da minha pausa, eu o vi.

– E daí? – Susan pegou a blusa novamente, demonstrando ter pouco interesse naquele assunto.

– Eu achei que gostaria de saber. – Joy inclinou o corpo e apoiou o braço no armário, jogando o peso do corpo sobre ele. – Ele irá descobrir sobre a Amelia.

– É praticamente impossível. Ele nunca mais voltou aqui, talvez não fique muito tempo. E mesmo se souber que eu tenho uma filha, não vai desconfiar que seja a mesma criança. – Susan soltou o cabelo e o bagunçou.

– A cidade inteira sabe Susan. – Joy respirou fundo e isto chamou a atenção de Susan. – Mais cedo ou mais tarde, ele irá saber.

– Não se preocupe com isso Joy. Ele não a quis antes e nem deve pensar nisso desde aquela época. Provavelmente não vai querer nem saber da nossa existência. – Susan fechou a porta do armário e se virou para Joy. – Faz muitos anos. Ele nem deve se lembrar de mim.

– Eu espero que você esteja certa. – Susan percebeu o quanto sua amiga estava preocupada e então a abraçou para confortá-la. Somente Joy e o marido, Paul, seus melhores amigos, sabiam de toda a sua história e foram os únicos que a ajudou, o restante era especulação maldosa de toda a população da cidade. – Se precisar de mim, me avisa?

– Claro! – Susan se afastou, sorrindo. Pegou a bolsa e jogou o celular dentro dela. – Amanhã irei comprar algumas coisas para o apartamento, por que você e o Paul não levam Josh para jantarem comigo e a Amy?

– Vou falar com ele e te aviso, “tá” bom? – Susan concordou e caminhou em direção à porta, para sair do vestiário. – Posso levar um amigo?

– Sem pretendentes pra mim, Joy. Não vamos forçar a amizade, não deu certo das outras vezes, não é agora que vai dar, “tá”? – Susan empurrou a

porta e não aguardou a resposta. – Nos vemos depois.

Susan saiu pela porta dos fundos, como sempre fazia. Como morava perto, cinco quadras dali, gostava de fazer o caminho de ida e volta do trabalho andando. Ela observava alguns casais caminharem de mãos dadas, uma família acabava de entrar numa cafeteria e uma senhora caminhava com seu cão, sendo praticamente carregada.

Ela gostava de caminhar todas as vezes para ver aquelas mesmas cenas, mesmo vendo pessoas diferentes o tempo todo.

Viver ali o resto de sua vida, em Avon Park, após terminar o colégio, não estava nos planos, entretanto, as consequências não deixaram que fosse diferente e, pensar nisso todos os dias, a fazia se conformar um pouco, mas sempre que via um casal acompanhado de seu filho indo a algum lugar, ela tinha consciência de que havia feito a escolha certa.

Susan amava Amelia com todas as suas forças. Era sua razão de viver e não havia nada mais importante do que sua filha. E por isto, nunca se sentiu mal pela decisão que havia tomado. Sua vida diante dos olhos dos outros, podia estar estagnada, mas Susan não pensava assim.

Nunca se imaginou amando outra pessoa, embora ele não merecesse aquele amor, ela jamais o esqueceu e tinha plena ciência de que não conseguiria amar novamente.

Ele está na cidade. Murmurou para si ao se recordar dele.

Seu peito acelerou e suas mãos começaram a suar. Tinha uma necessidade enorme de procura-lo e dizer o que realmente havia decidido fazer naquela época, queria tanto contar sobre Amelia e explicar o porquê tinha tomado essa decisão. Só que ela nunca conseguiu esquecer a carta que ele deixou quando rejeitou as duas.

Ela poderia suportar aquele sofrimento, afinal, já tinha sido abandonada pelo pai quando era nova e quando Elliot a abandonou, não foi difícil de erguer a cabeça, mas agora Amelia estaria envolvida e poderia se magoar. Susan jamais permitiria que alguém a magoasse. Ela faria qualquer coisa para protegê-la.

Susan parou em frente a uma loja de *fast-food* e sentiu os ombros pesarem. Pensou no sorriso enorme que Amelia iria lhe dar quando a

buscasse no apartamento da senhora Jude com o pacote de seu sanduíche preferido e entrou.

A vida delas estava começando a mudar e isso acalmava seu coração. Finalmente estava começando a dar uma vida decente para sua filha. Sem muito aperto e com mais conforto. Pelo menos, podia comprar algumas besteiras para comer de vez em quando.

Enquanto estava na fila, ela retirou o celular da bolsa para ver a hora e se não havia ligação de Amelia. Ficou aliviada por não ter recebido ligação alguma de emergência e ergueu o rosto, olhando para a fila a sua frente.

– Susan? – ela imediatamente se virou ao ouvir aquela voz grossa e forte bem atrás dela.

1 Arizona Cardinals (Pássaros Cardeais). É um time de futebol americano da casa de Jacksonville.

03 - Surpreende-Me!

“E por último

Corrigir

Pela graça do fogo e das chamas

Você é o rosto do futuro

O sangue em minhas veias”

Believer

Ela havia se preparado todos aqueles anos para não se deixar abalar com a presença dele. Susan sabia que mais cedo ou mais tarde, ele iria voltar, afinal, ainda tinha uma casa na cidade e nunca a vendeu. Ela o esperou nos primeiros anos, é verdade, por isso se preparou para esse momento, mas já havia desistido dessa ideia fazia muito tempo e, agora com a notícia que Joy dera à ela, ela ficou desesperada para reencontrá-lo.

Elliot Kane estava diante dela e Susan sentiu os olhos lacrimejarem ao perceber a semelhança que havia entre ele e Amelia. *Meu Deus parece que ele fez nossa filha sozinho.* Pensou. A boca, a cor do cabelo, o nariz e as maçãs do rosto eram idênticas às dele. Apenas a cor dos olhos era igual aos dela. Pelo menos isso.

Amelia tinha a beleza exótica de Elliot. E Susan não queria ter percebido isso naquele momento, pois já era difícil se esquecer dele, mas ver tamanha semelhança tornava tudo mais difícil. O coração ficou acelerado e sentiu-se sufocada, praticamente sem fala.

Os olhos castanhos estavam grudados nos seus, os cabelos estavam mais curtos do que a última vez que o viu, mas ele ainda continuava deixando a barba rente. Como sempre, irresistível, provocante e belo, muito belo. Sem perceber, seus olhos desceram até seus lábios e ele exibia aqueles dentes muito brancos e um sorriso sensual, provocante.

Elliot nunca se acostumaria com a beleza singular de Susan. Sua pele delicada e, como sempre, convidativa a um toque de tão macia que aparentava ser. Ela mantinha seus cabelos longos e presos no alto da cabeça, o que fazia destacar ainda mais os seus olhos. Ah o seu olhar, ele era de tirar

o fôlego. Tão verde e tão... Ele sentiu que, aos poucos, estava perdendo o ar.

Susan abaixou a cabeça procurando força para poder, ao menos, conseguir pronunciar algumas palavras. Ergueu o rosto devolvendo o olhar e ergueu o queixo. Tinha que ser forte o suficiente para demonstrar que ele não a abalava como fazia antigamente. Mesmo ela não querendo, agora ela não tinha como fugir disso.

– Sr. Kane! – Susan sorriu e segurou a alça da bolsa em um gesto nervoso. Os olhos de Elliot seguiram seus movimentos.

– Que bom te ver! Não achei que fosse encontrá-la por aqui, estou muito surpreso. – ele respirou fundo, mas continuava a encarando. – Achei que depois do colégio você tivesse ido a Columbia.

– Eu decidi ficar. – Susan deu um passo à frente na fila que se moveu.

Elliot estreitou os olhos, desconfiado, afinal, havia dado abertura para Susan comentar mais coisas.

– Puxa vida, você não mudou nada. – Elliot se aproximou dela, atrás da fila.

Elliot olhou-a de cima abaixo. Susan ficou desconcertada com a forma que ele a observava. Não queria que isso estivesse acontecendo. Ele a olhava da mesma forma de antes. E ela se conhecia tão bem, que sabia que não conseguiria resistir por muito tempo. Susan respirou fundo, tentando permanecer firme diante dele.

– Não posso dizer o mesmo de você. – Susan desejava não vacilar durante aquela conversa. Ela iria conseguir. Tinha que conseguir. Forçava sua mente para conseguir ter controle de tudo. Logo iria embora e nunca mais o encontraria. Se esforçaria para nunca mais vê-lo, pois ela percebia que seu coração não aguentaria outros encontros. – Você tem rugas agora! – Susan achou que fosse irritá-lo, mas para sua surpresa, o ouviu rir. E foi uma risada deliciosa, do jeito que ela se recordava.

Isso estava indo de mal a pior. Tudo nele a fazia voltar no passado. Ela queria sair correndo dali. Quase chorou diante dele.

– E você ainda continua maravilhosa do mesmo jeito, Susan. – ele levou a ponta dos dedos até seu rosto, o tocando suavemente.

Susan segurou o fôlego. Não poderia tremer com aquele toque,
PERIGOSAS TRADUÇÕES

continuava se esforçando para não demonstrar qualquer sentimento que pudesse nutrir ainda por ele.

– Próximo! – interrompeu o balconista, para o alívio de Susan. Fez seu pedido e aguardou.

– Por que não foi embora daqui, Susan? – Ah, ela queria evitar aquele tipo de pergunta, Elliot percebeu-a morder o lábio inferior novamente, mas virou-se para encará-lo, o desafiando.

Ele sabia exatamente o que estava passando em sua mente naquele momento e desejava poder explicar tudo, mas não ali e muito menos naquele momento.

– Eu não quis. – ela tinha tantas respostas, mas se limitou a apenas essa. Irritava o fato de ele não perguntar sobre ‘*aquilo*’.

Susan conhecia aquele jogo, reconhecia toda aquela atenção que ele parecia transmitir com tanta sinceridade, mas não iria acreditar nele de novo. Ser ingênua uma vez é normal, mas ser duas vezes, já é burrice.

– Ahh! – ele entregou o dinheiro ao atendente. – E sua mãe, como ela está?

Susan abaixou a cabeça e fechou os olhos, ignorando sua pergunta, pois não queria falar sobre sua mãe e nem sobre qualquer outro assunto com ele. Seu peito estava se corroendo por dentro. Respirou profundamente e ergueu o rosto, quando viu que os lanches chegaram.

– Está aqui, dois sanduíches para viagem. – Susan pegou os dois pacotes.

– Foi muito bom te ver de novo, Sr. Kane. Espero que aproveite sua estadia em Avon Park. – Susan abaixou a cabeça para sair. Não aguardou sua resposta e caminhou rapidamente em direção à saída. Ela desejava fugir o mais rápido que podia dali.

Tudo que ela se esforçou para guardar vinha à tona em seus pensamentos com muita força. Todas as recordações e mágoas vinham com força total. Susan havia se esforçado para esquecê-las pelo bem dela e de Amelia. E tudo dentro dela estava desmoronando depois de reencontrá-lo.

Foi somente um verão. O melhor verão de toda a sua vida. Foram três meses que havia feito tantas coisas que jamais imaginou fazer em toda a sua vida. Era tão jovem e ingênua demais para perceber que estava sendo um

objeto. Ela não se vitimava, pois havia descoberto o amor e sabia que jamais poderia substituí-lo, por ser tão forte, sincero e intenso.

Susan parou na esquina e encostou-se na parede de seu prédio. Ela não conseguia parar de chorar. Era muito mais forte que ela, mas sabia que não poderia buscar Amelia naquele estado, precisava se acalmar. Queria se esconder e sofrer sozinha.

*

Ele a observava do outro lado da rua, com as mãos nos bolsos, escondido na escuridão da rua. Vê-la chorar enquanto caminhava rapidamente e muito desorientada, deixou-o desesperado. Queria atravessar a rua, para abraçá-la e acalmá-la, podia dizer que havia voltado para resolver todos os seus problemas. Porém, não sabia exatamente como fazer aquilo. Estava completamente perdido.

Havia acabado de descobrir tudo o que realmente tinha acontecido entre eles. Após tantos anos sofrendo tentando esquecê-la. Percebeu que o que sentia era tão forte quanto antes. E tudo o que sofreu e que a fez sofrer, não foi culpa de nenhum dos dois. Como dizer isso a ela? Ele não podia, pois mesmo se dissesse nada mudaria. Sua vida já estava traçada.

O futuro deles continuaria seguindo na mesma direção que estavam caminhando agora. Fazer aquilo, não mudaria nada na vida deles. Entretanto, ele a queria mais do que tudo. Era tão forte, intenso e avassalador. Estar perto dela fazia-o se sentir mais vivo.

Elliot observou-a entrar no prédio e desaparecer, mas não conseguiu se afastar dali. Queria vê-la de novo. Precisava vê-la. Sentia tanto a sua falta que não conseguia se controlar. Ele planejava ficar ali até o dia seguinte, só de estar perto já bastava.

Ele podia repetir mil vezes em pensamentos que ir a Avon Park foi apenas por querer informações sobre ela, saber o que estava fazendo, se havia se casado e qualquer coisa que pudesse estar fazendo, pois precisava se tranquilizar, mas encontrá-la foi como se finalmente o céu voltasse a ficar iluminado.

Não podia se afastar dela, não ainda. Era covarde o bastante para sequer fugir. Estava tão perto. E queria se aproximar pra conhecê-la de novo. Levou as mãos até os bolsos enquanto caminhava com Joseph ao lado dele.

– Desfaça minhas malas, iremos ficar. Peça que abram todos os quartos da mansão. – ele aguardou a resposta, mas não veio. – Ficarei todo o verão e quanto tempo for necessário.

– Ficar muito tempo em um lugar é arriscado demais, Elliot. – Joseph observou-o atentamente. – Lembre-se, temos que voltar o quanto antes.

– Eu não posso. Simplesmente não posso. Entenda isso de uma vez. – Elliot suspirou e parou encarando-o. – Você nunca vai conseguir entender, Joseph!

– Realmente não vou! – Joseph fechou os olhos e os esfregou, pensando no que deveria fazer. – Vou ver o que posso fazer sobre Portugal.

– Obrigado! – Elliot voltou a caminhar e entrou no carro, que o aguardava perto da loja de *fast-food*. Joseph entrou logo em seguida.

– Joseph, preciso que consiga todas as informações sobre Susan Young o mais rápido que puder. – Elliot disse assim que o carro entrou em movimento. – Quero saber tudo, principalmente, sobre sua vida amorosa.

– Sim, senhor! – Joseph o olhou através do retrovisor. – Vamos voltar para o hotel agora?

– Sim! – Elliot apoiou a cabeça no banco. – Quanto tempo você demora para conseguir estas informações?

– Um dia, talvez dois. – Joseph parou o carro no semáforo.

– “Tá” bom! – Elliot apertou as mãos.

– Senhorita Claire acabou de ligar senhor.

– Se concentre apenas em Susan Young, Joseph. – Elliot ordenou. – Somente nela, está bem?

– Sim, senhor!

*

Claire estava com o corpo apoiado na cadeira gigante, havia papéis sobre a mesa de madeira escura. Ela era a única que se encontrava ainda no escritório e, enquanto aguardava a ligação ir para a caixa postal, olhava para os papéis a sua frente. Ela inclinou-se para frente, quando, mais uma vez, era ignorada por Elliot. Sua respiração saiu forte e sequer havia percebido que a segurava. Havia esperança de que o bom senso tomasse conta de Elliot, mais

PERIGOSAS TRADUÇÕES

uma vez se frustrava. Ela ligou novamente. Tinha o hábito de insistir e não mudaria isso. Elliot seria vencido pela insistência, ela sabia que iria conseguir vencê-lo. Era mais forte que ele.

*

Susan e Amelia levantaram cedo. Elas estavam muito ansiosas. Que mulher não gosta de fazer compras, não é? Primeiro, elas procuraram o fogão e a televisão nas lojas do centro da cidade, mas só foram encontrar o que procuravam na Sebring. Como o fogão não coube na mala, Susan se contentou em levar a televisão no mesmo dia, pois não via a hora de pelo menos, ver filmes coloridos.

Ela e a filha aproveitaram para irem à praia, olhar o mar, ver o pôr do sol juntas. Correram, jogaram areia uma na outra, fizeram castelo de areia e se deitaram, olhando o céu quando escureceu. Susan fez Amelia deitar em seu peito, enquanto as duas olhavam para a lua que apontava no céu ainda claro.

– Eu já te disse hoje, o quanto te amo, minha pequena? – Susan fechou os olhos, sentindo-os lacrimejarem. Ela contaria a mesma história que Elliot lhe contou para a filha sobre o amor do sol e a lua, um dia. Prometeu a si mesma.

– Não, mamãe! – Amelia ergueu o rosto e apoiou o queixo, encarando-a.
– Mas eu sei que me ama muito.

– Ainda bem que sabe. – Susan acariciou-a no rosto rapidamente, antes de brincar com uma mecha de seu cabelo.

– Mamãe, eu já sou grande para saber sobre meu papai? – Susan ficou olhando para a menina.

– Ainda não, meu amor, mas quando você ficar mais velha te explicarei tudo. – Susan olhou novamente para a lua.

Fazia algumas semanas que Amelia não perguntava sobre seu pai e Susan chegou a imaginar que ela tivesse se esquecido do assunto. O retorno dele deve ter desencadeado murmúrios na cidade e Amelia de uma forma ou de outra, estava sendo atingida.

Susan sentiu os olhos pesar e fechou-os. Ela planejava a melhor maneira de contar a Amy sobre Elliot. Só que ela ainda não tinha criado coragem. Não podia magoar sua filha dessa forma e se pudesse faria de tudo para evitar que isso acontecesse. Preferia morrer do que magoá-la.

– Na escola ficam me chamando de bastarda de Kane. O que é bastarda mamãe? – Amelia suspirou e Susan fechou os olhos sentindo uma dor forte na cabeça e no peito. Então as crianças faziam comentários maldosos na escola, pensou.

– Não deixe eles te perturbarem! – Amelia assentiu. – Se descobrirem que isto te afeta, não vão te deixar em paz.

– Eu gosto de como soa “bastarda”. – Amelia sorriu.

– Me promete que não vai deixar ninguém te irritar? – Susan tocou em seu rosto pequeno, fazendo-a olhar em seus olhos. – Me promete Amy?

– Prometo mamãe. – Amelia sorriu e conseguiu soltar a mão de Susan de seu rosto. Ela virou o rosto em direção ao mar. – Vou ter que procurar no dicionário o que significa bastarda?

– Eu já sei que você procurou e sabe o que significa. – Susan olhou-a pelo canto dos olhos. Ela ainda continuava olhando fixamente o mar. Susan podia ver através de seus olhos claros, as ondas quebrarem.

– Infelizmente você é tão esperta como eu, mamãe. – Amelia virou o rosto para olhá-la.

– É que eu conheço a filha que eu tenho. – Susan suspirou. – Um dia iremos conversar sobre isso, está bem?

– Eu pesquisei sobre Kane também. – Amelia finalmente falou o que queria e Susan desejou sacudi-la, mas sabia que não podia ser tão tempestuosa naquele momento. Amelia era somente uma criança. Ela buscou o ar para ter controle e não ficar nervosa com a garota.

– E onde você pesquisou? – Susan virou o rosto para ela, tentando evitar o confronto entre ela e Amelia sobre o pai.

– Eu pesquisei na casa da senhora Jude. – Susan revirou os olhos.

– A senhora Jude continua deixando você usar o computador? – Susan estreitou os olhos, irritada. – Eu disse para ela não fazer mais isso.

– Eu não faço nada demais, mamãe. – Amelia se defendeu, mas ela estava muito, muito irritada.

– É claro que faz. – Susan suspirou. – Está proibida de usar o computador de Jude.

– Mas mãe... – Amelia cruzou os braços emburrada.

– Mas nada, Amelia! – Susan se levantou e caminhou em direção ao mar, molhando os pés, ela deu a conversa por finalizada.

Amelia ficou sentada na areia, observando a mãe. Seus braços estavam em torno de suas pernas e o vento bagunçava seus cabelos. Susan voltou para perto dela, após conseguir se acalmar. Como conhecia tão bem Amelia, sabia que a garota não ficaria emburrada por muito tempo. Ela a abraçou assim que se aproximou de Amelia que a deixou agarrá-la e beijá-la.

Susan a fez deitar a cabeça em seu peito e acariciou seu cabelo, sua testa e seus braços. Fechou os olhos. Seu coração estava doendo. Sabia que isso poderia acontecer, mas não esperou que fosse acontecer tão cedo. Amelia era apenas uma criança, mas muito curiosa e esperta.

Ela não sabia o que fazer ainda em relação àquele assunto. Como os pais podiam contar tais coisas como aquelas aos filhos? Suspirou, tristemente. Sentiu-se cansada daquelas pessoas, da cidade, do que aconteceu em sua vida. Estava cansada de tudo.

Quando percebeu que era muito tarde e que logo Joy e Paul chegariam para o cinema que fariam em casa, Susan e Amelia voltaram à Avon Park. Para descontrair e passar o tempo, as duas foram brincando durante o caminho falando nomes de carros que conheciam e viam na estrada. Susan via o sorriso estampado no rosto de Amelia, percebendo o quanto ela estava feliz com a televisão que tinham comprado. Havia se esquecido da conversa que tiveram anteriormente, para alívio de Susan.

Como era bom ser criança, perdoavam tão facilmente. Susan não queria que Amelia crescesse, desejava que aquele sorriso verdadeiro continuasse para sempre. E isso era algo que só uma criança podia proporcionar sempre.

Quando entraram na cidade, elas compraram pizza e levaram para casa. Queriam fazer uma ótima estreia da televisão, comendo pizza, bebendo muito refrigerante e boas companhias como Joy, Paul e Josh (filho do casal). Ela estacionou o carro e Amelia ficou encarregada de carregar a pizza gigante e o refrigerante para o apartamento. E Susan iria carregar a televisão de trinta e duas polegadas. Retirou a caixa pesada do carro e a apoiou no chão.

Ela não se importava em carregar peso, já estava acostumada, mas mesmo assim, não podia deixar de pensar que ter alguém para carregar o aparelho

para ela seria bom.

– Amelia, leva a minha bolsa, por favor? – Amy voltou toda atrapalhada e pegou a bolsa, tendo todo o cuidado para não deixar cair a pizza. Susan observou-a desaparecer dentro do prédio antes de segurar a caixa com as duas mãos. – Vai ser difícil carregar isso aqui. – Susan resmungou.

– Precisa de ajuda? – Susan quase derrubou a caixa no chão ao ouvir aquela voz de novo atrás dela. Ela virou-se rapidamente, assustada.

– Pelo amor de Deus, Elliot! – Susan levou a mão até o peito. – Você me assustou.

Elliot Kane vestia jeans escuro e camisa social azul bem colada no peito. Ele havia dobrado as mangas e, embora tentasse transparecer que estava descontraído, ela sabia que no fundo não estava. Era um homem de negócio, como sua família tanto desejou que se transformasse. Susan o encarou com firmeza, respirando fundo e se esforçando para não demonstrar fraqueza diante dele.

– Você que fica muito distraída e se assusta facilmente. – ele se apoiou no carro dela.

– O que você está fazendo aqui? – Susan olhou para dentro do prédio.

– Oferecendo ajuda? – ele arqueou aquela sobrancelha grossa e muito bonita de maneira arrogante e Susan percebeu que ele estava provocando-a.

– De repente você está andando por esta rua, neste horário e me aborda no momento que estou chegando. – Susan o olhou desconfiada. – Você está me seguindo?

– Eu estava caminhando, Susan. Eu não tenho motivos para ficar atrás de você. – ele apontou para o outro lado da rua com os ombros encolhidos. Susan se esforçou para não demonstrar o quanto ouvir aquilo a magoou. – Queria ver como estão as coisas por aqui. Se alguma coisa mudou desde que fui embora.

– Em uma volta de carro, você consegue fazer isso. – Susan levou as mãos até a cintura, na defensiva.

– Ah, mas quero ver tudo lentamente. Faz muito tempo. As pessoas me abordam no meio da rua para perguntar sobre a minha vida. É divertido ter toda essa atenção como se fosse um artista. – ele olhou intensamente em seus

olhos. Susan precisou se apoiar na caixa e levou a mão até o peito.

– Posso te ajudar a carregar esta caixa?

– Ah não, eu consigo levar. – Susan abaixou a cabeça nervosa, olhando para os pés.

– Você não precisa fazer isso, eu te ajudo, deve estar muito pesado. – Elliot sorriu com o canto dos lábios.

O sorriso que a desarmava estava de volta, bem diante dela, provocando inúmeras coisas dentro dela. E, embora ele não demonstrasse estar interessado, Elliot sempre a seduzia. O considerava um homem irresistível. Não conheceu uma mulher que pudesse resistir aos encantos dele. Tudo bem que ela não conhecia muitas pessoas, mas tinha consciência de sua beleza ímpar.

– Mamãe, mamãe. Por que está demorando tanto para subir com a nossa televisão? Eu não vejo a hora de ligar e ver tudo colorido. – Amelia atravessou a porta saindo correndo do prédio e indo até ela, eufórica.

Os sapatos de Amelia fizeram bastante barulho. Ela devia ter prestado atenção que sua filha estava descendo, mas estava tão distraída com o Elliot ali, que acabou não percebendo. Os cabelos escuros de Amelia estavam bagunçados e praticamente soltos devido à corrida. Ela estava ofegante e suas bochechas vermelhas. Mas o que mais a surpreendia, é que a semelhança entre ela e Elliot estava ali, diante dos seus olhos. Ele iria saber que ela não tinha abortado. *Deus me ajude*, pensou.

– Esse moço quer pegar nossa televisão para ele mamãe? – Amelia foi até a caixa agarrando-a e protegendo-a ao ver um desconhecido parado ao lado dela. Não podia permitir que ninguém roubasse sua televisão nova. Sua mamãe tinha se esforçado tanto para poder comprar.

Susan fechou os olhos e levou uma mão até a testa, não acreditando que aquilo estava acontecendo. Ela não queria olhar para Elliot e, nem para Amelia. Não sabia se por medo de olhar em seu rosto e ver a decepção em seus olhos, por não ter feito o que ele havia pedido ou se era medo de ele não reconhecer a semelhança entre eles. Susan agachou-se um pouco, ficando de frente para Amelia. Queria tanto abraçar sua filha diante dele. Protegê-la.

Elliot não podia saber o quanto tinha medo de sua reação. Ela jamais

demonstraria esta fraqueza na frente de Amelia.

04 - A Descoberta

*“Então você sorriu sobre seu ombro
Por um minuto, eu estou sóbrio como uma pedra fria
Eu te puxei para mais perto de meu peito
Então você me pediu, para ficar mais
E eu disse, eu já te disse
Eu acho que você deve descansar um pouco.”
Say You Won’t Let Go*

Elliot levou a mão até o rosto, esfregando-o. Olhando de uma para a outra. Susan evitava encará-lo e a menina pensava apenas em proteger a preciosa televisão. Sua boca começou a tremer e sem perceber, ele começou a morder o lábio inferior. Susan não fazia absolutamente nada. Apenas olhava para a menina, aparentando aguardar qualquer comentário que pudesse fazer para agarrá-la e afastá-la dele.

Ela sentia uma mistura de medo e receio. Esperava que aquele momento nunca acontecesse, que Elliot e Amelia nunca se conhecessem, afinal, ele nunca a quis. Um aperto forte e dolorido se formou em seu peito. Aquela angústia de muitos anos atrás, quando saiu de sua casa com um cheque nas mãos retornou, a garganta se apertou.

Havia tantas coisas para falar, mas ao mesmo tempo, não havia nada. Para Elliot, eles não existiram e cada um seguiu em frente após um tórrido caso de verão. Susan respirou fundo e afastou qualquer pensamento ou sentimento daquela época que tinha se esforçado tanto para esquecer. A única coisa que importava, era sua filha. Elliot não podia magoá-la.

Ele olhou para o rosto que ela se esforçava para esconder e percebeu um vestígio de medo na expressão de Susan. Ela umedecia os lábios freneticamente e segurava a respiração. Ela estava preparada para brigar naquele momento, evitava olhar para ele, seus ombros pareciam rígidos e algo a afligia.

Ele sabia que devia fazer alguma coisa, mas não sabia exatamente o quê. Estava completamente impressionado. A única coisa que ele conseguia

raciocinar é que estava diante de uma Elliot Kane em miniatura e se parecia absurdamente com ele. De repente, seu corpo aqueceu e um arrepiou correu por todo o seu corpo. Sua mente inundou com inúmeros pensamentos e recordações.

– Você não... – sua voz tremeu e ele piscou inúmeras vezes. – Ela é minha... – ele não conseguia formar uma frase completa, mas não se importava em se parecer com um completo idiota.

Susan o encarou com raiva.

– Não! – Susan finalmente reagiu, puxando a menina para perto dela, abraçando-a protegendo-a. – Vai para dentro querida que logo logo eu subo, está bem?

– Tem certeza mamãe? – Amelia esticou o pescoço para olhar o estranho. – Esse moço parece que quer pegar a televisão para ele.

– Ele é um conhecido, só precisa conversar com a mamãe agora. – Susan suspirou. – Ele deve ter uma televisão três vezes maior que a nossa, não tem por que ele querer esta aqui. – Susan levou a mão até a caixa. – Sobe lá e prepare a mesa, está bem? Logo eles já vão chegar, é bom estar tudo pronto.

– Está bem, mamãe! – depois do que Susan disse, Amelia ficou mais tranquila e obedientemente entrou no prédio, mas parou e se virou. – Não demora que a pizza “tá” esfriando.

– Está bem, meu amor! – Susan ficou olhando-a desaparecer para se virar e olhar pra ele novamente. A expressão no rosto de Elliot mudava a todo instante, ele parecia confuso e perplexo, enquanto olhava em direção a porta de vidro do prédio, mas havia algo mais, algo que ela não sabia dizer exatamente o que era. Parecia alegre. Com o que? Se perguntou. – Você não devia estar aqui. – no instante que a ouviu, a olhou perplexo e a felicidade que identificou antes fora substituída pela tristeza. Ele estava sofrendo. Seus olhos transmitiam dor e confusão.

– Susan, eu não... – Elliot umedeceu os lábios. – Por que não me disse?

– Dizer o quê, exatamente? – Susan fechou os olhos. – Não há o que dizer, sr. Kane. Você não a quis.

– Por causa dela que você não foi embora daqui. – Elliot deslizou a língua pelos lábios. – Qual é o nome da no... – ao vê-la estreitar e fuzilá-lo com os

olhos ao perceber o que ele iria dizer, ele suspirou se interrompendo. – Qual é o nome dela?

– Amelia. – Susan respondeu ríspidamente.

– Eu achei que você tivesse... – Elliot não conseguiu concluir a frase. – Eu deveria saber que você não teria coragem para tanto.

Ele deixou um suspiro exasperado escapar como se aquela não fosse uma boa informação e Susan o olhou desapontada com o que acabou de ouvir. Ela não podia deixar que Elliot a abalasse, afinal, sabia o quanto ele abominava a ideia de ser pai de sua filha. Piscou algumas vezes ao sentir os olhos marejarem. Estava enfraquecendo diante dele e não podia. Empinou o nariz, encarando-o. Mas o sentimento entalado na garganta não diminuía e nem as lágrimas.

– Eu não me arrependo nem por um segundo. – sua voz saiu arrastada e cheia de dor, mas deixou as lágrimas escaparem por seu rosto. Toda a mágoa e ressentimento que acumulou durante todos esses anos, deslizavam por suas bochechas, quente e grudenta. – É o melhor presente que eu poderia desejar ganhar a minha vida toda.

– Eu não sei o que dizer, Susan. Eu só... – Elliot realmente não sabia, estava totalmente sem palavras. Uma comoção de sentimentos remexia dentro dele. O amor que sentia por ela, a dor, o tempo que ficaram longe e a descoberta, tudo ao mesmo tempo.

– Não precisa dizer nada. Simplesmente vá embora e esqueça que este encontro aconteceu, está bem? Eu prometo que ela nunca vai saber quem é você. – Susan enxugou o rosto, encarando-o, mas seus olhos não alcançavam os deles na verdade, ela olhava para boca, queixo, testa, cabelo, barba, exceto os olhos. – Faremos o que você quiser, só não apareça mais aqui, Elliot.

– Você não sabe o que eu quero, Susan. – Elliot disse compreendendo o que se passava com ela.

– Eu sei sim, você me disse isso ao me mandar aquela carta e cheque através de sua avó. – Susan suspirou. – Eu não tenho ressentimento quanto ao que aconteceu. Você fez a sua escolha e eu a minha.

– Mas Susan... – ela o interrompeu.

– Agora vai embora, por favor! Vá viver a sua vida, só nos deixe em paz!

– Susan ergueu a caixa. – Adeus, Elliot!

– Espera, Susan! – Elliot a segurou pelo braço, fazendo-a ficar parada no mesmo lugar. – É injusto você falar isso sem ouvir o que eu tenho a dizer. Agora as coisas estão claras para mim.

– Você não sabe o que é injusto, Elliot, se soubesse, não falaria esta palavra. Você não sabe o que é uma febre no meio da noite, ou medo de não conseguir dar a ela tudo o que gostaria, medo de não ter o que comer, ou de não poder dar a ela um lugar bom para morar. Você não sabe o que é injusto. Você está sendo hipócrita ao dizer isso, nove anos depois. – ela abaixou a cabeça. – Eu preciso entrar. Vai embora, por favor!

– Susan está acontecendo alguma coisa? – Joy parou ao lado dela quando se aproximou, enquanto segurava a mão de um menino, ela encarou Elliot desconfiada. Paul logo em seguida se juntou ao lado delas, olhando boquiaberto para Elliot.

– Elliot? – Paul abraçou a cintura de Joy.

– Paul? – Elliot sorriu. – Não acredito! Eu achei que estivesse pelo mundo.

– Digamos que fiz um pouco disso. – Paul ergueu a mão para cumprimentá-lo. – O que está fazendo por aqui?

– Férias! – Elliot aceitou o cumprimento. – Você e Joy estão juntos ainda!

– E temos nosso menino Josh. – Paul olhou para Josh todo orgulhoso.

– Pelo menos alguma coisa daquela época deu certo. – Elliot fixou os olhos em Susan.

– Eu achei que chegaria aqui e a televisão estaria nos esperando, Susan. – Paul brincou.

– Trouxe o bolo de chocolate que a Amy pediu. – Joy não afastou os olhos de Elliot para perceber sua reação ao dizer o apelido de Amelia.

– Vou levar a TV lá para cima. Vejo vocês daqui a pouco. – Paul olhou para Elliot após segurar a caixa. – Foi muito bom rever você.

– Foi bom para mim também. – Elliot acenou, mas seus olhos não se afastavam dela. Era um olhar feroz e predador. Susan sentiu um frio subir pela coluna. O mesmo frio que sentiu há nove anos atrás, quando se

encontravam e o sentimento avassalador dominava-os. Entretanto, não era como antes. Não havia sentimento algum irradiando daqueles olhos. Ele não a queria e nunca quis. Era só mais uma conquista. Aquele olhar significava outra coisa. Raiva, talvez?

– Te espero lá em cima para ligar a sua TV. – Joy sorriu. – Tchau, Elliot.
– Ela fez questão de desdenhar dele ao dizer seu nome.

– Tchau, Joy! – Elliot não se importou com isso. Só queria ficar sozinho com Susan de novo. – Precisamos conversar!

– É mesmo? – Susan cruzou os braços. – Por quê?

– Temos que esclarecer algumas coisas, Susan. – Elliot falou impaciente.

– Eu vou entrar, Elliot! Esqueça tudo isso! – Susan suspirou, ela queria correr para dentro do prédio o mais rápido possível. Ela não queria confrontá-lo.

– Você não vai tirar Amelia de mim, Susan! – Elliot disse furioso.

Um frio percorreu por sua coluna ao ouvi-lo dizer isso. Esforçava-se para elaborar uma resposta que o desabasse. Precisava jogar na sua cara que ele não tinha esse direito.

– Até alguns minutos atrás, você não sabia da existência dela e nem desejava isso. Finja que não sabe sobre ela. – respirou fundo. – É tão simples fazer isso, Elliot. Por que não volta para o buraco de onde saiu e nos esquece? Para que quer ter essa conversa?

– Susan... – ela não o deixou continuar.

– Vai embora, Elliot! – Susan se virou e caminhou rapidamente em direção à porta de vidro.

– Vai deixar que aconteça da pior forma, Susan? – ela parou ao ouvi-lo e se virou para ele. – Você não pode me impedir. Eu tenho direito de conhecer a minha filha.

– Posso e vou fazer isso Elliot Kane! – Susan sorriu antes de se virar. – Eu tenho uma carta que pode te impedir, que mostra claramente seu abandono. Você não tem o direito de nada. – ela voltou a se virar achando que a conversa se encerraria, mas Elliot a impediu de entrar novamente.

– Eu não sabia da existência dela, Susan. Nem que você engravidou e que

foi me procurar para me contar sobre a gravidez. O que eu sei é que você foi me visitar e aceitou suborno para ficar longe de mim. – Susan ficou parada, de costas para ele, ouvindo-o. Ela abaixou a cabeça. – Eu não vou tirá-la de você e nem vim aqui para isso. Entenda que me foram negados muitos anos ao lado dela, sem que eu soubesse de sua existência Susan... – Elliot suspirou. – Estou surpreso. Acabo de saber que você não abortou. Vim até aqui sem saber que estava ainda na cidade, foi um tiro no escuro e te encontrar foi... – ela o ouviu bufar. – Escuta, isso é novo para mim, mas eu nunca, em hipótese alguma, deixei cheque ou escrevi uma carta para você, te abandonando. Eu te amava e se eu soubesse de sua gravidez, teria cuidado de vocês, da nossa filha, teria visto-a dar os primeiros passos, os primeiros dentinhos. Eu não posso voltar no passado, mas posso e quero mudar o presente e futuro. Não dificulte o que já é difícil para mim e que pode ser para ela. Nossa filha tem um pai.

Após ouvi-lo, Susan fechou os olhos, ainda de cabeça baixa e deixou o sentimento sair. Se virou para ele após alguns minutos de silêncio, queria ver em seus olhos se o que dizia era verdade, mas ele não estava mais lá.

Sentindo-se sobrecarregada, ela subiu as escadas rapidamente, praticamente correndo até chegar ao andar de seu apartamento. Susan se sentou em um dos degraus e escondeu o rosto entre as pernas. Chorando, sabendo que havia passado pela situação mais difícil de toda a sua vida.

Enxugou o rosto e aguardou o coração desacelerar e as mãos pararem de suar para entrar em seu apartamento. Ela precisava se acalmar. E tinha que conversar com Amelia o quanto antes. Não podia deixar que o ressentimento e as mágoas do passado machucassem sua filha e o futuro dela.

*

Quando Susan entrou no apartamento, ela ficou observando seus amigos distraírem Amelia para que não notasse que havia algo de errado acontecendo. Joy não precisou de explicações para entender o que estava acontecendo assim que ergueu a cabeça e encarou Susan, que tinha os olhos avermelhados e uma expressão abatida.

Joy apenas assentiu compreendendo o que sua melhor amiga precisava fazer naquele momento, embora desejasse muito caminhar até ela e confortá-la, mas tinha plena consciência que se a abraçasse naquele momento, Susan

desmoronaria. Joy foi até seu marido, Paul, que estava configurando algo na televisão, ela aproximou o rosto do dele e falou algo em seu ouvido.

Susan não havia se movido do lugar e não prestava mais atenção no que estava acontecendo, no que Paul e Joy explicavam para Amelia por terem que ir embora tão repentinamente, Susan só tinha olhos e atenção apenas para ela.

Joy fechou a porta quando todos eles saíram, deixando-as a sós. Susan continuou parada, observando Amelia mexer na televisão e mudar o tempo todo de canal. Aliás, ela ria enquanto apertava o botão. Susan caminhou lentamente até ela e se sentou no sofá, ao lado dela. Uma olhou para a outra. Amelia deu um risinho e a abraçou, jogando o controle no sofá.

– Obrigada, mamãe! – Amelia se afastou dela. – É tão colorido! – disse após olhar mais uma vez para a televisão. – Tio Paul disse que é última geração. O que significa isso, mamãe?

– Não sei meu amor, mas deve ser bom, né? – Susan tocou em sua mão chamando sua atenção. Os cabelos longos e negros se agitaram no ar, e ficaram bagunçados. Mesmo assim, Amelia era tão linda. Susan a fez se virar e soltou seu cabelo que o laço quase não prendia mais. – Meu amorzinho, senta aqui no meu colo. – Susan tocou suavemente sobre as pernas e Amelia a obedeceu, se sentando em seu colo. – Mamãe precisa falar uma coisa para você.

– Eu fiz alguma coisa errada? – Amelia juntou as mãos e cruzou os dedos na frente da boca, dando a Susan um olhar de remorso. Susan gesticulou negativamente. – O que aconteceu, mamãe?

– Bem... – Susan umedeceu os lábios. Sentia o peito ficar apertado e tinha medo da reação de Amelia. – Você me perguntou sobre o seu papai hoje e eu gostaria de falar com você sobre ele.

– É? – os olhos dela eram grandes e expressivos, Susan observou o brilho não apenas neles surgir, mas em torno do seu rosto. Ela ficou radiante, embora tentasse controlar o que estava sentindo.

– É! – Susan levou a mão até a testa e mexeu em sua franja, ajeitando-a. – Seu nome é Elliot Kane e, ele é muito bonito, charmoso e você se parece muito com ele. – Susan desceu a mão até a ponta de seu cabelo e ficou brincando com uma mecha, enrolando-a na ponta do dedo. – Tem cabelos escuros e lisos iguais ao seu.

– Por isso que me chamam de bastarda de Kane na escola? – Amelia sorriu ao compreender. – Gostei mamãe. – disse parecendo que apreciava a brincadeira.

– Não deixe ninguém te chamar de bastarda. – Susan apertou sua cintura, parecendo ressentida. – Eu não gosto que te chamem disso.

– Mas meu papai se chama Kane, não vejo nada de errado nisso. – Amelia suspirou e soprou algumas mechas que foram parar na frente de seu rosto.

– Ah! – Susan encolheu os ombros e, por alguns segundos que pareceram uma eternidade, ela desistiu de explicar o que aquela palavra significava. – Você é tão parecida com ele. É igualmente determinada e inteligente. – Amelia ficou olhando para ela absorvendo as palavras. – Elliot me fazia rir que nem você me faz. – Susan fez cócegas rapidamente nela e Amelia mexeu os pés e deu risada desesperadamente. Quando Susan parou de brincar com ela, ficou bastante séria. – Sabe aquele moço que estava conversando com a mamãe na frente do prédio?

– O moço que queria roubar a nossa televisão? – Amelia levou a mão no peito, encolheu os ombros, pois não entendia porque a mãe tinha mudado completamente de assunto.

– Ele não queria roubar nossa televisão, meu amor. – Susan sorriu e Amelia relaxou os ombros. – Ele estava procurando por... – ela hesitou um momento, precisou respirar fundo antes de dizer o que queria. Amelia prestava bastante atenção em tudo. – Ele estava procurando por nós. Ele é... – novamente Susan precisou pausar o que diria um momento. Era tão difícil, tinha planejado tantas noites no que iria dizer, mas nada do que planejou aconteceu. Suspirou e os olhinhos expressivos aguardavam o que ela queria falar. – Ele é o seu papai!

– Meu papai? – Susan assentiu concordando. Ela não tinha mais o que falar. – Ele é meu papai? – seus olhinhos ficaram úmidos e pequenos. – Meu papaizinho? – Susan apenas gesticulava positivamente. Amelia umedeceu os lábios e a abraçou com força. – O meu papai veio me ver? – sua voz soou abafada, pois seu rosto estava escondido no peito de Susan.

Susan não aguentou a voz, a expressão e as coisas que Amelia estava dizendo, demonstrando a importância que, aquele assunto adiado por tantos anos, tinha na vida dela. Susan a abraçou de volta e começou a chorar,

apertando-a com força. Tentando confortar a si e a garotinha pequenina que estava pedindo desesperadamente para ser amada.

Elas ficaram sem falar uma única palavra por cerca de trinta minutos. Ficaram abraçadas, olhando uma para a outra, acariciando uma a outra no rosto, no cabelo. Susan era apaixonada por Amelia e Amelia era apaixonada por ela. Uma vivia para a outra e quando uma sofria a outra também acabava sofrendo. Susan a levou no colo até a cama e ficaram deitadas, abraçadas ainda. Elas precisavam se confortar.

– Eu quero te contar toda a história, meu amor. – Susan empurrou o cabelo do rosto de Amelia e apoiou-se sobre o braço. – E quero que saiba que você vai decidir quando quiser conhecê-lo e estiver preparada.

– Amava ele mamãe? – Amelia umedeceu os lábios.

– Amava e ainda amo. Esse é um tipo de amor que não se acaba. – Susan levou a mão pequena até o seu peito.

– Por isso você nunca quis namorar? – Susan apenas afirmou. – Ele é bonitão, dá para entender por que nunca quis conhecer ninguém. Ele é mais bonito do que os papais das minhas colegas. Acho que ele é o mais bonito da cidade inteira.

– É sim! – Susan sorriu. – Ele não é só bonito. Elliot é gentil, atencioso e carinhoso. – ela suspirou se recordando.

– Por que não ficou com meu papai, mamãe? – Amelia se ergueu e apoiou a cabeça sobre o braço, ficando na mesma posição que ela. Susan arqueou a sobrancelha ao perceber a atitude de Amelia.

– Eu não sei ao certo o que aconteceu, mas acho o destino quis assim. – Susan mordeu o lábio inferior. – Mas agora temos você e é isso o que importa.

– Vocês vão ficar juntos?

– Depois de tantos anos? – Susan olhou para outro lugar, pensativa. – Acho que não, Elliot deve estar casado agora.

– E se ele não estiver e gostar ainda de você mamãe? – Susan arqueou a sobrancelha novamente. Amelia estava tentando ser seu cupido? Era isso mesmo que ela estava vendo? Pensou.

– Não sei, meu amor. – Susan deitou a cabeça no travesseiro após

respondê-la. – Eu realmente não sei o que vai ser de nós agora em diante.

– Papai tem quantos anos, mamãe?

Susan respondeu a todas as perguntas que Amelia fez, até que a menina foi ficando sonolenta e adormeceu abraçada a ela. Olhando-a dormir, toda aquecida e sentindo o seu perfume, Susan ficava pensando no quanto Elliot perdeu na vida de Amelia. Ele merecia conhecê-la e ver o tesouro que era a filha deles. Adormeceu imaginando se finalmente conseguiria suprir as necessidades de seu coração. Elliot estava de volta e procurou por ela. Isso deveria significar alguma coisa. Susan iria aguardar seu próximo passo e esperava muito que ele ficasse para se reaproximar dela e conhecer Amelia. E estava decidida a dar uma oportunidade para ele explicar tudo o que havia acontecido.

05 - Primeiros Passos

*“Tempo
Não o deixe passar
Levante seu copo
Em um brinde ao passado”
Full Circle*

Joseph assistiu a discussão a alguma distância. Elliot e Susan exaltaram o tom de voz e ele conseguiu entender o que estava acontecendo. Não que precisasse ouvir a conversa as escondidas, para saber o que estava acontecendo. No instante em que viu a garotinha saindo do carro e percebeu a semelhança entre ela e Elliot, soube que era filha dele, mas o que o intrigava em toda aquela discussão, era seu amigo não saber da existência dela. De repente, tudo ficou ainda mais complicado.

Agora mais do que nunca precisava por um pouco de juízo na cabeça de Elliot. Ele não podia acreditar que recuperaria o passado agora, não com a vida perigosa que vivia atualmente. Ele precisava pensar naquela garotinha e o risco que era mantê-la em sua vida.

*

Antes de ir embora, Elliot aguardou-a responder, mas quando não obteve resposta, se afastou e atravessou a rua observando-a por alguns segundos até ela se virar e perceber que ele já havia ido embora, então Susan foi embora também. Elliot já tinha a resposta que precisava para mantê-lo em Avon Park por mais tempo. Sua mente estava fervendo. Ele acenou e Joseph trouxe o carro, parando ao seu lado para que pudesse entrar.

– Preciso voltar à Nova Iorque imediatamente, Joseph. – Elliot disse assim que entrou no carro. – Precisarei falar novamente com a minha avó. Providencie uma passagem para amanhã no primeiro horário.

– Sim, senhor! – Joseph deu a partida no carro. – Eu consegui as informações que me pediu, recebi tudo por *e-mail*. Quer que encaminhe?

– Sim, por favor, Joseph! – Elliot retirou o celular do bolso. – Verei tudo assim que chegar no hotel.

Elliot ergueu os olhos para fora do carro e observou a cidade passar rapidamente. Ele não conseguia parar de pensar na história mal contada que havia entre ele e Susan. O celular vibrou em sua mão e uma foto de Claire apareceu na tela. Ele apertou ignorar, não queria conversar com ela. Alguns segundos depois, Elliot ouve Joseph respirar fundo.

– A senhorita Claire está ligando no meu celular, senhor. – Joseph mostrou o aparelho para ele.

– Desligue, por favor! – Elliot suspirou exasperado. – Ignore as ligações de Claire o quanto puder. – disse antes de sair do carro quando chegaram ao hotel.

– Sim! – Joseph saiu do carro também e caminhou ao seu lado. – Te informarei o horário do voo assim que comprar as passagens.

Era notável o quanto Elliot estava nervoso e impaciente, ele ficou em silêncio até chegar ao quarto. Assim que entrou, caminhou até a mesa onde o notebook estava e o ligou.

Desde que soube o que havia acontecido com Susan, ele havia se transformado e Joseph nunca o viu dessa forma, mas agora ele estava completamente irreconhecível. O conhecia há tantos anos e, naquele momento, achava que não o conhecia tão bem quanto imaginava. Elliot se sentou para ler o material que havia recebido, retirou a camisa e olhou para o documento a sua frente, sobre a mesa.

– Que droga! – Elliot olhou para Joseph. – Só tem isso?

– Ela nunca fez uma coisa errada, é praticamente impossível conseguir informações sobre uma cidadã comum e de bem. – Joseph cruzou os braços.

Elliot leu o documento e fechou os olhos com raiva. Nunca havia se esquecido de Susan e o sentimento que nutria por ela não tinha acabado, mesmo com tanto tempo longe dela.

– Agora tudo pode ser diferente. – murmurou enquanto lia o nome de Amelia Young. – Melhor não ir à Nova Iorque por enquanto, Joseph. As respostas verdadeiras, só ela poderá me dar.

– Elliot, você precisa repensar nos seus planos. Nós temos compromisso do outro lado do mundo e é de suma importância resolvermos o quanto antes. – Joseph caminhou pelo quarto e se sentou na cama. Elliot girou na cadeira e

o encarou.

– Você não entende, Joseph?

– Entendo que você não está raciocinando e sequer percebe o quanto é arriscado ficar aqui e com elas. Você quer uma boa vida para Susan e Amelia?

– É claro que quero! – Elliot se levantou e desabotoou o cinto. Seu corpo embora forte e definido, estava em frangalhos.

– Então não é aqui que você tem que estar. Se quer o bem para as duas, não pode trazê-las para a sua vida.

– Eu não posso deixa-las de novo, Joseph! – Elliot caminhou até o banheiro e lavou o rosto, levou a mão molhada até o pescoço e se olhou no espelho. Seu reflexo estava cansado e era como ele se sentia. Não dormia há três dias. Respirou fundo e caminhou de volta para o quarto, sentando-se novamente de frente com o notebook. – Eu só preciso que me entenda, Joseph. – ao ouvi-lo, Joseph assentiu. – Obrigado.

– Precisa de mais alguma coisa, Elliot?

– Alguma notícia da minha casa? – Elliot afastou os olhos do notebook.

– Em breve estará disponível! – Joseph suspirou. – Vou pensar em alguma forma de trabalharmos daqui. Ok?

– Certo, obrigado Joseph! – Elliot se levantou e caminhou até a sacada do quarto, olhando um momento o céu.

Ele aguardou Joseph sair para terminar de se despir. Estava fazendo muito calor naquele dia. Jogou a calça sobre a cama. Pegou o notebook sobre a mesa e o carregou até a cama, se sentando com ele em seu colo.

Abriu uma pasta que continha algumas fotos que ele não costumava compartilhar com ninguém. Havia fotos dela, da época que ficaram juntos. Ele nunca conheceu uma mulher como aquela. O sorriso de Susan o encantava. E a paixão que sentia por ele estava claramente evidente nas fotografias.

Como poderia ter se enganado dessa forma? Fechou os olhos. Ele nunca se esqueceu do último dia que se viram e do que haviam combinado, mas que nunca aconteceu. Ele nunca mais a viu ou soube qualquer coisa sobre ela. Embora a tivesse esperado por muito tempo.

*

Eles estavam deitados na cama, haviam acabado de fazer amor. Elliot olhava para ela e se recordava da primeira vez que viu aquela mulher. Ele a desejou tanto e tudo entre eles começou como uma brincadeira. Nenhum dos dois imaginou que pudessem se apaixonar. Mas para Elliot, foi praticamente impossível controlar o sentimento. Susan era tão feminina, tão bondosa, tão doce e humilde. Ela via o bem em todo mundo. Inclusive nele.

– Por que está me olhando desse jeito? – seu cabelo estava jogado na cama, espalhado ao redor de seu rosto.

– Porque você é perfeita! – Elliot sorria. Seu olhar transmitia amor.

– Eu não acredito que hoje é o seu último dia aqui. – ela suspirou, tristemente.

– Mas iremos nos ver nos fins de semana quando você for para a faculdade. – ele a beijou nos lábios. – Quando você vai mesmo?

– Semana que vem. – Susan acariciou seu rosto.

– Vou aguardar ansiosamente. – ele desceu os lábios por seu pescoço e a surpreendendo, afastou o lençol. – Enquanto isso, vamos aproveitar este momento.

*

No dia seguinte, Elliot levantou antes de o sol nascer para correr e espairecer. Sua mente estava fervendo com tantas informações de uma única vez. Ele não tinha conseguido fechar os olhos para dormir. Tantas coisas acontecendo em sua vida que ele não sabia se tinha tempo para conseguir respirar. A única coisa que ele pensava, além de Susan, era Amelia.

Lindo nome. – ele sorriu. A música embalava o ritmo de suas passadas e enviava mais adrenalina para seu corpo. Pensar em Amelia, no rosto dela, todo o vazio que sentia antes, em todo o tempo que ficou afastado de Susan, foi preenchido.

Ele tinha uma filha. Uma garotinha e ela era tão pequena e delicada. Era tão parecida com ele. Isso ele não teve dúvidas quando olhou pra ela. Ela era sua filha. A filha que acabou de saber que tinha sido abortada. *Susan não teve coragem*, pensou sorrindo. E ele tinha quase certeza que ela sequer pensou em abortar. *Como sua avó poderia ter a coragem de pedir para Susan tirar*

uma criança? A criança dele? Perguntou-se. A música mudou, ficando ainda mais agitada e ele se forçou a correr mais.

Elliot deixou as lembranças inundarem sua mente. Ele havia incentivado Susan a acompanhá-lo enquanto corria e ela gostou. Será que ainda tinha o hábito? Ele queria tanto descobrir como eram seus hábitos e se reaproximar. Elliot via a oportunidade que tanto almejou surgir diante de seus olhos. Era uma segunda chance. Pelo menos, tudo indicava que sim. Ele só precisava saber se Susan tinha alguém em sua vida e se a resposta fosse não, pensaria no que fazer a seguir.

Se abandonasse essa oportunidade, ele nunca mais dormiria em paz. Como diz o ditado: o raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Ele não podia contar com a sorte de novo. Tinha que viver o agora. E se fosse embora, Susan entenderia que ele não desejava nenhuma das duas de novo. Embora seu sentimento encontrava-se em conflito em relação a todas aquelas novidades, algo dentro dele estava contente e preocupado ao mesmo tempo. Ele desejou tanto essa oportunidade que acabou de surgir em sua vida.

Elliot terminou a quarta volta no quarteirão, o sol já tinha nascido e estava ficando abafado. Ele parou em frente à entrada do hotel para ter um pouco mais de fôlego antes de entrar. Seu corpo suava e a camisa estava colada em seu corpo. Quando entrou no quarto, foi direto para o banheiro e tomou um banho. Ao sair com a toalha enrolada em torno da cintura, Joseph bateu duas vezes na porta e entrou.

– Eu não consegui nenhuma informação ainda. – Joseph anunciou após fechar a porta nas suas costas.

– Eu sei como vou conseguir as informações que eu quero. – Elliot foi até o guarda-roupa e escolheu uma camisa que havia pendurado no cabide. – Está de folga hoje, Joseph. Só vou precisar do carro.

– Eu pensei em ir a Tampa. – Joseph levou as mãos até os bolsos. – Vou alugar um carro, se precisar de mim, pode me ligar.

– Está bem! – Elliot não deu muita importância ao que ele dizia.

– Não faça nenhuma besteira. Se eu receber alguma informação, eu te ligo. – Joseph foi até a porta, mas parou e voltou a olhar para ele. – Acho que está na hora de comprar novos aparelhos de celulares.

– Pensamos nisso depois. – Elliot vestiu a camisa, ainda sem olhar para ele.

– Me liga qualquer coisa. – Joseph saiu do quarto sem fazer barulho e Elliot ficou concentrado escolhendo a calça que iria vestir. Queria estar apresentável para conversar com seu velho amigo. Se é que ele ainda tinha o mesmo hábito de ir ao clube no domingo.

Elliot tomou seu café e caminhou pela cidade antes de ir ao clube. Ao entrar, ele ultrapassou a recepção sem ao menos olhar para alguém e foi direto para a quadra de tênis. As pessoas ficaram olhando para ele com um misto de surpresa e desconfiança. Não se falava em outra coisa desde que ele voltou à cidade. Elliot estava de volta após tantos anos e especulavam muito sobre a razão desse reaparecimento repentino. Com certeza, Amelia estava no topo da lista dos assuntos mais comentados.

Ele ignorou o buchicho e parou na frente da grade, observando Paul com boné e roupa branca. Ele usava óculos escuros para tampar o sol. O oponente de Paul, o prefeito Buckhan, parecia não aguentar tanto tempo no jogo. Ao avistá-lo, Paul acenou antes de fazer um lançamento.

– Quer lembrar os velhos tempos? – Paul perguntou após o prefeito fazer uma pausa.

– Olha só se não é o temível Elliot Kane em carne e osso de volta à cidade. – anunciou o prefeito.

– Eu não jogo há muito tempo, talvez outro dia. – Elliot ignorou o comentário do prefeito, mas não deixou de cumprimentá-lo com aperto de mão e batida no ombro. – As coisas estão bem por aqui?

– Acho que você não veio aqui para falar da cidade, não é mesmo? – Paul pegou a toalha do clube e enxugou o rosto, após beber água. – Vamos beber alguma coisa? – Paul sabia a razão de Elliot estar ali. Eles se despediram do prefeito e se afastaram da quadra.

Elliot não respondeu e o acompanhou até o restaurante do clube. Havia muitas pessoas aglomeradas em rodas, conversando e rindo. Como era domingo, o clube esportivo de Avon Park era o local onde as famílias mais nobres costumavam aproveitar o dia de folga. As mulheres ficavam juntas fofocando e os homens ou sentavam para beber ou praticavam algum esporte. Elliot repugnava a maioria daquelas pessoas. Ele se recordava que muitas

delas maltratavam Susan.

Quando notaram a presença de Elliot, lentamente, as pessoas ficaram quietas. Ele detestava a forma que as pessoas o olhavam. Se pudesse, empurraria Paul para acelerar os passos e sentar-se o mais longe possível daquelas pessoas. Paul escolheu uma mesa escondida e bem afastada do aglomerado e escandaloso grupo de pessoas, Elliot sentou-se ficando de costas para todo mundo. No mesmo momento, todo mundo começou a falar ao mesmo tempo. Ele conseguia identificar algumas palavras que sobressaíam aos comentários, sem importar-se, pediu uma bebida bem forte e Paul fez o mesmo.

– Como você aguenta este lugar ainda? – Elliot indagou apoiando os braços sobre a mesa, após o garçom se afastar.

– Joy quis ficar e você sabe por quê. – Paul sorriu.

– Agora eu estou aqui, podem fugir deste lugar. – Elliot afastou os braços quando o garçom voltou para servi-los. – Obrigado! – o garçom deixou a garrafa de uísque sobre a mesa, assentiu e se afastou.

– Não conseguiríamos ficar longe delas agora. – Paul disse consternado. – Eu me apeguei a Amelia e Susan é como uma irmã para mim, mesmo que me garantisse nunca mais sumir da vida dela, nem eu e nem Joy conseguiríamos deixá-las para trás. Ou elas vem conosco, ou nós ficamos.

– Eu não vou mais sumir mais sumir da vida delas. – Elliot bebeu um gole.

– Você sumiu uma vez! – Paul não queria jogá-lo contra a parede, mas foi praticamente inevitável. O que aconteceu no passado não podia ser apagado facilmente.

– Eu não sumi de propósito! – Elliot bebeu novamente o uísque e sentiu a garganta queimar. – Eu tinha outra versão dos fatos. Para mim, Susan me abandonou por dinheiro. – Paul estalou a língua e gesticulou negativamente.

– Que imbecil de sua parte acreditar em algo tão estúpido. – ele acabou rindo após dizer. – Susan era louca por você. Quando soube que estava grávida, correu para te encontrar e contar que do amor de vocês surgiu um bebê. – Paul suspirou. – Foram tempos difíceis. Sua mãe desapareceu e a vida dela desmoronou quando voltou de Nova Iorque.

– Eu quero saber tudo o que aconteceu durante todos esses anos Paul e, assim, conseguir consertar. – Elliot suspirou. – Eu preciso saber se ela... – pausou um momento, pois não conseguia imaginar Susan com outro homem, mas depois de tanto tempo, ele não podia esperar que ela continuasse apaixonada por ele.

– Não, ela não ficou com ninguém depois de você. – Paul não precisou ouvi-lo para entender o que Elliot queria dizer, a angústia estava estampando em seu rosto. – Mas não posso negar que ela tentou. Teve alguns encontros, mas não passaram disso. Ninguém era bom o suficiente. Você fez um estrago no coração dela.

Elliot liberou a respiração e, por um momento, sentiu-se satisfeito. Entretanto, as últimas palavras de Paul deixaram-no agitado. O que ele sentia por Susan era tão forte que sequer imaginou o quanto seu coração se quebrou quando se separaram.

– Eu sei que deveria ter vindo até aqui quando soube que ela foi me procurar. Eu não consegui pensar em nada além de sentir raiva e... – pausou ao perceber que iria falar algo que não devia ao se recordar do que fez quando soube, e com quem ele passou a noite para aliviar a tensão ao ter levado um pé na bunda. – Me fale um pouco sobre como é Amelia. – mudou de assunto.

– Ah, isso você terá que descobrir sozinho. Ela é uma caixinha de surpresa. – Paul falou pensativo. Ele sorria ao se recordar de algo. – Uma vez...

Elliot apoiou os cotovelos na mesa e pouco percebeu que inclinava parte do corpo para frente, para conseguir captar todas as palavras que Paul falava e conforme conversavam, descobria algo novo. Os primeiros passos, a primeira vez que andou de bicicleta, quando nasceu o primeiro dente de leite... Paul e Joy estavam em todos os momentos ao lado de Susan. Elliot sentiu os olhos arderem e esfregou o rosto. Tudo foi tão complicado.

Elliot fechou os olhos um momento, tentando imaginar as cenas que Paul lhe contou, mas ele sabia que era em vão. Nada poderia se comparar a realidade. Ele havia perdido todos os momentos importantes na vida de Amelia e mesmo que se fizesse presente todos os dias a partir de agora, nada poderia apagar o vácuo do passado.

– Eu preciso ir. – Elliot se levantou repentinamente e jogou uma nota sobre a mesa.

– Não vai almoçar comigo, como nos velhos tempos? – Paul se levantou também, mas não saiu do lugar.

– Eu preciso falar com a minha filha, Paul. – Elliot levou a mão até o cabelo e o bagunçou.

– Você vai precisar de paciência e ir com calma, Elliot. Isso também é novo para ela. – Paul se sentou. – Almoce comigo e te contarei um pouco mais sobre os hábitos delas todos os dias. Conheço cada passo delas. – ele suspirou. – Neste momento, Joy está com Susan e Amelia. As duas conversaram ontem sobre você. Amy sabe quem você é agora, só dê um tempo para elas, está bem?

– Você acha mesmo que depois de tanto tempo, eu preciso esperar mais para me aproximar? – Elliot apoiou as mãos sobre a cadeira. – Pode imaginar o que está se passando comigo?

– E você pode imaginar como é para Amelia agora? É muita informação, Elliot. – Paul acenou para o garçom que imediatamente veio atendê-lo. – Vamos almoçar e depois, jogaremos uma partida para você relaxar. Está precisando disso homem!

– Eu vou destruir você se jogarmos. – Elliot disse furiosamente, o que fez Paul rir.

– É o que eu quero ver. – Paul apontou a mesa. – Agora que você está de volta, acho que as coisas vão ser melhores para todos nós.

– É o que eu espero. – Elliot se sentou e fez o pedido. – Você se tornou sócio do clube?

– Ah não, eu ainda uso o seu cartão. – ao ouvi-lo, Elliot relaxou e riu.

– Ainda bem que continuo tendo acesso. – Elliot gesticulou negativamente. – E eles nem percebem que usa o meu cartão?

– Não pedem para verificar. – Paul mexeu os ombros com desdenho. – Você o deu para mim antes de ir embora para que eu aproveitasse enquanto eu estivesse por aqui, só que usei por quase nove anos. Te devo uma grande quantia.

– Use o quanto quiser! – Elliot umedeceu os lábios e encheu o copo de

PERIGOSAS TRADUÇÕES

uísque. – Susan ao menos conseguiu estudar?

Paul e Elliot conversaram bastante após o almoço, até que resolveram jogar. Quando voltou para o hotel, Elliot tomou banho e se jogou na cama, exausto. Passar o dia com Paul foi, de certa forma, muito bom. Não havia ninguém melhor do que ele para lhe contar tudo o que gostaria de saber, afinal, Paul continuou com Joy e participou da vida de Susan e Amelia.

Elliot adormeceu pensando nos próximos passos. Ele já sabia como iria começar a se reaproximar de Susan e como iria conhecer Amelia. Pelo menos, achava que era um ótimo jeito de mostrar o que queria.

06 - Inesperado

*O que você faria se meu coração se partisse em dois?
Mais do que palavras para mostrar que você sente
Que seu amor por mim é verdadeiro
O que você diria se eu jogasse aquelas palavras fora?
Então você não poderia criar coisas novas
Só por dizer que eu te amo
More Than Words*

Elliot havia saído do hotel para arejar. A mente caminhava a uma velocidade incontrolável. Era uma torrente de pensamentos, um desespero apertando o peito, a voz de Joseph ecoando em seu ouvido, pedindo-o para ir embora, mas ele não tinha forças para se afastar. Ele simplesmente não conseguia arredar o pé para fora daquela cidade. A mente pedia para ele sumir e nunca mais voltar, mas o coração não permitia. Estava em um conflito interno, mas que sabia quem ganharia no final. A razão nunca fora forte o suficiente quando o assunto era Susan.

Sentia-se exausto mentalmente, mas a mente não desligava, fechava os olhos e se recordava dos momentos que tivera ao lado de Susan. Antes de conhecê-la, ele tinha certeza que era feliz, mas estava enganado. Susan mostrou o quanto ele podia ser feliz com tão pouco. Bastava tê-la por perto para se sentir o homem mais feliz do mundo. Fechou os olhos um momento enquanto caminhava sem rumo pela cidade. Ele precisava caminhar e por as ideias no lugar, mas tudo o levava a lugar nenhum.

Abriu os olhos ao esbarrar em alguém, pediu desculpas e continuou andando. Era noite, o vento batia fracamente em sua pele. O verão se aproximava de Avon Park e Elliot pensava na coincidência entre o passado e o presente. Novamente estava em Avon Park no verão e constatar isso trouxe mais uma enxurrada de lembranças que perturbavam não somente sua mente, mas seu coração também. Eram lembranças que tinha arquivado em seus pensamentos há muito tempo, completamente proibido pensar no passado, mas não havia escapatória.

Sua mente preenchia com a imagem de Susan chorando porque sua mãe teve uma crise de overdose, enquanto limpava a sujeira que havia espalhado pela sala de sua casa. Elliot apareceu em sua casa sem avisar ou receber um convite, ao parar em frente aquela casa do subúrbio, avistou a porta aberta, as luzes acesas, um silêncio predominante transcorria a sua volta e entrou na casa sem pedir licença, com receio de que algo tivesse acontecido.

Seu coração deu um salto quando entrou e encontrou-a sentada no chão em meio a seringas, muitas garrafas de bebidas alcoólicas e tinha a cabeça apoiada sobre a mão, com os cabelos escondendo o rosto, ouviu-a fungar e mover seus ombros como se convulsionasse, e ele sentiu sua derrota naquele instante e, embora sua partida de Avon Park tivesse data programada, naquele momento ele soube que se importava mais com Susan do que admitia a si mesmo. Sentia algo muito forte. A admirou além do que havia em seu corpo e rosto bonito. A considerou forte, fosse lá o que estava sofrendo e sentindo, ele soube que havia muito mais naquela mulher do que demonstrava. De repente se viu querendo saber mais, conhecê-la mais, protegê-la e amá-la.

Descobrir que a amava em tão pouco tempo não o assustou. Era fácil amar seu sorriso, seu jeito completamente sedutor e que o deixava louco de desejo, mas gostava mais ainda ver que a futilidade passava longe, que Susan desconhecía perdição e agora ele entendia. Ela tinha tantas coisas importantes para se importar que futilidades não faziam parte do seu cotidiano. E se viu igual a ela. Susan sofria e ele também. Sua dor era diferente da sua, mas ele a compreendia e iria ajudá-la. Em nenhum momento pensou em manter-se afastado dela, depois de encontrá-la naquele estado, pelo contrário, sentou-se ao seu lado e a abraçou.

Ele ainda não havia descoberto que a amava até aquele dia, embora ela não tivesse dado uma oportunidade ainda, pois tinha certeza que seria só questão de tempo conquistá-la, mas ali, Elliot entendeu que Susan não queria levá-lo para seu mundo. Ela não se rendia aos seus encantos por que havia uma responsabilidade em seus ombros que não podia e nem queria compartilhar com ninguém.

Ele não sabia ainda o que havia acontecido, mas tinha certeza que algo terrível aconteceu naquela casa antes de chegar e a vendo derrotada daquela forma, engolindo o choro, ele só conseguiu sentir vontade de cuidar de Susan, de protegê-la do que a perturbava. E quanto mais ela tentasse afastá-lo de sua

vida, mais Elliot queria ficar perto, não importava o quanto às pessoas de Avon Park o avisassem para se manter longe dela e do problema que ela poderia causar em sua vida, ele não conseguia e nem queria. Fosse o problema que fosse Elliot iria enfrentá-lo ao lado dela.

Ele gesticulou a cabeça numa tentativa de afastar as lembranças, mas era torrente incontrollável de pensamentos que após tanto tempo escondendo-as, elas passaram a ter vida própria. Levou as mãos até as costas enquanto caminhava completamente perdido em pensamentos. Piscou algumas vezes e parou no meio fio, olhou ao redor.

Estava perto da lanchonete de Benjamin, onde vira Susan entrar alguns dias atrás e ainda se encontrava aberta, havia bastante clientela aquele horário, alguns carros estavam estacionados em frente e outros passavam pela rua vagarosamente. Não havia muito movimento em Avon Park e a lanchonete de Ben parecia ser a única fonte de entretenimento na cidade.

Ao lado da lanchonete tinha uma loja de estofados, mas estava fechada. Ficava em frente a uma oficina, que também estava fechada. Embora houvesse achado que nada tinha mudado, Elliot constatou que algumas lojas não eram as mesmas de nove anos atrás.

Havia algumas coisas diferentes sim, menos o seu sentimento por Susan. Este estava mais forte do que antes, tanto que sentia que, a qualquer momento, o coração pudesse pular pra fora. Tirando a lanchonete de Ben, tudo parecia deserto e escuro. Ele continuou caminhando, seguindo sem rumo, ainda com os pensamentos embaralhados.

Estar em Avon Park trazia sentimentos que ele escondeu por muito tempo. A dor da ausência de seus pais fora controlada ali, quando conheceu Susan, mas voltar para aquela cidade, trazia tudo de volta a tona diante de seus olhos. Era como se a dor o avisasse: *“meu amigo, você precisa me sentir e não me esconder, eu ainda estou aqui e, se não me sentir agora e acalmá-la, você nunca vai seguir em frente.”*

Inconscientemente, Elliot seguia em direção ao prédio de Susan. Havia algo no passado e que não se perdeu durante todo esse tempo, ele sempre foi guiado até ela. Susan era como um ímã. A verdade é que desde que a viu, ele só pensava nela e sempre dava um jeito de encontrá-la.

Naquele momento não acontecia diferente, ele queria vê-la de novo, falar

PERIGOSAS TRADUÇÕES

com ela, conhecer a sua filha Amelia, tocá-la, beijá-la, abraçá-la... Na verdade queria fazer tantas coisas ao mesmo tempo que tinha certeza que iria acabar se embaralhando quando a encontrasse. Ele parou do outro lado da rua e ergueu o rosto, olhando para as poucas luzes acesas no prédio que ela estava morando com a sua filha.

Ela estava ali, em algum daqueles apartamentos e, ele desejava fortemente para que morasse em algum daqueles que as janelas ficavam na sua direção e olhasse pela janela.

Queria vê-la, mas não saberia como reagir, não depois de tanto tempo. Encontrar Susan agora era como cair em uma areia movediça e ser sugado, até se sufocar completamente.

Elliot apoiou-se na parede atrás dele, ergueu uma das pernas a apoiando também e cruzou os braços procurando, esperando por algum movimento, olhando atentamente alguma mudança a sua frente. Poucos carros passavam pela rua e ele sentiu vontade de acender um cigarro, mas controlou-se, não queria que Susan o visse fumando. Ela abominava aquilo. Suspirou, pensando que se quisesse ficar com ela, teria que abrir mão da nicotina.

Respirou fundo pesaroso, sentindo-se bastante cansado, constatando que teria que abrir mão de sua vida complicada, da qual passava a maior parte do tempo se escondendo e fugindo. Ele não podia e nem queria trazê-las ao seu mundo e continuar com o que fazia. Elas eram sua fraqueza e podiam usá-las contra ele. Levou a mão até o bolso, sentindo o maço do cigarro e suspirou.

– Merda! – resmungou exasperado.

Ele havia se habituado ao cigarro há tanto tempo. Na vida que levava agora e tinha pouco orgulho dela, fumar era obrigatório. Se não fumasse, não estava completamente envolvido.

Afastou a mão do bolso, segurando o maço e o levou até o nariz, cheirando-o. Embora não tivesse se deixado viciar, o cigarro era sua válvula de escape quando precisava arejar a cabeça e controlar a corrente de raiva que se acumulava dentro dele, o que acontecia com frequência.

Elliot suspirou e levou o cigarro novamente até o bolso, sentindo as mãos tremerem um pouco e, quando pensava em como iria conseguir se manter afastado daquele maldito hábito, avistou um movimento em uma das janelas e isto chamou sua atenção, afastando as preocupações anteriores.

Ela estava ali, apoiando os braços apoiados pela na janela, olhando para o céu, completamente compenetrada. Elliot queria saber o que ela estava pensando. Seu cabelo estava solto, todo jogado para um lado direito e escondia boa parte do rosto, suas mãos estavam cruzadas e ele podia sentir que ela estava pensando nele. Embora não pudesse vê-la muito bem daquela distância, ele reconhecia sua silhueta e a forma que seu corpo reagia quando a via era como um aviso: “*ei, Susan está por aqui!*”

Se afastou da parede e caminhou ficando no meio fio. Percebeu que seus movimentos chamaram a atenção dela e ficou diante da luz para que Susan pudesse reconhecê-lo. Ele a viu respirar fundo e esboçar alguma surpresa, como se constatasse que o que estava pensando e desejando que se materializara a sua frente.

– Oi! – ele disse sem saber realmente se ela o escutaria, acenou gesticulando com a mão.

– Oi! – ela não se moveu, mas pelo menos respondeu e isso era um sinal. Um bom sinal, aliás.

– Posso falar com você? – ele levou as mãos até os bolsos da calça, sentindo a chave em um e o maço no outro.

– Amelia está dormindo, não posso deixá-la sozinha. – Susan suspirou. – E não te chamarei para entrar, porque senão vai acordá-la. Ela estava agitada hoje, foi difícil fazê-la dormir.

– Eu preciso conversar com você, Susan. – ele encolheu os ombros. – E conversar daqui não é bom.

– A essa hora? – ela perguntou se esforçando para resistir, mas o desespero em sua voz a desmoronava.

Susan conseguia entender seus conflitos internos. Ela também se encontrava com os mesmos sentimentos e pensamentos. Mas não iria permitir que Elliot simplesmente falasse o que gostaria de ouvir para cair novamente em seu jogo de sedução, entretanto, muitas coisas se encaixaram melhor depois do que dissera antes.

Elliot não fugiu quando a encontrou em meio às drogas de sua mãe, limpando a sujeira que ela havia causado. Ele não fugiu quando soube dos seus problemas e não seria capaz de fugir da responsabilidade de ser pai. E se

sentia envergonhada por ter duvidado dele na época.

– Eu não consigo ficar longe, preciso falar com você, Susan, enlouquecerei se não disser o que preciso. – ele levou uma mão até a nuca, acariciando-a. Geralmente ele fazia isso quando estava nervoso e impaciente.

Susan mordeu o lábio inferior, encarando-o. Elliot estava todo de preto, pouco via-se de seu rosto, mas ela o reconheceria a quilômetros de distância, pois seu corpo e coração sentiam sua presença.

Ela queria se manter afastada dele, mas Elliot também sofrera. Ela virou o rosto, para verificar se Amelia ainda estava dormindo e suspirou. Sentia vontade de ir até ele e se esconder em seu apartamento ao mesmo tempo, mas o que sentia por Elliot era tão forte e com a presença dele por perto trazia tudo à tona.

Ela soltou uma baforada de ar e olhou-o novamente. Ele estava com a cabeça inclinada, olhando para cima, com expectativa. Dizer sim para ele agora significaria muita coisa, entretanto, ela não era tão forte como fora um dia, quando o conheceu. Suas preocupações na época eram maiores que agora e mesmo assim, ele derrubou todas as barreiras que havia construído para se manter afastadas dos homens. Seu coração batia descompassado contra o peito e ela apertava as mãos que estavam unidas.

– Eu vou... – pausou um momento, ainda em dúvida. – Vou descer.

– Vou esperar! – mesmo que ela pedisse para ele se afastar dali, Elliot não faria.

Ele não havia imaginado o tamanho do desafio que teria que enfrentar até aquele momento. Precisaria conquistar a confiança de Susan novamente e não fazia ideia de como conseguir isso e havia Amelia, como conquistá-la após tanto tempo ausente?

De repente, a voz de Paul invadiu seus pensamentos: “*ir com cautela.*” São tantas informações e mudanças para elas assimilá-las. Suspirou enquanto aguardava descer. Viu a luz do apartamento apagar e atravessou a rua após olhar para os lados, parando em frente a entrada do prédio, que estava completamente deserto.

Elliot se virou de costas ao ouvir o som dos passos de Susan se aproximar. Ele cogitou ir embora, mas se fizesse isso seria visto como um covarde e,

provavelmente, ela iria ficar ainda mais magoada do que já estava. Ele a sentiu se aproximar porque seu perfume impregnou no seu nariz. Ela não era sofisticada, usava perfumes simples, nada caro, mas tudo o que vinha de Susan tornava-se maravilhoso para ele.

Seu cheiro era doce e sua pele tão convidativa que implorava para ser tocada, mas foi quando se virou e fixou o olhar em seus olhos verdes que lançavam-lhe uma corrente de calor, como se o recebesse em casa, que Elliot se perdeu.

A vontade que sentia era de beijá-la e abraçá-la. E isto praticamente o impedia de raciocinar e articular qualquer palavra. Ele se perdia em seus olhos que, ao mesmo tempo que o faziam se sentir em casa, o levavam ao precipício. Elliot levou as mãos novamente até os bolsos, sentindo o maço novamente em sua mão.

Ela parou diante dele, cruzando os braços. Susan estava usando um vestido florido e nos pés calçava chinelos de dedo, seu cabelo estava bagunçado e as bochechas ficaram rosadas, o que o fez se perguntar: *“ela estava com vergonha ou fora a descida do seu andar até o térreo que a deixara ruborizada?”*. Elliot desceu os olhos por seu corpo ansiando tocá-la. Seu sangue ferveu ao sentir a aproximação dela. Era totalmente impossível se controlar perto de Susan.

Ele encolheu os ombros sem saber o que fazer e tirou uma mão do bolso da calça, levando-a até a cabeça. Um carro passou por eles na rua, mas eles não afastaram os olhos um do outro. Ela mordeu o lábio inferior, sentindo o corpo ficar agitado e um arrepio acometeu-se por toda a sua pele.

Elliot estava magnífico e, olhando-o tão de perto, admirou seu rosto. Cabelo castanho escuro, liso e caído um pouco na testa, mas bagunçado. O olhar amendoado e barba por fazer, bem rente, mas moldada de acordo com o formato do rosto triangular, o queixo proeminente que determinava sua teimosia e força de vontade, entretanto, seus lábios nem finos nem grossos, a convidava para se aproximar e beijá-lo.

Susan sentiu o corpo se agitar internamente e deu um passo para trás, tentando se manter a uma distância segura para não pular em seu colo e beijá-lo como fizera muitas vezes. Ela se esforçou para esconder seu sentimento e o que ele conseguia causar em seu interior, para não demonstrar o quanto era

fraca na frente dele, mas se ele tentasse... Suspirou.

Elliot a acompanhou suspirando. O silêncio apossava-se deles e, embora fosse incomodo, não sabiam como começar aquela conversa e para eles bastavam estarem perto para ficarem bem. Estavam nervosos e apreensivos. Elliot tinha medo de falar alguma coisa errada e ela de aceitá-lo tão facilmente. Talvez quem soubesse de toda a sua história achasse-a fraca e ela concordava, pois diante de Elliot ela sempre fraquejava. Ele tinha um poder sobre ela muito forte.

Encarando-a, Elliot tentava demonstrar o que estava sentindo naquele momento. Ele, que jamais imaginou que algum dia pudesse ter outra chance com aquela mulher, que não acreditava em segundas chances, estava pronto para implorar para que ela o perdoasse por ficar tanto tempo longe e por deixá-la sozinha nos momentos mais difíceis de sua vida. Ele não podia remediar o passado, mas queria dar a ela um futuro ao lado dele. Susan abaixou a cabeça, parecendo constrangida e suspirou. Elliot levou a mão até a nuca esfregando-a.

– De repente, não sei o que falar. – ele chamou sua atenção. – Antigamente tínhamos muito para conversar, mas hoje estou um pouco perdido. Não sei mais como fazer isso.

– Era mais fácil naquela época. – Susan levou as mãos para frente do corpo, as cruzando.

– Muito mais fácil. – Elliot esboçou um sorriso nervoso e lançou um olhar melancólico atingindo-a de forma inconvertível. – Mas temos que conversar Susan. – Ele deu um passo à frente, se aproximando dela.

– Eu sei! – ela umedeceu os lábios, sentindo a garganta seca.

– Eu não sei por onde começar, me sinto perdido com tudo o que aconteceu – Elliot ergueu uma das mãos para roçar os dedos em seu rosto. – Eu não consigo parar de pensar que deveria ter desconfiado que tinha alguma coisa errada quando minha avó me contou no seu interesse pelo meu dinheiro. Você foi me procurar antes do que havíamos combinado, é claro que alguma coisa tinha acontecido. Devia ter juntado as peças do quebra-cabeça, mas me deixei influenciar pela raiva que senti.

– É! – ela fechou os olhos sentindo a carícia de seus dedos percorrer seu rosto. – E eu acreditei que você não nos queria. Deveria saber que não seria

capaz de nos abandonar.

– Você estava sensível e minha avó pode ser bastante convincente quando quer. – ele sentiu a raiva invadi-lo ao recordar de sua avó. – Talvez por isso tenha acreditado em tudo o que ela me disse para me afastar de você.

– Ela só queria o seu bem! – Elliot deslizou os dedos por seu queixo e suspirou, roçando sua respiração no rosto dela.

– Ela não sabe o que é bom para mim, só eu sei. – ele desceu os dedos para seu pescoço, sentindo a mudança de seu corpo. – Será que conseguimos continuar de onde não devíamos ter parado?

– Eu mudei, Elliot! – Susan ergueu o rosto. – Não sou mais tão jovem e não tenho mais aquele vigor de antes.

– É você que importa para mim, Susan. Eu também mudei, veja. – ele umedeceu os lábios e aproximou-se mais dela, com intuito de beijá-la. – Você sempre foi tudo para mim. – sua voz soou rouca, que provocou arrepios no seu corpo.

– Se eu fosse realmente importante, não teríamos passado tanto tempo longe um do outro, Elliot. – ela levou a mão até a sua que tocava-a e a afastou, fechando os olhos antes de dar um passo para trás e se afastar dele. – Você alguma vez cogitou voltar aqui?

Elliot a olhou tristemente, respondendo sua pergunta em silêncio, o que fez Susan abaixar a cabeça.

– Eu sei que fiz tudo errado, Susan, mas não posso remediar o que aconteceu, entretanto... – ele suspirou e levou a mão até o cabelo, o bagunçando. Susan sentiu o peito chacoalhar freneticamente e sorriu, se recordando de um passado bem distante. Elliot arqueou a sobrancelha, confuso. – O que foi?

– Me recordei de algo. – ela gesticulou negativamente e respirou fundo. Elliot a encarou e esfregou a nuca novamente, olhou para as estrelas no céu um momento, mas voltou a encará-la e dessa vez estava sorrindo.

– Ah! – ele levou as mãos até os bolsos novamente.

– Fez do mesmo jeito de quando tentou me beijar pela primeira vez.

– E você continua me afastando, como sempre. Não perdeu o costume, não é? – Elliot fez uma careta. – Acho que posso me acostumar com isso se o

resultado for o mesmo. – encolheu os ombros e encarou-a, aguardando sua resposta que não veio no mesmo instante. Ouvi-lo dizer tão descontraído e confiante, levou-a para outro momento de sua vida.

Ela se sentiu nostálgica e, em segundos, estava novamente em frente a sua casa. Elliot havia insistido em levá-la embora após sair da lanchonete, onde ela trabalhava meio período. A noite havia acabado de chegar e como era menor de idade, trabalhava até determinado horário e o rapaz que havia chegado recentemente na cidade, não parava de abordá-la, embora outras garotas fizessem de tudo para chamar a atenção de Elliot, ele não tinha olhos para outra garota que não fosse Susan. Ele dissera-lhe as palavras doces que qualquer garota como ela se encantaria, mas Susan não era como qualquer outra.

Ela não se importava com o rapaz rico e muito bonito que dominava os comentários por onde passava. Se sentia atraída por ele, mas Elliot precisava ser muito mais do que um homem bonito e sedutor para conseguir arrancar um beijo dela. Mas com Elliot sempre foi diferente, Susan precisava se esforçar muito para conseguir resistir aos seus encantos. Os olhos dele eram sedutores e sua beleza muito exótica. Ele era tão bonito que as pessoas o achavam afrodisíaco, pois por onde passava excitava. Ninguém escapava.

Entretanto, Susan o conheceu e descobriu que o rapaz de olhos magníficos e muito expressivos era muito mais do que ela esperava. Ele não tinha a mente vazia, era bem informado e estudava, além de sua conversa leve e divertida, onde tudo o que falava tinha duplo sentido. Por trás de toda aquela pose, havia algo em Elliot que poucas pessoas tiveram o prazer de descobrir, somente quem convivia com ele conhecia todas as suas qualidades.

– Você está se lembrando, não está? – Elliot a chamou de volta para aquele momento.

– Sim! – ela sentiu que ruborizava, mas não podia controlar e Elliot a viu ruborizar tantas vezes que tentou não se importar por estar sendo tão suscetível a ele. Susan sabia que não resistiria tanto, mas pelo menos conseguiu afastá-lo naquele momento.

– Eu também. – ele levou as mãos até os bolsos. – Embora eu tenha tentado te esquecer, me lembrei muito de você, Susan. Me perguntava o que estava fazendo naquele momento e se havia casado com alguém, se tinha

filhos. Você chegou a pensar em mim?

– É difícil esquecer quando se tem uma filha que é a sua cara! – Susan suspirou. – Ela tem tudo de você.

– Espero que depois mude, porque não vale a pena se parecer comigo. – ele respirou fundo. A vontade de fumar invadiu-o.

– Ela tem um pouco de nós dois. – Elliot desviou os olhos, virando o rosto para um ponto invisível na rua.

– Seria muito melhor se fosse parecida mais com você. – Elliot umedeceu os lábios, Susan arqueou a sobrancelha diante do seu comentário, pois havia sentido uma aspereza em sua voz.

– Por que diz isso?

– Porque eu sou o *badboy*, esqueceu? – Elliot soltou um riso nervoso. – Não vale a pena.

– Você é muito mais do que aquele garoto inconsequente que conheci, Elliot.

– Então por que você não fica logo comigo? – Elliot soltou uma baforada de ar.

– Porque eu já saí magoada uma vez e mesmo sabendo que o que aconteceu com a gente foi causado pela sua avó, eu preciso ter certeza que aquele sentimento que tinha por mim ainda está aí e não é apenas nostalgia.

– Não é nostalgia! – ele rosnou, apertando os dentes um contra o outro, mas a raiva desapareceu quando uma dúvida surgiu em seu pensamento e não conseguiu controlar as palavras. – Você não sente mais o mesmo por mim?

Ele havia acreditado nas palavras de Paul, mas será que estava enganado e Susan não gostava mais dele? O fato de estar sozinha sem nenhum namorado ou um marido, não significava que ela ainda gostava dele. Olhou para ela, que o olhava de boca aberta e piscando. Susan levou a mão até a saia do vestido e o olhou, movimentando as mãos, nervosa.

– É isso, Susan? – ele engoliu em seco. – Eu preciso saber!

– Eu não disse que não sentia o mesmo, Elliot. Não tire conclusões precipitadas, por favor! – ela deslizou a língua pelos lábios, umedecendo-os. – Eu não sou a mesma garota de nove anos atrás, as coisas estão diferentes, já

disso isso.

– E o que isso quer dizer? – Elliot a olhou confuso.

– Quer dizer que não sou mais atraente como antes, a gravidez foi bem cruel comigo.

– Pra mim continua gata pra caramba! – Elliot falou sem nem pensar direito. – Se quiser posso te mostrar nessa parede.

– Elliot! – Susan levou a mão até a boca para abafar o gemido que instalou em sua garganta, a respiração ficou entrecortada, pois ficou tão nervosa que o ar não alcançava os pulmões. Elliot observou a mudança em seu corpo e expressão, embora ela tentasse se controlar, não conseguia disfarçar o que suas palavras causaram.

– Porra, Susan. Quero fazer amor com você! – ele levou a mão até o cabelo. – Sinto tanta saudade que enlouqueço, por estar tão perto e não poder tocá-la, abraçá-la e beijá-la.

Susan piscou, sentindo seu corpo desejando se aproximar dele. Ela gemeu, fechou as mãos em punhos firmes, se esforçando para resistir, mas estava sendo completamente impossível. Havia somente uma forma de resistir aos encantos de Elliot. Ela resmungou alguma coisa inaudível e se virou, correndo para dentro do prédio.

*

Joseph caminhava pela cidade. Fazia três dias que estava ali e seu telefone não parava de tocar. Claire e eles ligavam o tempo todo. Estava começando a ficar preocupado, pois haviam desviado do compromisso e não cumpriam o combinado. Precisava conversar com Elliot e resolver o que iriam fazer. Ele cessou os passos, ao virar a esquina e vê-lo ao lado de Susan conversando.

Ela usava um vestido que chegava até o meio das coxas e de onde estava podia reparar bem no formato de seu corpo. Ele suspirou deslizando os olhos, aprovando o que estava a sua frente. Joseph gesticulou, afastando os pensamentos constrangedores da mente. Elliot e Susan tinham uma história e era nítido o quanto eles se amavam. Suspirou e deu meia volta, voltando para o hotel.

07 - Aproxime-Se

“No verão

Enquanto os lilases florescem

O amor flui mais profundo que um rio

A cada momento que eu passo com você”

How Would You Feel

Elliot levantou cedo no dia seguinte. Ele sabia exatamente onde deveria ir naquele momento. Não faria nada absurdo, só queria observar as duas, mesmo que à distância. Ele se sentia renovado, embora Susan tivesse fugido, Elliot sabia que a tinha atingido com aquelas palavras. Ela disse que mudara, mas ainda continuava do mesmo jeito, pelo menos em relação a ele. Quando ela não resistia aos seus encantos e não conseguia pensar em uma forma de refutá-lo, Susan fugia. E Elliot podia apostar que ela havia se arrependido de ter fugido e tentaria se mostrar forte diante de suas cantadas. Ele não aguentava esperar mais tempo para ver ela e a filha, estava ansioso.

Susan dera muito mais a ele aquela noite do que podia imaginar. Por um momento duvidou que ela não gostasse mais dele, por não deixá-lo se aproximar, afinal, ele também fora enganado. E deu pra perceber que ela ainda sentia algo muito forte por ele e não tinha a ver com desejo. E ele sentia a mesma coisa por ela.

Ele tomou banho e se arrumou com esmero, queria estar apresentável caso conseguisse falar com Amelia e Susan. Ele enviou uma mensagem para Joseph antes de sair do quarto, pois sabia que, em algumas horas, ele iria procurá-lo.

Entrou no carro e foi até o prédio onde Susan morava, olhou o relógio e percebeu que precisaria esperar pelo menos trinta minutos para vê-las. De acordo com as informações de Paul, Susan levava Amelia todos os dias para a escola naquele horário. À tarde, uma pessoa sempre a buscava e ficava com ela até Susan sair do trabalho.

Ligou o som e o deixou em um volume razoável, sem afastar os olhos das portas de vidros do prédio. Seu celular ficava tocando, Elliot o olhou de relance, mas não se importou em atender. Não queria saber do mundo além

de Avon Park, pelo menos não naquele momento. Tantas coisas tão importantes para resolver ali que os problemas do mundo pareciam tão supérfluo.

Ele contava os segundos, minutos, pois parecia que passavam horas. Ainda bem que era uma pessoa bastante paciente, mas não conseguia se controlar muito bem no momento. Elliot sentiu fome, conforme as músicas mudavam, mas ele não iria sair dali. Quantas vezes passou fome em toda a sua vida? Havia perdido as contas. Ele podia superar naquele momento.

De repente, as portas se abriram e Susan estava de mãos dadas com sua pequena garotinha, Amelia havia prendido o cabelo em duas mechas uma de cada lado do alto da cabeça. A franja estava solta e, aparentemente, Amelia sentia-se alegre naquele momento. Ela vestia camisa branca e saia rosa, e as meias de cores sim e não, vinham até o joelho. Observando ela subir lentamente no carro, Elliot ficou admirado, ela era tão linda. Tinha as pernas grossas e pequenas, iguais as de Susan.

Seus olhos foram parar em Susan que aguardava Amelia entrar no carro, quando a menina entrou, ela fechou a porta e entrou no carro, deixando a mochila no banco do passageiro. Susan saiu com o carro e Elliot a seguiu a distância, não demorou a chegarem à escola. Elliot precisou dar a volta no quarteirão para estacionar, ele voltou a pé pelo caminho que veio e parou do outro lado da rua ficando a uma distância razoável, observando-as conversar.

Amelia mexia os cabelos de um lado para o outro. Elliot percebeu que ela adorava aquele penteado e podia concordar com o gosto dela, ficava muito bonita. Ele queria tanto se aproximar e tocar naqueles cabelos escuros, iguais ao seu. Cruzou os braços ao sentir suas mãos formigarem. De repente, os olhos de Amelia se encontraram com os dele. Ela estava sorrindo e falou algo para Susan, apontando na direção dele.

Susan se virou e os olhares se encontraram. Elliot prendeu o ar, pois a cada momento que compreendia quanto tempo ficaram separados devido a uma mentira, mais falta ele sentia dela. Elliot queria tanto reconquistá-la e recuperar o tempo perdido. Queria tanto ter a vida que haviam prometido um ao outro há nove anos. Eles podiam estar tão bem agora, sendo uma família. Esta imagem penetrou em sua mente, fazendo-o desejar intensamente que aquilo acontecesse.

Ter aquela mulher em sua vida todos os dias, sempre foi o que desejou. Elliot ambicionava juntar todas as peças de seu coração quebrado e fazê-la feliz. Ao vê-la sorrir e levar a mão timidamente a uma mecha de cabelo e escondê-la atrás da orelha, Elliot enfim percebeu que havia uma chance. Ele só não sabia ainda como se aproximaria dela sem causar mais estragos.

Amelia começou a puxar a blusa de Susan, chamando sua atenção, ela se virou e se agachou, ficando quase da mesma altura que ela. Elliot observou-a acariciar o rosto da menina, depois brincou com o cabelo. Ele suspirou ao perceber a conexão incrível que havia entre as duas e desejou intensamente fazer parte disso. Queria aquilo também. A cada momento que passava, ele ficava consciente que almejava ser pai. Sentia-se tão poderoso por ter uma filha e nunca se sentiu dessa forma.

*

– Mamãe, ele fica olhando pra gente. – Amelia esticou um pouco o pescoço e inclinou a cabeça para o lado esquerdo, se escondendo rapidamente, mas sorrindo.

– Ele está curioso, quer ver você. – Susan apoiou as duas mãos em seu ombro. – Quer ir conversar com ele meu amor?

– Está na hora de entrar na escola, não dá tempo. – Amelia espiou novamente e escondeu o rosto, rindo dessa vez, pois o homem que havia descoberto ser seu pai estava sorrindo para ela.

– Está bem! – Susan não insistiu, achou que era o certo a ser feito. Beijou a testa de Amelia, mas antes de se levantar, ela achou melhor ressaltar. – Mas sabe que quando você quiser conhecê-lo, é só me avisar que eu marco alguma coisa com ele pra vocês se conhecerem.

– Obrigada, mamãe. – Amelia a abraçou forte, enrolando os dois braços em volta do pescoço de Susan e enquanto agarrava forte a nuca de sua mãe, ela espiava Elliot mais uma vez e o seus olhares se encontraram, ela ergueu a mão acenando.

– Agora vai, meu amor. – Susan a afastou e ergueu-se. Amelia se virou e correu para dentro da escola, antes de o sinal tocar.

Susan se virou e seus olhos foram em direção a Elliot. Ele estava espetacular. Usava uma camisa preta, bem colada no corpo e calça jeans

rasgada. Estava de óculos escuros e sua barba por fazer, dava-lhe um ar de desleixo, mas Susan sabia o que causava quando sentia sua barba tocar em sua pele. Ela não conseguia afastar da mente os pensamentos perversos depois da noite anterior e de ouvir suas sugestões perversas. Ela queria, mas não se sentia segura. Então abaixou a cabeça sentindo vergonha ao se recordar que fugira dele quando seu desejo passara a controlá-la.

Susan ergueu o rosto, olhando em sua direção. As mãos cochichavam em torno dela. Sua rival na época da escola, Mia, era a líder do grupo, como sempre, e dizia algo venenoso, fazendo as outras rirem e olharem para ela. Susan desviou os olhos delas e suspirando ela atravessou a rua, indo até ele, sem se importar com que algumas pessoas iriam comentar. Já comentavam antes, um pouco mais não faria diferença. Pelo menos, não naquele momento. Entretanto, Mia e companhia ficaram quietas, observando-os.

– Está me seguindo! – ela afirmou, sorrindo. Susan levou as mãos até os bolsos da calça sentindo os dedos formigarem. – Ontem foi até meu apartamento, hoje está aqui.

– Você descobriu meu segredo. – Elliot retirou os óculos escuros e os levou até o topo da cabeça. – Eu não consegui ficar muito tempo afastado. Há algo muito forte que me leva sempre a você, Susan.

– Você gosta de me constranger, não é? – Susan abaixou a cabeça timidamente e mordeu o lábio inferior por respondê-lo daquela forma, mas depois do que quase aconteceu na noite anterior, seria impossível controlar os pensamentos e a língua. Ela ergueu o rosto para encará-lo, pensando em uma forma de mudar de assunto. Um assunto que interessava aos dois e não tinha a ver com terminar com os dois sobre uma cama e os corpos unidos. – Amelia sabe sobre você ser o pai dela, mas disse que ela iria decidir quando se aproximar de você.

– Obrigado por não impedir nossa aproximação, Susan. – Elliot umedeceu os lábios, pensativo. – Espero que não demore muito.

– Aproveite este tempo para pensar. – Susan retirou as mãos dos bolsos e cruzou os braços.

– Eu estou fazendo isso. – Elliot buscava seus olhos com desespero, mas Susan os desviava. Ela estava constrangida por estar diante dele. – Eu já sei o que eu quero Susan. Poderíamos almoçar juntos hoje?

– Eu não tenho um bom horário de almoço e, à noite, eu estudo com Amelia.

O coração de Susan parecia que iria perfurar o peito de tão forte que batia e isto a fazia sentir dor. Queria fugir dali. Elliot absorveu aquela informação. Tudo que tivesse relacionado à Amelia lhe interessava, mas não podia evitar sentir orgulho por Susan ser uma mãe espetacular. Pelo jeito, ela não desgrudava da filha por nada. E, quanto mais notava isso e mesmo em tão pouco tempo, mais a admirava pela mãe que era. Ela abriu mão de muita coisa por um bebê deles e não parecia nem um pouco arrependida da situação.

– Vou até a lanchonete do Ben no horário que você me disser, só me deixe ir, Susan. – Elliot deu um passo em sua direção e tocou em seus braços. – Por favor!

– Isso vai mudar alguma coisa? – finalmente ela fixou os olhos nos dele aguardando sua resposta.

– Ah, pode mudar muita coisa se você deixar me aproximar de você novamente. – ele sorriu suscetivamente. – Eu não quero somente o que tivemos no passado, Susan. Quero o que havíamos prometido um para o outro antes de eu ir embora daqui, você se lembra?

– Como iria me esquecer, Elliot? Eu tive tudo naquela época e, de repente, não tive mais nada. – Susan não se reconhecia mais. Ela sabia que seria fraca diante dele, mas não tanto assim. Entretanto, estava se tornando impossível controlar, ainda mais após com o que acabou de ouvir. Suas mãos formigavam e começavam a ficar frias.

– Eu sei. – Elliot levou uma mão até seu rosto. – Eu só quero continuar.

Susan cruzou os braços, tentando se proteger e não ceder, mas enquanto olhava-o nos olhos, percebia sua apreensão e isso a fez se recordar do medo que viu estampado em seu rosto há algumas horas quando cogitou a possibilidade de ela não sentir mais o mesmo por ele, afinal, muitos anos haviam se passado. Ela tinha medo de ceder e Elliot descobrir que o que sentia antes não era mais o mesmo depois de tanto tempo, afinal, muita coisa aconteceu em suas vidas e isso os mudou. Entretanto, ela também estava sujeita a descobrir que seu sentimento estava preso ao passado. O risco sempre iria acompanhá-los, pois tudo podia mudar a qualquer momento.

Nada na vida era certo. Só tinha certeza de que a morte um dia iria chegar, mas não queria esperar por ela sem se arriscar e ser feliz enquanto a vida seguia em frente. Já havia perdido tanto tempo longe de Elliot. Ela o queria e fosse como fosse, não iria mais dizer não para quem a fazia feliz. Só não facilitaria muito, pois gostava de ver ele se esforçando para conquistá-la novamente.

– Eu não tenho muito tempo de almoço. – cedeu e ao ouvi-la, Elliot sorriu.

– Precisamos começar de algum lugar e, em hipótese alguma, quero esperar até o fim de semana para isso. – Susan suspirou ao ouvi-lo.

Susan e Elliot ficaram se olhando por longos minutos em silêncio, ele aguardando sua resposta e ela ponderando sobre o que deveria fazer. Não queria que Elliot pensasse o quanto ainda o amava, mas também não queria se fazer de difícil. Estava completamente confusa. Seu coração dizia uma coisa e a mente outra. Qual devia seguir? Perguntou-se. Ela fechou os olhos e a dor lancinante no peito falou mais alto. A saudade e vontade eram muito grandes.

– Eu costumo almoçar por volta das duas horas. – abriu os olhos para ver a reação de Elliot e o olhar sereno misturado com o sorriso, fez suas pernas amolecerem. Susan queria abraçá-lo e beijá-lo. Suspirou pesadamente.

– Obrigado! – Elliot afastou as mãos dela e deu um passo para trás ficando distante. – Obrigado! – repetiu.

– Eu preciso ir, pois tenho que organizar o apartamento antes de trabalhar. – Susan retirou a chave do carro do bolso. – A gente se vê mais tarde, Elliot. – ele apenas assentiu.

Ela se virou para atravessar a rua e caminhou em direção ao carro, ao entrar, Elliot percebeu que ela o observava pelo retrovisor. Ele cruzou os braços e ficou olhando para ela. Susan sorriu pra ele timidamente, acenou e deu a partida no carro desaparecendo logo depois.

*

Susan não parava de olhar em direção à porta da lanchonete. Seu coração estava apertado e acelerado. Em sua mente ansiosa e cheia de expectativa, contava os segundos, minutos e os milésimos de segundos. Estava quase no

horário de seu almoço e quanto mais se aproximava da hora marcada, mais ela sentia seus ombros pesarem e doerem. Foi ficando mais e mais desconcentrada. Fazia anotações erradas, mas quando percebia, ela se corrigia. Estava ficando fora de si.

Às vezes, dava um pulo quando ouvia a porta se abrindo, outras vezes ela simplesmente deixava de prestar atenção e anotar o que o cliente pedia ao achar que era ele quem estava abrindo a porta de vidro. Estava enlouquecendo, é claro. Não sabia que ceder ao encontro com ele, tornaria tudo tão complicado para ela. Não estava se reconhecendo.

Desde que Amelia nasceu, se obrigou a amadurecer. Não podia mais demonstrar insegurança, medo, angústia e ansiedade. Tinha consciência que precisava ser um bom exemplo para sua filha em todos os aspectos, embora cometesse um erro vez ou outra. Tentava não deixar a garota que Elliot deixou para trás reaparecer, entretanto, naquele momento, estava agindo como tal. Uma adolescente apaixonada. *Faça-me o favor Susan, se controle.* Disse em pensamentos.

Susan sabia que o que estava sentindo era normal, quando se tratava de seu sentimento por Elliot. O que viveram foi muito forte, intenso e rápido, mas foi extremamente delicioso cada momento que passaram juntos. Se algum dia ela se arrependeu? Nenhum. Foi com ele que teve as melhores experiências de sua vida e, por isso, tornou-se impossível esquecê-lo.

Ela estava limpando o balcão, segurando um pano na mão e o produto de limpeza na outra, quando Benjamin saiu da cozinha e parou ao seu lado. Ele ficou olhando para ela, que esfregava o mesmo lugar fazia pelo menos cinco minutos. Seus olhos não se afastavam da porta, ao ouvi-lo rir e arranhar a garganta, ela se virou. Percebeu que ele a observava. Seus cabelos grisalhos estavam escondidos dessa vez, mas tinha o bom e velho sorriso no rosto. Ele estava se divertindo com a situação.

– Deixe de ser fofoqueiro, Benjamin. – Susan voltou a esfregar o balcão, mas dessa vez se afastando rapidamente.

– Eu não disse nada. – ele foi até a pia e começou a lavar alguns copos. – Está na hora do seu almoço. Não está com fome?

– Estou! – ao ouvi-lo, Susan sentiu o estômago reclamar. Estava faminta. Engoliu em seco. – A Kate já está voltando? – ela se referiu a outra

garçonete.

– Já está voltando sim. – ao ouvi-lo, Susan retirou o avental e a touca.

A porta abriu e Susan se virou para ver quem era. Elliot entrou e todas as pessoas que estavam dentro da lanchonete, se viraram para olhá-lo. Ele subiu os óculos até o topo da cabeça, olhou rapidamente ao redor, parecendo procurar um local adequado para se sentar e caminhou até uma mesa, ele não olhou em sua direção, se sentou praticamente escondido no canto, perto da porta de acesso dos funcionários. Susan jogou o avental em algum lugar e saiu do balcão de atendimento, o encontrando. Ela apoiou as mãos sobre a cadeira, Elliot inclinou a cabeça em sua direção e sorriu.

Ele havia mudado de roupa, agora vestia uma camisa azul bem clara, com os dois botões abertos, expondo um pouco o peito. Susan percebeu que seu perfume estava mais impactante e o cabelo parecia úmido, sinal de que tinha tomado banho faz pouco tempo. A barba estava mais rente e isso fez todo o corpo de Susan se arrepiar ao ter uma lembrança.

– Vem, sente-se! – sua voz soou firme e ele apontou para a cadeira a qual Susan se apoiava e ela o obedeceu. Do jeito que estava se sentindo, tudo o que ele a ordenasse fazer, provavelmente faria. Estava totalmente fora de controle. *Controle-se*. Pensou desesperadamente.

– Obrigada! – Susan apoiou os braços sobre a mesa, encarando-o.

– Eu quero almoçar todos os dias com você. – Elliot ergueu o braço quando Kate apareceu no balcão e a chamou. – Gostaria que você aceitasse. – como sempre, muito direto.

– Você vai ficar aqui? – Susan mordeu o lábio inferior, pois sentia que um sorriso se formava em seu rosto.

– Vou! – Elliot fixou os olhos nos dela. – Eu só sairei daqui quando surgir algum imprevisto. Pelo menos, durante o verão.

– Você só pretende ficar o verão aqui? – ela suspirou e fez o pedido. Susan achava estranho tanta formalidade diante de Kate.

– Você está com medo que eu vá abandonar Amelia? – com Elliot foi sempre assim, direto e reto. Ou vai ou não vai. Quantas vezes ele perguntou a ela se aceitaria sair com ele e, mesmo ameaçando não procurá-la mais, ela negava e, ainda assim, ele voltava a abordá-la.

– Você não estaria no meu lugar? – Susan umedeceu os lábios e fechou os olhos. Tinha que deixar aquela garota boba e inocente que ele havia conhecido no passado. *“Não facilita, Susan. Não demonstre tanto. Deixe-o na dúvida. Provoque-o, descubra o que ele pretende”*, disse em pensamento. Elliot observou-a por um ou dois minutos e assentiu.

– Está certa, eu não devia ter sido tão rude. – ele levou a mão até a nuca e a esfregou, parecia muito tenso. – Eu não estou nessa situação porque a escolhi, Susan. Eu não consigo parar de me achar um idiota por acreditar que você me abandonou por dinheiro. – ele pausou um momento em busca de ar. – Eu não acredito que fomos enganados pela minha avó. Ela só me fez mal, porque depois de tudo o que aconteceu, eu não consegui ser mais aquele homem que você conheceu. Sinto uma amargura na boca todos os dias e quando soube o que realmente aconteceu, eu não paro de pensar no tempo que perdi com Amelia e você. Eu devia ter te procurado como fiz há alguns dias, mas eu fiquei tão perturbado. Você usou o dinheiro que ela te deu, eu não acreditava que fosse capaz, mas foi. Acredita em mim, Susan. Aquele sentimento que eu tinha por você antes, ainda está aqui, maior e mais forte. – ele deslizou o olhar por seu rosto, admirando-a. – Eu espero que não seja tarde para nós e que acre...

– Elliot, eu... – Susan o interrompeu e não tinha ideia de por que o estava interrompendo, simplesmente estava agindo por impulso. Ela desejava ouvi-lo. Queria ouvi-lo falar sobre seus sentimentos. – Eu acredito em você. De início, quando viu Amelia pela primeira vez, eu achei que sua surpresa foi por saber que eu não abortei, mas eu recordei de todos os momentos que passamos juntos. Você sempre foi gentil, me tratava muito bem. Me lembro que uma vez você ajudou uma senhora no supermercado, ela não conseguia carregar as sacolas e você a levou até sua casa. – Susan suspirou nostálgica. – Eu devia saber que o homem que me deixou aquela carta, não era o mesmo que eu conheci.

– Você ainda se lembra disso? – Susan assentiu diante de sua pergunta. A ruga expressa em sua testa desapareceu e Elliot sorriu. – ela perguntou se eu era solteiro e se podia me apresentar sua neta.

– É mesmo? – Susan o encarava com sorriso nos lábios que alcançavam seus olhos. Suspirou. – Me lembro de tantas coisas, Elliot. Quando você descobriu minha mãe, não se afastou de mim. E sempre me perguntei por que

um homem que não me abandonou no momento mais feio da minha vida, pôde me abandonar quando eu carregava o que havia de mais bonito em mim? – uma lágrima deslizou pelo rosto dela, mas imediatamente a enxugou com o dorso da mão. – Nunca passou pela minha cabeça que sua avó pudesse ser capaz de causar tamanha atrocidade. A única coisa que pensei é que você mentiu para mim o tempo todo até conseguir o que queria de mim.

Elliot admirava seu rosto, sua boca, seu pescoço. Ele sentia tanto a sua falta. Queria beijar sua pele, sentir seu perfume, seu corpo, mas infelizmente, tinha que ir com muita cautela. Não queria magoá-la dessa vez e nem se precipitar, pois tinha muita coisa para planejar ainda e incluir Susan e Amelia em sua vida demandava muita calma e cuidado.

– Você está na sua casa de verão? – Susan preencheu o silêncio que os envolveu. Susan não queria se deixar envolver por aqueles olhos de novo, mas era impossível. Ela desejava saber mais sobre ele. *Não facilite as coisas novamente, faça-o demonstrar o quanto te quer*, pensou novamente e quase gesticulou diante do próprio pensamento.

– Eu pedi para abrirem e limparem, mas está demorando. Foi um pedido de última hora. – ele afastou o braço da mesa quando vieram perguntar o que queriam almoçar o almoço, mas os olhos dele não afastavam dos dela.

– Sua avó está bem? – Susan indagou mudando de assunto assim que Benjamin e Kate se afastaram da mesa deles.

– Está em estado terminal.

– Oh meu deus, Elliot! – nesse mesmo momento, Susan pensou em Amelia. – Amy vai precisar conhecê-la antes que...

– Ela não merece sua compaixão, Susan. – Elliot sorriu, mas seu sorriso era tão triste e amargurado. – Não depois do que fez a nós. Não depois de... – ele se interrompeu e respirou profundamente.

Susan abriu e fechou a boca, queria lhe perguntar o que tinha acontecido de mais grave no relacionamento deles, pois antigamente, já não era um relacionamento saudável entre neto e avó. E pelo que Susan tinha conhecimento, ela era sua única família, até Amelia aparecer.

– Não me olhe desse jeito, Susan. – Elliot bebeu a água tônica que havia pedido e desviou os olhos.

– De que jeito? – ela abaixou a cabeça sentindo sua pele arder, com certeza estava ficando ruborizada.

– De um jeito que não poderia resistir por muito tempo, não aqui, pelo menos. – Elliot largou o copo e arrastou lentamente a mão pela mesa até encontrar a dela e tocar em seus dedos. Susan fechou os olhos e ergueu um pouco a cabeça. – Parece que está me oferecendo seu colo, eu não posso negar uma coisa como esta. – ele praticamente sussurrou. Sua voz soou rouca e provocante. – Não depois de tanto tempo te desejando. – ao ouvi-lo, Susan ficou sem palavras, pois Elliot estava demonstrando de novo seu sentimento e o que queria naquele momento, mas ele falava de uma forma diferente. Antes tinha a ver com desejo, mas agora, falava como se nunca mais tivesse dito o que queria ou desejava.

Susan olhou para suas mãos juntas e suspirou. O calafrio havia começado pela ponta dos dedos onde ele tocava e subia lentamente pelo seu braço, se espalhando pelo corpo inteiro. Ela estava muito carente e suscetível a ele. Fazia muitos anos que não o tocava. E foram muitos anos sem ter contato com nenhum homem. Sentia-se vulnerável e a timidez a dominava. Não sabia mais flertar. Ela piscou algumas vezes rapidamente, se sentindo um pouco desorientada. Ela não sabia o que falar.

– Eu... Eu... Eu... – gaguejou. Os lábios tremiam.

Percebendo seu desconcerto, Elliot notou que estava indo rápido demais, de novo. Ele gesticulou afastando os pensamentos inebriantes, achando melhor mudar de assunto.

– Que dia Amelia nasceu? – Elliot continuou tocando sua mão e reparou o quanto Susan foi afetada com seu toque, e com o que ele havia acabado de dizer. Ele não podia negar que isso o deixou completamente feliz.

– 10 de maio. – Susan piscou diversas vezes tentando se manter focada e umedeceu os lábios. – Eu queria saber... – ela pausou e suspirou. – Como está se sentindo em relação à Amelia?

– Neste momento? – Ela assentiu, confirmando. – Me sinto poderoso, Susan. Ela é tão pequena, saudável, bonita e minha nossa, se parece tanto comigo. – ao ouvi-lo, os olhos de Susan ficaram úmidos e a mão de Elliot que ainda segurava a sua, apertou-a. – Ela é perfeita. Acho que vou ficar alguns anos olhando para ela sem acreditar. – ao ouvi-lo, ela riu e aquele som o

agradou.

– Eu olho para ela e não acredito até hoje.

– Tivemos sorte.

Kate voltou à mesa trazendo a comida e quando se afastou, piscou para Susan que ruborizou ao perceber que seus colegas de trabalho achavam que ela estava em um encontro com Elliot. Suspirou e evitou olhar para ele. Com certeza devia estar demonstrando seu embaraço, pois Elliot começou a rir. Aquele riso que lhe era muito familiar quando flertavam antes de finalmente ficarem juntos, há nove anos. Ela ficava tímida e ele achava graça. Pelo jeito, continuava achando engraçado e ela agia do mesmo jeito diante dele.

– Mesmo quando namorávamos você ficava tímida desse jeito diante das pessoas. – Elliot quebrou o silêncio.

– Namorávamos? – Susan finalmente o encarou, o que o agradou, pois ele não aguentava mais ficar procurando seus olhos. Ele gostava de admirá-la olho no olho.

– Sim, você não sabia disso? – Elliot levou o garfo até a boca.

– Você não me falou nada disso. – Susan, com o garfo na mão, levantou o dedo indicador e gesticulou negativamente.

– Eu achei que minhas ações foram suficientes. – ao ouvi-lo, Susan gesticulou novamente com o dedo, negando.

– Não foram. Vou te dar um toque sobre boas maneiras com uma mulher, senhor Kane. – Susan levou um pedaço de bife à boca antes de concluir, mastigou e engoliu lentamente. Elliot observou tudo. Não queria perder nenhum movimento. Os olhos dela estavam incrivelmente verdes. Ela estava se divertindo com o assunto. – Peça em namoro.

– Pedir em namoro, anotado! – Elliot abaixou a cabeça para continuar prestando atenção na comida, mas estava sorrindo. Ele não tinha ideia se Susan percebeu que ficou subentendido o que disse.

– O que foi? – ao erguer o rosto para encará-la, Elliot observou-a ruborizar um pouco mais.

– Eu estou pensando em como farei isso com você. – Elliot gesticulou. – Eu não sou bom com as palavras. Nunca pedi para namorar alguém.

– Pode ser que as mulheres de Nova Iorque não precisem.

– Mas você... – ele levou o copo até a boca. – Você precisava. Se eu tivesse feito isso, talvez não tivéssemos passado por uma separação.

– Já aconteceu Elliot, não adianta ficar remoendo o passado. – ela depositou o garfo sobre o prato e bebeu um pouco de água. – Eu estou satisfeita.

– Você tem quanto tempo ainda?

– Vinte minutos! – ela disse após se virar e olhar para o relógio grande pendurado no centro da lanchonete.

– Podemos dar uma volta? – Elliot terminou de beber sua tônica.

– Mas você não terminou ainda.

– Eu já estou satisfeito. Vou pagar a conta e saímos, está bem? – ele não esperou por sua resposta, se levantou e caminhou até o caixa.

Susan o aguardou na mesa, ele havia deixado celular e chaves ao lado do prato. De repente, o celular dele tocou e ela tomou um susto. Levou a mão até o peito e olhou para o aparelho gigante sobre a mesa. Ela espiou e viu a fotografia de uma mulher estampada na tela. Era loira, cabelos ondulados até o ombro e muito bonita. Abaixo da foto aparecia o nome: Claire.

Elliot voltou até a mesa, guardou o celular no bolso rapidamente, ignorando a ligação. Susan arqueou a sobrancelha e se levantou. Ela não percebeu a expressão no rosto dele ao se aproximar da mesa, pois os olhos de Susan estavam vidrados na tela do celular, mas ele pareceu bastante preocupado com o que passava em sua mente.

Saíram da lanchonete juntos, tinha poucas pessoas lá dentro e as que ainda estavam não repararam mais nos dois. Ele ofereceu o braço para ela. Como costumavam fazer antigamente.

– Você não aceitou meu convite ainda. – Elliot disse depois de se afastarem bastante da lanchonete e ficarem em silêncio.

– De almoçar todos os dias? – ela abaixou a cabeça.

– É! – ele suspirou. – Olha para mim, Susan!

– Eu não consigo e estou mal acostumada. – Algumas pessoas na rua que passavam por eles paravam para olhá-los caminharem juntos. – As pessoas

estão olhando.

– Deixe que olhem. – ele parou os passos abruptamente e ela o acompanhou, já que estava com o braço enrolado no dele. Elliot tocou em seu rosto e a fez erguer a cabeça, e olhar para ele. – Não é porque temos uma filha juntos que estou tentando me aproximar fisicamente de você.

– Eu não pensei isso. – ela enrugou a testa, mas acabou sorrindo. – Você não tem obrigação.

– Eu achei que devia deixar isso muito claro. – Elliot umedeceu os lábios, olhou sua boca e ela parecia tão macia, e estava muito convidativa. Suspirou. – Eu quero recuperar o nosso tempo perdido, Susan. Começar de onde paramos, mas sei que pode ser difícil.

– É complicado. – Susan suspirou. – Perdemos muito tempo e eu não...

– Não sente mais o mesmo? – ele a interrompeu, seus olhos expressivos estavam novamente receosos.

– Não é isso que quero falar, Elliot. – ela levou uma mão até a testa. – Eu não sou mais a mesma pessoa que você conheceu, sabe?

– Eu sei, eu também não sou mais. – ele umedeceu os lábios. – Mas eu sei o que eu sinto por você ainda. Você não sente mais o mesmo por mim?

– Bem... – ela levou a mão até o cabelo que, só naquele momento percebeu que estava bagunçado e ficou apavorada. Soltoou o braço do dele e levou as mãos até os cabelos para arrumá-lo. – Você devia me avisar que meu cabelo está uma bagunça. – ele suspirou diante da mudança abrupta de assunto, mas observou-a passar os dedos entre os fios. Era encantador vê-la desconcertada e fugir de suas investidas.

– E você acha mesmo que eu estava reparando nisso? – Elliot levou as mãos até eles ao vê-los soltos. Passou os dedos entre as mechas, o penteando como gostava de fazer. – Você ainda sente o mesmo por mim?

– Eu não estive com nenhum outro homem por todos esses anos. Você devia saber o que isso significa. – Susan desceu as mãos e o deixou brincar com seu cabelo. Ele estava concentrado, mas ouvir aquilo fizeram seus olhos irem de encontro aos dela. Ela estava sorrindo e Elliot conhecia aquele sorriso, embora tímido. E ele soube o quanto significava para ela, mesmo após achar que ele não a amava. Susan iria pertencer a ele para o resto da

vida, mesmo que isso significasse ficar sozinha.

– Nada mudou. – ele murmurou e ela gesticulou concordando. De repente as batidas do coração perderam o embalo suave e se tornaram constantemente ferozes, exigindo sua existência e voltando a vida, saindo do esconderijo.

Susan mordeu o lábio inferior e o deixou deslizar os dedos por seu braço até tocar em seu pescoço e, em seguida, acariciar sua bochecha. Ela sentia todo o corpo eriçado. Sua mente não estava funcionando mais, provavelmente seus neurônios haviam dissolvido.

Por onde seus dedos passavam, a pele queimava, mas era um calor delicioso. Os olhos cor de mel não afastavam um instante dos dela. Podia ter um milhão de pessoas passando por eles, que sequer viam. Só enxergavam um ao outro.

Totalmente absorvida pelo que sentia por ele, aquele sentimento que tomava conta de seu corpo, Susan entregava a Elliot o que havia prometido a si mesma, nunca mais entregar a ninguém. E em poucas palavras, já tomava o que nunca deixou de ser dele.

Sua mente brigava em pensamento contra o coração para não acreditar no que ele dizia, mas sua razão e o amor que escondia dentro do peito queria ouvir aquelas palavras. A esperança de viver aquele amor novamente fora mais forte do que ela podia resistir, aceitava seu convite e o convidava a entrar novamente em seu coração.

Susan queria tanto quanto ele tudo aquilo. Parecia que o tempo entre eles não tinha passado, porque o que sentiam naquele momento era tão forte quanto antigamente ou maior, pois havia entre eles o fator da saudade de tanto tempo perdido.

Eles não viram o tempo passar. Um desejava beijar o outro, mas não queriam parar de se olhar e recordar suas expressões, o formato do rosto e a razão de terem se apaixonado antes e, ainda assim, o sentimento ter se perdurado por tanto tempo. Estavam novamente conectados, de uma forma que somente eles compreendiam.

O celular de Susan tocou, trazendo-a de volta a realidade. Assustada, ela retirou o celular do bolso da calça e olhou o visor. Era uma ligação da lanchonete. Reparou na hora e ergueu o rosto para Elliot.

– Está na hora de eu... – ele já estava assentindo antes mesmo de ela concluir a frase, compreendendo.

– Amanhã almoçamos de novo. – ele tocou em seu rosto.

Susan aproximou-se dele lentamente, ela levou as duas mãos até o seu peito e se ergueu um pouco sobre os pés, olhando-o nos olhos, beijando-o no rosto, mas bem perto do canto de sua boca, provocando-o como costumava fazer antes. Elliot tocou em sua cintura e a apertou.

– Te vejo amanhã. – ela disse após se afastar dele e virou-se indo em direção a lanchonete. Aliás, eles não tinham se afastado muito. Quando Susan se aproximou, percebeu que Kate e Benjamin estavam espionando pelo vidro das janelas. Ao entrar, sorrindo, Susan disse: – Fofoqueiros!

08 - A Primeira Rebelião

*“Eu quero esconder a verdade
Eu quero abrigar você
Mas com a fera dentro
Não há onde nos escondermos”
Demons*

Tantas coisas aconteceram em tão poucos dias. Susan tentava controlar o que estava sentindo com todas as suas forças, entretanto, era muito mais forte do que ela podia suportar. Fazia dois dias que encontrava em seu horário de almoço com Elliot e isso estava mexendo com seu emocional de forma avassaladora. Naquele dia, ele lhe trouxe uma rosa vermelha. Apenas uma solitária rosa vermelha, mas que trouxe muitas lembranças.

O jeito que ele a olhava, a forma que ele falava e sorria para ela, era tão intenso, tão... Ela não tinha forças mesmo. E, para lhe deixar ainda mais suscetível ao seu encanto, Elliot perguntava um pouco sobre Amelia, ele estava tão curioso a respeito de tudo. Ele havia perguntado sobre os primeiros passos, os primeiros dentes que nasceram e caíram, as primeiras palavras. E, enquanto lhe contava, ela notava sua expressão. Ele começava a nutrir algum sentimento por Amelia.

Susan se perguntava, depois de lhe dizer nas entrelinhas, que aceitava seu convite, se era certo? A faísca da razão penetrava a sua mente. Ela precisava ser mais firme com ele. Elliot sabia que era um homem irresistível e que tinha algum poder sobre ela. Gesticulou negativamente, tentando afastar os pensamentos de dúvidas.

Ela queria dar outra oportunidade a ele, Elliot fora tão magoado em toda essa história como ela. Suspirando e cantarolando enquanto preparava o jantar para Amelia, nem sequer notou que estava sendo observada. Ela lavou os talheres e, ao se virar, encontrou o rosto sorridente de Amelia.

– Você já tomou banho? – Susan numa tentativa fracassada de evitar qualquer comentário de Amelia a respeito de seu comportamento, olhou-a de cima abaixo que já vestia seu pijama dos *Minions*.

– Já sim! – Amelia jogou os cabelos para trás. – Quero trança, mamãe!

– Eu farei depois do jantar! – Susan esfregou as mãos na calça, nervosa. E olhou para o chão.

– O que você está cozinhando hoje? – Amelia se levantou e caminhou em direção ao fogão, se esticou inteira, ficando na ponta dos pés para conseguir ver, mas mesmo assim, foi impossível.

– Frango com molho. – ao ouvi-la, Amelia lambeu os lábios.

– Hum, eu gosto! – ela voltou até a mesa, sentando-se. – Por que está tão feliz mamãe?

– Ah! – Susan encolheu os ombros.

– Isso tem a ver com meu papai? – Amelia juntou as mãos em frente ao corpo, suspirando.

– Ele... A gente... – Susan umedeceu os lábios, sem saber exatamente o que dizer.

– Você o viu mamãe? – Amelia sorriu. – Eu soube, todo mundo na escola “tá” comentando.

– Ah. – Susan levou a mão até a testa e fechou os olhos. De repente, sentiu uma dor lancinante na cabeça. – Às vezes, me esqueço do quanto as pessoas desta cidade são fofoqueiras.

Para a sorte de Susan, a campainha tocou e a conversa foi interrompida. Amelia correu até a porta, abrindo-a sem nem verificar quem era. Joy, a melhor amiga de Susan, entrou no apartamento, com uma caixa na mão e a testa enrugada. Olhou para Susan e ergueu a caixa.

– Estava na porta do seu apartamento. – Joy se aproximou, ela ainda vestia o uniforme da lanchonete. – Vão jantar a essa hora?

– Estudamos muito hoje. – Amelia não deu tempo para Susan explicar. – Matemática é muito difícil, tia.

– Eu achei que a essa hora, Amelia já estaria dormindo. – Joy olhou timidamente para Susan. – Eu gostaria de conversar com a sua mãe, Amelia.

– Vocês querem falar sobre o meu papai? – Amelia estreitou os olhos e mexeu novamente os cabelos bagunçados.

– Essa garota tem quantos anos mesmo? – Joy riu e Susan a acompanhou,
PERIGOSAS TRADUÇÕES

mas seu rosto estava começando a tomar cor.

– Oito. – Amelia ergueu os dedinhos expondo a sua idade. Ela estava empolgada. – Mamãe e papai vão ficar juntos tia Joy?

– Eu estou aqui para saber disso, menina. – Joy gesticulou negativamente enquanto ria.

– E então mamãe? – Susan se virou quando as duas a encararam, aguardando sua resposta.

– A gente não está... Não... Não tem nada... – Susan gaguejou enquanto mexia sem parar na panela.

– Deixe-me ver o que tem nessa caixa, titia. – Amelia retirou a caixa da mão de Joy, abriu lentamente o embrulho todo vermelho e reluzente. A caixa não era tão grande, mas tinha um peso considerável. Amelia tocou a caixa toda feita de madeira e a abriu.

– Ah meu Deus. – foi Joy que se expressou quando viu o que tinha na caixa. – Eu sempre quis isso, mas Paul disse que eram tão caros.

Quando Amelia começou a desembulhar a caixa, Susan não afastava os olhos. Queria saber o que tinha dentro dela. Ninguém notou nada além dos chocolates, mas Susan avistou um cartão colado na tampa da caixa. Se aproximou de Amelia e descolou o envelope com cuidado.

Susan abriu o envelope e, dentro dele, continha um papel azul claro, dobrado. Ela o abriu, com as mãos trêmulas. Ela fechou os olhos um momento. Ele estava fazendo tudo de novo. Do mesmo jeito. E Susan adorava sentir aquele friozinho conhecido, mas completamente novo após tanto tempo. Sugou o ar com toda a força que nutria e leu.

“Eu me recordo ainda Susan, que a sua pele tem o sabor do chocolate mais delicioso do mundo. É impossível esquecer algo que seja tão único como você é para mim. Saiba que você sempre esteve presente em meus pensamentos, nos meus sonhos e meus desejos.

E, cada momento que passamos juntos nestes dois dias, só me provou que, não importa o quanto eu tente, jamais te esquecerei.

Seu, Elliot.”

Susan arfou e levou a carta até o peito. Virou-se para Amelia e agarrou a caixa com chocolates Suíços, que ela uma vez tinha experimentado ao lado de Elliot e tinha adorado. Abraçou a caixa, olhando para os chocolates.

– Você não vai me dar nem um mamãe? – Amelia chamou sua atenção.

– Depois do jantar, meu amor. – Susan caminhou até o guarda-roupa. – Joy, apaga o fogo para mim, por favor. Se quiser, pode se servir.

– Eu não vou ganhar, é isso? – Joy disse consternada e Susan a ouviu suspirar. – Eu achei que fosse sua amiga, Susan.

– Você é minha amiga Joy. Agora, pare de drama. Depois do jantar eu te dou um pedaço, não comer agora também. Primeiro jantar e depois a sobremesa.

– Oba! – Joy bateu palmas alegre. – Vou lavar as mãos.

Ao ouvi-la, Susan riu e guardou a caixa no guarda-roupa. Ninguém compreenderia o que estava sentindo. Ela queria sair na rua agora e procurar por Elliot. Ele sempre foi muito atencioso e carinhoso, adorava mimá-la e estava fazendo isso de novo. Levou a mão até o peito, sentindo doer.

Se houve um dia no passado que se prometeu não ceder caso se encontrassem novamente? Prometeu, é claro que prometeu. Mas ela não estava preparada, nunca esteve para falar a verdade. O reencontro dos dois não aconteceu da maneira que havia planejado. Não disse tudo o que tinha para dizer. Aliás, Susan não se lembrava mais do que deveria falar. Mas ela sabia por que agia dessa forma.

Ela o amava ainda e quando ele lhe disse, não com todas as palavras, o que tinha acontecido, acreditou nele naquele momento. Susan ouviu barulhos de pratos e talheres, e afastou os olhos da caixa, indo até Joy e Amelia.

Ela queria tudo aquilo de novo. Não se sentia cem por cento viva há muito tempo, como estava naquele momento.

*

Amelia não queria acordar naquele dia. Elas haviam dormido muito tarde, com a visita de Joy, ficaram conversando as três até tarde. Sempre foi assim, mesmo quando sua mamãe e Joy queriam ter conversas de adultos, elas nunca a deixavam de lado para conversarem. Elas continuaram conversando, quando Amelia dormiu e, nem conseguia imaginar que horas elas acabaram a

PERIGOSAS TRADUÇÕES

conversa.

Amelia foi se arrastando até o banheiro, com sua mãe atrás dela guiando-a. Não entendia como sua mamãe estava aguentando ficar em pé, porque ela já estava morrendo de sono.

– Mamãe, eu não quero ir para a escola hoje. – Amelia esfregou o rosto, depois os olhos e olhou para Susan que sorria. Amelia estava toda descabelada e tinha baba no canto da boca.

– Você não quer ir nenhum dia quando acorda Amy. – Susan soltou-a e se afastou. – Vou preparar seu café.

– Hoje eu não quero ir, mamãe. – Amelia puxou o banquinho e subiu nele para se olhar no espelho. – Eu estou com muito sono.

– Você sempre está. – Susan suspirou. – Falta pouquinho para as férias, meu amor.

– Mas eu não quero ir. – Amelia soprou o ar e espalhou o cabelo que estava na frente do rosto. – Eu estou me sentindo um zumbi do *The Walking Dead*.

– Meu Deus, preciso pedir para Jude não deixar você assistir essas coisas. – Susan disse rindo. – Lava o rosto, escova os dentes e penteia este cabelo enquanto preparo seu café da manhã.

– Vai fazer trança mamãe? – Amelia a olhava através do reflexo do espelho. – Você não fez minha trança ontem.

– Faça meu amor, agora se arruma rapidinho para não nos atrasarmos. – Susan finalmente saiu do banheiro e foi até a cozinha, gesticulando negativamente. Todo dia era aquela mesma dificuldade.

Alguns minutos depois, Amelia apareceu bocejando e com os olhos praticamente fechados. Ela já estava de uniforme e havia passado seu perfume. Susan enrugou a testa, pois Amelia nunca usou perfume algum.

– Que perfume é esse? – Susan aproximou o rosto de seu pescoço. – É o meu perfume?

– É sim.

– Mas por que você está usando meu perfume? – Susan torceu o nariz. – Você tem o seu e esse é um perfume muito forte para você.

– Ah, o meu papai tem ido todos os dias na escola e o seu perfume é mais cheiroso que o meu. Eu quero estar preparada para quando ele vir falar comigo. – ao ouvi-la, Susan arqueou a sobrancelha.

– Mas tinha que ser justo esse, por quê?

– Porque é o mais cheiroso e não é de criança.

– Amelia, você é uma criança! – ela quis sorrir, mas se controlou.

– Eu tenho idade de uma criança, mas não me pareço com uma! – Amelia pegou um *waffle* e o mordeu. – Posso passar seu batom vermelho que está no banheiro, mamãe?

Susan que estava levando a xícara com café até a boca, parou o movimento no meio do caminho, olhando-a estupefata.

– Batom vermelho, Amelia? – Susan indagou indignada. – Você não tem idade para usar batom.

– Ah mamãe, eu tenho sim, as meninas na escola já usam. – Amelia soprou.

– Você não é nenhuma delas. – Susan voltou a levar a xícara até a boca, assoprou e bebeu o café. – Nem pensar em batom até os 13 anos. – ao ouvi-la, Amelia revirou os olhos.

– Às vezes, você é bem chata. – Amelia se levantou jogando metade do *waffle* no prato. – Faz trança em mim logo e vamos para a escola.

– Não fale comigo nesse tom. – Susan ergueu o dedo.

– Que coisa chata. – Amelia levou a mão na testa.

– Já que está tão mal humorada e respondona hoje, vai ter que trabalhar comigo na lanchonete depois da aula. – Susan observou os olhos de Amelia arregalarem.

– Mas mamãe eu estou assistindo *Once Upon a Time* com a Jude depois da aula. – Amelia bufou.

– Não por hoje, querida. – Susan se virou para depositar o copo dentro da pia. – Vou pegar a escova para arrumar seu cabelo.

Amelia não disse nada, mas um milhão de coisas passava por sua cabeça. Ela ficou muito brava. Quando Susan voltou, ela estava com a expressão séria e enrugava os lábios.

– Se ficar forçando o rosto com raiva, vai ter ruga bem cedo, viu? – Susan caçoou e Amelia se esforçou para afastar a carranca.

As duas saíram de casa, pouco tempo depois, e não conversaram o caminho todo como costumavam fazer. Susan não gostava de brigar com Amelia, mas não podia deixar desrespeitá-la. Que mãe seria ela que deixava a filha falar e fazer o que quisesse?

Suspirando, ela ligou o som e começou a cantarolar a música que tanto ela quanto Amelia adoravam. “*Demons*” do Imagine Dragons. Susan observou Amelia pelo retrovisor e percebeu que ela fazia movimentos com a cabeça no ritmo da música. Sorriu e gesticulou negativamente, voltando a prestar atenção no volante.

Ao chegarem, obviamente, elas notaram o carro de Elliot estacionado. Foi a primeira vez que tanto ela quanto Amelia o viam acompanhado de outra pessoa. Um homem estava sentado no banco do motorista com a porta aberta e ele segurava um copo descartável gigante da única cafeteria da cidade. Elliot estava apoiado na porta e, quando as viu, sorriu.

Susan olhou para Amelia, mas a menina gesticulou com a cabeça negando. Ela respondia que não iria se aproximar. Susan revirou os olhos e encarou Elliot, que vestia uma camisa social branca, calça escura e usava óculos escuros como sempre.

– Eu já vou entrar mamãe. – Amelia soltou de sua mão e sequer a abraçou, correndo rapidamente para dentro da escola. – Susan encolheu os ombros e atravessou a rua, caminhando até Elliot. Que a observava.

– O que aconteceu com ela hoje? – Elliot ergueu o pescoço. – Ela parecia estar irritada.

– E está. Eu não a deixei usar batom vermelho. – Susan levou a mão até uma mecha do cabelo, o jogando atrás da orelha.

Ela usava um vestido rosa florido até o joelho e com decote em V entre os seios. Nos pés usava uma sandália confortável na cor da pele. Elliot adorava olhar os pés dela. Eram tão delicados e femininos. Se soubesse que ele observava justamente os seus pés com suas unhas mal feitas por trás daqueles óculos escuros, ela surtaria e sairia correndo para escondê-los. Se existia algo que ela detestava em si, eram os pés.

Ela sorria timidamente como sempre quando o encontrava. Estava ciente que todo mundo que se encontrava ali, naquele momento, os observava.

– Ela já quer usar batom vermelho? – Elliot se afastou do carro e levou as mãos até os bolsos.

– Algumas coleguinhas já usam e quer se parecer com elas. – Susan deu de ombros. – Ela está de castigo hoje e vai trabalhar comigo mais tarde. Nada de babá e séries por hoje.

– Então vou almoçar com as duas?

– Está com medo?

– Muito medo. – Elliot encolheu os ombros.

– Ela quer que você se aproxime.

– E como vou fazer isso? – Elliot encolheu mais um pouco os ombros. – Eu não sei como é ser pai, Susan.

– Você quer isso? – Susan deslizou os dedos entre os fios do cabelo e puxou-o, fazendo um coque. Elliot não respondeu, apenas assentiu, pois seu olhar estava direcionado para suas mãos e cabelo. – Tem que começar em algum momento.

– Vou pensar em alguma coisa. – Elliot sorriu e deu um passo em sua direção, segurou uma de suas mãos e levou-a até os lábios. – Você é muito boa, Susan. – ela riu um pouco nervosa, pois o contato dos lábios dele com a sua pele fez todo o corpo despertar e estremecer. – Eu não a mereço, mas sou egoísta o suficiente para não abrir mão de você.

– Obrigada pelo chocolate! – ela aproximou o rosto para sussurrar, não queria que a ouvissem, apenas Elliot.

– Eu encomendei muitos para te dar!

Elliot sorriu com o canto dos lábios. Aquele sorriso torto que ele distribuía era tão sedutor que Susan desacreditava que só era direcionado a ela. A mão dele ainda segurava a sua, os olhos estavam fixos nos seus, a voz tão provocante. Ela não estava conseguindo resistir a tudo isso.

– Assim eu vou engordar. – ela sabia que não era a melhor coisa a se dizer, achou que ele iria ficar chateado, mas como sempre, Elliot a surpreendeu, rindo.

– Vai continuar maravilhosa! – ele desceu os olhos por seu corpo, devorando-o.

Susan abriu e fechou os lábios sem saber o que responder. Ela sentiu que enrubescia e levou a mão que estava livre até o rosto, tampando uma das bochechas. Elliot sorriu um pouco mais enquanto a observava.

– Nos vemos no almoço, Susan! – ele aproximou-se dela e beijou-a na bochecha, bem no canto dos lábios, roçou o nariz em seu pescoço e sugou o ar, em seguida, se afastou dela, soltando sua mão.

– Ok! – Susan não conseguiu articular mais nenhuma palavra. Engoliu em seco e deu um passo para trás, se afastando mais.

Ela estava se virando para atravessar e, se não fosse por Elliot apontar em direção à rua, ela seria atropelada. Susan acenou se despedindo quando o carro passou por ela e atravessou.

Ela entrou no carro sentindo o coração bater com força contra o peito. Ela estava agindo como uma garotinha estúpida, mas não conseguia se controlar. Ligou o carro após conseguir manter o controle e deu a partida.

*

Jude, a babá, levou Amelia até a lanchonete após a escola, como foi orientada. Susan tentou abraçar Amelia quando chegou, mas a menina ainda estava chateada e orientou-a a ficar atrás do balcão, ajudando Benjamin no atendimento. Enquanto caminhava de mesa em mesa servindo e atendendo aos clientes.

Susan observava Benjamin brincar com Amelia e eles rirem juntos. Era muito gostoso de assistir aquela cena. Ela voltou e apoiou-se no balcão.

– Se ela estiver te atrapalhando, pode me avisar Benjamin. – Susan cruzou as mãos e enroscou os dedos um no outro.

– Eu estou me divertindo, isso sim, Susan. – Benjamin jogou o pano de prato sobre o ombro. – Você podia trazê-la aqui todos os dias.

– Não é justo.

– Também acho. – Susan se virou quando ouviu a voz de Elliot bem atrás dela. Ela não tinha notado o barulho da porta e não o viu entrar, muito menos caminhar decididamente em sua direção. Ele ficou do lado dela e se apoiou no balcão também. Seus olhos foram direcionados a Amelia, que se escondeu

atrás de Benjamin quando o viu, apenas o espiando.

– Você chegou cedo! – Susan olhou o relógio, suas mãos estavam tremendo.

– Amelia está aqui! – Elliot sussurrou bem perto dela. – Achei que poderia mostrar a ela que não morde.

– Se me lembro bem, você morde sim! – Susan sussurrou e percebeu que tinha falado uma coisa dessa na hora errada. Suas bochechas ardiam de vergonha e também devido à lembrança. – Agora está um pouco cheio, você espera até a mesa desocupar? – ficou satisfeita por conseguir articular algumas palavras ainda e mudar de assunto.

– Claro! – Elliot piscou, sorrindo. – Você pode me trazer algo para beber?

– Sim, claro! – Susan se virou nervosa, pois quando estava com Elliot não conseguia pensar em como iniciaria a conversa com Amelia. Ela pausou e se virou para ele. – Água tônica não é?

– Isso. – Elliot respirou fundo, mas continuava sorrindo. Quando Susan desapareceu, Benjamin ficou frente a frente com ele o encarando-o. – Eu estou sendo avaliado, é isso? – Amelia se afastou deles, procurando algum lugar para se esconder.

– Não as magoe, Sr. Kane. Não me importo quem o senhor é, mas não vou medir forças se, em algum momento, elas saírem magoadas.

– Eu não vou. – Elliot observou atrás de Benjamin que Amelia o espiava e estava sentada em uma cadeira no canto, perto do caixa.

– Elas já sofreram muito!

– Eu não sei o que elas passaram. – Elliot respirou fundo. – Mas consigo imaginar.

– Eu as considero como se fizessem parte da minha família, não aceito que alguém as magoe. – Benjamin retirou a touca branca.

– Eu prometo Benjamin, não vou machucar nenhuma delas. – Elliot esticou o corpo quando Susan apareceu carregando sua água tônica e um prato com batatas na bandeja.

Elliot observou-a atentamente, enquanto ela o servia e, em seguida, levava o pedido a um cliente. Ele admirava seu corpo, sua postura e como

caminhava graciosamente. Ele precisou fazer um enorme esforço para manter o controle ao perceber que alguém além dele a cobiçava.

– Já devia estar acostumado. – Elliot se virou ao ouvir a voz de Benjamin atrás dele.

– Você acha mesmo que eu devia me acostumar com alguém dando em cima de Susan? – Elliot riu após indagar, mas sentia-se frustrado por não poder fazer alguma coisa.

– Ela é bonita, muitos homens a desejam. Isso acontece sempre.

– Você poderia ter feito um uniforme mais decente, não acha?

– É verão!

– Isso não é motivo para um uniforme tão curto como esse! – Elliot virou o copo.

Amelia riu. Ela prestava atenção na conversa deles. Elliot virou o rosto em sua direção com a expressão séria, parecendo jorrar fogo através de seus olhos e isso foi o suficiente para ela sair e entrar correndo na cozinha. Ele não queria assustá-la.

– Droga! – ele resmungou. – Me traz mais uma água, por favor, Benjamin?

– Sim, senhor!

Susan voltou para o balcão, mas foi atrás de Amelia. Ele aguardou voltar, ansioso. Estava nervoso com aquele almoço, com o que deveria falar e como agir. E havia estragado tudo com Amelia naquele momento. Levou a mão até o cabelo, bagunçando-o. Elliot conseguiu relaxar os ombros quando Susan veio até ele, o informando que haviam desocupado a mesa, ela o levou até lá e o acomodou.

– Você já quer fazer o pedido?

– Eu vou esperar vocês para almoçarem comigo, como combinamos!

Susan respirou fundo. Elliot arqueou a sobrancelha ao notar que ela gostaria de falar alguma coisa, mas não iria.

– O que foi Susan?

– Nada! – ela umedeceu os lábios um pouco nervosa.

– Eu sei que tem alguma coisa te perturbando, o que é?

– Ah, bem. – um cliente a chamou e Susan acenou pedindo para que esperasse. – Amelia não quer almoçar com você, ela ficou com medo do seu olhar. E eu preciso fazê-la comer.

– Quer que eu tente conversar com ela? – ele umedece os lábios, mas estava estampado em seu rosto que sentia receio em fazer isso.

– Obrigada, mas você está com tanto medo dela quanto Amelia está de você. – Susan sorriu.

– Ah. – Elliot sorriu. – É verdade! Eu posso ver você fazê-la comer pelo menos? Eu preciso aprender, não é?

Por essa atitude, Susan não estava esperando. Ela sentiu o coração saltar do peito. Elliot a olhava com tanta ternura e amor que fez suas pernas amolecerem. Ela queria abraçá-lo, beijá-lo e sentar em seu colo e nunca mais se afastar dele.

09 - Encontro

“O que você pode ouvir em uma canção de amor?

Se você pode sentir isso,

Então você está se sentindo com o coração”

A Love Song

Elliot a deixou completamente sem fala. Olhando diretamente em seus olhos, Susan tentava identificar uma faísca qualquer que discordasse de suas intenções. Mas ela notava apenas verdade em seu olhar. Ela não podia descrever o que estava sentindo, parecia que seu coração estava soltando fogos de artifícios, pois ia explodir a qualquer momento. Ele realmente desejava se aproximar de Amelia e dela.

Elliot notava a confusão em seu olhar ao mesmo tempo Susan demonstrava que estava satisfeita com o que ele havia acabado de sugerir. Ele deslizou rapidamente a mão pela mesa e segurou a sua, brincando com os dedos. Ele precisava tocar nela.

– Eu falo sério, Susan! – murmurou apenas para ela ouvir. Inclinou-se um pouco para frente e umedeceu os lábios. – Eu quero assistir você ganhar essa batalha da Amelia.

– Não é fácil! – ela deslizou a língua pelos lábios sem perceber que Elliot praticamente engolia todos os seus movimentos. – E terá que se esconder porque se ela não quer nem te ver, vai fazer um escândalo gigantesco, pode ter certeza disso.

Elliot sorriu, gesticulando positivamente. Ele se levantou rapidamente e com a mão ainda segurando a dela, foi guiado para dentro da cozinha lentamente. Susan soltou sua mão e sinalizou para que ele ficasse quieto. A cozinha estava bem movimentada, Kate e Benjamin não fizeram comentários quando Susan atravessou o balcão com Elliot atrás dela, mas não deixaram de notar e enrugar a testa. Elliot observou Susan puxar uma cadeira e arrastá-la para perto de Amelia e se sentar ao seu lado. A garota estava rabiscando no caderno, o cabelo tampava todo seu rosto, mas ele conseguia ouvir bem o que elas conversavam.

– Amelia, você precisa comer!

– Eu quero batata frita! – Elliot até concordava com ela, a batata dali era a melhor da cidade.

– Nós já combinamos que você vai comer o que eu quiser que você coma.
– Susan levou a mão até a testa, aparentando estar muito cansada. – Eu não vou falar duas vezes, você sabe que comigo não adianta fazer birra.

– Mas mamãe eu quero batata. – Amelia a encarou e soprou o ar.

– Só aos finais de semana! – Susan sorriu. – No sábado vamos passear e comer muita batata, mas durante a semana você vai comer comida mais saudável.

– Ah! – os ombros de Amelia caíram. – Eu posso comer sobremesa?

– Uma salada de frutas. – ao ouvi-la, Amelia fez uma careta divertida, o que fez Elliot rir. De repente, Amelia ergueu a cabeça procurando o som do riso e notando que ela o procurava, Elliot se agachou.

– Na casa da Jude é mais legal. – Amelia resmungou. – Ela faz bolo de chocolate e me deixa comer batata.

– A mamãe vai ter uma conversa muito séria com a tia Jude. – Susan se levantou. – Vem, vamos almoçar e se continuar sendo uma boa garota, talvez a mamãe te deixe comer mais uma sobremesa.

– Diz que vai ser chocolate mamãe?

– Se comer tudo e se comportar, eu deixo você comer o bolo de chocolate que tem na geladeira!

– Eu vou comer tudo mamãe! – Amelia desceu da cadeira e segurou a mão de Susan.

Elliot apenas as espiava. Ele não sabia como eram as crianças ou realmente se Amelia sempre é muito meiga e respeitava Susan. Embora tentasse se rebelar de vez em quando, mas com ela nada parecia tão difícil. Ele as observou desaparecerem através de uma porta no fundo e se levantou logo em seguida, Susan voltou e foi até ele. Elliot queria abraçá-la, mas não se moveu. Ela suspirou e levou a mão até seu braço e o acariciou. Ela precisava daquele contato. Elliot percebeu em seus olhos o quanto ela parecia cansada de fazer tudo sozinha.

– Eu quero te ajudar, Susan. Eu quero participar junto com você de todos os momentos. – ele segurou sua mão e levou-a até os lábios. – Eu quero me

PERIGOSAS TRADUÇÕES

aproximar dela. Eu preciso me aproximar de Amelia.

– Você vai! – Susan continuou o acariciando no braço. – Tente mais um pouco. Você precisa dar mais abertura e tente ficar menos tenso. – Susan sorriu.

– Isso é tão difícil! – ele encolheu os ombros. – É tudo novidade para mim!

– Eu sei que é! Quando eu descobri sobre a gravidez, fiquei totalmente assustada e desesperada. – Susan fixou os olhos nos dele.

– É mesmo? – Elliot sorriu.

– Sim! – ela sorriu. – Joy e Paul me ajudaram muito.

– Jante comigo no sábado, Susan? – Elliot se aproximou dela. – Tenho muitas perguntas.

– Por que não jantamos juntos com a Amelia?

– Assim, de repente? – ee demonstrou medo em sua expressão.

– Não, eu e Amelia combinamos de sairmos juntas à noite, no sábado, você poderia aparecer e pegá-la de surpresa. – ao ouvi-la, ele sorriu.

– É um convite, Susan?

– Talvez! – ela piscou, sorrindo, e se afastou dele, caminhando em direção à porta.

Elliot a observou desaparecer e depois a seguiu. Susan já vestia o avental e atendia um cliente quando ele saiu da cozinha. Olhou-a da cabeça aos pés admirando e apreciando o fato de que a encontrava novamente e poderia viver o que tanto desejou por tantos anos. Ela ergueu os olhos para ele e o pegou olhando para ela pensativo.

*

Quando Elliot foi embora e mesmo com Amelia ainda chateada com ela, Susan ficava suspirando pelos cantos enquanto trabalhava. A imagem de Elliot olhando-a antes de ir embora ficou gravada em sua cabeça. Havia tanto em sua expressão: amor, dúvida, medo... Do que ele tinha medo? Joy que cuidava do balcão ao lado dela percebeu e começou a rir, chamando a atenção de Susan de seu devaneio.

– Do que você está rindo? – perguntou Susan levando o pano de prato

PERIGOSAS TRADUÇÕES

sobre o ombro direito.

– Você fica suspirando e delirando com os pensamentos o tempo todo. – Joy estava sorrindo de orelha a orelha. – Faz muito tempo que não a vejo assim.

– Elliot, você sabe... – Susan encolheu os ombros.

– Não precisa nem me dizer de quem é a culpa, está estampado e sempre esteve, em seu rosto. – aos poucos o sorriso no rosto de Joy foi desfazendo. – Você não me contou como estão se saindo.

– Não nos beijamos ainda! – Susan suspirou. – Ele me pediu para retomarmos de onde paramos.

– E você disse sim, por isso ele te traz sempre presentes.

– É! – Susan encolheu os ombros e abaixou os olhos.

– O que tem de errado?

– É muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, Joy. Sinto medo de ele estar confundindo as coisas por causa de Amelia e... – ela se aproximou do balcão, apoiando os cotovelos e olhando para frente. – descobrir o que realmente sente por mim, e acabar me magoando de novo.

– Ele não tem culpa pelo que aconteceu no passado, Susan. – Joy se aproximou dela, observando sua silhueta. – Eu vejo o mesmo homem apaixonado e a forma que ele te olha, é sincera e intensa. Você não pode deixar o medo atrapalhar vocês.

– Você não percebe nada mais do que isso? – Susan virou o rosto para encará-la e Joy gesticulou negativamente. – Eu vejo também o que ele demonstra sentir por mim, mas há algo a mais em seus olhos, algo que ele não gosta e tenta esconder de mim, isso me assusta, porque sinto que não é bom. Sabe, ele me olha do mesmo jeito que antes, isso não há dúvida, mas vejo uma faísca escura ao redor de seu olhar. Parece um tipo de dor e tristeza quando está olhando para mim, mas ele a afasta rapidamente para que eu não perceba.

– Eu não o conheço tanto quanto você.

– Conheço seu olhar e sinto que algo dentro dele mudou, por isso tenho medo, Joy. E se ele descobrir que não me ama depois de tanto tempo? Talvez ele esteja se apegando ao passado. São tantas dúvidas.

- Se você tem essas dúvidas, porque o deixou se aproximar de novo?
- Porque percebi isso hoje. Quando estou com ele, fico confusa!
- Conversa com ele, Susan. Diz que está com dúvida. – Joy suspirou. – Você sempre foi sincera com ele, não guarde isso para você!
- É, vou fazer isso, mas eu o convidei para passear comigo e Amelia no sábado, eu preciso conversar com ele antes disso e não pode ser aqui, com todo mundo nos observando. – Susan segurou sua mão.
- Nem precisa pedir, eu fico com Amelia.
- Vou ligar para ele. – Susan retirou o celular velho do bolso.
- Hum, já tem o número do telefone dele, é?
- Ele é o pai de Amelia, Joy. É óbvio que ele iria me passar o número.

*

Elliot estava no quarto do hotel, olhava pela janela a cidade diante de seus olhos, mas na verdade não observava nada exatamente. Seus pensamentos estavam distantes. Joseph bateu na porta e entrou sem esperar pela permissão. Ele parou atrás de Elliot e respirou fundo.

- No sábado, eles entregam a casa, Elliot.
- Elliot se virou para encará-lo.
- Demoraram muito! – suspirou. – Me esqueço do quanto às pessoas nessa cidade são diferentes. Trabalham sem motivação alguma.
 - Eu ainda não sei o que você pretende com essa história toda, você não percebe que é...
 - Não é óbvio? – Elliot passou por ele o interrompendo e caminhou até a cama, retirou a camisa e se sentou, jogando-a ao seu lado.
 - Você está arriscando a vida delas, não percebe? – Joseph foi até a janela e ficou olhando para a paisagem a sua frente.

Ele não conseguia entender a si mesmo por estar insistindo em por algum juízo na cabeça de Elliot. Por que fugir dali se tornara tão importante para ele? A rua lá embaixo estava agitada. Algumas pessoas andavam apressadas. Pelo horário, estavam saindo do trabalho. A imagem de Susan invadiu a sua mente. Ele nunca havia se aproximado dela para vê-la de perto, mas se

pegava imaginando-a se havia sardas ou algum sinal em seu rosto. O fascínio de Elliot era tão intenso e o contagiava que o fazia imaginar como ela realmente era, e isso o perturbava.

– Você não entende Joseph. O que eu sinto não dá pra esperar mais. – Elliot caiu na cama, sorrindo.

– Eu entendo, Susan é uma mulher espetacular e sei que vocês têm uma história.

– Ela não é só espetacular, temos uma filha Joseph. Eu acabo de descobrir que tenho uma filha. – Elliot levou a mão até a cabeça. – Não posso simplesmente deixá-las para trás após saber que tudo o que eu vivi nos últimos anos, era uma mentira. – ele suspirou. – Eu sei o risco que estamos correndo, mas não posso. Eu... – ele gaguejou. – não sei o que fazer exatamente. Só sei que não posso simplesmente ir embora.

– O que quer dizer com “não sabe o que fazer”? – Joseph se virou e o encarou.

– Não sei como me aproximar de Amelia!

– Você só está com medo de ela te rejeitar, por isso está com tanto medo.

– A cada dia que a vejo, sinto vontade de abraçá-la e dizer que agora eu estou aqui. – Elliot esfregou o rosto e olhou ao redor com o olhar perdido. – Parece que ela irá ignorar meu abraço. Eu não sei se poderia resistir a uma rejeição como esta. Eu vou me sentir um fracassado por tentar me aproximar da minha filha e não dar certo.

– Mas você vai ter que fazer Elliot. – o celular de Joseph começou a tocar, mas ele não deu importância, continuou olhando na direção de Elliot, retirou o aparelho do bolso, antes de dizer: – Se você quer tanto ficar com Susan, terá que se aproximar com a filha também.

– Eu sei, mas Susan é tão boa, que já está me dando todas as oportunidades que pedi. – Elliot se levantou da cama. – Vou tomar banho, porque Susan e eu vamos nos encontrar daqui a pouco.

– E eu vou atender ao telefone. – Joseph o deixou sozinho no quarto.

Elliot foi para o banheiro e durante o banho ele ficou pensando em Amelia e Susan. Estava na hora de conquistar a pequeninha. A sua pequeninha, que só de pensar na possibilidade, o deixava nervoso.

Ele vestiu uma calça jeans escura, camisa branca colada no corpo, tentando ser o menos pretensioso no modo de vestir, pois queria mostrar que não queria impressioná-la tanto assim. Entretanto, quando Elliot desceu do carro em frente ao prédio dela, a reação de Susan foi completamente diferente da que ele esperava. Era a primeira vez que eles teriam um encontro e ela o tinha convidado. Ele caminhou até ela, que estava parada, com as mãos cruzadas em frente do corpo, segurando uma bolsa preta pequena. Ele sentiu os olhos dela passearem por seu corpo e, instantaneamente seu rosto enrubesceu.

Susan apreciou-o. Elliot sentiu a garganta seca e foi totalmente impossível controlar a reação do próprio corpo em que a excitação tomou conta dele, que, ao parar diante dela, ergueu as mãos e tocou em seu rosto o inclinando para ter acesso aos seus lábios. Ela não resistiu, principalmente ao sentir a fragrância forte de seu perfume masculino, que penetrou por todas as células de sua pele que evocavam uma comoção vibrante dentro dela.

Elliot deslizou a língua pelo céu de sua boca, provocando mais calafrios, totalmente incontrolláveis e, ao sentir sua entrega, ele grunhiu um gemido e afastou-se, ofegante, pois queria pressioná-la contra alguma parede e aproveitar-se da fraqueza dela, como muitas vezes fizera no passado. Admirou seu rosto vermelho, mas dessa vez, a vermelhidão fora provocada por sua barba e aquilo era tão libidinoso... – suspirou, admirando seu corpo, vendo o peito subindo e descendo, forçando a respiração.

Embora tentasse ser discreta, Susan sabia que estava falhando muito nesta tarefa. Seu corpo não permitia esconder tanto. Ela vestia uma calça escura e uma blusa rosa, a mesma que a viu vestir no primeiro dia que a viu usando alguns dias atrás e, embora fosse recatada, os seios fartos não tinha como escondê-los.

– Você está incrível. – sua voz saiu roucamente.

– É? – e a dela quase não saiu.

– Te assustei? – ele encostou a testa na dela.

– Um pouco. – ela respirou sufregamente.

– Me desculpe! – ele afastou-se, soltando seu rosto. – Está sendo difícil resistir tanto.

Ela não respondeu, apenas assentiu. Elliot deu dois passos para trás, se afastando completamente e levou as mãos até os bolsos.

– Para onde você quer ir?

– Podemos caminhar?

– Tem certeza? – ele enrugou a testa um momento e amaciou os lábios.

– Não tenho certeza, mas... – ela olhou para o carro atrás dele e inclinou uma das sobancelhas. – Acho que é um pouco arriscado estarmos em um carro depois do beijo que você me deu. – sorriu.

– Isso te fez lembrar, não fez? – Elliot se virou para o carro também. – Pode não ser no mesmo lugar e nem o mesmo carro, mas aconteceu do mesmo jeito, não foi?

– Sim. – ela olhou para baixo. – Tínhamos brigado e você me pediu para conversar.

– Sim e não discutimos, fizemos amor dentro do carro. – Elliot olhou para o céu estrelado e ficou admirado em como poucas vezes teve o privilégio de ver tantas estrelas brilhando no céu ao mesmo tempo como naquele dia. – E hoje você quer conversar ao invés fazer amor comigo. – ele constatou e ela sentiu um arrepio dominar o corpo. Elliot disse aquela frase como se fosse a coisa mais normal do mundo de se dizer.

– É! – ela mordeu o lábio inferior.

– Eu tive um pouco de esperança de que fosse acontecer igual no passado. – ele encolheu os ombros, mas estava sorrindo e brincando.

– Eu não ia facilitar! – Susan apontou na direção da rua, para caminharem.

– Ah, não sei, não. – Elliot levou a mão até suas costas deslizando os dedos sobre o tecido da blusa. – Acho que você não resiste tanto tempo.

– Pelo jeito continua convencido. – ao ouvi-la, ele inclinou a cabeça para trás e gargalhou.

– Amor, se eu não tivesse me afastado de você quando a beijava, com certeza estaríamos ou subindo para o seu apartamento ou dentro do meu carro perdidos em algum lugar. – Susan tinha a cabeça inclinada, observando seu queixo tomado pela barba e percebendo que era observado, ele desceu os

olhos em sua direção. – Você também quer ficar comigo. – ele ergueu a mão e roçou o dedo em seu nariz.

– Vai acreditar em mim se eu disser que não?

– Nenhum pouco! – ele apertou os lábios deixando-os em uma linha fina.
– Preciso beber algo bem forte!

– Tem um pub perto da lanchonete.

– Então vamos lá! – Elliot continuava com a outra mão em suas costas, provocando muitos arrepios em sua coluna.

Eles caminharam em silêncio até o pub, cada um perdido em pensamentos. Ela não sabia como abordar o assunto e ele percebia que algo a estava afligindo. Sentaram-se numa mesa ao canto e embora tentassem não ser notados, algumas pessoas repararam na presença dos dois.

Susan sentou-se ficando de costas para a porta e as pessoas, pois não queria ver o olhar de ninguém sobre ela naquele momento. Não queria se preocupar com o que estavam pensando.

– Vai beber alguma coisa? – Elliot indagou pegando o cardápio que estava sobre a mesa.

– Um refrigerante. – assentindo, Elliot chamou o garçom que veio atendê-los e pediu as bebidas e alguns petiscos.

– Esse pub não tinha antes. – Elliot disse após o garçom se afastar.

– Não faz muito tempo que inaugurou. – ela apoiou os cotovelos sobre a mesa e cruzou os braços, olhando para ele.

– O que está passando na sua cabeça? – Elliot imitou seu movimento e apoiou os cotovelos sobre a mesa também.

– Eu não sei por onde começar. – ela umedeceu os lábios.

– Susan... – ele suspirou. – Pode falar do jeito que quiser.

– É que... – ela baixou os olhos para a madeira da mesa e começou a raspar a unha nela. – Eu queria saber se você tem certeza?

– Certeza de que, exatamente? – o garçom deixou a bebida sobre a mesa e se afastou. Elliot levou o copo até a boca e deu um gole.

– Você não está confundindo as coisas, Elliot? – ela umedeceu os lábios e bebeu um pouco de refrigerante. – Quer dizer, acabou de saber que fomos
PERIGOSAS TRADUÇÕES

enganados e você pode estar confundindo o que realmente quer com o que sentia antigamente?

– Susan... – Elliot levou a mão até o cabelo, o bagunçando e suspirou, olhou intensamente em seus olhos, sem saber exatamente o que dizer. De repente, a voz de Joseph penetrou em sua mente, avisando-o de que trazê-la para sua vida não seria bom para ela e nem para Amelia. Aquele era o momento certo para abandonar tudo e ir embora. Precisava deixar de agir com o coração e seguir a razão.

– É disso que estou falando. – ela ergueu a mão e com a ponta do dedo gesticulou diante de seu rosto. – Há dúvida aí.

– Não há dúvida alguma, é só que... – ele umedeceu os lábios, sentindo a garganta seca e levou o copo novamente até a boca, dando duas goladas grandes da cerveja, que desceu rasgando. – Eu não tenho dúvida do que sinto por você Susan, nem nunca tive. – Elliot colocou o copo sobre a mesa e levou a mão até o bolso da calça, retirou a carteira e a abriu, tirando dela uma foto e mostrou a ela. – eu carrego essa foto comigo todos os dias, olho para ela antes de dormir e quando acordo.

Susan retirou a fotografia da mão dele e enrugou a testa.

– Eu procurei essa foto e não sabia onde ela estava. – Susan engoliu em seco. – Você disse para mim que não sabia onde ela estava Elliot.

– Eu menti! – ele encolheu os ombros. – Faltando uma semana para ir embora, já sentia sua falta e sabia que não aguentaria esperar muito tempo, então a oportunidade de te levar comigo, mesmo em uma fotografia, surgiu. Eu estava escondido em seu quarto e sua mãe estava brigando com um de seus amantes, você foi verificar o que estava acontecendo e eu peguei a foto para mim.

– Você nem tem vergonha de admitir uma coisa dessas? – Elliot gesticulou negativamente em resposta e ela respirou fundo, mas um sorriso apontava em seu rosto. – Deu certo, digo, a foto?

– Depende... – ele se esticou um pouco para frente e sussurrou. – Me masturbei muitas vezes pensando em você, mas quando o êxtase acabava, eu ficava com raiva por ser tão fraco.

– Hum... – ela enrubesceu.

– Eu estava em Portugal há dez dias. – ele percebeu que Susan precisa de mais informações e daria algumas. – Quando “você tinha me abandonado”, eu fui embora pelo mundo, abandonando tudo e não pisei mais meus pés nos Estados Unidos desde então. Minha avó me pressionava pedindo para voltar e assumir o que era minha responsabilidade, mas eu nunca a ouvi Susan, até ela mandar seu capacho me dizer que eu precisa vir imediatamente para cá.

– E você veio? – ela só percebeu que sua era estúpida quando já tinha feito.

– Eu estou aqui, não estou? – Elliot apoiou as duas mãos sobre a mesa. – Não pensei duas vezes. Durante a viagem até Nova Iorque, eu não parava de pensar na forma que iria te humilhar e em como meu olhar precisaria ser duro e frio quando a encontrasse na casa da minha avó.

– Você achou que eu estava na casa da sua avó? – ela sentiu o peito apertar.

– É, achei, mas achei que podia ser uma armadilha também. – ele suspirou. – Ela nunca a usou para me trazer para cá em todos esses anos, não podia jogar tão baixo depois de todos esses anos. Ela sabia que usar seu nome era jogar no escuro. Como poderia saber que depois de todo esse tempo, eu ainda a amava e que voltaria por sua causa? Mas não era uma armadilha totalmente.

É claro que pensei em fugir quando não a encontrei em minha casa me esperando como eu gostaria Susan, entretanto, seu capacho me orientou a conversar com a minha avó.

– Ela queria te contar a verdade antes de morrer. – Susan sentiu os olhos umedecerem e se recordou do dia em que conheceu sua avó.

– É! – Elliot esfregou o rosto. – Queria limpar a consciência antes de morrer.

– Elliot, não fale assim de sua avó.

– Mas é verdade, Susan!

– Não ouse falar mal de sua avó na frente de Amelia. – Susan o alertou. – Não a influencie.

– Mas...

– Mas nada, Elliot. – Susan segurou o copo e o levou até os lábios,
PERIGOSAS TRADUÇÕES

bebendo mais um pouco do refrigerante. – Então, por onde andou todos esses anos?

– Um pouco em cada lugar.

– E como conseguiu dinheiro estando um pouco em cada lugar? – Susan segurava a parte superior do copo o girando sobre a mesa.

– Trabalhando. – Elliot umedeceu os lábios, percebendo que estava na hora de mudar de assunto. – Você costuma sair?

– Agora tenho outras responsabilidades, mas não me arrependo de trocar a minha liberdade pela vida de Amelia. Passar as noites estudando com ela, fazendo trabalhos da escola, ou apenas passeando com ela pelo bairro é o suficiente. Quando se tem uma filha, seus planos e objetivos mudam completamente. Tudo gira em torno dela e só para ela.

– Eu nem a conheci, mas já me sinto assim. – Elliot sorriu. – Se tem uma mulher capaz de me fazer esquecê-la por alguns minutos Susan, é a Amelia. – ela riu e seu olhar encontrou os dele, percebendo o quanto a olhava com suavidade. – E quando não estou pensando nela, penso em você, mas de forma bem diferente.

– Aproxime-se dela, Elliot! – Susan esticou os braços sobre a mesa e enroscou os dedos um no outro.

– Eu vou! Estou esperando o momento certo para não assustá-la. – ele umedeceu os lábios e inclinou para frente, roçando uma das mãos sobre as dela. – Podemos ir para o meu carro agora? – Susan gargalhou, inclinando a cabeça para trás. Seus olhos brilhavam. – Eu falo sério, Susan. São muitos anos sem você!

– Você não havia pedido um aperitivo para nós? – ela olhou para o garçom que passava perto deles.

– Eu posso cancelar. – ela gesticulou negando e ele bufou. – Eu tentei, não tentei? – Susan riu.

– Tentou! – ela suspirou. – Eu não posso demorar muito, Amelia está com a Joy.

– Se não tivesse que voltar para casa cedo, você toparia? – ele erguia as sobrancelhas sugestivamente.

– Bem, ia depender de como o beijo aconteceria depois que saíssemos

daqui. – ela girou as mãos, segurando a dele dentro entre elas. – Promete ser sempre sincero comigo?

– Sim! – ele ergueu suas mãos e levou-as até seus lábios. – Em todos os sentidos, serei sincero.

10 - Encantada

*“Você tem que me ajudar, eu estou perdendo minha cabeça
Continuo tendo a sensação que você quer deixar tudo isso para trás
Pensei que estávamos indo bem, pensei que estávamos nos segurando
Nós não estamos?”*

History

Quando voltou do encontro, Susan guardou na geladeira o que sobrou do jantar que havia preparado para Amelia comer, antes de sair para se encontrar com Elliot. Amelia não tinha comido tudo e estava bastante pensativa, pouco falava. Joy havia dito que ela já tinha tomado banho e estava de pijama antes do jantar e que não precisou brigar para que cumprisse o cronograma. Susan sentou na cama, ao lado de Amelia e acariciou seu rosto. Conhecia aquela garotinha muito bem para saber que havia alguma coisa muito errada.

– O que houve minha pequena? – Susan aproximou o rosto do dela e beijou-o. Adorava sentir o perfume de Amelia. Era tão suave e infantil que transmitia inocência. Susan adorava aquela pureza. Amelia se virou na cama para encará-la.

– Ah, mamãe! – ela depositou as duas mãos sobre o abdômen e Susan as acariciou.

– Conte para mim, vai!

– É que... – ela enroscou os dedos no lençol. – As garotas da escola brincam comigo e eu não gosto dessa brincadeira.

– Que tipo de brincadeira, Amy?

– Ah. – ela suspirou e seus olhos ficaram úmidos. – Ficam me empurrando e me chamando de bastarda infectada.

– Mas por que falam isso?

– Eu não sei! – ela engoliu em seco. – Eu não estou triste só por isso. Eu não quero ir para a aula amanhã.

– Você sabe que não vou te deixar faltar. – ao ouvi-la, as lágrimas deslizaram pelo rosto de Amelia. – Oh, meu amor, finja que não as escuta!

– Ah mamãe, elas vão mexer mais comigo porque não fiz o dever de casa.

– Você me disse que tinha feito! – Susan a repreendeu. – Está mentindo para mim agora?

– Não, mamãe! – Amelia gesticulou negativamente, enxugou o rosto e umedeceu os lábios. – Eu só não sei o que escrever sobre minha vovó. Eu tenho vovó mamãe?

Susan abriu e fechou os lábios sem saber realmente o que falar. Amelia a pegou desprevenida. O que diria sobre sua mãe. Ela nem sabia se ainda tinha uma. Olhando para os olhos ansiosos de Amelia, Susan sentiu o peito arder, pois já previa o que poderia acontecer depois que Amelia soubesse da estória. Que haviam sido abandonadas quando Susan estava grávida. Pensando em uma forma de fazer doer menos em sua filha, Susan optou por ir por outro caminho.

– Não, meu amor! Sua avó faleceu antes de você nascer. – a língua queimou e o coração parecia que estava sendo perfurado, mas não vacilou ao dizer. Era o certo a ser feito. Susan ficou admirando seu rosto pequeno, que absorvia o que acabava de fazer.

– Oh, mamãe! Por isso não me disse nada sobre ela? – Amelia se ergueu e a abraçou. – Como ela era? – Susan fechou os olhos sabendo que teria que continuar mentindo. Era a primeira vez que mentia para Amelia e isso doía a sua alma.

– Ela era amável, parecia um anjo! – Susan suspirou. – Como você! – Tocou na ponta do nariz de Amélia.

– Me conta mais mamãe? – Amelia sorriu. – Acho que consigo fazer o dever da escola agora.

– Está bem meu amor! – Susan se afastou e buscou sua mochila. – Faremos juntas o seu dever, tudo bem?

– Claro, mamãe!

*

Elliot se sentia tão irritado naquela manhã, pois precisou mudar sua rotina, já que estava começando a gostar de observar Susan e Amelia todos os dias. Elas faziam um ótimo par. Não podia vê-las naquela manhã. Ele precisou ir até a sua casa de verão para aprovar a organização e limpeza. Ao

PERIGOSAS TRADUÇÕES

entrar na casa, ele sentiu o cheiro forte de produto e uma pontada de dor de cabeça ao respirar aquele ar. Haviam pintado as paredes e limpado toda a casa, mas infelizmente, teria que esperar mais um dia.

– Deixe tudo aberto para esse cheiro forte sair! – Elliot disse após descer a escada e aprovar a limpeza. – Eu preciso de reabastecer a dispensa!

– Já foi providenciado! – Joseph estava atrás dele e observava tudo. – Tem certeza que a senhorita Claire não irá procurá-lo aqui?

– Não, por enquanto não. – Elliot foi para fora da casa e respirou fundo. Seus olhos foram em direção do lago. – Vamos sair daqui, o cheiro está muito forte.

– Quando pretende vir?

– Domingo!

Elliot entrou no carro, sentindo-se cansado. Ele precisava de um banho. Já havia perdido nessa manhã com a oportunidade de se aproximar de Amelia. Ele entrou no quarto e rapidamente tomou um banho, enquanto relaxava debaixo do chuveiro, ele percebeu que não tinha perdido completamente a oportunidade e com isso, após o banho, caiu na cama, adormecendo.

*

Amelia passou a manhã toda cabisbaixa. Estava acostumada a chegar à escola e olhar o carro preto estacionado em frente e o homem alto e misterioso a observando. Mas nesse dia, ele não estava lá e sentiu-se triste e com muito medo. Será que ele tinha desistido dela? Será que foi embora? Ela pouco prestou atenção nas aulas. Na hora do intervalo, quando foi comer o lanche que sua mamãe preparou para ela, o deixou cair no chão, pois havia sido empurrada por Bella e suas amigas.

– Olha só a bastardinha! – Amelia olhou para Kate de cima abaixo. Ela era tão grande e brava. Amelia encolheu os ombros sentindo medo, mas não respondeu. – O que houve com a sua língua hoje, hein?

– Talvez seu pai tenha arrancado a sua língua para não sair por aí falando que é filha dele, afinal, quem iria querer ter essa anã como filha? – Amelia olhou para Sophie e sentiu os olhos umedecerem.

– Vão embora daqui! – Josh apareceu de repente e empurrou Sophie, se aproximando em seguida de Amelia e a abraçou.

– Você acha que vai me tirar daqui? – Bella deu um passo à frente e tocou o peito de Josh com a ponta dos dedos.

– Ah, eu acho! – Josh olhou rapidamente para Amelia e se afastou dela, segurou o braço de Bella e a empurrou, fazendo-a cair no chão. – Sai daqui sua feia ou você prefere apanhar na frente de todo mundo?

Bella olhou ao redor e se levantou, limpando o uniforme e se afastou bufando, junto com suas amigas logo atrás. Josh se virou para Amelia que estava com as mãos cruzadas em frente ao corpo e a cabeça estava abaixada. Ele se aproximou e se agachou pegando o lanche no chão.

– Obrigada, Josh! – Amelia esfregou o rosto. – Mas não pode ficar me defendendo sempre.

– Essa menina não cansa? – Josh tocou no rosto dela, enxugando as lágrimas. – Ela te machucou?

– Não! – Amelia exalou o ar. – Já está na hora de voltar para a aula.

– Se cuida. – Josh se afastou e Amelia ficou observando-o até ele desaparecer, antes de ir para a sua sala.

Josh estava um ano adiantado, mesmo que tenha a mesma idade de Amelia, ele começou a estudar primeiro que ela e era muito inteligente, eles sempre foram amigos e ele sempre a protegia. Amelia gostava da ideia de ele ser seu protetor, mas nesse dia, não estava gostando muito disso. Ela se sentou e o professor entrou na sala, tanto Bella quanto Sophie não paravam de cochichar atrás dela e cutucá-la com o lápis, só que dessa vez, ela não quis reclamar. Deixou que elas a perturbassem. Não pensava em outra coisa que não fosse seu papai Elliot.

*

No final da aula, Amelia pegou seu material e saiu da sala ajeitando tudo na mochila praticamente correndo. Não estava aguentando ficar na sala mais um minuto. Bella e Sophia decidiram irritá-la mais naquele dia. Ela jogou a mochila nas costas no momento que conseguiu chegar ao portão. Tinha muitas crianças saindo no mesmo horário que ela e estavam bem apressadas. Ao conseguir passar pelo portão, ela respirou aliviada, pois todo mundo se espalhou e foi quando ela o viu.

Ele estava parado, com os braços cruzados e estava de óculos escuros. Ela

suspirou, parando para admirá-lo. Sorriu e timidamente acenou. Depois do que sentiu por não tê-lo visto naquela manhã, Amy ficou aliviada por vê-lo novamente ali. Seu papai tinha ido à escola apenas para observá-la de novo. Elliot soltou os braços, sorrindo e acenou para ela, caminhando em sua direção.

Ela olhou ao redor, em busca de Jude. Amelia precisava que Jude estivesse com ela. O que iria falar para ele? Suas mãos começaram a suar e ela precisou esfregá-las na roupa para secá-las, mas quando ele terminou de atravessar a rua, suas mãos tremeram. Ela sentiu um frio dominar sua barriga. O que ela iria falar? Como deveria agir? Ele estava se aproximando. Estava tão perto...

– Vai ficar aqui parada sua bastarda! – Bella falou bem perto de seu ouvido e, propositalmente a empurrou pelas costas, fazendo-a cair no chão, ralando os joelhos e as mãos. Amy ficou de cabeça baixa, sem acreditar que aquilo estivesse acontecendo. – Você sabia que é feio mentir? Todos de Avon Park sabe que sua avó fugiu, que abandonou você e sua mãe. Deveria ter vergonha na cara por mentir assim, nanica. – Bella estava bem perto dela, agachada, tendo prazer em falar tudo aquilo, Amy sabia disso, pois estava a olhando nos olhos.

– Você vai sair de cima dela agora! – Elliot se agachou ficando ao lado de Amelia. – Sai daqui agora! Você é o dobro do tamanho dela, como tem coragem de fazer isso? – Elliot gritou sem sequer olhar para Bella que estava assustada por não ter visto ele ali e nem que veria o que acabou de fazer. Geralmente, ninguém via.

– Foi um aciden...

– Se continuar falando, vai se arrepender! – Elliot finalmente ergueu o rosto olhando para a garota com as bochechas rosadas e rechonchudas. – Vai embora daqui!

Bella se afastou rapidamente e Elliot pode dar atenção a Amelia. Ele tocou em seu braço, ajudando a se levantar. Ela estava com a cabeça abaixada. Seu rosto estava vermelho e úmido, pois chorava silenciosamente. Elliot estava ajoelhado e tocou em seu queixo, fazendo com que ela olhasse em seus olhos. Amelia mesmo com o rosto vermelho, parecia tanto com ele e jamais imaginou que algum dia seria pai de uma garotinha como Amelia.

Enxugou suas lágrimas, observando os mínimos detalhes.

Ele não sabia o que dizer, mas sabia o que podia fazer para acalmá-la. Deslizou os dedos por seus braços, até tocar em suas mãos. Analisou o quanto tinha se machucado e retirou a camisa que vestia, ficando apenas de regata. Elliot limpou suas mãos, tentando não machucá-la ainda mais e depois suas pernas. Ele podia ser um bom pai. Amelia não afastava os olhos dele, parecia observar cada detalhe e cada expressão de seu rosto, embora ainda continuasse chorando silenciosamente.

Ela parecia ser uma menina forte. Não estava berrando como muitas crianças faziam quando se machucavam. Após limpá-la, ele se levantou e a segurou no colo, no mesmo instante, Amy o abraçou fortemente. Amelia sentia tanta vergonha por seu pai vê-la passar por isso. Ela não queria que ele pensasse que era medrosa e que não sabia se defender.

– Shi... – Elliot a carregou até o carro, ela o abraçou em volta do pescoço, as pernas em torno de sua cintura e o rosto escondido em seu pescoço. Foi o primeiro contato deles e Elliot sentiu enquanto a abraçava, o quanto Amelia precisava dele. Ela continuava chorando, ele podia sentir seu peito tremendo, sua respiração sufocada, os soluços contidos. – Não precisa ter vergonha de chorar, minha menina.

– Senhor, o que está fazendo? – Jude, a babá de meia idade, ficou séria onde estava, quando o viu carregar Amelia em direção ao carro, se afastou do grupo de mães e babás que batiam papo, e foi até onde estavam. Ela sabia quem ele era, todo mundo na cidade sabia.

– Vou levá-la até a casa dela! – Elliot sequer a olhou. – Vamos!

– A Susan...

– Converso com ela mais tarde! – Elliot acariciou os cabelos de Amelia. Eram tão macios e estavam tão cheirosos. Ela era tão cheirosa. Estava completamente apaixonado pela sua filha. Não queria mais se afastar dela.

– Ela não vai gostar disso!

Sem lhe dar ouvido, Elliot entrou no carro, com Amelia em seu colo. Jude bufou, percebendo que nem ele e nem Amelia queriam se afastar um do outro. Com muito esforço, conseguiu tirar a mochila das costas da garota. Ela entrou no carro em silêncio.

– Eu moro no...

– Eu sei onde mora!. – Elliot a interrompeu. O tom de sua voz lhe pareceu ríspido. – Você sempre fica batendo papo quando as crianças estão saindo da escola?

– Não! – a senhora mentiu e Amelia encolheu os ombros.

– Não foi o que me pareceu durante os dias que fiquei observando vocês. – Elliot suspirou. – Vou conversar com Susan hoje! – Amelia ergueu o rosto, para encará-lo.

– Eu gosto da Jude. Ela faz docinhos para mim. – Elliot sorriu com sua voz doce. – E me deixa ver séries.

– Ela é boa com você? – Amelia assentiu. – Então isso pode ficar entre nós. – Elliot piscou e sorriu, mas no momento seguinte, olhou para senhora Jude. – A partir de agora, não afaste os olhos de Amelia e triplico seu salário.

Amelia esboçou um sorriso tímido, seu rosto estava muito vermelho, mas havia parado de chorar e guiou os olhos para Jude que estava de boca aberta com aquela proposta.

*

No dia seguinte, à noite, após chegar em casa acompanhada de Amelia, Susan soltou os cabelos.

– Mamãe, posso andar de bicicleta? – Amelia parou na frente dela com as duas mãos na cintura e batendo um pé agitadamente no chão. – Fui uma boa garota essa semana. Fiz todos os meus deveres de casa, tirei nota boa na escola, tratei bem a senhora Jude, até me aproximei do meu papai hoje e fui educada. Amanhã não tenho aula, acho que posso andar de bicicleta.

Susan havia retirado a blusa e vestia apenas o sutiã, olhou para Amelia, sorrindo. Ela não conseguia controlar o orgulho que sentia pela forma que sua filha falava.

– Me conte sobre o seu pai. – Susan pediu, vestindo uma camiseta larga.

– Ah, vai me deixar andar de bicicleta? – Amelia estava barganhando e Susan a olhou um pouco incrédula.

– Vai me contar? – Susan deixou-a barganhar, é claro, queria saber o que sua filha tinha conversado com o pai e o que achou dele.

– Vou! – Amelia suspirou. – Ele é tão bonito, mamãe! Agora eu sei porquê é tão apaixonada por ele.

– Amelia! – Susan chamou sua atenção, mas o sorriso teimoso estava estampado em seu rosto.

– A gente conversou bastante. Ele brigou com algumas mães na escola e me defendeu, mamãe. – Amelia gesticulou como se tivesse lutando com alguém invisível.

– É mesmo? – os olhos de Susan ficaram marejados.

– Sim! A Bella me empurrou quando saía da escola e me chamou de mentirosa, falou que eu não devia contar mentira sobre minha avó. – Susan sentiu o coração se apertar. Ela não havia pensado que mentir para sua filha desencadearia em algo ruim para ela, havia se esquecido totalmente de que toda a cidade sabia sobre a história dela ao mentir para Amelia. – Suspirou. – Mas aí o papai me salvou, ele parecia um leão mamãe.

– Ele estava muito bravo?

– Muito! Enxotou a Bella e as amigas dela, e ainda chamou atenção da Jude. – Amelia riu. – Ofereceu até triplicar o salário da Jude se ela cuidar melhor de mim.

– Você gostou dele? – Susan vestiu um short preto, apertado, que ia até o meio da coxa.

– Gostei, mamãe! – Amelia se sentou na cama. – Ele me disse que agora vai cuidar de mim e de você. – Susan agachou-se na frente dela e a abraçou.

– A mamãe não está animada para caminhar hoje, podemos passear outro dia de bicicleta?

– Ah... – Amelia levou uma mão até o queixo, pensamento.

– A mamãe está um pouco cansada.

– Posso pedir para a Jude ir comigo? – Susan assentiu em resposta.

– Mas vista-se com uma roupa mais fresca e não demore muito, está bem?

– “Tá”, mamãe! – Amelia a abraçou e depois levou as mãos até o rosto de Susan dando muito beijos.

Para Susan, receber beijos de Amelia sempre foi suficiente para seu dia ficar animado, mas ela não estava animada naquele dia. Até Elliot percebera

que havia algo de errado com ela, mas não perguntou, ele respeitou seu pouco entusiasmo.

11 - Angústias

*“Aqui estou eu esperando, tenho que ir logo embora
Por que eu estou esperando?
Sabíamos que este dia chegaria
Sabíamos o tempo todo, como chegou tão rápido?”*

Daylight

Naquela manhã, Susan sentiu ao acordar, o peito arder. Todos os anos eram assim, desde que tudo em sua vida se tornou apenas ela e Amelia. Sempre pôde contar com Joy e Paul para tudo que precisassem, entretanto, eles não estavam ao seu lado o tempo todo, pois tinham suas vidas, suas preocupações, mas Joy sabia que data era aquela e respeitava o seu momento.

Susan tentava, com todas as suas forças, controlar aquele sentimento, mas não conseguia, mesmo sua mãe não merecendo aquela consideração. Ela a deixou sozinha a vida toda, mesmo quando estava por perto. Sempre precisou se virar para tudo. Improvisar para conseguir comprar algo para terem o que comer, pois seu vício não permitia sequer pensar em outra coisa que não a droga.

Susan sempre cuidou de si sem precisar dela, mas quando engravidou de Amelia, o medo tomou conta de todo o seu ser. Como poderia cuidar de outra vida se nem podia cuidar da sua? Como podia cuidar de outra vida, sendo que não cuidava nem de sua mãe, que dependia tanto dela quanto ela mesma. E mesmo assim, Susan ainda considerava aquele dia especial.

O sentimento não podia desaparecer assim, tão fácil.

Ela se levantou da cama, sentindo vontade de se deitar de novo e chorar, mas não podia. A vida seguia em frente. Nada parou. Tudo continuou seguindo. Susan virou o rosto e olhou Amelia dormindo. Tocou em uma de suas pernas e suspirou. *Eu não sou igual a ela. Eu não posso ser igual a ela.* Pensou. Amelia dependia dela tanto quanto Susan dependia de Amelia, como se seu bebê fosse seu alicerce, sua segurança para não cair.

Susan se espreguiçou e caminhou até a cozinha em poucos passos. Ela pôs a água no fogo para fazer o café, preparou a mesa enquanto aguardava a água

ferver e voltou para acordar Amelia. Embora não precisasse sair cedo, afinal era sábado e Amelia não tinha aula, Susan queria ficar um pouco sozinha antes de trabalhar. Queria lutar contra aquele sentimento de novo.

Depois de arrumar a mochila com roupas para levá-la até o apartamento de Jude e tomarem o café, Susan prendeu o cabelo no alto, vestiu uma *legging* surrada que ela nem sabia mais qual era a cor, calçou o seu par de tênis mais velho que Amelia e uma regata preta bem larga, prendeu os cabelos e saiu arrastando uma Amelia sonolenta porta afora. Nesse dia elas não conversaram durante o café. Amelia notou que sua mamãe estava séria e desconfortável. Uma vez por ano ela fazia isso e não foi difícil perceber que isso acontecia sempre naquela mesma época.

Sua mamãe estava triste e queria ficar sozinha. Amelia ficou preocupada com ela. Ela estava tão radiante nessa última semana, como nunca a viu assim em toda a sua vida. Amelia se despediu apertando-a em um abraço.

– Eu te amo, mamãe! – Amelia murmurou. Levando sua mão pequena até o rosto de Susan.

– Eu também, te amo! – Susan se ergueu. – Jude, deixe-a pronta por volta das sete horas, sua roupa está na mochila.

– Eu a levo até a lanchonete ou você vem buscá-la?

– Eu venho! – Susan se virou para ir embora. – Nada de ficar muito tempo na frente da TV, mocinha. – ela parou na frente da escada.

– Está bem mamãe, prometo! – Amelia se virou e entrou no apartamento de Jude que fechou a porta atrás delas.

– Já tomou café, Amy?

– Eu quero dormir, Jude! – Amelia caminhou em direção ao quarto de Jude e se jogou na cama.

– Nada de sapatos na cama, Amy! – Jude suspirou antes de caminhar até ela. – Vamos tirar esses sapatos antes de você dormir, hein!

*

Susan parou de descer a escada e levou a mão até o peito, se apoiou na parede e levou a mão onde sentia dor. Embora não merecesse aquela consideração, Susan nunca deixou que a mágoa afetasse seu sentimento completamente, pois ela era sua mãe e vai ser para sempre, mesmo sendo

uma mãe ruim como foi sua vida toda. Ela nunca iria se esquecer que tinha uma mãe que a abandonou e desapareceu pelo mundo. Uma mãe que ela não sabia se estava viva ou se foi mais uma das vítimas de seu vício. Suspirou e ergueu a cabeça, voltando a descer a escada.

Ao sair, o sol tomou conta de seus olhos, mas ainda não estava muito quente. Virou o corpo e se preparou para jogar para fora aquele sentimento. Ela só precisava correr, ficar cansada, fazer a mente, corpo e coração se acalmarem e alinharem.

Quando corria, naquela data em especial, ela pensava em tudo. Nos dias que apanhou pelo simples fato de existir. Nos dias que sua mãe a ofendeu com palavras horríveis quando ainda era uma criança. Nos dias que carregou sua mãe até o hospital por quase morrer de overdose. Ela se recordou de tudo. Como fazia todos os anos naquela data.

Ela correu sentindo raiva, desespero e com desejo de extrapolar, ela queria brigar, bater e ofender também. Afinal, tinha o mesmo sangue que ela. Susan não ia permitir. Não podia permitir. Alguém precisava dela.

Amelia. Sua prioridade.

Amelia. Sua vida. Sua responsabilidade. Seu amor.

Amelia. Precisa dela.

Amelia nunca vai ser abandonada.

Amelia não ficará sozinha nunca, pois ela tem uma mãe, uma mãe de verdade e que se importa com ela.

Amelia a ama, como ela também a ama.

Amelia é sua razão de viver.

Susan fechou os olhos por dois segundos antes de virar a esquina. Ela não estava preparada para encontrar alguém. Ninguém costumava correr nesta cidade a essa hora. Mas ele não era ninguém. Ele a ensinou a correr. Ele a fez gostar de correr. Ele sempre gostou de correr. Ela sentiu que iria cair quando bateu com o corpo contra o dele que a segurou pela cintura para impedir que isso acontecesse. Ela não conseguiria evitar a queda se não fosse ele. As mãos dele seguraram as suas evitando a queda.

Ela estava suada e cansada. Olhou para seu rosto, seu peito. Ele vestia uma regata branca bem colada e short azul. Precisou examiná-lo. Ele não

estava suando e nem um pouco cansado. Ao examinar aquele homem espetacular na sua frente, seu coração faltou sair pela boca de tanto que ficou acelerado.

– Eu te machuquei, Susan? – ele perguntou preocupado. Sua testa estava franzida e seus lábios em uma fina linha. Elliot não gostava quando a machucava.

– Não! – ela levou as mãos até os joelhos se agachando um pouco, tentando ganhar fôlego. Mas não tinha perdido o fôlego por causa da corrida, mas sim porque ele estava ali, na sua frente, mais sexy e másculo do que jamais o viu. – Só descontrolou meu ritmo. – ela mentiu. Tinha que mentir. Ele não precisava saber que a desconcentrava tanto. Que mudava seu rumo quando estava perto dela.

– Me desculpe! – ele esfregou o rosto e depois o cabelo. – Você ainda corre. – ele sorriu por constatar aquilo. Que sorriso meu Deus.

– De vez em quando. – ela fica ereta e alonga os braços.

– Amelia está com Jude? – ele levou os óculos escuros até o topo da cabeça.

– Sim! – Susan umedeceu os lábios e percebeu que os olhos dele seguiam os movimentos de sua boca.

– Mais tarde nós vamos nos encontrar mesmo? – ele deu um passo aproximando-se e os olhos se cruzaram. Ele ficou encarando-a. Tentando penetrar em sua mente para descobrir o que estava se passando dentro de sua cabeça. Elliot parecia notar que algo estava acontecendo de errado com ela. Susan engoliu em seco. Ela não queria que ele sentisse pena mais do que já sentia por tê-la abandonado. – Aconteceu alguma coisa? – ela gesticulou negativamente em resposta.

– Não! – ela umedeceu os lábios novamente, mas com o intuito de distraí-lo, entretanto, os olhos de Elliot não se afastaram dos dela. – Amelia está ansiosa. Ela não parou de falar que o papai dela é o seu herói depois do que fez na escola ontem.

– Ela falou isso mesmo? – Elliot sorriu tanto com os olhos quanto com os lábios. Mas ele percebeu que Susan queria mudar de assunto. – Eu não vejo a hora de ouvir sua voz de novo. De conversar um pouco mais com ela.

– Amy sabe que agora tem você. – o coração de Susan ficou menos angustiado ao constatar aquilo.

Amelia tinha Elliot. Sua filha era amada por mais uma pessoa. Tanto ela quanto Amelia sabiam disso.

– Vocês duas tem, Susan. – Elliot levou a mão até seu rosto, deslizando a ponta dos dedos pelo queixo e bochechas. Algo mudou em Susan naquele momento. – Você não está mais sozinha! – ele não sabia que algo estava perturbando-a até encontrá-la, mas queria que ela soubesse que nunca mais a abandonaria. Nunca mais a deixaria só naquele mundo. Nunca mais deixaria algo perturbá-la como a estava perturbando naquele momento. – Me deixe entrar na sua vida de novo, é só o que eu peço! – ela suspirou profundamente e seus olhos ficaram úmidos.

– Eu não... – Susan abaixou a cabeça. – Eu não quero te perturbar com os meus problemas.

– Os seus problemas são meus agora! – Elliot continuou acariciando o seu rosto. – Por favor, Susan! Me conte! Me deixe entrar de novo!

– Eu quero muito que você entre Elliot, mas na última vez, eu sai muito machucada. – os olhos dela estavam úmidos.

– Eu também fui, Susan! – ele umedeceu os lábios. – Eu senti raiva de você, tentei te odiar, mas quanto mais o tempo passava, mais amor eu sentia.

– Você tentou me odiar? – ele consentiu em resposta. – Eu não te fiz nada!

– Eu também não te fiz, mas nós achamos que sim, não é? Só temos uma pessoa para culpar por termos perdido tanto tempo longe um do outro. – ele respirou profundamente.

– Eu não gosto de pensar que a bisavó de Amelia seja má. – Susan encolheu os ombros.

– Ela age de acordo com os seus interesses. – Elliot acariciou o queixo de Susan. – O que estava te incomodando?

– Ah... – Susan tentou baixar a cabeça, mas Elliot manteve seu rosto erguido, o encarando.

– Diz Susan! – Elliot sussurrou. Não queria que ninguém os ouvisse, mesmo não havendo pessoas na rua.

– É a minha mãe. Hoje é seu aniversário e ela não está aqui. – Susan disse bem baixinho, com receio e timidez. – Eu sei que não devia estar sentindo isso, mas eu sou mãe e sei o quanto é importante mãe e filha ficarem juntas. É só um sentimento de impotência que me domina sempre nessa data. – Susan levou as mãos até o rosto, o tampando, chorando, chacoalhando os ombros.

– Hey, não é vergonha se sentir assim. – Elliot deslizou as mãos e a puxou pela cintura, abraçando-a.

Vê-la assim, com essa dor, com esse sentimento ruim, deixava-o desesperado. Ele queria diminuir sua dor e aquele sentimento. Abraçou-a com força e vontade, acariciou suas costas, deixando-a chorar. Talvez aquele abraço fosse tudo o que ela estivesse precisando, para não desabar completamente. Elliot desejava ser o seu alicerce.

Pela segunda vez, ela estava recebendo um abraço forte naquele dia. Entretanto, não conseguia deixar de notar que até na forma de abraçar, Amelia puxou a ele. O jeito que suas mãos acariciavam suas costas, mesmo com tamanhos diferentes, era parecido.

Ela o abraçou de volta, com seu rosto contra o peito dele, ouvindo o coração bater com força e rápido, era bom saber que causava isso nele. A angústia estava desaparecendo. Seu coração estava se acalmando. Seus pensamentos perturbadores estavam sendo esquecidos. Pelo menos, os relacionados à sua mãe voltavam para a caixa escondida em seu peito, onde a dor era amortecia.

– Você quer correr comigo? – Susan ergueu a cabeça, ao perguntar.

– Como nos velhos tempos? – ele aproximou o rosto do seu e beijou-a na bochecha.

– Não! Como hoje, Elliot, com tudo novo. – ele sorriu diante de sua resposta. Foi um sorriso gentil que alcançou seus olhos. Elliot levou uma das mãos até seu rosto de novo e deslizou os dedos contornando-o, desenhando cada nuance, até que parou em seus lábios.

– Eu quero tanto te beijar, Susan! – Elliot exalou o ar. Ela levou as mãos ao redor do pescoço dele e inclinou a cabeça. – Eu posso? – Susan sorriu com o canto dos lábios ao perceber que ele não estava acreditando naquilo.

– Você está cortando o clima me fazendo esta pergunta, Elliot! – Susan mostrou os dentes em um sorriso maior e mais divertido.

Elliot a estava fazendo se esquecer da angústia, daquela data, de sua mãe, da dor que sentia quando se recordava do dia de seu aniversário. Ele havia conhecido sua vida. Sabia de sua história e do quanto batalhou pela vida de sua mãe.

– Eu jamais corto clima, Susan! – Elliot fixou os olhos em seu rosto e apertou sua cintura, fazendo-a sentir o calor de seu corpo. Ele estava tão cheiroso, tão atraente. Elliot aproximou o rosto do dela e deslizou a barba em sua bochecha. Susan suspirou e estremeceu. – Eu não conseguirei parar de te beijar dessa vez, Susan. – sua voz ficou rouca, baixa, sedutora. O sopro quente saindo de seus lábios tocando em sua pele, a fez esquecer de quem era por um momento. Elliot tinha esse poder sobre ela e o usava. Ele sabia o que causava nela.

– Mas eu não quero que pare! – ela não sabia de onde conseguiu forças para articular qualquer palavra, mas ficou satisfeita por conseguir.

Elliot deslizou os lábios por sua bochecha até tocar nos seus. Quando pediu permissão para entrar e ela lhe deu, ele grunhiu e a apertou com força, empurrando-a, até fazê-la se encostar na parede atrás dela. Ele a pressionou, a apertou, a fez perder o fôlego. E ela queria que ele continuasse fazendo isso.

Entregrou-se completamente a sensação. Sentia sua falta. Sentia falta do seu beijo, do seu corpo contra o dela. Queria mais. Precisava de mais. Elliot afastou o rosto do dela, buscando fôlego e controle. Ele não podia fazer nada ali, onde estavam.

– Você parou. – ela choramingou.

– Estamos no meio da rua, praticamente. – Elliot sorriu. – Não podemos fazer esse tipo de coisa aqui!

– O que você gostaria de fazer agora? – ela deslizou as mãos por seus braços.

– Te levar para o meu quarto!? – ele tocou a testa na dela. Sua respiração estava ofegante. Ela o deixou sem fôlego. Susan ficou tão feliz por perceber isso. – Como eu queria ter você nos meus braços, hoje, agora! Todos os dias a partir de agora. Tem alguma chance de passarmos à noite juntos hoje? –

Elliot estava desesperado. Seu olhar não se afastava da boca dela. – Eu preciso te beijar de novo. – disse sem aguardar alguma resposta.

Ela não estava esperando por outro beijo, mas aconteceu. Entretanto, aquele beijo estava exigindo, implorando por mais. Susan passou os dedos pela nuca dele, apertando-o, fazendo sua boca pressionar ainda mais a dela. Ele gemeu contra seus lábios, seu corpo estava encostado no dela. Susan sentia seu desejo, sua necessidade. Eram tantos anos de atraso para por em dia.

Susan queria poder fazer isso durante o dia todo, mas não podia. Enroscou o dedo em seu cabelo macio, puxando-o para afastar a boca da sua, mas ao fazer isso, ele esfregou o corpo contra ela. Susan sentiu, em seu abdômen, o quanto ele estava excitado. Elliot grunhiu e a encarou.

– Eu tenho que trabalhar daqui a pouco! – ela mordeu o lábio inferior e suspirou em seguida.

– Não podemos aproveitar um pouco mais? – Susan gesticulou negativamente. E o empurrou, para se afastar um pouco dela. Susan sentiu frio e tudo ficou vazio dentro dela de novo, mas por pouco tempo, pois Elliot segurou em sua mão. – Só nos resta correr um pouco. – com a mão livre, ele bagunçou os cabelos. – Eu devo estar parecendo um perverso nesse short, agora. – Susan olhou na mesma direção que ele e sorriu.

– Talvez uma corrida te ajude a acalmar. – Susan o abraçou e beijou seu peito.

– Eu estou feliz agora. Decidi correr esta manhã com um objetivo e agora, tudo mudou, Elliot. Estou diferente de quando acordei, hoje. Obrigada!

– Eu estou aqui, Susan. – Elliot a apertou contra o peito, confortando-a. – Você me deixou entrar de novo, mas dessa vez quero ficar para sempre. Quero estar aqui quando precisar de mim.

Susan não o respondeu. Ela não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Ela jamais imaginou que ele pudesse dizer algo tão forte. Ela devia ficar com medo, mas sentiu o contrário. Seu amor, aos poucos, se acendia por ele. E estava ficando forte de novo. Muito mais do que antes, mas menos que amanhã, pois ela sentia que estava crescendo sem limites todos os dias, a cada conquista.

*

Susan e Amelia entraram de mãos dadas na loja. Elas olharam para a fila grande e procuraram um lugar para sentarem. Elas se sentaram uma ao lado da outra. Estavam nervosas. Mas cada uma de perspectiva diferente da outra. Susan por querer beijá-lo de novo. Amelia por querer saber sobre seu papai mais um pouco.

No dia anterior, quando ele a encontrou, conversaram um pouco. Ela ficou admirada com a sua voz, com o jeito que ele pronunciava as palavras, ele tinha sotaque. De onde seu papai era? Ela se perguntou. E ele lhe disse que não tinha um lugar fixo, até encontrá-la. Agora ele tinha um lugar para ficar. Ela gostou de ouvir aquilo. Foi uma declaração. Olhava seu rosto, admirando. Será que ele amava sua mamãe também? Ela se perguntou. Tinha que perguntar isso para ele. A resposta foi tão sincera, tão séria e tão importante para ela. Amelia chorou. Mas não de dor ou tristeza, mas porque sua mamãe iria ser feliz. Seu papai ia fazer ela feliz.

Olhando para sua mamãe com expectativa, ela se recordava do que havia conversado com seu papai antes de despedir-se dele. Eles tinham feito um trato. Ela o ajudaria a conquistar sua mamãe e ficariam juntos como uma família.

Amelia queria ter uma família grande, queria irmãos. Queria que sua mamãe e seu papai ficassem juntos. Ela decidiu enquanto subia degrau por degrau até chegar ao apartamento de Jude que iria ser o cupido, iria juntar seus pais novamente.

– Mamãe, você acha que ele vem mesmo? – Amelia apoiou as mãos pequeninas sobre a mesa, encarando-a. Ela estava ansiosa, queria por em prática o seu plano de juntar seu papai e sua mamãe.

– Ele disse que virá, meu amor! – Susan levou a mão até o rosto de Amelia e acariciou seu queixo. – Vamos aguardar. Acho que chegamos muito cedo. Fiquei com medo de nos atrasar. – Amelia reparou o quanto ela estava nervosa.

Sua mamãe estava diferente de quando se despediu dela mais cedo. Estava feliz. Amelia queria saber o que tinha acontecido para ela estar tão diferente assim.

– Eu sei mamãe! – Amelia sorriu para ela, fechando seus olhinhos. Susan

PERIGOSAS TRADUÇÕES

havia prendido seus cabelos escuros no alto da cabeça e cortado sua franja antes de elas saírem do apartamento de Jude. Com a franja cortada, o rosto de Amelia ficou mais notável, seu olhar mais intenso e estava cheio de expectativa.

Amelia se parecia muito com ele. Susan achava que ela ficava cada dia mais delicada, mais bela. Às vezes dava-lhe vontade de apertar as bochechas e esmagá-las. Seu peito se enchia de amor o tempo todo por Amelia.

Quando Elliot abriu a porta de vidro, Susan se levantou e cruzou as mãos na frente do corpo. Ela havia se arrumado bastante para encontrá-lo. Embora suas roupas fossem simples, Susan não precisava de muito para ficar perfeita aos olhos dele. Amelia encarou Elliot e depois Susan. Eles estavam se olhando. Se amando com os olhos. Amelia gostou tanto de perceber isso. Vai ser mais fácil do que tinha imaginado.

Elliot andou até elas sem sequer olhar para os lados. Seus passos eram determinados e ele emanava poder e mistério. Ele olhava para Susan e, em seus olhos, ele transmitia o que estava sentindo. Amelia ficou observando-o parar diante delas sem saber o que fazer.

Ele não sabia que atitude tomar, mas para surpresa tanto dela, quanto de Susan, ele puxou a cadeira e ficou frente a frente com sua mamãe, apoiou os braços sobre a mesa e beijou a boca dela. Foi um beijo rápido, mas com muito significado. Ele se sentou e tocou nas mãos de Amelia e depois em sua cabeça.

– Oi! – ele disse a ela. Susan ainda estava em pé, parada.

– Oi! – Amelia sorriu e chamou a atenção de Susan puxando sua saia, que se sentou ao perceber que estava muito transtornada com a atitude de Elliot diante de espectadores.

– Eu confesso que nem sei o que falar agora. – Elliot achou que devia ser sincero.

– Mas eu tenho muitas coisas para perguntar. – Amelia continuou sorrindo.

– Vocês já pediram? – Elliot se virou em direção à atendente, chamando-a. Ele pede uma cerveja e Amelia pede seu hambúrguer duplo com o triplo de batata e refrigerante. – Você come tudo isso?

– Ela come! – Susan respondeu. – Para comer besteira, sempre tem muito espaço.

– Entendi! – Elliot achou graça e segurou a mão de Amelia, brincando com os dedos. Ele queria tocar nela. Saber que tudo aquilo era real. – Quando criança há muito tempo, eu também era assim.

– Então está explicado, tal pai, tal filha. – Elliot gostou de ouvir o que Susan disse. Soou tão bom para seus ouvidos.

– Tal pai, tal filha! – repetiu, olhando para Amelia atentamente. Os olhos eram iguais aos de Susan e ficou satisfeito com a combinação, pois ele tem olhos marrons, o que achava muito comum. Susan tem olhos verdes claros e a pele clara, cabelos castanho claros, lisos e longos. – Ela tem os seus olhos. – Elliot desceu os olhos para a boca de Amelia. – E a boca misturou um pouco. – a pele dela era igual a sua, morena clara, mas mais macia muito diferente da dele.

– Ainda bem que pelo menos os olhos parecem com os meus, porque teve um momento que eu achei que fui uma barriga de aluguel. – Elliot riu com seu comentário.

– Eu acho que meus pés se parecem com os dela, papai. – a voz doce de Amelia chamou a atenção dele. Ela o chamou de papai. Elliot sentiu o estômago doer. Ele não estava esperando ouvir aquilo tão rápido. Definitivamente, ele se tornou pai.

– Eu espero que não. – Susan fechou os olhos um momento. – Meus pés são feios.

– Eu adorava mordê-los. – Elliot fixou os olhos nos de Susan. – Gostaria de morder de novo e, dessa vez, das duas!

– Eu sinto cócegas! – Amelia anunciou.

– Melhor ainda! – Elliot apertou sua mão e a ergueu para verificar se ainda estava ralada. – Seu joelho melhorou?

– Não está ardendo mais. – Amelia umedeceu os lábios e suspirou em seguida.

– Segunda eu vou conversar com o diretor. – ele anunciou. – Isso não pode acontecer de novo.

– Obrigada! – Susan tocou a mão dele que estava sobre a de Amelia. – Eu

PERIGOSAS TRADUÇÕES

estou exausta de tanto reclamar!

– Isso vai acabar em breve! – ele anunciou exasperado. A atendente retornou com a cerveja e o refrigerante de Amelia. – Você vai escolher o seu? – Elliot para Susan.

– Vou sim! – ela pediu seu sanduíche e a atendente voltou até o balcão para entregar o pedido.

– Amanhã eu me mudo para a casa de verão! – com a outra mão ele se serve e bebe alguns goles de uma vez. – Gostaria de apresentar a casa a Amelia.

– Vamos, mamãe? – Amelia olhou para Susan com expectativa.

– Podemos almoçar ou jantar juntos! – Elliot segurou o olhar de Susan com o seu. – Podemos nadar no lago, como nos velhos tempos. – sugeriu, com um sorriso malicioso com o canto dos lábios.

– Muitas coisas para fazer em um dia apenas. – Susan umedece os lábios. – Que horas você vai se mudar?

– Cedo! – Elliot desviou os olhos dos dela e os segue para encarar Amelia. – Mande fazer um quarto para você!

– Um quarto só para mim? – Amelia afastou a mão da dele e a levou até o coração. – Eu posso morar nele?

Susan deveria sentir ciúmes por sua filha preferir a casa de Elliot ao apartamento pequeno dela, mas não foi isso que ela sentiu. Seu coração transbordou de amor ao ver Elliot se dedicar a Amelia, pensar nela como parte da sua vida, mesmo ele descobrindo sobre sua existência há tão pouco tempo.

Eles ficaram conversando sobre a decoração do quarto para Amelia, interagindo sem se preocupar com o que estavam falando. Era muito bom de ver. Eles estavam apaixonados um pelo outro. Queriam ficar perto um do outro. E ela queria ver os dois juntos novamente.

Na hora de irem embora, Elliot se levantou para pagar a conta e todos os clientes ficavam olhando para eles, mas não davam importância aos olhares. Ele foi até o caixa e elas ficaram juntas.

– O que você achou, querida? – Susan indagou assim que Elliot se afastou da mesa.

– Ele é legal! – Amelia sorriu para ela. – Viajou para muitos lugares. Um dia quero fazer o que ele faz. Conhecer o mundo deve ser legal.

– É, deve ser! – elas olhavam uma para a outra, estavam tão focadas na conversa que se assustaram quando a mesa começou a vibrar. Amelia se esticou na direção do aparelho que estava aceso e olhou para a tela.

Claire. Susan se recordou que viu esse nome antes.

– Eu atendo? – Amelia olhou para a mãe em dúvida.

– Melhor não, meu amor, deve ser algo sobre o trabalho do seu pai. – Susan olhou a foto da mulher mais uma vez e a tela apagou.

– Ela é muito bonita. – Amelia suspirou. Susan concordou em pensamentos. – Eu vou perguntar por que o papai tem a foto de uma mulher bonita no celular.

– Porque quando a gente salva um número no nosso celular, é comum salvar com uma foto também. – Elliot se sentou na frente delas sorrindo.

– Quem é ela, papai? – Susan manteve os olhos presos nos dele.

– Ela é a vice-presidente das Organizações Kane! – Elliot cruzou as mãos sobre a mesa.

– E você é o presidente? – Amelia apoiou o cotovelo na mesa, ainda o encarando.

– Não, eu não sou o presidente. Sua bisavó é! – Elliot se levantou. – Vamos?

– O que vamos fazer agora? – Amelia se levantou e caminhou até ele, pegando em sua mão. Susan contornou a mesa e segurou na mão de Amelia também.

– Onde você quiser ir! – Elliot guiou-as para fora, quando saíram, sentiram uma brisa tocar o rosto.

– Eu quero ir a um parque de diversão!

– Tem um parque de diversão em Tampa, vocês querem ir? – ao ouvi-lo, Amelia olhou para Susan com expectativas. Susan baixou a cabeça, fingindo que estava pensando, antes de dizer se podiam ir ou não.

– É claro que podemos ir! – Amelia soltou da mão de Elliot e agarrou as pernas da mãe.

– Obrigada, mamãe!

12 - Cedendo

*“Você está me dando um milhão de razões para te deixar
Você está me dando um milhão de razões para desistir do show
Você está me dando um milhão de razões
Me dê um milhão de razões
Me dando um milhão de razões
Mais ou menos um milhão de razões”
A Million Reasons*

Elliot entrava em seu antigo quarto. O cheiro de produto de limpeza não se destacava por toda a casa como nos dias anteriores. Ele jogou a mala no chão e foi até sacada. De lá, ele podia ver o lago Verona. Apoiou os braços e o corpo olhando para o céu. O sol escaldante não perturbava seus olhos, ele adorava olhar o reflexo do sol sobre o lago. Ele se recordou da primeira vez quando a viu através daquela sacada enquanto aproveitava o calor do verão para nadar. Nos primeiros dias, ficou admirando-a nadar e, a cada dia que passava, Elliot tinha certeza que a misteriosa mulher estava seduzindo-o. Ela era muito provocante, seu corpo era puro pecado. Uma tentação, embora sentisse que havia pureza nela.

Ainda podia ver o sol sobre o seu corpo, os cabelos molhados e todo o azul em volta dela, era um espetáculo para seus olhos apreciarem. Ele imaginou repetir tantas vezes aquela cena nos últimos anos. Susan pulando na água, aproveitando aquele momento, sozinha. Ninguém nadava ali, somente ela e ele apreciava.

“Será que ela traz Amelia para nadar ali, no lago?” Elliot se perguntou. *“Provavelmente não.”* Ele ainda estava extasiado sobre a noite anterior. Os beijos que trocou com Susan, os carinhos que recebeu de Amelia. Foram tão... Suspirou, pois não tinha forma de descrever o que sentia. Simplesmente estava dentro dele, enchendo-o de felicidade como há muito não sentia. Somente Susan foi capaz de proporcionar aquilo e ela estava fazendo de novo. Elliot afastou-se da sacada ao ouvir uma batida na porta, ele abriu e Joseph entrou.

– As visitas chegaram. – Joseph cruzou os braços na frente do corpo.

– Elas não são visitas. – Elliot olhou o relógio, sorrindo. Eles se despediram por volta das 3h da manhã e já estavam de pé. Ele respirou fundo, pois se sentiu nervoso, como um adolescente. Estava em fase de aprovação, não podia decepcionar nenhuma delas. Elliot foi até o banheiro.

– Como elas estão? – Joseph caminhou pelo quarto antes de respondê-lo.

– Aparentemente, bem. – Joseph olhou o celular. – Susan está muito bonita hoje, se é isso que quer saber. – ao ouvi-lo, Elliot voltou para o quarto. Ele segurava uma toalha branca entre as mãos e a esfregou no rosto, para secá-lo.

– Eu não perguntei isso! – Elliot respirou fundo. – Eu não quero que fale sobre ela dessa forma de novo.

– Que forma?

– Desse jeito que está falando! – Elliot jogou a toalha na cama e imediatamente saiu do quarto, sem esperar pela resposta de Joseph. Ele desceu a escada com o amigo em seu encalço. – Parece que fala o nome dela com admiração.

– Não tem como não admirá-la.

– Deixe sua admiração guardada! – Elliot parou de andar no meio da escada e o encarou furioso. – Não quero me preocupar com você Joseph!

– Não tem como evitar, Elliot. – Joseph fechou os olhos um momento. – Mas tudo bem, não vou mais falar desse jeito.

– Ótimo! – Elliot se virou descendo a escada.

– Senhorita Claire continua ligando. – Joseph arranhou a garganta antes de mudar de assunto.

– Continue ignorando. – Elliot parou e se virou para Joseph. – Onde elas estão?

– Na sala de visitas.

– Elas não são visitas! – Elliot se virou de novo, indo até a sala de visitas.

Elliot abriu as duas portas de correr de madeira maciça e entrou olhando para elas. Amelia estava em pé na frente de Susan, que a segurava pelos ombros. As duas estavam com vestidos parecidos – rosa claro, com algumas

rendas, a única diferença é que mesmo tentando esconder, Susan não conseguia esconder o volume dos seios.

Tanto Susan quanto Amelia estavam de tranças no cabelo. Os olhos dele grudaram nos de Susan. Não fazia muito tempo que a abraçou e a beijou, mas já sentia sua falta. Caminhou até ela e beijou suavemente seus lábios, como fez na noite anterior na frente de Amelia. Ao se afastar, Elliot se agachou e abraçou Amelia pegando-a no colo.

– Eu quero te mostrar a casa, seu quarto, o jardim, tudo! – Elliot aproximou o rosto do pequeno pescoço. – Ela está tão cheirosa! – ele sugou o perfume de olhos fechados e Amelia o abraçou.

– O que nós vamos fazer hoje, papai?

– Já tomaram café? – Amelia o puxou pelo pescoço e grudou o rosto no dele. Susan observou aquela cena e desejou tanto ter uma câmera fotográfica para registrar aquele momento.

– Já sim! – Susan abaixou a cabeça. – Viemos muito cedo?

– Não, de forma alguma. Quanto mais cedo, melhor. – Elliot começou a caminhar. – Eu estou faminto, preciso comer alguma coisa.

– Eu trouxe uma coisa para você ver depois. – Susan levou a bolsa até o ombro, os seguindo.

– É uma carta! – Amelia cochichou para ele.

– Que carta? – ele cochichou de volta no ouvido dela.

– Eu não sei! – ela fez uma expressão triste por não ter aquela informação para ele.

– Não tem problema, eu descubro o que é e te conto depois!

– Eu estou ouvindo tudo! – Susan falou bem atrás dele.

– Fomos pegos! – Elliot parou e ergueu uma mão para Susan, que enroscou os dedos nos dele.

Eles agiam como um casal. Susan se deixou guiar, olhando ao redor. Nada tinha mudado, eram os mesmos móveis, mesma decoração da parede, mas a casa tinha um cheiro suave de limpeza impregnado no ar. Ao entrar na cozinha, um lugar que ela não tinha conhecido antes, acabou ficando deslumbrada. Era tudo branco e vermelho. Não havia ninguém na cozinha,

além de Joseph que estava comendo. A mesa estava recheada de coisas deliciosas para comer.

– Mamãe, eu posso comer? – Amelia agarrou o pescoço de Elliot, mas olhava para Susan.

– Você está com fome?

– Eu quero comer tudo que tem na mesa! – ao ouvi-la, Susan sorriu. Sua filha era bem miúda, mas tinha um apetite de gente grande.

– É claro que pode!

Elliot se sentou, com a Amelia em seu colo e Susan ao lado dele. Elliot não queria afastar a mão da dela. Joseph limpou a boca e se levantou.

– Com licença! – deixou o prato dentro da pia e se virou. – Eu estarei lá fora, caso precisem de mim. – eles o observaram sair e assim que Joseph desapareceu, Susan virou o rosto para Elliot.

– Faz tempo que se conhecem?

– Um pouco. – Elliot pegou a panela. – Vocês vão passar o dia comigo?

– Vamos, sim! – Amelia respondeu ao invés de Susan. Ela estava extasiada.

– A minha filha tem mais voz do que eu. – Susan estreitou os olhos. – Tal pai, tal filha!

– Agora que vai conviver mais comigo, vai ficar ainda mais parecida. – Elliot sorriu maliciosamente e Susan fez uma carranca, enquanto enchia uma xícara com café.

– Não se atreva, Elliot! – Susan estreitou os olhos. – Ela é igual a você em tudo e nem precisou conviver para ser igual. Não estrague a nossa filha.

– Eu achei que você gostava do meu jeito. – Elliot levou a mão até a perna dela, apertando sua coxa, erguendo os olhos e encontrando os seus.

– Eu me recuso a responder isso. – Susan se concentrou na xícara de café, mas o sorriso a denunciava.

– Assume que fica melhor, mamãe! – Amelia os interrompeu, rindo.

– A gente não pode fazer isso na frente dela. – Susan o repreendeu.

– Por que não? – Elliot arqueou uma de suas sobrancelhas grossas.

– Porque ela fica com vergonha, papai! – Amelia novamente se intrometeu.

– Essa menina é impossível. – Elliot riu. – Vai me contar tudo sobre sua mãe, né?

– Sim! – Amelia levou um pedaço de bolo até a boca, se lambuzando. – Papai, como vocês se conheceram?

– É uma longa história! – Elliot levou o guardanapo até a boca dela. – Eu não conseguia afastar os olhos dela, quando a vi pela primeira vez. Ela nadava no lago, que fica de frente para o fundo da casa.

– Ele insistiu bastante. – Susan achou melhor esclarecer que não tinha facilitado a aproximação dele.

– Sua mãe não facilitou muito as coisas para mim, é verdade! – Elliot terminou de beber o café, mas tinha um sorriso no rosto, recordando de algo.

– Eu sabia que você só queria se aproveitar de mim.

– Mas eu acabei me apaixonando. – ele concluiu. – O que era um jogo, se transformou em algo muito melhor e mais divertido!

Amelia olhava de um para o outro. Parecia que haviam se esquecido de que ela estava no meio deles. Sua mamãe não afastava os olhos dos dele e nem seu papai afastava os olhos dos dela.

– Eu também me apaixonei! – Susan disse baixinho.

– Mas o sentimento não acabou para mim, ainda continua aqui, só que mais forte do que antes. – Amelia levou as duas mãos no rosto, se esticando para apoiar os braços sobre a mesa, só para poder olhar melhor para eles.

– Comigo também, a cada dia aumenta mais.

Elliot se inclinou para frente e tocou a testa na de Susan, até tocar em seus lábios, deslizar a língua para dentro de sua boca, da forma que queria fazer desde que a viu na sala de visitas. Levou a mão até o pescoço de Susan e deslizou a ponta dos dedos para cravar em sua nuca. Susan gemeu baixinho. Elliot planejava aprofundar o beijo, mas Amelia arranhou a garganta os informando que estava bem ali, perto deles. Eles se afastaram rapidamente e olharam para ela. Susan se levantou rapidamente e começou a tirar as coisas

da mesa, aparentando estar muito nervosa, tanto que suas mãos tremiam um pouco. Elliot apoiou a testa na mesa um momento, para conseguir respirar.

– Ela está com vergonha papai. – Amelia sussurrou em seu ouvido e ele a encarou.

– Eu também estou. – ele não queria perder o controle na frente de Amelia, mas o que sentia estava beirando a loucura. Beijar Susan e não poder ter quando desejava, o torturava. Ele estava precisando de mais, os beijos que trocavam aumentavam a saudade que tinha dela.

– Onde posso guardar essas torradas e pães? – Susan apontava para as coisas na mesa.

– Eu não faço ideia. – Elliot se levantou e pôs Amelia no chão. – Deixe isso aí. Daqui a pouco alguém vai arrumar.

– Tem certeza? – Susan levou as mãos até a cintura, incomodada.

– Tenho! – Elliot ergueu a mão para ela, que a segurou. – Quero ver a carta que você me trouxe.

– Tem algum lugar para Amelia ficar? – Susan apertou sua mão com força e Elliot compreendeu o que ela estava dizendo. Amelia não poderia ver o que ela trouxe.

– Posso pedir para Joseph dar uma volta com ela pelo lago.

– Obrigada! – Susan se deixou guiar e Amelia seguiu na frente deles, olhando tudo com bastante atenção e admiração.

– Meu quarto fica lá em cima? – Amelia apontou para a escada.

– Sim, mas só depois vou te mostrar. – Elliot brincou com seus cabelos. – Que tal dar uma volta no lago?

Joseph aparentou ouvi-lo, pois apareceu no final da escada, no andar de cima. Ele desceu lentamente, parando no térreo.

– Você poderia levar a Amelia para dar uma volta pelo lago?

– Claro! – Joseph havia trocado de roupa. Antes ele vestia uma roupa social, agora estava vestindo uma camiseta azul escura e calça jeans. Parecendo bem descontraído.

– Vocês não vêm? – Amelia perguntou.

– Não, amor! – Susan acariciou seu queixo. – A mamãe precisa conversar

com o papai, está bem?

Amelia consentiu, compreendendo que era aquela conversa para adultos e sua mamãe a avisou antes que precisaria ficar sozinha com o seu papai, para esclarecer algumas coisas.

*

Joseph não levava muito jeito com crianças. Ele não sabia como lidar com elas, mas desde que vira e ouvira a conversa de Elliot com Amelia, observou-a falar bastante, e se encantou por ela. Achava difícil não olhar para Amelia, que era a versão, só que mais bonita, de Elliot. Ele gostou do tom suave de sua voz, totalmente infantil, mas ela falava com uma leveza e não era o tipo de criança que costumava gritar, o que a tornava encantadora. Geralmente, as crianças eram todas barulhentas demais, mas Amelia não era igual a nenhuma delas, pelo contrário. Pelo que percebera, ela convivia mais com adultos, não tinha amigos na idade dela, então, ela falava e se portava como adulto, embora a inocência ainda emanasse dela.

Vê-la na sua frente, ao lado de Susan, de mãos dadas com a mãe, vestindo-se iguais praticamente, trouxe um sentimento que há muito havia esquecido. Na verdade, não se achava capaz de sentir isso novamente. Ele queria protegê-las de qualquer mal que pudesse acometer-se dela. Esse sentimento só sentiu uma vez, algum tempo antes de conhecer Elliot. Gesticulou, tentando afastar os pensamentos e os sentimentos conflitantes e ofereceu a mão para Amelia o acompanhar pelo lago que faria questão de demorar o quanto fosse para dar espaço a Elliot e Susan, e também precisava se manter afastado para conseguir controlar o próprio corpo diante de Susan. Ela causava uma comoção em seu interior e era algo que não conseguia controlar. Precisava aguentar, ou achar uma maneira eficaz de afastar os pensamentos e o desejo que sentia toda vez que a via.

Elliot confiava nele completamente, o mesmo sentimento de Joseph em relação ao seu melhor amigo. Um daria a vida pelo outro. Olhou para a pequena que segurava sua mão enquanto se afastavam da casa. Amelia falava e falava sem parar, e ele não prestava atenção. Elliot confiava nele a ponto de deixá-lo responsável por aquela menininha, tão pequena para sua idade, mas inteligente como gente grande e adorava assistir televisão, como ele. Amelia falava sobre uma série de TV e lhe contava a história, tentando fixar sua

atenção Joseph a fez parar em frente ao lago. Ele não tinha percebido que haviam se afastado tanto, por isso olhou para trás tentando decidir se a distância era boa o suficiente para não preocupar Susan e Elliot. Se sentou e Amelia fez o mesmo, o sol esquentava sua cabeça e seus olhos ardiam por não ter se lembrado de pegar o óculos de sol dentro do carro.

Percebendo seu silêncio e que Joseph não prestava atenção em uma palavra, Amelia arranhou a garganta, chamando sua atenção. Ela não entendi por que os adultos pensavam demais. Sua mamãe fazia muito isso, Joy e Paul, até Jude pensava muito. Ela preferia falar o que pensava, era mais fácil.

– Você conhece meu papai faz tempo, Joseph?

– Sim. Trabalhamos juntos. – Joseph levou a mão até os olhos para protegê-los do sol e conseguir enxergar Amelia melhor.

– Trabalha na empresa do papai? A mamãe disse que papai é dono de uma empresa muito grande.

Joseph encolheu os ombros e virou o rosto em direção ao lago. Ele não costumava falar sobre o trabalho com ninguém, pois ou as pessoas sabiam o que ele fazia ou não dava oportunidade para que perguntassem. Ele nunca havia ficado muito tempo em apenas um lugar, como estava acontecendo agora.

– É, trabalho na empresa de seu pai. – Joseph sentiu um sabor amargo preencher a boca, ele detestava mentir, ainda mais por uma garotinha bonitinha como Amelia.

– E gosta de ver televisão?

O sol refletia sobre a água, algumas árvores fazia sombra e Joseph se lamentou elas estarem tão longe dali, fazia um calor escaldante, que o fazia suar as costas. Suspirou e olhou para Amelia novamente.

– Depende do que assistir, por exemplo, não gosto de ver noticiário, prefiro filmes e séries. – Novamente seus pensamentos foram parar no trabalho e no que ele representava.

Presenciava, diariamente, tanta desgraça que ver mais notícias ruins era como estar em um enterro, pois se sentia em luto. Gesticulou negativamente, tentando afastar os pensamentos e imagens ruins. Ele sentia um desespero incontrolável de que algo ruim se aproximava. Amelia tocou em seu braço,

chamando sua atenção para ela. Olhar aquela garotinha trazia esperança e paz, e foi isso que fez seu peito acalmar.

Amelia tinha um brilho nos olhos, enquanto olhava para ele. Parecia que ela estava olhando para um pote de sorvete ou uma barra de chocolate. Joseph viu admiração sendo transmitido através daquele olhar. Arqueou a sobancelha diante de sua expressão e isso o divertiu.

– Eu amo séries. Estou assistindo *Once Upon A Time* com a Jude. – Ela esboçou um sorriso radiante. – E você?

– Eu o quê? – Joseph dobrou as pernas e levou os braços em volta dela.

– O que você assiste, ora! – Ela revirou os olhos.

– Ah, eu assisto muitas, mas não conheço *Once Upon A Time*.

– Tá perdendo tempo, é muito legal.

– Podemos assistir juntos. Se importa de assistir de novo? – Joseph não acreditava que estava se deixando influenciar pelo que sentia em relação a Amelia naquele momento, mas não conseguia controlar, ainda mais depois da reação da pequena diante do que acabou de dizer.

*

Quando eles se afastaram, Susan e Elliot entraram novamente na sala de visitas.

Ela caminhou lentamente pela sala, olhando a sua volta. Tudo estava do jeito que se recordava. A pintura na parede do mesmo jeito, os sofás nas mesmas posições, a única coisa que tinha de diferente, era uma televisão gigantesca. Susan se sentou no sofá e abriu a bolsa, retirando um envelope amarelo e surrado, ergueu para ele.

– Eu achei que devia te devolver isso! – as mãos dela estavam tremendo.

– O que é isso? – Elliot retirou o envelope de sua mão e o abriu.

– O que você mandou entregar para mim! – Susan cruzou os braços sobre as pernas. – Quer dizer, o que eu achei que fosse seu. E não importa mais, agora sabemos a verdade. Eu queria dizer que não gastei um centavo do dinheiro, mesmo precisando muito durante a minha gravidez. Sua avó vai pensar que sou uma golpista, por não ter usado o dinheiro da forma que ela gostaria, mas eu fiz a minha escolha e sequer pensei em abortar.

– Por que você quer se lembrar disso agora? – Elliot parou na frente dela, com os ombros encolhidos. – Achei que tivéssemos resolvido.

– Eu usei o dinheiro para dar uma boa entrada no apartamento e nos manter por algum tempo. – Susan queria explicar. – Eu não queria educar a nossa filha na casa dos meus pais onde há tantas lembranças ruins.

– Quando minha avó disse o que havia feito, eu corri para cá. Eu tinha que te encontrar. – Elliot a olhava dentro dos olhos, como se tivesse tocando-a, a acariciando, beijando. Susan adorava a forma como eles se conectavam.

– Eu te procurei logo que cheguei à faculdade, havia acabado de descobrir sobre a gravidez e estava completamente perdida. Foi muito difícil ouvir aquelas palavras da sua avó. – Susan mordeu o lábio inferior.

– Minha avó não para de me surpreender! – Elliot olhou para a carta mais uma vez quando Susan abaixou a cabeça timidamente.

– Você não desconfiou por não ter aparecido? – Susan ergueu a cabeça para olhá-lo em seus olhos.

– Ela me contou outra história, Susan. – Elliot se sentou no sofá, ao seu lado. – Ela me disse sobre o dinheiro, mas a história foi totalmente distorcida da verdade, só descobri agora, porque ela me contou.

– Eu tive que aceitar o dinheiro! – Susan sentou ao seu lado no sofá. – Você não me procurou para saber se era verdade, Elliot. Você deveria ter desconfiado, mas se perguntasse naquela época, você aceitaria a minha gravidez?

– Ah, eu te procurei Susan, mas você não estava na faculdade, eu não consegui te encontrar no campus e em nenhum outro lugar. – Elliot soltou o ar exasperado. – Nós combinamos de nos encontrar e eu fui, você não estava lá, e quando voltei para casa, minha avó me contou o que houve, na versão dela.

– Agora não importa mais! – Susan enrolou as mãos sobre o colo.

– Importa sim, Susan! Já que estamos esclarecendo isso para seguirmos em frente, importa. – Elliot segurou sua mão. – As coisas poderiam ter sido diferentes. Eu teria feito tantas coisas para você e Amelia. Teríamos sido felizes nesses últimos nove anos. Desde que te conheci, somente quando estive ao seu lado, eu conheci a felicidade.

– Poderíamos, mas não podemos voltar ao passado, não é? – Susan afastou a mão da sua e levou-a até o cabelo, como se uma mecha tivesse soltado. Ela não estava mais acostumada a ter tanto contato assim. Tantos beijos e abraços, toques no rosto. Ela precisava se acostumar de novo com isso. – Como você vai ser presente tendo tantos compromissos na sua vida agora? – ela o olhou de cima abaixo. Ele podia vestir uma roupa casual, mas seu jeito de agir mostrava que era alguém importante.

– Vamos descobrir juntos. E meus compromissos não vão mudar a nossa vida. Estou decidido! – Elliot sorriu com o canto dos lábios. – Eu quero fazer parte de tudo isso, Susan. E tentarei recuperar o tempo perdido, sei que não posso voltar ao passado e acompanhar todas as descobertas de Amelia, mas quero estar no futuro. Eu nunca te disse que meu pai não foi muito presente e eu sempre me dizia que não seria igual a ele. E não vou ser igual a ele!

Ele a olhou nos olhos, jogando promessas apenas com o olhar. Elliot sabia que ficar com as duas, nesta etapa de sua vida, era um risco, sendo que tinha muitas coisas complicadas, entretanto, ele não conseguiria. Era mais forte que ele.

Susan sentiu a força de suas palavras. Elliot desejava o mesmo que ela em relação à Amelia. Eles não queriam ter o mesmo reflexo de seus pais em relação aos filhos.

– E você está preparado para me contar tudo? – Susan cruzou as mãos uma na outra. – Porque, eu quero saber tudo de sua vida.

– Eu... – ele pausou para suspirar e fechou os olhos um momento. – Estou preparado! – Não poderei contar tudo, exatamente, mas tentaria contar o essencial. – Susan não precisava saber que ele não era mais o herdeiro da família, mas que continuava rico, por outros meios, só que meios muito errados.

– Eu confesso que estou desacostumada em receber tantos beijos com essa frequência que estamos fazendo agora. – Susan brincou com as unhas, como se elas estivessem sujas. Fazia qualquer coisa para não olhar em seus olhos, pois sentia vergonha. – Eu não estou acostumada a ter alguém querendo entrar em nossas vidas.

– Eu estou tão feliz em ouvir isso, Susan. – Elliot admirava seu nariz pequeno e o formato de seu rosto. Sua pele era tão convidativa. Ele suspirou,

fechando os olhos um instante. – Eu imaginei tantas vezes outro homem pondo as mãos em você e isso me enlouquecia.

– Mas você continuou a vida, Elliot. A minha ficou estagnada!

– Eu sou orgulhoso e meu sangue palestino está comemorando nas veias ao saber disso. – ele sorriu. Susan o encarou um pouco chateada por ele não discordar que sua vida seguiu.

– Quantas mulheres?

– Uau! – ele ficou sério e arqueou a sobrancelha. – Quer mesmo saber?

– Foram tantas assim? – Susan levou as mãos até o rosto, os tampando.

– Eu pensei que você tivesse seguido em frente. – Elliot tocou em suas mãos, as afastando do rosto dela. – Eu pensei em você todas as vezes!

– Você está piorando as coisas! – Susan gesticulou negativamente.

– Ah, droga! – Elliot umedeceu os lábios. – Estávamos indo tão bem. – suspirou e olhou atrás de Susan, pensativo. – Eu acho que não foram muitas, umas seis ou sete. Eu não costumo ficar trocando.

– Você sentiu algo por elas?

– Tesão conta? – Elliot sorriu, inocente.

– Não conta! – Susan revirou os olhos. – Eu tentei ter encontros. – foi a vez de ele ficar sério com a conversa.

– Você os beijou?

– Eu não consegui! – Susan foi sincera. – Não foi tão fácil para mim quanto para você.

– Homem tem carne fraca! – ele respirou fundo, segurando suas mãos. Susan ficou olhando para suas mãos juntas.

– Eu sei! – ela ergueu o rosto para encará-lo.

– E sua mãe, Amy nunca a conheceu? – Elliot soltou suas mãos e as levou até o cabelo, bagunçando-o. Susan achava encantador a forma que ele deslizava os dedos entre os fios, havia tanta sensualidade e ela duvidava que ele tivesse consciência disso.

– Não, nunca se conheceram, ela foi embora logo depois que descobriu que eu estava grávida e nunca mais apareceu. Joy, Paul e Josh, eles são o que

consideramos nossa família. – Susan disse aqueles nomes sorrindo. – Amy adora todos eles!

– Você não quer saber o paradeiro de sua mãe? – ela gesticulou negativamente diante de sua pergunta.

– Não vale a pena para mim! – Susan suspirou e achou melhor mudar de assunto. – Você conheceu muitos lugares?

– Sim, muitos! – Elliot sorriu. Susan sempre gostou de saber sobre os lugares que ele já tinha conhecido e sabia que ele pretendia dar a volta ao mundo quando pudesse. – Eu pensei em você em todos os lugares que fui, principalmente, Veneza.

– Você foi? – Susan mordeu o lábio inferior. Provocando-o sem sequer perceber que fazia isso.

– Fui! Eu queria te esquecer, te tirar dos meus pensamentos. – ao ouvi-lo, os olhos dela ficaram úmidos. – Foi lá que consegui esquecer tudo.

– Eu não podia te esquecer. Eu olho para Amelia todos os dias e só vejo você. – a voz de Susan estava embargada.

– Agora podemos mudar isso. Preciso que entenda uma coisa. – Susan o olhou atentamente. – Eu tenho alguns negócios para resolver em Nova Iorque, mas poderei fazê-los daqui mesmo. Até que alguma emergência exija minha presença. – Elliot se levantou e caminhou em direção à janela aberta, olhando o jardim a sua frente. – Quando soube do que houve, eu abandonei tudo o que estava fazendo. Tem algumas pessoas furiosas comigo. – ele se virou para ela, apenas para admirá-la.

– Não estão furiosas a ponto de querer te matar, não é? – Susan se levantou, ainda cruzando as mãos em frente ao corpo. Elliot observou-a de cima abaixo. Se ela soubesse o quanto viver com ele agora era arriscado e que aquilo era realmente possível.

– Não a este ponto! – Elliot mentiu e caminhou até ela.

– Que bom! – ela esfregou a saia do vestido, nervosa. Umedeceu os lábios, mas não olhava para ele de jeito nenhum. Se esforçava para desviar os olhos dos dele.

Ele acariciou seu queixo, o que a fez tremer. Elliot notou a mudança de sua pele e deslizou a ponta dos dedos por seu pescoço.

– Você não procurou saber nada sobre mim, saber onde eu estava? – sua voz saiu tão baixa, como se desejasse que apenas ela o ouvisse.

– O que gostaria que eu descobrisse sobre você? Eu nem sabia por onde começar a procurar. – finalmente os olhos dela encontraram os dele.

– Eu não sei! Depende sobre o que você gostaria de saber da minha vida, na internet há muitas informações. – ele umedeceu os lábios.

– A única coisa que queria saber, você já me disse. Quantas mulheres passaram na sua vida enquanto estávamos afastados. – o rosto dele estava tão perto do dela. Elliot podia sentir sua respiração e o seu perfume. Susan ainda tinha o mesmo cheiro que se recordava.

– Susan, eu quero tanto te beijar de novo. Eu nunca vou me cansar de fazer isso. – ele acariciou sua nuca e roçou o nariz no seu.

As mãos dela foram até o seu peito e Elliot achou que fosse empurrá-lo para se afastar, mas ela fez o contrário, acariciou o peito e deslizou as mãos para cima até enrolar os braços em volta de seu pescoço. Susan ergueu a cabeça para oferecer-lhe os lábios. Ela também queria que ele fizesse isso.

A boca rosada e carnuda estava seca. Ela deslizou a língua para umedecê-la e isso o provocou. Elliot grunhiu com aquela provocação, antes de encostar a boca na sua. Era tão proibido fazer aquilo, mas quem disse que não seria bom? Susan era como o fruto proibido que, de tão deliciosa que era, o fazia desviar completamente do caminho. Como ele adorava se render aquela perdição. Não havia risco que o impedia de ceder àquela boca, aquele corpo e aqueles suspiros. Nunca mais deixaria de sentir isso. Mesmo que precisasse matar alguém.

13 - Pecado

*“É perigoso se apaixonar
Mas quero queimar com você esta noite
Me machuque
Há dois de nós
Temos a certeza do desejo
O prazer que há na dor e no fogo
Me queime”
Fire Meet Gasolina*

O sabor de seus lábios é provocativo, macio e doce. Elliot deslizou a língua lentamente; se recordando e fazendo novas lembranças de seu beijo, do seu perfume e de como ela gemia apenas com um beijo.

Encaixava seus lábios nos dela de forma única, como se não existisse mais nada que pudesse se encaixar tão perfeitamente com ele.

Lentamente acariciou sua nuca, enfiou os dedos em seus cabelos fazendo-a aproximar o corpo do dele. Elliot queria sentir o corpo dela novamente colado ao seu. A mão que estava livre tocou em sua cintura, apalpando. Ele não acreditava que aquilo estava acontecendo.

Elliot não conseguia distinguir se o fruto proibido o estava instigando mais do que o fato de ter o amor de sua vida em seus braços de novo, mas novamente àquela adrenalina que há muito não sentia, estava dominando seu corpo, fazendo-o sentir os batimentos cardíacos agirem freneticamente contra o peito.

Susan estava em seus braços de novo e tudo o que ele havia pedido era que pudesse experimentar a felicidade que somente ela lhe proporcionava mais uma vez. Era tudo o que ele precisava naquele momento, mas sabia que viriam outros e os guardaria na memória para sempre.

Ele não podia continuar aquilo, mas era mais forte que qualquer coisa que algum dia ele enfrentou. Ninguém podia ir contra o que era certo. E Susan era a única coisa que ele considerava certo em toda a sua vida.

De fato, Susan era um pecado. O seu maior pecado e sua perdição total. Ela ainda continuava perfeita, sexy, provocante e inteligente. Ele admirava tantas coisas naquela mulher que não conseguia definir exatamente o que mais gostava nela.

Amava a Susan que conheceu há nove anos, mas a mulher que ela se tornou: determinada, mãe, independente, forte e ainda continuava tão sedutora quanto antigamente, o fez ter certeza do sentimento. Ela o orgulhava.

Recordava-se que, no começo, quando a chamou para sair pela primeira vez, estava fascinado. Era tão difícil encontrar uma mulher tão bonita e irresistivelmente sexy num lugar como aquele, era praticamente improvável. Ele havia perdido as contas de quantas vezes a observou dispensar homens que a abordavam por onde passava.

Ele também havia sido descartado, mais de uma vez. Susan só queria saber de estudar, virar uma ótima advogada, mas ele nunca desistiu. Sua mistura genética de americano com palestino que não o deixou desistir, até que a conquistou, mas ele também havia sido conquistado. O que para ele no início era apenas uma conquista, tornou-se algo muito mais forte e intenso.

Ela resistia ao seu encanto e seu dinheiro. Susan queria um homem inteligente, o que de fato ele era, mas nunca precisou disso para se aproximar de uma garota. Entretanto, com ela foi diferente. Tudo tinha que ser diferente. O beijo, o sexo... Ah, ele se recordava bem. Tinha sido o seu primeiro.

Se recordar disso, naquele momento, enquanto a beijava mexeu com todo o seu corpo. Ele desceu a mão que a tocava na nuca até sua cintura, abraçando-a, fazendo-a se deslocar do chão. Ela afastou a boca da sua para olhar em seus olhos. Susan estava ofegante e o olhar de verde claro, passou para verde escuro. A pupila estava dilatada. Elliot a fez enrolar as pernas em volta de sua cintura.

– Amy deve voltar... – ele a interrompeu, colando a boca na sua enquanto a guiava até o sofá, deitando-a.

– Iremos ouvi-la quando chegar. – Elliot deitou o corpo sobre o dela. Não conseguiu controlar o gemido ao senti-la embaixo dele.

Elliot não deu abertura para Susan impedi-lo. Voltou a beijá-la com toda a lubricidade que surgia em seu corpo. Eram tantos anos para recompensarem o

tempo perdido que não podia controlar o que estava sentindo. Não era apenas o desejo que o dominava, era o amor que nunca deixou de sentir por aquela mulher.

O beijo que antes era moderado, naquele momento transformou-se em algo atroz e selvagem. Ele sentia o corpo dela sob o dele. O calor que emanava de Susan e misturava-se com o seu, impulsionava-o a continuar o que estava fazendo. Elliot deslizou a mão até sua perna, segurando sua coxa.

O vestido dela deslizou até a barriga quando Susan ergueu a perna para receber seu toque. Sua mão vibrou ao sentir novamente aquela pele. Ele moveu o quadril para encaixar-se melhor entre suas pernas e afastou os lábios dos seus, esfregando-se.

Estava ficando fora de controle. Não conseguiria tranquilizar suas ações se continuassem indo por aquele caminho, mas ele não se importava de ir adiante. Susan estava ofegante abaixo dele, os seios subiam e desciam freneticamente. Sua boca estava vermelha, mas não foi a marca de batom que causou aquela mancha, pois sua barba havia feito um enorme estrago em sua pele e, mesmo assim, ela não se importava, pelo contrário, parecia adorar.

Elliot aproximou o rosto de seu pescoço, escondendo sua expressão. Se continuasse olhando-a tanto desta forma, logo ela iria descobrir que algo o incomodava e, a única coisa que ele não queria, era estragar aquele momento.

Roçou a ponta do nariz na curvatura de seu pescoço e a sentiu estremecer. Aquela pele deliciosa, cheirosa e muito macia o torturava. Queria fazer muito mais com ela, embora fosse arriscado fazer isso ali, mas era tão irresistível. Umedeceu os lábios e os tocou em seu pescoço. Ouviu-a gemer baixinho em seu ouvido e isso foi o suficiente para aprofundar o beijo.

– Me toca Susan, preciso que suas mãos me toquem! – ele sussurrou em seu ouvido.

A respiração roçou em seu ouvido, fazendo-a tremer embaixo dele. Aproveitando-se de sua fraqueza, Elliot mordiscou o lóbulo de sua orelha deslizando os dentes e a língua. Susan gemeu. Era tão bom ouvi-la gemer em seu ouvido. Elliot se afastou um pouco, apoiando o corpo sobre o cotovelo e a outra mão acariciava sua coxa, apalpando com força.

– Eu preciso estar dentro de você, Susan! – ele umedeceu os lábios, pois vê-la tão ofegante e vermelha de paixão, o deixava com a garganta seca.

Elliot deslizou os dedos por sua coxa muito macia, até tocar em sua calcinha, que estava úmida. Esfregou os dedos em sua entrada sobre a calcinha. Ela arfou e gemeu. A calcinha estava encharcada. Parecia que estava tendo um momento de nostalgia se recordando de como era tê-la desse jeito, tão entregue em seus braços, mas aquilo era real. Sua Susan estava pronta para fazer amor com ele.

– Vai ser muito rápido quando eu entrar em você. – ao ouvi-lo, ela gemeu. – Sente Susan o quanto eu te quero e que não vou aguentar muito tempo? – ele afastou a mão que estava entre as coxas dela e tocou a sua, que acariciava em seu peito, levando-a até a sua calça. Elliot estremeceu, quando ela abriu o botão e depois o zíper bem devagar, provocando-o. – Você está me matando!

– Eu gosto da sua reação! – ela admirava sua expressão. O fogo em seus olhos castanhos. Ele estava tão másculo e, ao mesmo tempo, tão impotente. Ela quem decidia. Ao abrir a calça, Susan a puxou junto com a cueca um pouco para baixo.

– Eu preciso estar dentro de você, Susan! – Elliot fechou os olhos quando ela tocou o membro enrijecido. – Eu preciso de você agora! – implorou ao senti-la prender o membro na mão e friccioná-lo. – Deus, Susan, eu vou gozar!

– Goza dentro de mim! – ela disse completamente tomada pela excitação.

Queria tanto tê-lo dentro dela. Queria ouvi-lo fazer promessas em seu ouvido, enquanto a preenchia. Elliot desceu o quadril e a mão que estava livre, levou até a calcinha dela a afastando para o lado, mas antes de encostar o membro em sua entrada, ele acariciou o clitóris, fazendo-a gemer e arfar. Os seios fartos subiam e desciam, enquanto circulava o dedo.

– Você toma anticoncepcional?

– Não! – Elliot respirou fundo em resposta.

– Merda, eu não tenho proteção comigo! – Elliot mordeu seu pescoço. – Eu não quero parar agora, Susan. Não posso esperar outra oportunidade acontecer para fazer amor com você.

– Eu... – ela umedeceu os lábios em duvida. – Não tenho condições de cuidar de outro bebê sozinha, você entende isso?

– Não vou te deixar sozinha dessa vez. – ele suspirou contra seus lábios e

PERIGOSAS TRADUÇÕES

a beijou calorosamente, fazendo-a gemer. – Me coloque dentro de você, se quiser arriscar.

Disse pedindo permissão para continuar. Sua ação a seguir dependia totalmente dela e, embora o frustrasse caso o negasse aquele momento, Elliot iria entender.

Elliot praticamente implorou com os olhos para deixá-lo seguir em frente. Olhando em seus olhos, ele dizia que não iria abandoná-la de novo. Mesmo em dúvida e com as mãos trêmulas, Susan acariciou o membro rígido e o apertou, deslizando-o e o sentindo roçar em sua entrada úmida. Elliot sentia o calor emanando dela. Ele desejava que ela o tocasse, apertasse e o deixasse entrar.

Susan simplesmente o obedeceu e gemeu ao sentir o membro rígido entrando lentamente. O dedo dele ainda a acariciava. Depois de tantos anos sem ter relação com alguém, ela estava sentindo uma leve dor.

– Oh, Susan, você está tão apertada como na nossa primeira vez. – Elliot fazia movimentos pequenos, entrando e saindo para não machucá-la de uma vez ao penetrar. – E é tão gostoso sentir meu pênis dentro de você. Você é tão deliciosa!

Ela não conseguia dizer nada, só sentia. Estava um pouco tensa, mas ouvi-lo, a forma que pronunciava aquelas palavras, mesmo sendo palavras tão provocantes, ainda assim, ele a olhava com carinho. Elliot a preencheu completamente e praticamente jorrou o ar de uma vez. Ele também estava tenso. Estava se segurando para aguentar um pouco mais de tempo. Ela mordeu o lábio inferior e levou a mão até a nuca dele, o puxando para beijá-la.

– Isso! – ela afastou um pouco os lábios dos dele quando Elliot se moveu com força para dentro dela.

Gemeu contra os lábios dele e seus olhos reviraram. Ela estava sentindo prazer. O dedo dele ainda fazia círculos em seu clitóris, o que transmitia muitas ondas de prazer. Ela o ouviu gemer contra seus lábios e seus movimentos foram aumentando, se tornando frenéticos.

– Eu... – Elliot sussurrou contra os lábios dela. – Te... – fechou os olhos para se concentrar. – Amo... – “Ah” grunhiu com força. – Estou perdendo para o tempo. – movia-se com força, do jeito que Susan gostava. – Goza

PERIGOSAS TRADUÇÕES

comigo!

– Ah, Elliot! – Susan inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos e ele aproveitou para esconder o rosto em seu pescoço, mas foi tão irresistível sentir aquele perfume na pele dela ficar tão exposta que praticamente implorava por seus beijos. – Eu estou quase. – ele movia rápido e forte, que podia se ouvir os estalos de seus corpos quando se uniam.

– Vem, Susan! – ele disse antes de deslizar a língua em sua garganta.

– Ah... – a mente de Susan foi ficando nublada. O sangue fervia em suas veias, sua barriga estava tremendo e flutuando. Elliot mordeu o pescoço e intensificou a investida. – Ah, meu Deus, Elliot! – ela disse quando sentiu que seu corpo entrou em combustão. Estava explodindo, lentamente.

Enquanto ele a penetrava. Ouviu-o gemer desesperado, sentiu um líquido quente entrando, ficou satisfeito e parou os movimentos do quadril. Elliot jogou o corpo contra o dela, completamente vencido e suado.

– Eu acho que acabamos de fazer outro neném! – Elliot disse após muitos minutos de silêncio, a voz dele soou abafada, pois o rosto ainda estava escondido na curva de seu pescoço. A respiração estava forte e entrecortada. Ele estava em busca de ar.

– Não fala uma coisa dessas! – Susan o abraçou com força.

– Eu não me importo! – ele ergueu o rosto para admirá-la. – Acho que devemos tentar!

– Você não pode estar falando sério. – ela sorriu.

– Já que está com tanto medo. Podemos apenas praticar bastante, não necessariamente fazer outro neném. Vamos providenciar um remédio para você tomar. – ele estava sorrindo também, Susan o encarava sem saber se ria ou se ficava assustada. – Estou muito pesado?

– Por mim, você ficaria o resto da vida aí!

– Se você me der mais vinte minutos, eu posso ficar disposto novamente. – ele arqueou as sobrancelhas inúmeras vezes, maliciosamente e sugerindo algo a mais.

– Amelia pode voltar a qualquer momento, já abusamos da sorte por hoje. – ela respirou fundo e fechou os olhos, quando ele beijou seu colo.

– Eu quero mais de você, Susan! – ele ergueu um pouco o corpo, afastando-se dela, sentiu frio de repente. Susan o segurou pela camisa.

– Eu também te amo! – ela disse por fim. Não teve condições de respondê-lo naquele momento, mas podia agora.

Elliot não disse nada, voltou o corpo novamente para a mesma posição, mas dessa vez somente para beijá-la. Sua mão a acariciava na coxa e a fez enrolá-lo. Acariciando-a com uma mão, ele subiu-a até tocar em seu seio. Queria ficar a manhã toda beijando-a assim, acariciando seu corpo, fazendo amor com ela. Estava delicioso aquele momento.

Eles ouviram a voz da Amelia rindo com Joseph do lado de fora e se afastou de Susan, levantando-se do sofá rapidamente, ajeitando a roupa. Ele estava começando a sentir uma faísca de desejo de novo. Não era tão visível, mas estava suado e com certeza sua expressão denunciava que havia acabado de gozar deliciosamente.

Caminhou até a janela antes que alguém entrasse e os encontrassem nessa situação. Ele não olhou para o sofá, onde Susan estava, mas podia ouvi-la se mover no estofado, enquanto se arrumava e tentava apagar as evidências.

Amelia entrou na sala acompanhada de Joseph. A boca da menina estava suja de chocolate, muito chocolate. Ver aquela cena acalmou-o, um pouco. Pelo menos fez seu corpo amolecer, embora seu coração ainda batesse sem parar. Elliot caminhou em direção a Amelia e agachou-se diante dela, ficando de joelhos no chão e na altura dela.

– Vocês comeram chocolate? – ele olhou para Joseph atrás dele.

– Sim, nós fomos ao lago, brincamos e pedi chocolate. Joseph disse que sabia fazer e me ensinou. – Amelia alargou o sorriso. – Mamãe, Joseph sabe fazer chocolate! Estava tão bom! – ela levou um dedo na boca e o chupou. – Muito gostoso!

– Não tinha ninguém na cozinha para ajudar? – Elliot continuou sorrindo.

– Eu achei que vocês gostariam de um pouco de privacidade e dispensei a cozinheira. – ao ouvi-lo, Elliot sorriu concordando. Não havia pensado nisso. As pessoas que estavam trabalhando na casa, com certeza iriam fazer fofoca se passasse o dia todo vendo os três juntos.

– Obrigado! – Elliot assentiu e Joseph se retirou. Ele se concentrou em

Amelia. – Você gostou do lago?

– Gostei sim! – Amelia assentia com os olhos fechados. – Minha mamãe nadava lá?

– Sim! – Elliot olhou para Susan um momento. Ela ainda estava buscando fôlego. – Ela me seduziu enquanto nadava.

– Elliot! – Susan chamou a sua atenção. – Não é adequado falar uma coisa dessas com a nossa filha.

– O que significa adequado, mamãe?

Elliot e Susan olharam um para o outro e riram.

– Significa que não podemos falar algumas coisas na sua frente. – Susan umedeceu os lábios, timidamente.

– Ah! – Amelia bufou. – Porque é conversa de adulto! – ela enrugou o nariz e fez bico.

– Vamos dar uma volta no lago, Susan? – Elliot se ergueu e se virou para ele.

– Eu achei que devia deixá-los a sós um pouco. – Susan encolheu os ombros. Ela queria falar para ele que precisava se recompor. Cruzou as pernas. Para Elliot foi inevitável olhar para outro lugar, que não as pernas salientes a sua frente.

– Vamos, mamãe! Vai ser legal! – a menina implorou com os olhos. *Ela tem o olhar e jeito meigo da mãe*, Elliot pensou.

– Está bem! – Susan suspirou. – Mas preciso ir ao banheiro antes. – Elliot sorriu.

– Eu te levo lá! – Elliot foi até o *hack* e pegou o controle remoto ligando a TV para Amelia. – Eu vou levar sua mãe e já volto, você fica aqui quietinha?

– Claro, papai! – Amelia ergueu a mão para pegar o controle e se sentou no sofá mais perto da televisão. – Puxa, essa televisão é muito grande!

Elliot segurou a mão de Susan e a guiou para fora da sala, mas assim que saíram, ele fechou a porta e a pressionou contra a parede.

– Eu não vou conseguir manter as minhas mãos longe de você. Não depois do que acabei de sentir. – Elliot levou a mão até a barra do vestido o erguendo. Susan também se aproveitou para enrolar a perna em volta dele. –

Isso! – ele a segurou na cintura e a fez se ajeitar melhor. – Eu quero fazer amor com você de novo.

– Eu também! – Susan enrolou os braços em volta do pescoço dele e enroscou os dedos no cabelo. – Mas aqui?

– Não, melhor no banheiro! – Elliot beijou rapidamente os seus lábios.

– Tem que ser rápido de novo!

– Agora vamos devagar! – Elliot a desencostou da parede e carregou até o banheiro. – Abre a porta para mim? – Susan afastou a mão de seu cabelo e virou o corpo um pouco para abrir a porta. Elliot entrou e fechou a porta com o pé.

– Amelia vai nos procurar!

– Ela vai ficar entretida com a televisão! – Elliot a depositou na pia e desceu as mãos para puxar sua calcinha. Ele olhou para baixo. – Hum, quero te lambar, te chupar. – Susan perdeu o fôlego com o seu olhar, ele parecia necessitado.

– Amelia vai nos procurar, Elliot! – Susan repetiu tentando demonstrar que estava receosa, mas a adrenalina de ser pega por alguém era deliciosa. – Se ela nos encontrar...

– Vai valer a pena cada momento com você. – ele agachou-se ficando de joelhos. – Preciso te lambar! – ergueu o rosto para encará-la. Seu olhar emanava sensualidade. – Coloque uma perna sobre o meu ombro e segure-se na pia, amor. Acho que vai precisar.

Ela o obedeceu e segurou-se. Elliot ergueu o vestido e olhou para o triângulo a sua frente e murmurou algo que Susan não conseguiu compreender. Sentiu um sopro de ar em sua pele que se arrepiou, no instante seguinte, a boca úmida e quente de Elliot se apossou da sua boca proibida, mas que somente ele tinha permissão de se apossar.

14 - Promessas De Verão

“Nós não conversamos o suficiente

Devíamos nos abrir

Antes que tudo seja demais

Será que alguma vez vamos aprender?

Já estivemos aqui antes

É apenas o que sabemos”

Sign of The Times

Elliot e Susan sabiam o quão impossível seria recuperar o tempo perdido, pois a saudade ainda permaneceria entre eles, como uma velha amiga, recordando-os do vácuo que sentiram antes. Mas eles fariam de tudo para conseguir, ao menos, fazer doer menos.

Ainda sentindo êxtase do momento que compartilharam há pouco, Susan ajeitou-se o máximo que conseguiu, seu vestido estava amassado, mas ela não sentia timidez por isso, pois era a prova que estava vivendo de novo. Ela estava viva. E somente Elliot poderia proporcionar tal sensação a ela.

Elliot fazia seu pulso acelerar e não havia conhecido homem capaz de causar tanto alvoroço dentro de seu corpo. Não era apenas o coração que batia forte, pelo contrário, tudo dentro dela parecia uma festa. Enquanto caminhavam até a sala de visitas, onde Amelia estava, Susan sorria para Elliot, com brilho nos olhos, admirando seu rosto.

Ao entrarem na sala, Amelia virou o rosto um instante para eles, mas não deu muita importância, ela assistia um desenho novo que não tinha visto ainda. Elliot aproximou-se de Amelia, sentando-se ao seu lado.

– Ei, está confortável aqui? – Elliot tocou sutilmente a perna de Amelia, que estava dobrada sobre o sofá. Ela havia se acomodado muito bem, como se aquela casa sempre fosse sua.

– Estou! – ela se limitou a responder, virou o rosto na direção dele, mas os olhos ainda estavam pregados na televisão.

– Quer passear com a gente em volta do lago? – Elliot se virou para Susan que apenas observava-os. Ela não queria interferir o momento deles.

– O filme já tá acabando, papai! – Amelia respondeu finalmente olhando para ele. – Pode esperar um pouquinho?

– Claro! – Elliot aproximou-se um pouco mais. – Posso assistir com você?

Susan sentiu os olhos umedecerem e o êxtase que sentia foi substituído por uma onda de tristeza. Se ela e Elliot não tivessem se afastado há alguns anos, aquele momento poderia ser outro e ele não precisaria pedir permissão para assistir televisão com a própria filha. Ela suspirou com força, tentando expulsar aquela dor que atingiu seu coração, mas Amelia a surpreendeu e, provavelmente, a Elliot também.

Sua menina doce e inteligente levou as mãozinhas até o rosto de Elliot o admirando e assentiu, em seguida, o abraçou, deitando no colo de Elliot logo depois, que virou o rosto em direção a Susan erguendo a mão, convidando-a para se juntar a eles. Susan rapidamente segurou sua mão e sentou-se ao lado dele.

O passeio podia esperar, eles só precisavam ter aquele momento em família que há muito havia sido privado.

*

Elliot observava Susan preparar o almoço, pois não quiseram sair para almoçar fora e, enquanto Amelia brincava com seu celular, às vezes a menina interrompia seu momento de admiração à mãe dela, para pedir ajuda a ele. Susan estava um pouco perdida na cozinha e, algumas vezes, pedia a ele ajuda para procurar os temperos.

Elliot aproveitava-se do momento de distração de Amelia com o joguinho para provocar Susan quando pedia sua ajuda. Ele achou que Amelia não perceberia quando abraçasse Susan por trás, que mexia numa panela, roçando seu corpo no dela.

– Parece delicioso! – ele sussurrou em seu ouvido. Susan apoiou a cabeça em seu peito.

– Amelia gosta muito!

– Ela puxou a mim até nisso! – Elliot abaixou-se um pouco e beijou seu pescoço.

– A Amelia, Elliot! – Susan protesta, mas não o afasta.

– É bom ela saber que estamos juntos logo de uma vez. – ele mordiscou

PERIGOSAS TRADUÇÕES

seu pescoço e a ouviu soltar um gemido aflito. – Hum, estou com muita fome, mas isso não tem nada a ver com comida.

– Acalme-se, estamos na frente de nossa filha!

Susan buscou força para murmurar, mas saboreou a frase que acabou de dizer. Amelia era filha deles e estava ali acompanhada dos dois.

– E ela está concentrada no celular, deixei o volume no alto para saber o que está acontecendo.

– Interessante!

– Então posso aproveitar um pouco de você enquanto a nossa filha joga.

Ela se deleciou não apenas com as mãos dele deslizando por seu corpo de maneira totalmente indiscreta, mas também com a voz rouca em seu ouvido quando disse “nossa filha”. Era melhor ainda ouvindo dele. Elliot ficava ainda mais sexy sendo pai.

Antes de eles irem até a cozinha preparar o almoço, eles foram até o lago. Elliot carregou Amelia nos ombros, depois a girou no ar, fazendo-a sorrir e gritar de alegria, seus cabelos escuros e longos ficaram bagunçados e soltos, mas o que isso importava, afinal, a menina dos olhos de Susan estava feliz e Elliot também. Ela não podia se sentir mais rica.

E agora estavam ali, se amassando, enquanto ouviam Amelia jogar no celular. Elliot deslizava a língua subindo pela curvatura de seu pescoço lentamente até se aproximar do ouvido de Susan.

– Eu quero te amar agora! – ele disse bem baixinho e Susan não soube dizer se isso tinha a ver com o desejo ou ele estava tomando cuidado para que Amelia não o ouvisse. Talvez um pouco dos dois.

– Teremos todo o tempo do mundo para isso.

– Eu não quero pensar no futuro, mas no agora! – Elliot ergueu a frente de seu vestido e deslizou a mão entre suas pernas.

– Elliot... – a voz de Susan saiu alta e embargada.

De repente o som do jogo cessou e Elliot estagnou, seus dedos já tinham afastado a calcinha de Susan para o lado e estava pronto para agir.

– O que você tá fazendo com a roupa da minha mamãe, papai?

– Merda! – Elliot resmungou no ouvido de Susan que mordia o lábio

inferior. Ela não sabia se ria ou ficava brava pelo fato de terem interrompidos.

– Controla essa boca suja quando estiver perto de Amelia.

– Só a usarei com você, meu amor! – Elliot solta o vestido e se afasta de Susan, virando-se para Amelia. – Eu estava arrumando o vestido da sua mãe, ele ficou agarrado no fogão.

Susan abaixou a cabeça, soltando um riso contido, mas se controlou para não estragar a mentira mais deslavada que ouviu em toda a sua vida. Elliot voltou para perto de Amelia, sentando-se ao lado dela, que pareceu satisfeita com a explicação do pai.

Elliot levou o braço esquerdo ao redor dos ombros de Amelia e a orientou com o jogo, às vezes, revezavam quando Amelia precisava de mais moedas. Susan os assistia enquanto esperava a comida ficar pronta.

– Eu não sabia que você gostava de jogar!

– É um passatempo! – Elliot entregou o celular para Amelia, mas olhou para Susan. – Agora eu tenho muito que fazer aqui. – ele arqueou as sobrancelhas diversas vezes, sorrindo maliciosamente.

– Enquanto observava vocês, me lembrei que você me disse sobre a sua avó estar doente. – ao ouvi-la, Elliot fechou o sorriso.

– Eu disse! – ele cruzou os braços e apoiou os cotovelos sobre a mesa.

– Essa é a última semana de aula de Amelia e ela ficará de férias, por que não a leva para conhecer a sua avó?

– Eu tenho mais uma avó, mamãe?

– Não, essa é sua bisavó! – Susan suspira. – Ela é avó de seu papai.

– Eu quero conhecer minha bisavó. – Amelia interrompeu o jogo.

– Eu não acho uma boa ideia. – ele engoliu em seco.

– Por que não? – Susan caminhou até a mesa e apoiou as mãos na cadeira em frente a ele. – Ela tem esse direito!

– Ela não é uma boa pessoa Susan e pode magoá-la. – Elliot disse apertando os dentes.

– Acho que ela não seria tão ruim assim com Amelia. – Susan se sentou e juntou suas mãos, entrelaçando os dedos.

Amelia observou-os com atenção e sorriu.

– Você é muito boa, Susan. – Elliot segurou uma de suas mãos, virou-as para cima e deslizou beijos pela palma carinhosamente.

– Ela não conheceu a avó e não quero privá-la de conhecer a sua, não enquanto ainda ela tem tempo. – Susan suspirou e apertou as mãos dele. – Pense nisso! – ela pausou e olhou para Amelia que sorria para eles. – Por sua filha, Elliot!

Susan ouviu o apito do forno e levantou-se para verificar se o frango estava assado. Ela ouviu Elliot se levantar após Amelia voltar sua atenção para o jogo e ele se aproximou dela, mas diferente de antes, ele ficou ao seu lado na pia.

– Ela sabe o que aconteceu a sua mãe? – Elliot a observou engolir a saliva e sua respiração subir e descer lentamente. Os olhos de Susan focavam no chão. – Não contou a ela?

– Não tive coragem. – Susan juntou as mãos na frente do corpo e ergueu os olhos para olhá-lo. – É difícil e complicado.

– Você não tem vontade de descobrir o que aconteceu com ela?

– Ela me abandonou quando eu mais precisei Elliot. Se quisesse saber o que aconteceu comigo, ela sempre soube onde eu estaria, era só voltar para cá. – Susan suspirou. – Estou tentando me conformar e seguir em frente.

– Você acha que ela ainda está viva?

– Eu não penso desse jeito, mas já que perguntou, sim! – Susan ergueu a mão e tocou em seu rosto. – Vamos almoçar e esquecer isso, dói menos quando escondo isso aqui dentro. – ela levou a mão que tocava em seu rosto em direção ao coração. – Quanto menos falarmos sobre isso, melhor!

Susan tirou a tigela do forno e levou até a mesa, arrumou os pratos, os copos e os talheres. Elliot sentou-se ao lado dela, tirou o celular de Amelia obrigando-a a prestar atenção na comida e almoçaram em silêncio. Enquanto levava uma garfada e outra até a boca, ele não tirava os olhos de Susan. Ela estava remoendo a conversa que haviam acabado de ter e isso a deixou perturbada, ele percebeu.

Ela aparentava ser forte em relação a sua mãe, queria não demonstrar que aquilo a magoava, mas ele a conhece há anos e, desde que seus caminhos se

PERIGOSAS TRADUÇÕES

cruzaram e começou a se envolver com Susan, ela nutria mágoa em relação à mãe e, ficar longe dela, só a deixava ainda mais triste.

Elliot queria eliminar todos os resquícios de tristeza de Susan e se tivesse que ir até o fim do mundo para descobrir o paradeiro ou o que aconteceu a mãe dela, ele o faria. Colocou o garfo sobre o prato, sentindo-se satisfeito e não apenas com a comida deliciosa que Susan preparou para eles, mas com o que havia decidido fazer.

*

O dia estava acabando. O primeiro dia deles juntos como uma família. Elliot não queria se afastar das duas nunca mais e, enquanto as observava vestir os Cardigans, pois começava a ventar do lado de fora, o sol estava se pondo. Ele se aproximou de Susan que estava agachada em frente à Amelia, ajeitando seu cabelo.

– Fiquem aqui hoje! – ele estava sentindo receio de se afastar delas por algumas horas.

– Nós temos a nossa casa, Elliot! – Susan suspirou e ergueu o rosto em direção a ele.

– Eu não quero ficar mais um dia sem vocês! – ele umedeceu os lábios. – Quero dormir a noite com você, te abraçar enquanto dormimos.

– Elliot... – Susan se ergueu, ficando de frente para ele.

– Eu quero fazer Amelia dormir.

Elliot suspirou. Ouvir aquilo esmagou o coração de Susan. Ele estava jogando muito sujo com ela. Susan não tinha argumento para isso. E ela diria o quê, afinal? – ela mordeu o lábio.

– Ficar aqui com você hoje, é muito cedo, não acha? – ela engoliu em seco, sentindo a garganta ficar apertada.

– Não, já perdemos muitos tempo, Susan!

– Eu sei, mas... – Susan baixou os olhos para olhar o chão. Ela queria aceitar aquela proposta, queria muito, mas tinha que pensar em Amelia, era uma mudança tão drástica para sua menina. – A gente precisa ir devagar, não acha?

– Porra Susan, a gente perdeu nove anos e você quer ir devagar. – ele

respirou fundo. – Hoje não foi um dia bom? – ela assentiu em resposta. – Por que não podemos ter isso todos os dias?

– Porque nós estamos nos conhecendo de novo. – Susan deixou os ombros caírem e ergueu os olhos para ele, o encarando nos olhos. – A gente precisa pensar em Amelia, Elliot. – ela disse baixinho.

– Eu quero ficar aqui, mamãe! – Susan desceu o olhar para sua filha, que os olhava com expectativa. – Eu não quero ir embora!

– Você quer ficar com seu papai? – Susan agachou-se, ficando na sua altura. Amelia assentiu.

– Quero! – ela levou as mãos nos ombros de Susan e depois segurou seu rosto. – Me deixa ficar com meu papai, mamãe?

Ah, aquilo foi de partir o coração de Susan. Olhando o rosto de sua filha, ela percebeu que Amelia sentia medo de ficar longe do pai e ele desaparecer. Susan sentiu os olhos marejarem e, suspirando, levou as mãos até as de Amelia que a tocava em seu rosto.

– Vamos ficar mamãe? – Susan podia sentir o medo que sua filha estava sentindo. – Quero mostrar para o papai aquele negócio que a gente faz com os pés.

– O que vocês fazem? – Elliot agachou-se também.

– A gente fica de frente uma para a outra, com os pés juntos. – Susan afasta as mãos das de Amelia e mostra para Elliot às duas mãos uma contra a outra. – Sempre fazemos isso, me traz conforto.

– Então me deixe fazer parte disso também? – Elliot suspirou. – Por favor, Susan!

– Vocês conseguem derrubar todas as minhas estruturas! – ela disse completamente vencida. – Estou vendo que vocês dois juntos vai ser um perigo.

– Isso é um sim? – Elliot se ergueu e estendeu a mão para Susan, que a segurou e ficou de pé.

– É claro! – ela suspirou. – Você fica com Amelia enquanto vou buscar nossas coisas?

– Não, nós vamos juntos! – Elliot levou a mão até as costas dela e

deslizou os dedos carinhosamente. – Vamos trazer tudo para cá!

– Elliot... – mas Joseph entrou na sala e interrompeu o que quer que Susan fosse repreender. Elliot agradeceu o amigo em pensamento por entrar naquele momento.

– Senhor! – Joseph segurava o celular na mão.

– Só um momento, já volto! – Elliot aproximou o rosto do de Susan e a beijou na testa, se virou e caminhou até a porta que Joseph segurava e saiu, fechando-a a suas costas. – O que houve?

– Sua avó teve uma piora! – Joseph suspirou.

– Ah, merda! – Elliot levou a mão até o cabelo e o bagunçou.

– Ela o está chamando de novo! – Joseph leva a mão até a testa.

– Ela ainda está falando? – Joseph assentiu confirmando. – Essa mulher tem vida de gato, só pode!

Ao ouvi-lo, Joseph soltou um riso contido, mas Elliot percebeu o quanto ele estava se controlando em não rir.

– O que eu digo? – Joseph ficou sério de repente e soltou uma baforada de ar.

– Nada, ignoramos, como sempre. Deve ser mais uma jogada da minha avó, mas continue se informando. – Elliot virou para voltar à sala, mas voltou-se para Joseph. – Preciso de um favor seu!

– Claro, o que você precisa?

– Preciso que descubra o paradeiro dos pais de Susan, principalmente sua mãe.

– Está certo, vou verificar isso. – Joseph se virou, deixando-o sozinho, observando-o se afastar.

Quando Elliot voltou para a sala, as duas estavam sentadas no sofá, vendo televisão. Era aquilo o que Elliot mais queria ver; a mulher de seus sonhos e a filha ali com ele, naquela casa onde havia recordações incríveis do amor que sentiam um pelo outro.

*

Joseph ouvira um barulho no corredor, ele estava no quarto, deitado e olhando para cima. Havia uma garota, Brienne que ligava incessantemente.

PERIGOSAS TRADUÇÕES

Ela tinha em torno de vinte anos, corpo curvilíneo, bastante atraente, mas ele não se sentia confortável em sair com uma garota tão jovem. A verdade era que Joseph não sentia tanto interesse como costumava acontecer antigamente. Ele não conseguia afastar uma mulher da cabeça. O que sentia quando a via era completamente novo. Seria bonito se não fosse trágico e impossível. Susan não era para o seu bico. Ela pertencia a Elliot e, por mais que sua mente repetisse ao coração que não havia chances e que ela nunca se interessou por outro homem que não fosse Elliot, mesmo após ser abandonada por ele, não conseguia afastá-la de seus pensamentos.

Joseph se levantou da cama, que rangeu com seus movimentos e caminhou pelo quarto em direção à porta. Aquela casa fora a primeira em anos que ele dormia. Além de ser uma casa de verdade, a casa de verão de Elliot dispunha de muito conforto. Algo que ele nunca fora habituado. Havia sofisticação nas dobradiças das portas, nas maçanetas, no guarda-roupa e nos lençóis da cama. Havia pouco tempo que estava ali, mas se acostumara com tudo aquilo.

Avon Park era tranquila em vista dos lugares por onde havia passado nos últimos anos e era a primeira vez em anos que podia dormir sem se preocupar com o que aconteceria enquanto estivesse dormindo, entretanto, sentia falta da adrenalina, do medo e da vitória. Suspirou e abriu a porta do quarto, avistando Elliot e Susan aos beijos pelo corredor, eles tentavam chegar até a escada, mas não conseguiam ficar afastados um do outro o que o faziam parar no meio do caminho. Joseph respirou fundo ao ouvir o riso frouxo de Susan e, em seguida, ela gemeu.

– Merda! – Joseph fechou a porta lentamente, evitando fazer barulho e se virou olhando para a cama. Respirou fundo quando imagens de Susan deitada sobre ela sobressaltou diante de seus olhos. – Eu preciso tirar essa mulher da cabeça!

Ele caminhou até o criado mudo, pegou o celular e discou o número que sequer pensava em ligar, mas seu corpo e mente precisavam de distração. Após desligar o celular, Joseph vestiu uma calça jeans com rasgos no joelho, camisa da Calvin Klein cinza sem estampa, de gola V, bem colada no peito e braços. Foi até o banheiro escovar os dentes e passar perfume.

Olhou-se no espelho, mas não conseguia se enxergar através do reflexo, a

única coisa que via, era seu desespero. A barba estava por fazer e o cabelo estava crescendo, de maneira rebelde. Suspirou antes de dar mais uma olhada no seu reflexo e saiu do banheiro, jogando o celular no bolso e carteira em outro bolso, sem saber exatamente para onde levaria Brienne.

Talvez a levasse diretamente a um motel, não sabia ao certo, mas tinha apenas uma certeza; de que iria passar a noite fora.

Desceu os degraus sem fazer barulho e passou pela porta da sala, que estava aberta. Elliot e Susan pareciam se esquecer de sua presença quando estavam juntos. Joseph sabia que a cena que os vira antes de sair da casa não se apagaria de sua mente, mesmo indo parar sobre o corpo de outra mulher naquela noite.

Ele os entendia. Susan e Elliot queriam recuperar o tempo perdido, se fosse com ele provavelmente não seria diferente se tivesse uma mulher como Susan em seus braços. Ele observou-os por tempo demais. Susan estava nua da cintura pra cima e Elliot sugava um de seus seios, ela inclinava a cabeça para trás delirando de prazer, gemendo escandalosamente, mas que qualquer homem gostava de ouvir. Ela sentia prazer, o prazer que não era proporcionado por ele.

Joseph fechou a porta do carro sem fazer barulho e ficou olhando para a janela da sala onde Elliot e Susan estavam, fechou os olhos um momento sentindo o corpo convulsionar. Estava excitado e sem pensar no que estava fazendo, abriu o zíper da calça, se tocando e imaginando-a.

Quando Joseph gozou em sua mão, ele apoiou a testa no volante, suando. Gesticulou negativamente se repreendendo em pensamentos por se descobrir um péssimo amigo para Elliot.

15 - Nada Bom!

“Silêncio, meu amor, agora não chore

Tudo vai ficar bem

Feche seus olhos e viaje no sonho

E descanse num sono pacífico”

Lullaby

Uma semana. Foi uma semana inteira de Elliot ao lado delas, participando de todos os momentos, se tornando presente, fazendo inúmeras promessas de uma vida maravilhosa para ela e Amelia. Noites de amor intenso e, durante o dia, eles eram os pais responsáveis, mas que se provocavam o tempo todo, provavelmente aquela paixão e desejo do corpo jamais iria desaparecer.

Susan acordou aquela manhã de segunda-feira, sentindo calor, embora estivesse nua embaixo dos lençóis vermelhos. Espreguiçou-se e suspirou. Aquele dia ela não precisaria acordar cedo. Amelia estava de férias e isso significava que, de fato, o verão havia começado e a estação preferida de Amelia teria que ser apreciada.

Ela esticou a mão, arrastando-a para o lado direito da cama e percebeu que estava frio, então fazia algum tempo que Elliot havia acordado. Ergueu-se rapidamente e respirou fundo, olhando o quarto ao redor. Ela havia dado toques femininos ao dormitório, afinal, Elliot não fazia ideia do que um quarto deveria ter. Eles haviam saído no fim de semana para comprar colchas de cama, cortinas, quadro para pendurar na parede e comprou tudo o que pudesse tornar o quarto e a casa, mais aconchegante, tanto para ele quanto para elas.

Susan tinha se acostumado a acordar todos os dias ao lado de Elliot e sentir seu corpo quente. Era muito fácil se acostumar com coisas boas, pensou. Ela se enrolou no lençol e começou a pegar do chão o pijama que Elliot fazia questão de tirar todos os dias.

Para ele, Susan devia se deitar nua. Sorrindo, ela vestiu o pijama minúsculo e saiu do quarto, ao descer, ela sentiu cheiro de café recém-passado. Passou pela sala e entrou no corredor, seguindo o cheiro, quando entrou na cozinha, encontrou Elliot usando avental florido, ele estava parado

admirando Amelia que comia seu cereal. Susan olhou a cozinha ao redor verificando se Joseph não estava ali. Ela não tinha se acostumado ainda com tanto espaço em uma cozinha.

Ele ergueu os olhos ao vê-la entrar e sorriu, até descer os olhos por seu corpo. Susan se aproximou da mesa cor de marfim e beijou a testa de Amelia.

– O Joseph está em casa, você não pode andar por aí com esse pijama minúsculo. – ele levou o pano de prato até o ombro e caminhou até ela.

– Bom dia para você também! – ela ficou na ponta dos pés e oferece os lábios para ele. Elliot envolve sua cintura, puxando-a para colar o corpo no dele.

– Eu quero voltar para o quarto agora! – ele murmurou após aproximar os lábios do seu ouvido. – Quero fazer amor loucamente com você!

– Nossa filha... – Susan enrolou os braços em torno de seu pescoço e deslizou os dedos pelos cabelos escuros e macios.

– Ah, podemos deixá-la vendo televisão. – ele roça os lábios nos dela.

– Senhor, a sua... – Joseph disse ao entrar na cozinha, mas ao ver Susan e Elliot em um momento tão íntimo, ele ficou mudo.

Elliot ergueu os olhos em sua direção ao ouvi-lo e percebeu que Joseph admirava o corpo de Susan de cima abaixo, até encontrar os olhos de Elliot sobre os dele. Joseph pigarreou e deu meia volta, saindo da cozinha.

– Vai se vestir e nunca mais saia vestindo algo tão minúsculo como esse, Susan. – Elliot jogou uma baforada de ar. – Joseph deve ter ficado de...

– Elliot! – Susan o cutucou a cintura. – Amelia está aqui, pensa muito antes o que você vai falar.

– Porra, ainda não me acostumei com isso! – Elliot levou a mão até os cabelos, o bagunçando e olhou para ela frustrado. Susan sorriu.

– O que é porra? – eles viraram o rosto ao ouvir a pergunta de Amelia.

– Por que as crianças prestam atenção justamente nas palavras que não devem? – Elliot apoiou as mãos na mesa e suspirou, Susan riu.

– O que você vai dizer para ela sobre essa palavra, Elliot? – Susan contornou a mesa e sentou-se, ela sentia-se faminta e o cheiro de café fresco a deixava com mais fome.

– O que eu vou dizer? – Elliot olhou para Susan um momento, sentindo-se confuso. Amelia olhava de um para o outro, mastigando seu cereal com leite e, tirando os diálogos entre os dois, a única coisa que podia ouvir era o som dela mastigando.

– Você acha que ser pai é só mimar e dar carinho? – ao ouvi-la, Elliot encolheu os ombros.

– Caral... – Susan o fuzilou com o olhar. – Merda! Vamos fazer o seguinte? – com a atenção de sua mulher toda para ele, Elliot umedeceu os lábios. – Por que você não explica para ela e me mostra como é que se faz isso? – ela riu ao ouvi-lo, mas assentiu, concordando. Elliot precisava de orientação de como ser pai de Amelia.

Enquanto falava à Amelia que aquela palavra era proibida e que ela não poderia repeti-la de novo, Elliot prestava atenção em cada palavra que Susan dizia e em como ela explicava algo delicado como aquilo à Amelia.

Ele se sentou à mesa com elas, para tomar o café e, quando partiu o pão, Joseph entrou novamente na cozinha, segurando o telefone contra o peito. Susan se levantou e começou a retirar as coisas da mesa e levou-as até a pia de mármore preto. Elliot entendeu que precisaria sair da cozinha para conversar com Joseph. Suspirando, ele fechou a porta para garantir que elas não o ouviriam.

– Eu descobri onde a mãe de Susan está!

Elliot sentiu o coração ficar apertado, pois Joseph parecia apreensivo.

– Ela está viva?

*

Elliot voltou à cozinha, muito sério, ele sentou-se ao lado delas para terminar o café da manhã e quando acabou de comer, observou Susan retirar as coisas da mesa silenciosamente. Ela aparentava saber que algo iria acontecer e ele detestava deixá-la nessa situação, mas não havia como remediar a situação. Ele precisava viajar. Seria para o bem dela e do relacionamento deles.

Elliot faria qualquer coisa para Susan, inclusive voltar à Nova Iorque. Ele não queria, mas era por Susan. A semana que passaram juntos mostrou o quanto a vida seria perfeita daqui em diante, embora agora após nove anos,

Elliot não se achava merecedor de ficar com aquela mulher, mas era tão egoísta que a carregaria para sua vida fora de controle, pois ela o havia escolhido, mesmo depois de tantos anos.

Susan era uma boa moça, tinha sonhos que foram interrompidos por uma gravidez prematura, foi abandonada pelo pai, depois Elliot a abandonou quando mais precisou, mesmo que não tivesse culpa da separação deles e, em seguida, foi abandonada por sua mãe. Nenhum deles merecia qualquer consideração de Susan, mas ela era boa e só via o bem nas pessoas.

Observava-a retirar a mesa, Susan mordida o lábio inferior parecendo reticente e ansiosa pelo que viria a seguir, e ele se mantinha sem afastar os olhos dela. Elliot só conseguia pensar que desistiu dela muito rápido, deveria ter desconfiado de sua avó, deveria ter voltado aqui e a procurado para que ela dissesse em sua cara que não o queria mais. Foi fraco e idiota. Talvez toda a sua vida fosse diferente e isso não tinha nada a ver com seu suposto compromisso com Claire, pois ele nunca levou esse relacionamento a sério.

Embora tenha vivido um sonho nessa última semana, havia compromissos que não poderia adiar por muito tempo e ele não fazia ideia de como contar que, após ser rejeitado por ela, há nove anos, praticamente fez loucura atrás de loucura. Será que ela o aceitaria?

Ele precisava por um fim em tudo para poder ser feliz com sua Susan. Olhou-a de cima a baixo, reparando naquele pijama cor de rosa minúsculo que mostrava praticamente tudo o que seus olhos queriam ver, ela mexia no armário e parecia se adaptar muito bem aquela casa gigantesca.

Suspirou, sentindo sua falta e ele não entendia como isso podia ser possível, pois ela estava ali, bem diante dele, passou os últimos dias ao seu lado e, ainda assim, Elliot queria mais, muito mais. Queria ter a certeza de que ficariam juntos pelo resto da vida, até que o último suspiro de vida saísse de seu corpo.

Engoliu em seco e bebeu o suco de laranja que Susan havia colocado em sua frente, parecia compreender que ele precisava umedecer os lábios para falar o que precisava. Ela o compreendia e, embora soubesse que havia algo acontecendo, não fazia perguntas.

– O que nós vamos fazer no meu primeiro dia de férias, papai? – Amelia interrompeu seus pensamentos.

– O papai não poderá sair com você hoje, Amy. – ao ouvi-lo, os olhos de Amelia umedeceram. Susan se virou para ele a meio caminho da pia. – Eu preciso ir à Nova Iorque. Aconteceu uma emergência e preciso resolver isso imediatamente.

– Vai demorar muito?

– Não, só alguns dias! – Elliot se ergueu e contornou a mesa, acariciando o rosto de Amelia. – Eu vou voltar para aproveitar cada minuto de suas férias, minha menina.

– A gente não pode ir com você, papai? – Amelia suspirou.

– Prometo voltar logo para casa! – Elliot agachou-se e beijou seu rosto, ignorando sua pergunta.

Elas ainda não estavam preparadas para a cidade grande ou era ele que não estava preparado para levá-las dali, para que o mundo as visse? Indagou-se, sabendo exatamente qual era a resposta. Só o fato de pensar na possibilidade de levar Susan para o ninho de abutres, o fazia arrepiar-se.

– Você vai me ligar? – Amelia abraçou seu pescoço e o apertou.

– Vou! – Elliot disse com a voz esmagada. Afastou-se dela e virou-se para Susan.

– Quando você vai? – ela se virou para a pia depositando as coisas sobre ela.

Elliot afastou-se de Amelia e caminhou até Susan, que voltou para ele quando se aproximou.

– Daqui a algumas horas. – ele a abraçou envolvendo sua cintura. – Namora comigo hoje?

Susan suspirou e o abraçou de volta. Durante essa semana, todos os dias de manhã, após levarem Amelia para a escola, voltaram para casa com tempo apenas para se amarem um pouco, ele fazia aquela pergunta a ela, após levá-la ao ápice.

– Todos os dias! – satisfeito com sua resposta, sua boca procurou a dela.

Ele a empurrou até ela se encostar na pia e deslizou as mãos por seu corpo, enquanto Susan envolvia os dedos em seu cabelo, os enroscando. O beijo foi feroz e tanto ele quanto Susan protestavam o fato que daqui algumas

horas ficariam longe.

– Eu não quero ir! – ele disse após afastar milímetros a boca da sua.

– Então não vá! – ela suspirou.

– É por pouco tempo. – ele esfregou o corpo no dela. – A gente pode...

– Amelia. – ela o interrompeu falando baixinho.

– Posso pedir para Joseph levá-la em algum lugar enquanto... – sem esperar pelo o que ele tinha a dizer, Susan assentiu em concordância. – Me espere no quarto! – ordenou e afastou-se dela, saindo rapidamente da cozinha em busca de Joseph.

16 - Até Logo, Querida!

*“E eu poderia viver, eu poderia morrer
Me segurando nas palavras que você diz
E eu sou conhecido por dar tudo de mim
E mergulhar com mais força do que
Dez mil pedras no lago”*

Dive

Susan olhava o lago pela janela do quarto. Ele refletia a luz do sol e as sombras de algumas árvores. Ao longe, ela podia ver algumas pessoas andando de bicicleta. Embora olhasse para a extensão toda do lago, ela não prestava totalmente atenção.

O sentimento de ficar longe de Elliot de novo a assustava e fazia doer. Fazia uma semana que estavam vivendo como se fossem uma família que não ficaram nove anos separados e, agora, aquilo. Eles teriam que ficar longe de novo. Enquanto Elliot conversava com Amelia e fazia promessas, Susan recordava a despedida que tiveram há mais de nove anos. Ele havia feito promessas como aquelas.

Seus pensamentos estavam tão concentrados que não o ouviu entrar no quarto, só percebeu que ele estava ali quando sentiu suas mãos envolverem sua cintura e o corpo dele encostar no seu. Ela podia sentir o desejo emanando do corpo dele. Elliot estava quente e sem virá-la, ele segurou seu cabelo e os levou para o lado, dando passagem para seus lábios beijarem o pescoço de Susan.

– Você vai voltar mesmo?

– Eu vou, meu amor! – ele desceu as mãos e penetrou-as na parte de baixo do pijama minúsculo. – Eu não sei mais viver sem vocês!

– Então me mostre! – Susan virou o rosto. – Me ame com todo o sentimento que você sente por mim.

– E eu vou! – ele a virou de frente para ele e a encostou na janela. – Vou te amar sem nenhuma restrição se você me der o mesmo.

Susan envolveu seu pescoço e pulou em seu colo, enrolando as pernas em

PERIGOSAS TRADUÇÕES

torno da cintura dele, enroscou os dedos em seu cabelo escuro e Elliot a segurou, levando-a para a cama, a amando como nunca amou antes, gravando na memória cada murmúrio de prazer, sabendo que aquela lembrança será a única razão para suportar a viagem e a distância, pois agora ele tinha uma casa para onde voltar. Susan o fazia sentir-se como se pertencesse àquele lugar.

Beijou com prazer e tocou seu corpo com delicadeza, pois não era o sexo que importava. Entre murmúrios de prazer, ele resmungava o quanto a amava e era a única mulher que importava. E quando o êxtase atingiu-os, Elliot disse que não podia mais viver sem aquilo nunca mais, pois ela era seu lar.

Em meio a lágrimas, Susan deixava-o amá-la como achava que merecia e não precisou ganhar flores ou chocolates para sentir o quanto ele falava sério. Enquanto faziam amor, entre beijos, ele chorava e gemia sentindo prazer não apenas por seus corpos estarem unidos, mas a alma havia se tornado uma só, como se todo aquele tempo longe um do outro, não houvesse existido, eles eram apenas um. Um amor, um sentimento, um laço.

E ele adiou o momento de partir para amá-la de novo enquanto tomavam banho e Susan o deixou mostrar tudo o que queria. Foi delicado, doce e cheio de promessas de amor. Seus dedos, seu corpo e seus olhos demonstravam o que ela precisava saber, transmitindo segurança, para o momento de despedir-se dele.

Ela havia prometido a si mesma que não acreditaria mais na promessa de ninguém, pois já havia levado uma rasteira da vida há muitos anos, mas ele estava tão frágil quanto ela, com medo de partir e deixá-la para trás.

Elliot não queria decepcioná-la de novo e ele faria qualquer coisa para cumprir tudo o que lhe prometeu.

*

Elliot sentia os pés pesados, conforme seus passos avançavam no aeroporto e quando o avião decolou, parecia que havia algo preso em suas costas, impedindo-o de partir.

Deixar Susan no trabalho e despedir-se de Amelia quando a deixou na casa de Jude, acabou com ele. Sua menina chorou tanto quando o abraçou. Ele podia ouvir o que aquele olhar dizia, ela o repreendia por deixá-la para trás.

Queria poder levá-las com ele para Nova Iorque, mas era tão arriscado. Ele precisava resolver a sua vida com Claire o quanto antes, mas não seria naquela viagem, pois havia assuntos mais importantes que não podiam esperar.

– Você vai acabar quebrando os braços da poltrona de tanto apertá-los, Elliot. – Joseph disse após sentar-se ao lado dele e voltar do banheiro.

– É uma droga deixá-las para trás, Joseph! – Elliot resmungou. A aeromoça passou por eles oferecendo algo para beber e comer.

– Entendo, mas é por uma boa causa! – Joseph suspirou.

– Você devia ter ficado lá! – ele ignorou a palavra de conforto de Joseph.

– E o que eu iria fazer?

– Tomaria conta delas! E se alguém se aproximar de Sus... – Joseph riu, o interrompendo. – Do que você está rindo?

– Se em todo esse tempo Susan não namorou, não vai ser agora que ela vai dar oportunidade para alguém se aproximar.

– Mesmo as... – novamente Joseph o interrompeu.

– Quanto mais você ficar focado no que fazer em Nova Iorque, mais rápido voltará para casa.

– Está certo! – Elliot suspirou sentindo-se derrotado. – Tem mais alguma notícia?

– Não, nenhuma. Ela estava internada, mas fugiu.

– Ela está viva e em Nova Iorque. Porra, ela tinha tanto lugar para ir, mas precisou ir justamente para lá? O que ela queria afinal?

– É um sinal, não acha?

– Sinal de quê, Joseph?

– De que você precisa resolver suas coisas lá.

– Vai à merda! – Elliot abriu o pacote de biscoito que recebeu da aeromoça. – Eu não tenho o que resolver.

– Já pensou o que vai fazer com Claire? – Joseph o acompanhou e comeu um biscoito.

– Vou seguir o plano. Eu estou pouco me importando com a empresa,

com o nome da minha família e o dinheiro. Pode ficar com tudo para ela.

– Mas mesmo assim, ela ainda precisa de você. Já que você não se importa, por que não assina uma procuração a liberando de uma vez?

– Ah, meu amigo, você não entendeu ainda por quê? – Elliot sorriu e sentiu os ombros ficarem menos pesados.

– Não, claro que não. Se soubesse não estaria fazendo essa pergunta.

– Faça isso apenas para irritar a minha avó. Quanto mais eu adio, mais ela sofre. A empresa e o nome da nossa família são tudo para ela, e isso não chega nem perto de tudo o que fez comigo, Susan e Amelia. É imperdoável e por isso vou dissolver lentamente tudo o que minha avó queria tanto que eu levasse a sério. – Elliot praticamente cuspe as palavras.

Joseph encostou a cabeça na poltrona e fechou os olhos, uma imagem penetrava sua mente e ele queria apagá-la, sentia-se imundo por pensar aquilo e sentir desejo por alguém que não podia ser dele. Agradeceu em pensamento quando a aeromoça atrapalhou seus pensamentos perturbados.

– Com licença! – disse ela suavemente.

Joseph abriu os olhos para admirar a dona daquela voz. Ele precisava se apegar a outra imagem e a aeromoça poderia conseguir fazê-lo se esquecer da mulher que perturbava seus sonhos. Pelo menos, era o que ele esperava.

Ela vestia um uniforme azul muito colado e recolheu os pacotes dos biscoitos, olhando para os dois, seus olhos estagnaram na direção de Elliot que, se fosse em outros tempos, se levantaria e a convidaria para ir até o banheiro. Ela tinha o cabelo negro e estava preso embaixo do quepe, o que destacava a cor azul dos seus olhos.

Joseph grunhiu chamando a atenção dela e piscou, quando a aeromoça se afastou, ele a aguardou terminar de recolher o lixo dos outros passageiros e se levantou, sabendo que tinha pouco tempo para convencê-la a encontrá-lo mais tarde, após chegarem a Nova Iorque.

*

Elliot achou que o melhor a ser feito em Nova Iorque seria se hospedar em um hotel, mas não bastava ficar o mais longe possível de sua avó e de Claire, o local precisava ser o mais simples possível, onde ninguém ousaria pensar que ele seria capaz de se hospedar, nem Susan.

Ele tomou um banho e, antes de sair do banheiro, olhou o quarto que continha um ventilador no teto, duas camas de solteiro, ambas com colchas que continham manchas amareladas do tempo, o piso amadeirado, que rangia enquanto caminhava até a mala de mão que estava jogada no canto, perto da janela. Havia trazido apenas itens necessários para ficar alguns poucos dias. Retirou o desodorante e o perfume, passou-os, vestindo a camisa logo em seguida.

– O que pretende fazer agora?

– Comer, estou faminto e marque um horário na clínica que a senhora Young estava, Joseph.

– Faço isso enquanto procuramos um restaurante decente por aqui. – Joseph pegou a toalha e caminhou até o banheiro, mas parou na porta, se virando para Elliot. – Vai me esperar para ir comer ou já vai?

– Espero! – Elliot pegou o celular que estava na escrivaninha ao lado da cama e o ligou.

Havia muitas ligações perdidas da residência Kane e de Claire. Ele ignorou as chamadas e discou para Susan. Precisava dizer que pensava nela e o quanto sentia sua falta, mas quando procurava seu número na lista telefônica, uma foto de Claire apareceu na tela, aguardou a chamada cair na caixa postal, entretanto, Claire era muito insistente e, ligou várias vezes seguidas e, no final, ela enviou uma mensagem.

“Fale comigo Elliot! Sei que está recebendo minhas mensagens e está ignorando minhas ligações. Minha paciência está se esgotando, apareça!”

Nunca! Elliot pensou em resposta. Se depender dele, Claire nunca o encontraria. Desligou o aparelho e olhou o quarto em volta, não havia televisão e sequer um telefone para poder ligar para ela. –suspirou. – Precisava de um número novo.

*

Claire olhava para a tela do seu celular impaciente. Algo apertava o seu coração e a deixava apreensiva. Toda vez que pensava em Elliot o seu peito doía, como se estivesse acontecendo alguma coisa com ele.

A sensação de que a qualquer momento iria encontrá-lo crescia a cada dia.

Às vezes imaginava-o entrando no escritório e beijando-a, como fazia antigamente, antes de conhecer Susan, mas fazia muito tempo que ela não tinha mais esperança de que isso acontecesse. Ela nem teve oportunidade de conversar com ele sobre o acordo que fizera com sua avó, antes de ele desaparecer pelo mundo. Claire suspirou e, ao ver que a mensagem havia sido entregue, ela se levantou, caminhando até o pequeno armário de bebida que havia em sua sala, encheu o copo de uísque *Bourbon* e virou o copo de uma vez, sentindo a garganta queimar enquanto o líquido descia. Fez uma careta, mas voltou a encher o copo.

– Se você pensa que irá conseguir fugir de mim por muito tempo, Elliot. Está muito enganado. – Claire suspirou e bebeu novamente o uísque, mas dessa vez degustou-o.

Ela voltou para sua mesa gigantesca de cor preta que contrastava com a claridade das paredes e porta, segurando o copo em uma mão e com a outra pegou o celular novamente, ligando para Elliot em mais uma tentativa, em vão, de chamar sua atenção. Claire sentia o coração doer toda vez que ligava para ele, mas nunca perdia a esperança de que ele fosse atendê-la. Estava frustrada e cansada da infantilidade de Elliot. O que adiantava ter todo aquele império em suas mãos sem poder usufruí-lo com ele? Ela bebeu o restante do uísque e jogou o copo na parede com raiva, quebrando-o.

– Elliot, Elliot, Elliot... – ela olhou fixamente para os cacos caídos no chão e a mancha do líquido do uísque na parede. Embora se controlasse para não estourar daquela forma, Claire se sentiu melhor após extravasar. Suspirou, sentindo ainda o seu coração partido como os cacos despedaçados no chão. Se Elliot achava que podia machucá-la daquele jeito e sair impune, ele estava muito enganado. Havia esperado tempo demais para tomar uma atitude. – Se eu machucar sua garota Elliot, talvez haja uma chance de chamar sua atenção, não é? Cansei de te esperar. – Claire resmungou, sentindo o sabor amargo da bebida na boca e, ao mesmo tempo, o calor se esgueirar-se de sua garganta até o estômago.

*

Joseph e Elliot haviam se acomodado em um lugar reservado no restaurante japonês em East Village, a alguns metros de distância do hotel St. Marks, onde estavam hospedados e, após a garçonete atendê-los, ficaram em

silêncio. Cada um perdido em seus pensamentos, mas decerto que pensavam na mesma pessoa, Susan. Joseph olhou para seu amigo e suspirou, cogitando a hipótese de Elliot desconfiar de seus pensamentos, mas se desconfiava, não demonstrava. O celular no bolso vibrou e pensou em ignorar, pois imaginava que fosse Claire novamente ligando, mas como queria afastar-se daquele silêncio constrangedor e parar de pensar em Susan por alguns segundos, ele retirou o celular do bolso e verificou quem chamava. Um arrepio percorreu seu corpo. Fazia dias que não recebia notícias deles, olhou para Elliot e mostrou a ele quem estava ligando.

– Atenda, diz que estamos resolvendo! – Elliot apoiou os cotovelos sobre a mesa.

– Mas não estamos, Elliot! Acha que iremos enganá-los até quando? – Joseph sentia a adrenalina surgir em seu ínfimo. Sentia falta dos dias agitados e da adrenalina, do receio e de buscar uma forma de sobreviver todos os dias.

– Estamos aqui, podemos adiantar alguma coisa, não podemos?

– Eu preciso verificar a encomenda e a daqui é mais cara, não lucraremos nada. – Joseph depositou o celular sobre a mesa, tentando não apenas ignorar a ligação, mas a pulsação do sangue em suas veias. Ah, como sentira falta daquilo...

– Nós temos muito dinheiro, Joseph. – Elliot disse impaciente.

– Temos que achar um bom fornecedor e com um preço justo. – Joseph soltou uma baforada de ar.

– Não temos! – Elliot gesticulou negativamente. – Eu não posso mais continuar com isso.

– Mas não tem como sair, Elliot. – Joseph soltou um riso irônico. – Ou ficamos ou ficamos, meu amigo! Eu te avisei dos riscos. A essa hora, já devem saber sobre elas.

Elliot encarou-o e, em seguida, respirou cansado. Ele não queria pensar ou se preocupar com o trabalho agora, pois estava ali com um único objetivo, encontrar a mãe de Susan. Ele não podia ter algum tipo de distração naquele momento, pois resolveria um problema de cada vez e sua prioridade sempre seria Susan e sua filha.

A garçonete voltou carregando uma água tônica para ele e uma *Budweiser*

para Joseph que bebeu um gole e atendeu o celular quando este voltou a tocar. Elliot prestou atenção na conversa, sentindo seu coração acelerar e um arrepiou subir por sua coluna, pensando em Susan e no que iria fazer para esconder seu trabalho dela, que em breve descobriria que seu trabalho não era legal e que, praticamente, abdicou de sua empresa.

Ele estava ferrado, muito ferrado.

Quanto mais segredo escondia dela, mais sua situação ficaria pior.

Claire. A empresa. O seu trabalho.

17 - Sozinhas

*“Me dê amor como ela
 Porque ultimamente eu tenho acordado sozinho
 Lágrimas de dor escorrendo na minha camiseta
 Disse a você que os deixaria ir
 E eu vou lutar pelo meu espaço
 Talvez eu te ligue hoje à noite
 Depois do meu sangue virar álcool
 Não, eu só quero te abraçar”*
Give me Love

Voltar para a casa de verão dos Kanes, após sair do trabalho e buscar Amelia na casa de Jude, não era a mesma coisa sem Elliot. Susan saiu do carro, carregando a bolsa e a mochila de Amelia, caminhando lentamente em direção aquela casa imensa, subiu os quatro degraus com muito esforço. Elliot não estaria em casa preparando algo para elas comerem. Acendeu a luz assim que ultrapassou as duas portas de madeira maciça. Amelia não parecia animada em voltar para casa como nos outros dias em que seu pai estava.

Aquele vazio tão convencional retornou. Ela sentia-se oca e a única coisa que dava energia para continuar, era Amelia. Em sua cabeça muitas coisas passavam, a mágoa ressentida estava de volta. Elliot não ligou para informar que haviam chegado. Ele sequer disse o que iria fazer. Enquanto estava na cama, após fazer amor, o observou se vestir e preparar algumas roupas que levaria na viagem, ela tinha inúmeras perguntas a fazer, mas não sabia se tinha permissão para isso, pois se quisesse que ela soubesse o que iria fazer, teria lhe contado.

Susan sabia que não tinha mais dado liberdade a ele após saírem de casa, ela ficou quieta o caminho inteiro até chegar ao trabalho e Elliot tinha percebido que havia alguma coisa errada, mas ele sequer tentou melhorar a situação. Talvez achasse que as promessas feitas enquanto seus corpos se uniam fossem o suficiente.

Susan queria mais de Elliot, pois durante a semana anterior, ele sequer

falava sobre sua vida, o que fez nos últimos nove anos. Ela havia contado tudo o que ele queria saber, principalmente sobre Amelia, mas nunca falava sobre si. Às vezes, Joseph o chamava e ele desaparecia, como fez aquela manhã, antes de anunciar que iria viajar e não parecia ser nada bom, pela expressão dele ela conseguia perceber. Ela só não sabia se ele estava detestando o fato de ficar longe dela ou o problema que precisava resolver era muito grande.

Ela queria saber mais, participar da vida dele. Como poderia namorar com alguém que não contava nada a ela? Susan suspirou e foi até a sala de visitas, Amelia se sentou no sofá e ligou a televisão.

– Banho, mocinha! – Susan disse.

– Eu já tomei banho na casa da Jude! – Amelia suspirou e seus ombros caíram. – Mamãe, quando o papai vai voltar?

– Eu não sei, meu amor! – Susan se sentou ao lado dela. – Eu liguei para ele mais cedo, mas acho que está ocupado!

– Ele vai ligar amanhã, mamãe? – ao ouvi-la, Susan a puxou para seu colo e fez Amelia deitar a cabeça em seu peito. Deslizou a ponta dos dedos por algumas mechas de cabelo dela.

– Eu também não sei, meu amor! – Susan beijou a sua testa. – Mas vou tentar ligar para ele mais tarde e continuarei tentando, está bem? Ele só deve estar muito ocupado.

Susan, após ficar com a sua filha na sala, assistindo ao programa na televisão, se levantou e foi até a cozinha. De repente tudo ali pareceu ainda maior do que já era e parecia totalmente sem vida, embora alguns detalhes do armário na cozinha fossem vermelhos e tivessem o intuito de trazer alegria, mas não era assim que ela se sentia. Ela foi até a geladeira que continha tudo o que Amelia gostava de comer, fez sanduíches e separou sorvete em duas taças, voltando para a sala alguns minutos depois.

Ela se sentou ao lado da filha e ofereceu metade do sanduíche para Amelia que deu duas mordidas e devolveu a bandeja que ela havia apoiado na mesa de centro.

– Eu não “tô” com fome, mamãe! – Amelia se sentou melhor no sofá, tirou os sapatos e cruzou as pernas, se encolhendo.

– Amelia, você precisa comer, meu bem. – Susan tocou em seu cabelo.

– Eu não quero! – Amelia suspirou tristemente. – Eu quero meu papai!

Ao ouvi-la, Susan esmagou os lábios, formando uma linha fina. Ela estava irritada com a situação tanto quanto sua filha, mas só poderia desabar quando fosse para o quarto e ficasse sozinha. Era isso que Susan sentia medo. De repente, sentiu-se impotente por não conseguir fazer nada para amenizar o que sua menina estava sentindo.

Ela podia suportar qualquer sentimento de tristeza naquele momento, mas não admitiria que sua filha sofresse. Amelia estava apaixonada por Elliot, também pudera, ele foi um pai maravilhoso nos últimos dias, como se nunca tivesse ficado longe. Queria que ela sentisse admiração e orgulho pelo pai que tinha, e Susan sentiu isso.

– Seu papai está ocupado, meu amor. – Susan continuou acariciando seu cabelo macio. – Ele vai voltar logo para nós, como prometeu.

– Mas eu quero meu papai agora, mamãe! – Amelia afastou a mão de Susan de seu cabelo.

– Se você comer, a gente pode tentar ligar para ele depois.

Amelia a olhou com os olhos agitados e tristes, mas assentiu concordando em ligar para ele mais tarde e, por isso comeu, na esperança de conseguir falar com seu papai. Ela sentia sua falta e isso estava doendo e não sabia o que aquela dor significava. Era um sentimento diferente que nunca tinha provado antes e a dor era aterradora. Seu paizinho havia acabado de chegar e já teve que partir. Amelia estava com medo de perdê-lo de novo, pois descobriu o quanto era bom ter seu papai e sua mamãe juntos ao seu lado. O cheiro do pai trazia segurança, ela tinha certeza que com ele por perto ninguém nunca mais a machucaria e ele a protegeria e protegia sua mamãe também. Sua mamãe precisava tanto dele e mesmo tentando não demonstrar que estava triste com a situação, Amelia percebia o olhar triste.

*

Susan sentia-se derrotada ao deitar na cama deles àquela noite. Havia iludido sua filha e a magoado. Amelia era apenas uma criança, embora muito inteligente para sua idade. O que ela não tinha de tamanho, tinha de esperteza, provavelmente percebia o quanto sua mãe estava sofrendo.

Susan olhou para o teto, deitando de barriga para cima, respirou fundo e apoiou as mãos sobre a barriga. Ela engoliu em seco e olhou para a janela aberta. O vento soprava do lado de fora e penetrava o quarto refrescando um pouco seu corpo. A lua apareceu entre as nuvens e estrelas, o que fez Susan respirar profundamente outra vez, recordando da noite anterior ao lado de Elliot, Amelia, Josh, Joy, Paul, Benjamin e até que Joseph participou.

Eles haviam feito um jantar para os amigos, Amelia e Josh brincavam correndo de um lado para o outro, tanto que precisavam brigar para que eles parassem para comer, quando Susan chamou a atenção de Amelia e correu atrás dela para que parasse, mas Josh, como sempre, não deixou que Susan a capturasse, pois se denominava em alto e bom som que era o protetor de Amelia, e fazia questão de segurar as pernas de Susan para Amelia conseguir fugir, mas dessa vez, eles não contavam com um homem alto e forte para capturá-la, porém Amelia gostou de ser pega pelo pai e o abraçou. Foi uma noite divertida e, agora, parece que foi há muito tempo.

Benjamin foi embora cedo, Joseph ficou pouco, pois alegou que tinha um encontro, mas Joy, Josh e Paul ficaram até tarde. Eles foram até o lago, levaram uma toalha grande, suco e vinho para beberem e conversarem. Elliot ligou o som do carro, às vezes dançavam quando uma música lenta tocava, brincava correndo atrás de Amelia e Josh, tanto que Paul os acompanhava na brincadeira.

No lago em frente a eles, viam-se os reflexos da lua, das estrelas e árvores que começavam a secar, e algumas aves sobrevoavam em busca de alimento e um lugar para pousar. Susan admirava a paisagem a sua frente. O clima estava agradável e ventava pouco. Joy moveu-se ao lado dela, desviando sua atenção para ela.

– Você alguma vez imaginou isso?

Joy estava com os cabelos escuros soltos nas costas, muito diferente de quando está trabalhando usando o uniforme da lanchonete, tinha passado batom rosa nos lábios, sua pele refletia com a iluminação da lua de tão branca que era, ela usava um vestido que ia até as coxas, colocou uma perna em cima da outra e calçava uma sandália de dedo baixa, muito confortável, cor da pele. Segurava uma taça de vinho na mão e a outra apoiava o corpo um pouco para trás, e vez ou outra dividia o vinho com Paul e admirava a cena a

sua frente. Fazia muito tempo que não relaxavam daquela forma. Na verdade, desde que haviam se tornado mães.

– Eu nem sei dizer o que sinto. – Susan levou a taça até a boca e bebeu um gole de vinho, umedeceu os lábios deslizando a língua e sequer percebeu que Elliot observava seus movimentos ou o provocava com um gesto de deslizar a língua. – Mas nunca imaginei que isso fosse acontecer.

Elliot tinha os olhos fixos em sua direção, enquanto Amelia e Josh pulava em Paul e o esmagava, até fazê-lo se render a eles. Seus olhos encontrou os dele e percebeu que a observava. Parecia que Elliot adorava admirá-la e gravar na mente todos os seus movimentos.

Como estava muito calor, Susan vestia um short jeans um pouco curto, estava descalça e o cabelo preso em um coque, mostrando totalmente seu rosto sem maquiagem alguma e, mesmo assim, para Elliot ela era a mulher mais bonita que ele conheceu em toda a sua vida. Quando se cansava, pois Amelia parecia ter a energia de todos os adultos que estavam ali e não parecia gastá-la nunca, mas ele sim, era nesse momento que seus olhos se encontravam com os de Susan, cheio de promessa e amor.

– Agora sua felicidade está completa, minha amiga! O pai de sua filha ama sua garotinha e a quer por perto, além de ainda sentir o mesmo amor por você até hoje.

– Me sinto quase completa, Joy!

Susan suspirou, embora pudesse parecer egoísta, pois aos olhos de qualquer pessoa, sua vida estava completa, mas havia algo que não a deixava se sentir assim.

– Eu sei, minha amiga! – Joy colocou a taça ao lado dela sobre o pano. – Só não seja com Amelia o que ela foi com você.

– Talvez seja por isso que esse sentimento dolorido não se afasta de mim, pois todos os dias quando acordo, me lembro que não devo ser como ela e, acho que preciso mudar isso em minha vida a partir de agora, agora tenho Elliot e ele é um pai de verdade para Amelia, a ama, ela tem tudo o que eu não tive e – pausou um momento sentindo os ombros pesarem uma tonelada e a garganta se fechar, tanto que as palavras seguintes praticamente rasgaram a carne ao saírem – está na hora de seguir em frente, esquecer o passado e dar a minha filha tudo que tenho de bom em mim. Elliot vai me ajudar com isso, eu

sei que vai.

Elliot parecia prestar atenção nela, pois quando disse o nome dele, mesmo estando distante e concentrado, brincando com Amelia em seu colo a rodopiando no ar, ela gritando de êxtase, ele olhou para ela de novo, sorrindo e amando-a. Ele estava tão feliz quanto ela. Elliot queria aquela vida que começaram a ter há tempo. Estavam conectados de novo, como se não tivessem passado tanto tempo longe um do outro.

Mais tarde, após as crianças desabarem ao lado delas, cansadas, Joy e Paul foram embora, levando Josh adormecido para casa. Susan deixou que Elliot carregasse Amelia para o quarto, pois para ela, sua filha estava pesada e para ele parecia simples carregá-la, como se ela não pesasse quase nada.

Susan os acompanhou até o quarto, o observou sentar ao lado de Amelia, admirá-la, beijá-la na testa e se levantar, indo em sua direção, quando Elliot fechou a porta após apagar a luz, parou de frente para ela, segurando sua cintura. Era naquele momento de paz, que eles tentavam recuperar o tempo perdido. Abraçou-a colando o corpo no dela, beijando seu pescoço. Ele subiu uma das mãos e soltou seu cabelo.

Susan o abraçou, sem dizer nada e enrolou suas pernas em torno de sua cintura, deixando ele guiá-la, como sempre fazia, até o quarto, mas dessa vez Elliot retornou o caminho que fizeram, carregando-a escada abaixo indo para frente do lago.

– Esquecemos a toalha aqui fora. – ele sussurrou em seu ouvido. – Torci muito para que você esquecesse.

– Se Amelia... – ele a interrompeu se apossando de seus lábios, mas quando se afastou, disse:

– Tenho certeza que ela vai dormir até amanhã. Do jeito que gastou energia, vai dormir feito pedra. – ele a colocou no chão e se livrou da camisa regata branca, que era tão colada no corpo que qualquer um podia ver seu peito e abdômen definidos. – Eu quero te amar em todos os lugares possíveis, como antigamente. E estar aqui, ah, me lembra de tantas coisas...

Ao ouvi-lo, ela sorriu e desabotoou o short, Elliot segurou sua mão.

– Eu faço isso! – ele apertou o short com as duas mãos e o rasgou.

– Eu espero que ninguém resolva vir até aqui. – ela engoliu em seco.

– Eu te joga no lago antes de alguém ter a chance de olhar o que é meu. – ela riu, realmente achando graça. – Eu falo sério, Susan! E, caso esse alguém veja alguma coisa, baterei tanto nele, até que esqueça o próprio nome, apenas para não ter a oportunidade de pensar em você quando toma banho.

– Desde quando ficou tão ciumento assim?

– Ora, eu sempre fui ciumento! – ele deslizou as mãos entre suas coxas e depois a ergueu para fazê-la se livrar da blusa rosa que vestia. – Quero fazer amor de todos os jeitos com você.

– Assim vai se cansar rapidamente de mim.

– Ah, meu amor, isso é praticamente impossível! – ele segurou sua mão e levou-a até o zíper da calça, ajudou-a abrir e descê-la. – Olha o quanto te quero! – ele apontou para baixo, onde os olhos dela pararam, mas segurou suas mãos e levou-as até o seu coração. – Mas meu desejo não é só no corpo, pois a eletricidade que sinto quando estou com você, começa aqui, bem no meu coração. É mais do que corpo a corpo, é o meu amor agindo em cada parte de mim. Entende por que vai ser impossível agora?

Ao ouvi-lo, Susan concordou, porque sentia-se da mesma forma. O sentimento que nutria por ele era inexplicável, somente seu coração o compreendia e transmitia para seu corpo.

Elliot a fez se deitar e a acompanhou, ele sorriu e segurou sua mão, beijando-a, esfregando o rosto nela, fazendo-a se arrepiar com a barba por fazer roçando em sua pele.

– Eu te amo, Susan! – afastou a mão da dela e aproximou o rosto, em busca de seus lábios.

A beijou lentamente, fazendo-a sentir o calor de seus lábios e língua. Suas mãos envolveram sua cintura e a puxaram para o colo dele. Susan se esfregou nele, sentindo seu desejo e retribuindo ao mesmo tempo. Deixando-se guiar pelo instinto, Susan deslizou a mão entre eles, acariciando seu abdômen, até aproximar da cueca. Elliot afastou os lábios do seu, fixando os olhos no seu. Ele ofegou ao sentir sua mão penetrar o tecido e começar a acariciá-lo, desconcentrando-o.

Susan não afastou os olhos dos dele, acariciou-o com força e desejo, fazendo-o gemer e soltar a respiração. Seu corpo entregando-se ao dele, se

conectando, transmitindo eletricidade por cada pedaço de sua pele, fazendo-o compreender sem dizer uma palavra, que ela sentia o mesmo. Não importava o quanto fizessem amor e com que frequência, o que ela sentia vinha do coração e era ele quem comandava, transmitindo o sentimento por seu corpo, da mesma forma que acontecia com ele. Afinal, eles eram reféns do coração, mas não se importavam em deixá-lo comandar, pois estavam juntos e o sentimento era mútuo.

*

Não foi nada bom recordar a noite passada, parecia tão distante. Ela esfregou o lado da cama onde Elliot deitava todas as noites e sentiu a colcha fria, parecia que fazia anos que ele dormiu ao seu lado. Suspirou desolada, sentindo saudade.

Susan levantou-se e caminhou até a janela, fechando-a e, em seguida puxou as cortinas. Ela suportaria a ausência e seria forte por Amelia. Elliot disse que voltaria para casa e que nada mais o impediria de voltar para elas. Susan acreditava em suas palavras, ele foi sincero enquanto as pronunciava olhando em seus olhos. Ela só precisava ajudar a filha e fazê-la acreditar que seu papai voltaria para ela. Voltou para cama pisando duro e pulou sobre ela, tentando dormir, mas as lembranças não deixaram.

18 - Buscas

*“Quando eu era jovem eu vi
Meu pai chorar e amaldiçoar o vento
Ele partiu seu próprio coração e eu assisti
Enquanto ele tentava consertá-lo
E a minha mãe jurou que ela
Nunca mais se deixaria esquecer
E foi nesse dia que eu prometi”
The Only Exception*

Elliot havia acordado cedo, pois se sentia angustiado. Não deixou de pensar um momento em Amelia e só fazia um dia que estava longe dela, mas havia construído um laço tão forte que era o suficiente para sentir que sua filha precisava dele.

No instante que abriu os olhos, percebeu que foi uma loucura absurda deixá-las tão rápido assim depois que se reencontram. Esfregou o rosto e sentou-se na cama, vestindo apenas uma bermuda preta, caminhou até o banheiro e resmungou com o barulho embaixo dos seus pés, a cada passo pressionado, o piso de madeira rangia. Olhou para a cama de Joseph e pensou, voltaria para Avon Park após o café da manhã. Não podia ficar. Estava doendo ficar longe.

Susan era o seu amor e o sentimento que nutria por ela estava impregnado em cada poro de seu corpo, era como vício, pois havia se infiltrado até na alma, mas o que sentia por Amelia, era diferente e muito maior. Ele não sabia que queria ter um filho, quanto mais uma menina, até conhecê-la. Ela o fez nutrir esse desejo no instante que a conheceu, e quando tiveram o primeiro contato e a primeira conversa, tudo o que algum dia foi despedaçado dentro dele, se juntou pedaço por pedaço, mostrando-o como é se sentir completo novamente. E doía ficar longe da sua menina, haviam se tornado pai e filha há pouco tempo e, mesmo assim, havia uma conexão muito forte que o assustava, sua filha o queria por perto, ele podia sentir e constatar isso aumentou mais sua apreensão. Amelia chamava por ele.

É muito estranho quando você, num momento de plena satisfação e alegria, toma uma atitude impensada capaz de transformar aquele momento, trazendo tristeza, mesmo que signifique fazer o bem a alguém, mas não aguenta as consequências do rumo que decidiu seguir. Essa é a vida, cheia de tropeços e totalmente complicada.

Elliot devia se sentir bem por estar fazendo aquilo, por estar ali, a procura da mãe de Susan. Era para o bem dela e Amelia, pois soube no instante que tocou no assunto, que não receber notícias sobre sua mãe a deixava angustiada e magoada, mas como algo assim pode ser bom se está agindo pelas costas? Omitindo tudo sobre sua vida. Provavelmente, Susan estaria pensando novamente que a abandonou.

Não havia telefone nas acomodações do hotel e, essa foi a primeira vez que se arrependeu pela escolha terrível da hospedagem. Ele precisava falar com Susan. Parou de frente com o espelho e abriu a torneira, lavou o rosto e o secou. Sentia-se derrotado.

Voltou para o quarto e caminhou até a cama novamente, pegando o relógio que estava na escrivaninha e verificou a hora, resmungou logo em seguida. Esfregou a testa um instante e decidiu sair para caminhar. Precisava encontrar um telefone, ligar para casa, ouvir a voz de Amelia e Susan.

Vestiu calça jeans e uma camisa preta, de manga curta, passou o desodorante e o perfume, olhou para Joseph que dormia tranquilamente, ele havia chegado tarde, provavelmente tinha se divertido. Elliot saiu do quarto, que ficava no primeiro andar e desceu pelas escadas, assim que se aproximou da recepção precária, cumprimentou a atendente e parou em frente a ela.

– Onde posso tomar um café da manhã e encontrar um telefone por aqui?

– Tem uma Starbucks na rua de trás. – a garota, que devia ter em torno de 20 anos, apoiou os braços sobre o balcão e estufou o peito, tentando chamar a atenção de Elliot para o decote de sua blusa.

– E o telefone? – Elliot levou a mão até o bolso, retirou a carteira e mostrou a ela uma nota de 50 dólares. A garota engasgou.

– Não sei, mas... – ela afastou-se do balcão, agachou-se um momento, mas quando voltou, segurava uma bolsa e enfiou a mão a procura de algo. Elliot ia comentar algo, pois sentia-se impaciente com aquele joguinho bobo da jovem. – Achei! – ela mostrou o aparelho e desbloqueou a tela, jogando a

bolsa em cima do banco. – Não deixa meu chefe saber que emprestei meu telefone para você. – ela ergueu o aparelho para ele e com a outra mão, pegou a nota que Elliot ainda segurava.

Ele pegou o aparelho e discou o número de sua casa. Era o único que lembrava e, enquanto aguardava alguém atender do outro lado da linha, Joseph desceu a escada e parou ao seu lado, olhando para ele com a testa enrugada.

– Você já vai?

Elliot levou o dedo indicador até os lábios, sinalizando para Joseph ficar quieto. Enquanto voltava para casa, após ir a Clínica de reabilitação, ele havia comentado a Joseph que precisaria ir até à casa de sua avó pegar alguns documentos.

O telefone chamava e chamava, mas ninguém atendia. Sua mente estava agindo rápido, pensando onde o aparelho de telefone se encontrava na casa, se ela ouviria se estivesse no quarto e olhou o relógio no pulso. Elas ainda não tinham acordado. Suspirou e desistiu da ligação, devolvendo o aparelho para a atendente.

– Preciso de um novo número de telefone! – disse a Joseph.

– Quando irmos até a casa de sua avó, fazemos isso. – Joseph espreguiçou-se. – Vou me trocar, achei que tivesse voltado para Avon Park quando acordei e não te encontrei.

– Vontade que não falta! – Elliot foi em direção à escada, mas virou-se para a atendente. – Obrigado!

Ela assentiu sorrindo e, como havia voltado à posição anterior, com os braços sobre o balcão, ela se mexeu e os seios chamaram atenção de Joseph. Elliot gesticulou negativamente enquanto subia os degraus de dois em dois.

– Ora, só você pode se dar bem?

– Arranje uma mulher apenas e não uma por noite! – Elliot suspirou.

– Você achava isso bom antes. Não sei por que agora é tão errado.

– Não compare a minha vida com a sua!

Eles entraram no quarto e Elliot foi até a escrivaninha, onde havia deixado o aparelho, olhou-o, sentindo-se impotente.

– Ainda bem que ela não pensou em rastreá-lo! – Joseph comentou, se referindo a Claire, enquanto agachava-se em frente sua mala.

– Acho que ela fez exatamente isso! – Elliot umedeceu os lábios e sentou-se na cama.

– Você precisa resolver isso logo!

– É, e eu vou! – Elliot suspirou. – Só preciso fazer uma coisa antes.

– Você sabe que Claire não vai aceitar facilmente, não é? Ela não parece ser o tipo de mulher que desiste, embora não a tenha conhecido pessoalmente ainda.

– Que se dane! Quando passarmos no cartório hoje, você continua a procura pela Senhora Young e vou ter o inadiável embate com minha adorável noiva de mentirinha!

– O que vai fazer quando encontrar a mãe de Susan?

– Eu não sei! Pensei muito sobre isso, Joseph, mas não consegui chegar a nenhuma conclusão. – Elliot levou a mão até o cabelo o penteando. – As filmagens que vimos na clínica ontem, me assustaram muito. Ela está tão...

– Diferente.

– Na verdade, quis dizer acabada. O vício acabou com ela! – Elliot respirou fundo e os ombros caíram. Ele se sentia derrotado. – Ela não deve ter mais tempo de vida que a minha avó, embora seja bem mais nova. – Elliot continuou divagando. – Como contarei isso a Susan? Como levarei essa mulher até Avon Park? Ela sequer deve se lembrar de quem é.

Ele sentia medo da reação de Susan e de Amelia. Elliot não era um homem de sentir medo, mas naquele momento era exatamente o que estava sentindo. O vício da Senhora Young era assustador e ele nunca tinha se preparado para algo assim.

Há coisas na nossa vida que não estamos preparados para vivenciar, experimentar ou conhecer, até alguém próximo precisar de você. Então você precisa agir de qualquer forma, até encontrar o caminho certo a seguir. A vida é cheia de ensinamentos e, não importa o quanto temos de experiência, nunca estaremos preparados para absolutamente nada.

*

Susan acordou, após poucas horas de sono, sentindo o corpo moído, mas levantou-se e tomou um banho. Fechar a janela na noite anterior aqueceu ainda mais o seu quarto durante a madrugada, tanto que suou muito, mas sentiu-se preguiçosa, não se moveu e por isso sentia o corpo cansado. Se refrescou após o banho e desceu para fazer o café da manhã. Olhou o relógio e suspirou. Estava na hora de acordar Amelia e prepará-la para levá-la a casa de Jude. Susan não tinha a menor vontade de trabalhar, mas ninguém pagava suas contas e ela precisava enfrentar aquele dia como todos os outros que virão.

Preparou o café, arrumou a mesa com o cereal que Amelia começou a comer todos os dias desde que elas se mudaram para a casa de verão de Elliot. Por causa da dívida do apartamento, elas não tinham condições de comer tudo o que gostariam e, algumas vezes, Joy e Paul a ajudavam com as compras, embora Susan tentasse não aceitar, ela sentia falta de comer chocolate e aceitava o agrado dos amigos.

Após arrumar a mesa, voltou para o andar de cima, até o quarto de Amelia. Tantas mudanças em tão pouco tempo. Sua filha agora tinha um quarto só para ela, brinquedos, coisas boas para comer, além de algumas besteirinhas que Elliot fez questão de comprar para ela. Claro, ele não sabia ainda como agir com a filha, a agradava de todas as formas e até a mimava, Susan até se preocupava com tanto mimo, mas Amelia nunca teve nada, então não queria privá-la do que ele podia proporcionar a ela.

– Ei! – Susan se aproximou da cama e sentou-se. Amelia estava encolhida e o cobertor tampava-a toda. Susan estranhou ao sentir o calor forte dentro do quarto, a janela estava fechada e havia pouca circulação de ar. – Meu amorzinho, hora de acordar. – Susan puxou a coberta, destapando o rosto e assustou-se ao perceber que Amelia suava e tremia. – Amelia, amor!

– Hum... – Amelia puxou a coberta e sequer abriu os olhos.

Susan puxou um pouco a coberta e tocou em sua testa, sentindo a pele queimar.

– Meu Deus, você está com febre! – ela suspirou preocupada. Amelia nunca ficava doente. Se levantou e correu até o quarto, discando para Elliot, que mais uma vez não atendeu a ligação. Em seguida, discou para Ben, que atendeu imediatamente. – Ben, talvez seja melhor pedir para Joy me

substituir hoje, Amelia está ardendo em febre e vou levá-la ao hospital.

– Claro Susan, me mantenha informado!

Ela desligou após se despedirem. Voltou para o quarto de Amelia e, com dificuldade a vestiu, pois ela resmungava o tempo todo que sentia frio.

*

Ele tinha prometido que voltaria. Não ligou e nem mandou mensagem, ou atendeu as ligações. Deixou as duas naquela casa imensa. E, todas às vezes que voltava do trabalho, Susan tinha um pouco de esperança em encontra-lo lá. Ela procurava por toda a casa e nenhuma notícia de Elliot. Fazia quatro dias e o que mais a entristecia, era promessa que tinha feito de voltar quando se despediu dela e de Amelia. As duas estavam tristes e a esperança desaparecia.

Amelia precisava dele, chamava pelo pai em seus delírios de febre. A levou três dias seguidos para o pronto-socorro, precisava descobrir o que estava acontecendo com a filha e nenhuma medicação fazia efeito. Susan sentia-se desesperada e despreparada naquela casa sozinha, onde tudo o que ela falava ecoava por todos os cantos, pois não havia ninguém mais além delas. Sua filha precisava dela e não sabia o que fazer.

Sentia-se culpada por Amelia estar passando por aquilo, por Elliot entrar em sua vida e sumir de repente, sem dar explicações ou fazer sequer uma ligação, para falar com a filha. Será que ele pensava o quanto a pequena Amelia estava sofrendo? Será que pensava nelas?

Susan gesticulou negativamente, tentando afastar os pensamentos aterradores. Não podia deixar a negatividade prejudicar seu discernimento. Fazia poucos dias e ele devia estar muito ocupado, sem poder ligar para elas. Seja lá o que Elliot foi fazer em Nova Iorque, era muito importante e isso Susan sentia em seu coração. Não sabia por que tinha essa certeza, mas era isso que estava sentindo.

Embora levasse Amelia para o pronto-socorro, os médicos faziam apenas suposições. Podia ser uma gripe ou uma virose. Susan não tinha condições de levá-la ao hospital particular que ficava na cidade vizinha para poder dar uma assistência melhor a ela, estava de mãos atadas.

Ela culpava aquela casa grande por trazer muitas recordações em todos os

cantos de Elliot. Talvez fosse isso a causa do sofrimento de Amelia. Tudo a fazia se recordar do pai. Embora Susan não tivesse perdido a esperança de Elliot voltar para casa, ela achava que devia afastar Amelia do que trazia lembranças a ela. Sentia-se impotente e uma péssima mãe.

Elas só queriam Elliot por perto, nada mais do que isso. A casa não era nada além de recordações, se ele não estivesse nela. E, da mesma forma que doeu na primeira vez que ficaram distante, estava doendo de novo porque ela não conseguiu evitar o sofrimento de sua filha.

19 - Amor De Criança

“Não posso ficar para voar

Não sou tão ingênuo

Só estou tentando achar

A melhor parte de mim”

Superman

Susan havia decidido sair da casa de verão naquele dia. Não podia deixar sua filha sofrendo mais tempo naquela casa com as lembranças do pai. Quando saiu do trabalho, ao invés de buscar Amelia na casa de Jude, ela foi em direção à casa de verão de Elliot, arrumou a mala e foi buscá-la.

Sua filha ainda estava febril, mas os remédios estavam controlando. Entretanto, havia o desânimo e a tristeza nos olhos de Amelia. Ela queria o pai e a única coisa que restava fazer, era esperá-lo.

Havia desistido de ligar para ele. Elliot estava ignorando-as, ela queria saber o porquê, só não sabia como abordar o assunto quando tivesse alguma oportunidade. Susan fez inúmeras suposições, mas só uma se sustentava. A avó de Elliot estava muito doente, ele disse isso e acreditava que a saúde da senhora Kane devia ter piorado.

Como faltou muitos dias ao trabalho, hoje precisou ficar até depois do horário e precisaria trabalhar à noite no fim de semana para cobrir Joy que a substituiu quando ela precisou também.

Susan se sentia muito rica por poder contar com amigos tão bons. Ela saiu do carro ao estacionar em frente ao seu prédio e suspirou, deu a volta no carro, abriu a porta e puxou o banco para dar passagem a Amelia, pegou a mala, trancando-o em seguida.

Amelia ficava mais cabisbaixa a cada dia que passava, seus olhos ficavam ainda mais tristonhos, não parecia em nada com a menina sorridente que as pessoas estavam habituadas a ver. Ela não falava mais sobre Elliot quando estava acordada, mas Susan a conhecia bem o bastante para saber o que se passava naquela cabecinha pequena. Ela entrou no prédio e tomou um susto ao ver uma caixa grande. O porteiro, Abel, saiu de trás do balcão e foi até ela.

– Senhorita, alguns homens entregaram esse fogão na semana passada! – Susan encolheu os ombros por ter se esquecido dele. Amelia assentiu para Senhor Abel ao passar por ele, mas não o abraçou como costumava fazer e subiu.

– Que droga, me esqueci completamente! – Susan mordeu o lábio, envergonhada. – Vou pedir para alguém carregá-lo até o meu apartamento!

– Se quiser, posso pedir para meu filho te ajudar a carregar lá para cima. – o porteiro apoiou o braço sobre a caixa.

– Vocês poderiam fazer isso? – Susan levou a mão até o peito, emocionada.

– Vou chamá-lo!

– Obrigada, Senhor Abel! – Susan disse antes que ele desaparecesse.

Senhor Abel a conhece há anos, desde que se mudou para o apartamento. Ele sempre foi muito gentil e era um dos poucos habitantes da cidade que a respeitava e sequer a julgava por ser mãe solteira. Ele brincava com Amelia e não a menosprezava. Susan o considerava um amigo. Na verdade, gostava de toda a família dele.

Ela carregou a mala e quando chegou ao seu andar, a porta estava aberta. Amelia já estava lá. Ela se aproximou da porta e retirou a chave a colocando no mesmo lugar de sempre. Amelia estava de frente para a televisão. As pernas estavam cruzadas sobre o sofá e os braços ela apoiava sobre as coxas.

– Olha os sapatos no sofá, Amelia! – Susan chamou sua atenção. Aguardou algum resmungo, mas Amy retirou os pés do sofá e ficou sentada, com as mãos juntas sobre a perna.

Susan se sentia chateada, pois sua menina estava muito triste. Não passou muito tempo com Elliot e quando esteve com ele, se sentia muito feliz e, naquele momento, ela não o tinha mais. Nem notícias dele ela tinha, o que quebrava seu pequeno coração. Como ele podia fazer aquilo com uma criança inocente e meiga como a própria filha?

Susan sentiu raiva e queria esganá-lo. Se ela pudesse... Suspirou, sabendo que não conseguiria fazer tal coisa quando o encontrasse, mas esperava conseguir brigar.

O porteiro Abel e seu filho entraram no apartamento carregando o fogão.

Susan fez um café para estreá-lo e levou para o porteiro experimentar. Ela não conseguia parar de agradecê-lo, ficou alguns minutos conversando com Abel para saber as novidades sobre o que estava acontecendo com seus vizinhos e quando soube de todas as fofocas, ela voltou para o apartamento.

Ao entrar, viu Amelia deitada no sofá. Achou que ela estivesse dormindo, guardou as roupas que estavam na mala e foi tomar banho.

Quando saiu do banho, Amelia ainda estava do mesmo jeito, na mesma posição. Se aproximou dela, que estava com o rosto escondido entre os cabelos. Se sentou na ponta do sofá e tocou no cabelo que estava no rosto afastando-o. Amelia estava um pouco vermelha. Susan roçou a ponta dos dedos em seu rosto e os afastou ao senti-la quente, tocou de novo, mas dessa vez com a mão toda em sua testa e a sentiu queimar.

– Amy! – Susan tocou em seu ombro, que estava bem quente. – Acorda, querida!

– Hum. – Amelia se limitou apenas em resmungar.

– Você está com febre de novo meu amor, acorda! – Susan a chacoalhou levemente, até que ela abriu os olhos. – A mamãe vai por um pano fresco em sua testinha, está bem? – Amelia assentiu e baixou os olhos.

Aquilo fez com que Susan sentisse um aperto no peito. Ela se levantou rapidamente e preparou o pano para por em sua testa, quando voltou até o sofá, Amelia estava dormindo de novo. Susan a acordou novamente e deixou o pano em sua testa.

– Fala com a mamãe, meu amor. O que você está sentindo? – Susan pressionava o pano em sua testa e segurava sua mão com a outra. Amelia não a respondeu. – Diz meu amor!

E mesmo insistindo, Amelia não a respondia. Susan molhou o pano novamente e passou em seus braços para diminuir a temperatura do corpo de Amelia, antes de voltar a pressioná-lo em sua testa.

– Eu quero dormir mamãe! – Amelia fechou os olhos.

– Está bem, dorme um pouco. A mamãe não vai sair daqui, mas antes, vamos tomar mais um remedinho para você melhorar.

Amelia a obedeceu, bebendo o analgésico, voltou a deitar a cabeça e fechou os olhos, dormindo logo em seguida. Susan continuou fazendo

compressa com o pano frio em sua testa até que a sentiu ficar mais fresca.

Jogou o pano de volta no pequeno balde e pegou a filha no colo, a levando para a cama. A cobriu ao perceber que a pele de Amelia estava arrepiada e se sentou na beirada da cama, ao seu lado. Observando seu sono. Parecia sereno e muito tranquilo.

Após trinta minutos observando-a dormir, Susan se levantou da cama e foi para a cozinha preparar algo para Amelia comer quando acordasse. Seu celular tocou e ela correu rapidamente para atender. Por um momento achou que fosse ele. Seu celular nunca tocava. Só podia ser ele!

20 - Ayah Kane

*“Meu pai sempre me disse: Não chore quando você estiver pra baixo
Mas mãe, há uma lágrima toda vez que eu pisco
Oh, eu estou em pedaços, rasgado, mas eu sei
Um coração que está quebrado é um coração que tem sido amado”*
Supermaket Flowers

Elliot estava impaciente. Nada do que havia planejado deu certo desde que o avião aterrissou em Nova Iorque. Mas nada se compara com o que aconteceu na sua vida, mudou tanto e em tão pouco tempo. Portugal parecia tão distante agora.

Como havia planejado, ele foi até à casa de sua avó para informá-la que transferiria a casa de verão para o nome de Susan, a casa *townhouse*² de sua avó ficava no *Upper East Side* em Manhattan, após ter uma reunião com o advogado da família e aproveitar para esclarecer algumas coisas com a sua avó, mas a conversa não foi nada como ele esperava.

Ainda podia sentir o peso nos ombros com a conversa que tiveram e não conseguia se esquecer do que aconteceu logo depois. Fechou os olhos sentindo-os pesados e doloridos, recordando.

Sua avó estava deitada em sua cama, o quarto como sempre limpo, arejado e cheirando a hospital, a janela estava aberta, deixando um sopro fraco do vento atravessar as cortinas, ela vestia roupas claras, estava muito pálida e cada vez mais fraca, embora contasse com a ajuda do aparelho para respirar.

Ao vê-lo entrar, Ayah sorriu com os olhos, mas mostrou-se surpresa ao descobrir que ele continuava na cidade. As mãos estavam sobre o colo que seguravam um copo de água, seus cabelos brancos eram poucos e havia muitas falhas visíveis. Suspirou sentindo-se estranho, pois compadeceu-se de seu estado de saúde. Ele puxou a poltrona e a levou para perto da cama. Carregava uma pasta transparente e a colocou no colo. Olhou sua mão enrugada e com manchas do tempo, sentiu vontade de tocá-la e confortá-la. Fazia muito tempo que não sentia a textura da pele de sua avó.

– Olá, vovó! – ele disse após arranhar a garganta. Queria ser o mais sarcástico possível, mas o estado em que ela se encontrava o impediu de agir como gostaria. – Tenho boas notícias!

Ao ouvi-lo, a senhora esticou a coluna e o sorriso desapareceu.

– Elliot... – ela buscou o ar com força para conseguir articular suas palavras seguintes. O peito subia e descia, mas dessa vez diria o que precisava.

– Não, vovó. Eu irei falar agora! – ele umedeceu os lábios e sorriu, olhando-a nos olhos. – Você não conseguiu. Susan não abortou e ela me deu uma menininha que parece tanto comigo. Eu sei que você não quer, mas eu não estou nem aí para o que a senhora deseja. Susan e eu vamos ficar juntos, cuidaremos da nossa filha e seremos uma família. A família que você me negou a ter alguns anos atrás.

Ayah Kane ergueu o copo de água com dificuldade e o entregou a ele. Ela sentia falta de ar e queria explicar algumas coisas a Elliot, precisava contar tudo a ele.

– Eu sei! – ela disse simplesmente. A voz soou baixa, mas não havia um pinga de remorso em seus olhos.

– Como é que é? – ao ouvi-la, ele se ergueu da poltrona ferozmente. Ayah seguiu seus movimentos. – Quando me contou sobre o aborto de Susan você sabia? – ela assentiu. – Mas que merda, vovó! Não se cansa de destruir a minha vida?

– Elliot... – ela umedeceu os lábios e fechou os olhos, respirando fundo. – Precisava que você fosse até ela e visse a garotinha. – Ayah apontou em direção ao guarda-roupa. – Vai até a segunda gaveta.

– Você sempre soube? – Elliot foi até o guarda-roupa e abriu a gaveta, onde havia uma caixa.

– Eu dei dinheiro a ela! – Ayah ergueu uma mão lentamente e levou-a até o coração, o apertando. – Precisava ficar de olho para ver se Susan não tentaria te perturbar de novo.

– E ela não fez! – Elliot se sentou novamente na poltrona depositando a caixa no colo.

– Quando você desapareceu, aquela garotinha era a minha esperança de

PERIGOSAS TRADUÇÕES

você voltar. – Ayah engoliu saliva com força, falava lentamente e continuava em busca de ar. – Mas Claire discordava e eu não sabia como te contar, e se eu te contasse, você e Susan voltariam. Eu não sabia mesmo o que fazer.

– O que tem aqui dentro? – Elliot esfregou as duas mãos naquela caixa.

– Tudo o que você perdeu de sua filha está aí. – Ayah fechou os olhos. – Quando percebi que você não se casaria com Claire para cumprir o acordo que fizemos e manter nosso legado... – ela apertou o coração de novo, abriu os lábios sugando o ar. – eu sabia que precisava te devolver o que tiramos de você. – Elliot ia dizer alguma coisa, mas Ayah o interrompeu, forçando o ar novamente, tossindo em seguida. – Há duas semanas, descobri que havia uma ponta solta no acordo que firmei com Claire e como Susan engravidou antes de assinar o acordo, a herdeira de tudo, mesmo com todas as mudanças realizadas nos últimos anos, com o apoio de Claire, é sua filha, Elliot. Amelia é a herdeira de tudo!

– Não é possível! – ele se levantou, deixando a caixa cair no chão, sem sequer verificar o que tinha dentro.

– Sua filha é dona de tudo! Você só precisa dar seu nome a ela! – Ayah tossiu seguidas vezes em busca de ar, até sentir-se confortável para continuar. – Claro que Claire brigará na justiça para não permitir isso, mas o DNA e a data de nascimento de Amelia comprovarão o contrário. Elliot... – Ayah tossiu novamente, estava se esforçando para falar, o que era proibido pelo médico.

Elliot fechou a mão e a apertou com força, sentindo-se irritado com sua avó novamente. Ela nunca mudaria e, embora tentasse se controlar para não brigar com ela, já que a última vez que conversaram, sua avó teve um princípio de AVC. Mas ouvir aquelas palavras, fez com sua paciência desaparecesse.

– Você queria me unir a minha filha por causa dessa maldita empresa? – Elliot foi até a janela olhando o jardim lá fora. – Até no seu leito de morte você pensa em dinheiro. Que merda, vovó! Eu achei que finalmente seu coração tinha amolecido, mas só pensa nessa maldita herança.

– Elliot, eu sinto... – tossindo muito, Ayah continuou buscando ar.

Ela precisava de força para respirar e falar, seus lábios moviam-se, mas nenhum som saía de sua boca. O ar não veio e Ayah sentiu-se sufocar. Elliot

se virou e correu até a cama, tocando a campainha. Sua avó se debatia, mas segurou-o pela gola da camisa, tentando dizer mais alguma coisa. Soltou suspiros aflitos em busca de ar.

– Amelia... – murmurou e novamente se esforçou. A porta se abriu e as enfermeiras entraram, pedindo para Elliot se afastar, mas Ayah o segurava com força pela gola da camisa. – Amelia... – repetiu e o soltou, os olhos arregalados e muito secos, tremendo sobre a cama.

Elliot suspirou ao recordar-se da tarde que teve com a sua avó antes de mais um ataque cardíaco acontecer e precisarem chamar a emergência.

Estava sentado na sala de espera de um hospital, aguardando notícias. Ele precisava conversar com a sua avó, saber se o que disse era verdade. Antes, ele tinha tudo sob controle. Havia construído sua vida longe de sua família, mesmo fazendo de forma errada, agora que ele queria seguir corretamente, sua avó joga aquela bomba.

Ele retirou o celular do bolso e o ligou. Havia trocado de número, mas não podia ligar para ela. Claire já sabia que estava na cidade e, se desse um passo em falso, ela descobriria de alguma forma sobre ele e Susan.

Claire era tão sedenta por poder como seu pai e faria qualquer coisa para continuar o legado que começou desde o início.

Quando soube, há nove anos, que havia perdido todos os títulos da empresa, pois foram transferidos de repente para Alberich Turner, Elliot descobriu que o diretor das empresas Kane enganou sua avó o tempo todo após a morte prematura de seus pais, e faltava apenas casar Claire com Elliot para ter direito a todas as posses, o que Elliot não permitiria, mas não para defender o legado de sua família, pelo contrário, ele só não queria fazer um compromisso com alguém que não gostava.

Após a morte de Alberich em um acidente de avião, Claire que já era treinada pelo pai, tomou posse de tudo. Capaz de eliminar qualquer um que estivesse em seu caminho, ela caçava Elliot pelo mundo e agora ele estava ali, perto dela e, a qualquer momento, iria encontrá-la e precisaria confrontá-la.

Elliot olhava para o chão e sequer percebeu que alguém se aproximava, até que uma sombra se formou em cima dele. Ergueu os olhos e respirou aliviado ao ver Joseph em sua frente, segurando uma caixa nas mãos e uma

pasta embaixo do braço esquerdo.

– A encontrou? – Joseph gesticulou negativamente.

– Não, desapareceu do mapa! – sentou-se ao lado de Elliot. – E sua avó, como está?

– Ainda continuo achando que tem sete vidas. – Elliot pegou a caixa que Joseph erguia para ele. – Eu preciso registrar Amelia com o nome da minha família, mas isso vai desencadear algumas coisas que eu tenho medo. Quero voltar à Avon Park e ficar com a minha família.

– Não precisa ficar preocupado por enquanto.

– Você acha? – em resposta, Joseph anuiu concordando. – Talvez por uma ou duas semanas possa ficar em Avon Park.

– Já ligou para ela?

– Ainda não! – Elliot abriu a caixa e sentiu os olhos umedecerem. – Olhe isso, Joseph!

Ele olhava para as fotos, muitas fotos que foram fotografadas à distância. Susan grávida, Susan carregando um carrinho de bebê, Susan em um parque empurrando Amelia no escorregador. Ela era tão pequena e tinha muitos cabelos.

Pegou outra fotografia, Amelia era muito nova, estava tentando se levantar e Susan erguia as mãos a chamando, elas estavam no parque e ao fundo podia ver Joy e Paul observando-as, eles estavam sorrindo e pareciam ansiosos pelo que aconteceria a seguir. *Será que Amelia estaria dando os primeiros passinhos naquele momento?* – indagou-se. Elliot sentiu o coração se apertar e suspirou.

Guardou as fotos de volta na caixa e ouviu Joseph suspirar ao seu lado. Ergueu o rosto para ele, pois percebeu que algo incomodava-o.

– Você já sabe o que vai fazer em relação à Claire?

– Sim, quando registrar o nome de Amelia, darei um chute grandioso em sua bunda. – suspirou. – E me casarei com Susan.

– Vocês acabaram de começar e já está pensando em casar? – Joseph tentou sorrir.

– Ora, você acha que vou trazê-la para cá sem ter uma segurança de que

ela é só minha? – Elliot sorriu para ele.

– Acha que Claire deixará isso acontecer? – Joseph arqueou uma das sobrancelhas grossas e bem torneadas. – Ela não me parece o tipo de mulher que vai aceitar isso facilmente. Seguiu seus passos por toda a Europa e quase o encontrou. Não acho que ela vá facilitar.

– Eu sei, mas não vou ceder a ela.

– Não sei não, acho que isso vai trazer a tona uma leoa que tanto você quanto Susan não estão preparados. – Joseph sorriu. – Eu até hoje não entendo essa obsessão que ela tem por você, já domina 99% da empresa e não precisariam se casar para isso acontecer. Sua empresa tinha uma dívida com ela. Ela poderia te deixar em paz.

– Ah.. – Elliot encolheu os ombros. – Quando fui a Avon Park na época que conheci Susan. Claire e eu namorávamos há dois anos.

– Ah... – Joseph respirou fundo. – Um coração partido. Isso explica tudo.

– Nas minhas férias de verão, há nove anos, eu estava em Avon Park e ela já trabalhava com seu pai na empresa, foi me visitar em um fim de semana terminei tudo com ela, dizendo que havia me apaixonado loucamente por alguém. – Elliot gesticulou negativamente, mas estava sorrindo e recordando. – Ela gritou muito, quebrou vários vasos de flores jogando-os em mim e a única coisa que pensava era no alívio de Susan não estar ali para presenciar a minha discussão com Claire e descobrir que, enquanto estava com ela, eu tinha um compromisso.

– Você foi um idiota, Elliot!

– Eu me apaixonei, Joseph. Isso que aconteceu. Eu não queria sair de Avon Park nem para terminar com Claire, pois cogitar ficar mais tempo do que o necessário longe de Susan, me deixava desesperado. Lembro-me de Claire sair da casa dizendo que meu relacionamento não iria durar e que ela faria questão de providenciar isso.

– E ela conseguiu!

– É, mas eu achei que fosse apenas uma promessa no calor da emoção. Claire era uma boa garota, alegre e divertida, mas desde aquele dia, mudou completamente. Devo ter me tornado seu objetivo de vida, infelizmente.

– E ainda acha que ela vai aceitar tudo o que vem a seguir

tranquilamente?

– Não, acho que não. E não quero brigar com ela. Por mim, ela pode ficar com todo o dinheiro. Nem eu e nem Susan nos importamos, eu acho. Só quero a casa de verão para minha filha. Ela ama aquela casa. E agora posso dar a ela. – Elliot fechou os olhos um momento ao se lembrar de Amelia e sorriu, porque recordar de sua filha, o fazia sorrir. Olhou para a caixa aberta em seu colo. – Eu tenho dinheiro suficiente para nós três vivermos bem e é isso que realmente importa.

– E o... – Elliot o interrompeu.

– Sinto muito, meu amigo, não sei se percebeu, mas não posso seguir mais por esse caminho errado. Eu tenho uma família agora e preciso pensar nela. Você pode continuar.

– Você quer que eu vá?

– Não, eu preciso de você, mas sei o quanto gosta da adrenalina.

– Eu gosto sim, mas podemos comandar tudo a distância e você não precisa se envolver. – Joseph tinha as duas mãos apoiadas nas coxas. – Eu gostei de Avon Park! – anunciou, mas arrependeu-se logo em seguida.

– Isso tem a ver com mulher?

Ao ouvir a pergunta de Elliot, Joseph sentiu os ombros pesarem. Elliot não poderia imaginar a mulher que não sai de sua cabeça. Ele vem tentando evitar os pensamentos confusos, mas está difícil.

Devia se afastar, aquele era o momento certo, mas não conseguia, não desde que a viu pela primeira vez e, a cada dia que convivia mais com ela seu interesse aumentava.

– É, mais ou menos isso!

Joseph encolheu os ombros sentindo-se um desgraçado, não queria seguir mais aquele caminho da conversa, pois nem sabia o que estava acontecendo com sua linha de pensamento.

Aquele era o momento de sumir e a única coisa que fazia, era se manter no meio do perigo e deixar a adrenalina dentro dele aumentar.

– Mas não ficaremos em Avon Park sempre. – Elliot fez questão de lembrá-lo.

– Eu sei! – Joseph apertou os lábios, formando uma linha bem fina.

– Preciso voltar a Avon Park e explicar o que está acontecendo. – Elliot suspirou sentindo-se muito cansado.

– Quer que eu vá?

– Eu tenho que ir, Joseph. – Elliot se levantou. – Você fica aqui e me mantenha informado?

– Claro, caso ela acorde entro em contato!

– Providencie para que seu retorno para casa seja confortável enquanto organizo minha vida com Susan. Talvez quando vovó acordar, eu e Susan já estejamos aqui, casados.

– E Claire?

– Ela vai precisar esperar novamente!

2 Townhouse casa de 2 ou 3 andares geminadas.

21 - Lar Doce Lar

“Talvez cercado

Por um milhão de pessoas, eu

Ainda me sinto totalmente sozinho

Eu só quero ir para casa

Eu sinto sua falta, sabe?”

Home

Susan sentia o peito se apertar toda vez que olhava para Amelia desanimada e febril. Continuava chamando pelo pai enquanto delirava de febre. Não sabia mais o que fazer.

Os médicos não descobriam nenhuma anomalia, além de psicológica, aconselharam levarem-na a um psicólogo, mas Susan não tinha dinheiro para levá-la em um, sem contar que em Avon Park não tinha um psicólogo, precisaria ir a Orlando, Tampa ou Melbourne para consultá-la com um profissional.

Joy e Paul as visitavam sempre, tentando suprir a falta que Elliot fazia.

Susan tentava se controlar para não se abalar pela ausência e pela falta de notícias de Elliot. Ela não podia se dar esse direito, quando tudo o que importava era Amelia.

Durante as noites, após finalmente conseguir fazer sua filha dormir, Susan desabava e, embora tentasse controlar os soluços, era quase impossível. Não queria se arrepender de ter deixado ele se aproximar de sua filha, mas ver o estado que Amelia se encontrava, não ajudava e se sentia uma péssima mãe por permitir isso, sem saber que caminho tomar.

Estava sentindo o coração apertado, mas não tinha escapatória, teria que deixar Amelia e ir trabalhar.

Susan conversou com Benjamin, perguntando se poderia assumir o posto de Joy naquele fim de semana, pois ninguém gostava de trabalhar à noite na lanchonete quando tinha show e a contragosto, Benjamin aceitou a proposta e deu folga o dia todo a Joy contanto que Susan conseguisse dar conta sozinha da lanchonete à noite. Joy a ajudou tanto trabalhando em dois turnos para

cobri-la, mesmo estando tão cansada que não podia deixá-la continuar se desdobrando somente para ajudá-la e, embora Joy relutasse em admitir que estava cansada com a rotina Susan sabia que era hora de ela ajudar a sua amiga.

*

Amelia se sentia tão sozinha e mesmo com a presença da sua mamãe, era como se algo estivesse faltando e realmente estava. Ela se perguntava todos os dias pela manhã por que Deus deixa as pessoas entrarem na vida dela, se vão desaparecer? Ela teve uma vovó que foi tirada da vida dela sem conhecer e agora seu papai não ligava e nem voltava para casa. Não achava justo. Estava doendo todos os dias. Ela não gostava dessa dor. Não era boa e nem bem-vinda. Já podia ir embora.

Para ela doía mais ainda, quando olhava para sua mamãe. Seu olhar estava triste e se esforçava para ficar bem diante dela. Todas as noites, sua mamãe chorava quando achava que ela estava dormindo. Sua mamãe nunca foi tão feliz como nos últimos dias. Elas eram boas pessoas, faziam tudo certo. Não brigavam com ninguém e tratava todo mundo bem. Não fazia sentido passarem por aquilo.

*

Diferente da viagem de ida à Nova Iorque, na volta, Elliot sentia os ombros e pés leves. Como se algo invisível o empurrasse em direção a Susan e Amelia.

Elliot e Joseph já estavam em Orlando e se encaminhavam à Avon Park, ambos sentiam a empolgação aflorar na pele, conforme os quilômetros de distância diminuía no velocímetro do carro alugado. Havia acabado de passar por Winter Haven, sinalizando que faltava mais de uma hora para chegarem. Joseph dirigia e Elliot mexia nos aparelhos que estavam sobre seu colo.

– Você acha que elas vão gostar?

– Amelia vai adorar, Susan provavelmente vai ter dificuldade!

– É, mas elas precisam!

O aparelho de Joseph toca e a fotografia de Claire aparece. Elliot retorce o nariz.

– Ela é insistente, deve gostar muito de você!

– Isso já deixou de ser amor há muito tempo! – Elliot devolve o aparelho que segurava na caixa e pega o outro. – Instalei vários jogos para Amelia. – disse sorrindo. – Acelera mais um pouco, quero entregar a elas logo!

Elliot olhou para o lado de fora da janela. O sol não brilhava tão forte naquele horário. Fazia cinco dias que tinha saído de Avon Park, mas pareceu que foram mais do que isso. Os dias se arrastaram, as horas pareciam que pararam no tempo.

Ele olhou para o banco de trás. Havia comprado tantas coisas para elas, Susan provavelmente brigaria por exagerar. Mas quando esperava o anúncio de seu voo no aeroporto, não resistiu. A loja praticamente sussurrava seu nome, o chamando, como se compreendesse o que ele precisava comprar. Ele estava entediado, não via a hora de decolar.

A semana que esteve ao lado de Susan e Amelia passou tão rápida em comparação a que esteve longe delas e, no meio do nada, em direção à Avon Park, a hora continuava a seguir devagar, mas estava se aproximando, seu coração sentia que a distância diminuía a cada metro percorrido.

Era sábado e imaginava o que elas estariam fazendo quando chegasse. Não via a hora de abraçá-las e sentir o perfume de cada uma.

Nem bem o carro estacionou diante da casa, ele saiu do carro, carregando uma mochila. Ele se preocuparia com o restante das coisas depois de abraçar suas garotas.

Elliot sequer reparou que o carro de Susan não estava estacionado e que as luzes da frente da casa estavam apagadas. Subiu os degraus rapidamente e tentou abrir a porta, que estava trancada. Levou a mão até o bolso a procura da chave e abriu a porta, escancarando-a.

Silêncio e cheiro de casa fechada por muitos dias. Foi até o andar de cima, entrando no quarto de Amelia, mas sem nenhum rastro da sua pequena, abriu o guarda-roupa, verificando se havia algumas roupas e respirou, aliviado, pois havia muitas roupas, mas não todas.

Foi até o seu quarto e de Susan, abriu-o. Nem sequer havia um rastro de seu perfume. Fazia dias que elas não vinham para casa. Deixou a mochila sobre a cama e saiu do quarto, descendo a escada rapidamente, atravessou o

corredor acelerado, esbarrou em Joseph que carregava tanto a mala dele quanto a de Elliot para dentro de casa e sequer se desculpou.

– A chave está no carro? – Elliot parou antes de descer a escada.

– Está!

Elliot desceu a escada a passos largos e rápidos, entrou no carro e saiu cantando pneu. Em instantes, ele chegou até o prédio de Susan. O sol estava sendo substituído pela lua e o céu estava alaranjado, entrou no prédio, subindo de dois em dois degraus. Ao se aproximar do apartamento de Susan, parou um momento em busca de fôlego.

Ele sentiu um pânico ao constatar que elas não estavam em sua casa, o aguardando. Mas ao ver a luz acesa pela fresta da porta e barulho de louça sendo lavada, Elliot sentiu os ombros relaxarem. Elas estavam ali, perto dele. Devia haver uma razão para não estarem em sua casa, esperando por ele.

Bateu duas vezes na porta, ouviu passos se aproximarem e uma Susan de cabelo preso, vestindo uniforme, secando as mãos penetrou na sua visão. Ele tinha apoiado o braço no batente da porta, por isso ela não conseguiu vê-lo no espelho mágico.

– Achei que tínhamos combinado às sete, Joy... – Susan disse enquanto abria a porta e sua voz falhou quando o seu olhar encontrou com o de Elliot.

– O que você está fazendo aqui e não em casa, me esperando? – ele achou que tinha se acalmado, mas se enganou. Sentiu seu cheiro refrescante, sinal de que havia acabado de tomar banho.

Susan segurou firmemente a maçaneta da porta e respirou fundo, encarou-o um instante e ouviu um movimento no sofá, virou o rosto em direção a Amelia e percebeu que sua filha não tinha notado quem estava parado na soleira da porta.

Ela deu dois passos a frente, o empurrando para fora do apartamento, cutucando-o com o dedo indicador e fechou a porta a suas costas. Estava irritada, preocupada, cansada e teria uma longa noite pela frente.

– Como você ousa me cobrar desse jeito?

Susan olhava-o atentamente, o dedo ainda o cutucava no peito, sentindo-se ainda mais furiosa com aquela pergunta. Seu olhar parecia cansado, mas faiscava.

– Você não estava lá quando cheguei! – Elliot olhou para baixo, onde seu dedo tocava e segurou sua mão. Ela afastou-a e cruzou os braços, mostrando que não o receberia com sorriso. – Devia ter trazido flores?

– Elliot! – ela apertou os lábios e enrugou a testa. – Você não vai me comprar com nada!

– Oh! – ele encolheu os ombros. – Me desculpe, eu sei que devia ter ligado, mas você não precisava sair de casa assim. Eu disse que voltaria, você não acreditou em mim?

– É claro que eu acreditei! – ela descruzou os braços e parecia uma leoa protegendo um filhote. – Só que aquela garotinha que está lá dentro... – pausou e apontou para a porta atrás dela. – estava doente de saudade de você e eu saí de lá, da sua casa gigantesca e muito confortável, porque estava prejudicando a nossa menina. – ela murmurou. – Você precisa ter uma boa explicação para poder passar por essa porta!

Ao ouvir suas palavras, Elliot sentiu o coração pesar e o sorriso que estava estampado em seu rosto desapareceu. Fechou os olhos um instante, sentindo-se péssimo pai. Será que algum dia seria bom na arte de ser pai? Ele devia obedecê-la e contar o que havia acontecido, mas não sabia como fazer isso, não ainda.

Aconteceram tantas coisas, ainda havia Claire e o fato de serem noivos. Não podia contar isso a Susan, não enquanto não tivesse resolvido. Ele deu um passo a frente e sentiu a respiração sôfrega roçar em seu rosto.

– Ela precisa de mim, Susan! – Elliot levou as duas mãos até os seus ombros, os apertando e a afastou para o lado. – E eu vou entrar, querendo você ou não.

– Elliot... – Susan esticou o braço, implorando por uma explicação, sussurrou. – Ela vai querer saber por que não deu notícias.

– Eu sei! – Elliot tocou em sua mão e levou-a até os lábios, sentindo-se acalmar. Conectou os olhos aos dela, sabendo que devia contar ao menos algo e murmurou. – Minha avó teve AVC! – apoiou a testa na dela e fechou os olhos. – E por mais que a odeie, eu não consegui ficar longe. – ele não mentiu. Só voltou para Avon Park quando sua avó ficou fora de perigo.

Susan sentiu sua respiração beijar o rosto e levou as mãos até seu peito o

esfregando, sentindo seu coração bater descompassado. Olhando-o atentamente, percebeu as olheiras de dias sem dormir e o cansaço. Ele parecia exausto e a ponto de desmoronar.

– Ela... Ela... – gaguejou, o que o fez abrir os olhos, ainda com a testa colada na dela. Entendendo o que ela quis dizer, Elliot assentiu.

– Sim, está fora de perigo! – Susan exalou o ar que não percebia estar segurando. – Mas é só questão de...

Susan o interrompeu, levando dois dedos sobre seus lábios.

– Ei, não vamos pensar no pior agora. – ela entrelaçou os dedos nos dele, acalmando-o. – Você não devia estar com ela?

– Ela está em boas mãos! – Elliot levou uma mão até seu rosto e o contornou com a ponta dos dedos. – Eu só precisava vir para casa, para vocês.

– Por que você não ligou ou me atendeu?

Ah, merda! A pergunta que ele queria evitar. – suspirou. Evitou seus olhos e Susan estreitou os olhos percebendo que havia algo mais.

– Tive um problema! – Elliot encolheu os ombros. – Estou com outro número de telefone agora!

– Ah! – Susan suspirou, aliviada. – Ainda bem que você está aqui, acho que quando vê-lo, Amelia vai melhorar. É o que eu espero. – ela o puxou para dentro do apartamento, após fechar a porta.

– Quem é, mamãe? – Amelia, após dizer, tossiu.

– Sou eu, o papai! – Elliot respondeu no lugar de Susan, passou por ela e entrou no apartamento, encontrando Amelia deitada no sofá, o rosto rosado, os cabelos estavam trançados, mas parecia abatida e, com certeza, estava triste. Seus olhos estavam fundos e não havia rastro do brilho habitual que emanava dela. – O que você está sentindo, meu neném?

Elliot pegou Amelia no colo, que se ergueu para abraçá-lo, sorrindo e a aninhou escondendo o rosto contra seu peito. Ele a apertou e Susan observou-o abraçá-la forte e sentir o perfume de seu cabelo. Amelia resmungava e o apertava, sentindo seu cheiro, matando a saudade do seu papai.

– Papaizinho, ainda bem que você chegou! – Amelia disse com sua voz

suave e baixinha. Elliot tocou em seu rosto, sentindo sua pele.

– Papai está aqui agora, meu amor!

– Você nunca mais vai sair daqui?

Amelia apertou seu pescoço e ergueu o rosto olhando para ele, em seguida, colou o rosto no dele, apertando seu pescoço ainda com mais força.

– Eu não vou mais sair de perto de você! – Amelia o afastou e o olhou fixamente nos olhos. Susan arranhou a garganta, observando a cena diante de seus olhos.

– É mesmo, papai?

– É, não posso ficar mais um dia sem vocês! – Elliot olhou com o canto dos olhos na direção de Susan e observou-a inspirar e expirar o ar. – Dá próxima vez, vocês irão comigo!

– É mesmo? – Amelia sorriu.

– Ah, com certeza! – ele acariciou suas bochechas algumas vezes, sentindo a textura macia de sua pele, gravando na memória suas nuances. – Dói ficar longe de vocês.

– Dói mesmo! – Amelia voltou a abraçá-lo e deitou a cabeça em seu peito. – Meu coração “tava” doendo, papai!

– É? – ele levou a ponta dos dedos em seu queixo e a fez olhar em seus olhos.

– É, doía de saudade!

– Ah! – Elliot afastou a mão de seu queixo pequeno e oval para abraçá-la com força.

Finalmente sentia-se em casa. Estava com Amelia em seus braços, ao lado de Susan.

22 - Saudade

*“Estou parada em uma ponte
Estou esperando no escuro
Eu pensei que você estaria aqui agora
Não há nada, exceto a chuva
Sem pegadas no chão
Estou ouvindo mas não há som
Há alguém tentando me encontrar?
Alguém virá me levar para casa?”
I’m with You*

Amelia ergueu a mãozinha para levar até o rosto de Elliot que a segurou e a levou até os lábios beijando várias vezes, raspando sua barba, fazendo-a rir baixinho ao sentir pinicar a pele.

Ela sentia tanto sua falta e nem estava acreditando que seu papai estava ali, precisava tocar ele para saber se era verdade. Seu papai voltou para casa, para ela. Ah, a dorzinha no peito se apertou, mas dessa vez não era ruim, é que a felicidade era tão grande, que estava apertando seu coração dentro do peito e iria explodir a qualquer momento.

Amelia sentiu vontade chorar, mas respirou fundo e espantou as lágrimas que se formavam em seus olhos. Ela não era mais uma criança chorona. Continuou sorrindo para seu papai. Ele estava ali e era real, não um sonho e isso era um bom motivo para rir. Ah, ela não sabia que amava tanto ele, mas só queria que ele pudesse sentir tudo o que ela sentia.

– Eu vou precisar trabalhar hoje à noite, para compensar os dias que faltei.
– Susan disse chamando a atenção deles e suspirou, levantando-se, indo até a cozinha minúscula – Vai ter um show na lanchonete hoje.

– Ah, é? – Elliot observou-a mexer na panela.

Ele se recordava dos shows na lanchonete do Benjamin. Ele havia dançado com Susan em uma dessas apresentações, até havia entrado em uma briga com algum habitante local que estava dando em cima dela. Amelia

acariciou sua perna, chamando sua atenção e desviando-o do pensamento.

– Às vezes, eu trabalho aos sábados quando tem show. – Susan percebeu o torcer o nariz. – Ganho muita gorjeta.

– Eu sei qual é a intenção da gorjeta, Susan! – Elliot levou uma mão até o cabelo. – Ainda mais com esse uniforme curtíssimo. Provavelmente devem pagar pra você ficar perto deles.

– Você está dizendo que não faço um bom atendimento? – frustrada, Susan jogou a colher dentro da pia com força.

– Eu não disse isso, você entendeu errado! – percebendo que tocou em sua ferida, tentou se defender. – Eu quis dizer que eles gostam do que veem, ora. Eu faria o mesmo.

Ao ouvi-lo, Susan bufou e gesticulou negativamente.

– É melhor ficar quieto, papai! – Amelia chamou sua atenção, fazendo-a olhar para ele.

– Não estou me ajudando?

– Nem um pouco! – Amelia apertou seu pescoço. – Da próxima vez me pergunta o que precisa falar, antes de irritar a mamãe. – disse baixinho, cúmplice.

– Como corrijo isso agora? – Elliot tocou seu nariz, mas sorriu ao perceber que estava interessado nos conselhos da filha.

– Estou pensando.

Ela levou a mão até o queixo, olhando na direção de Susan que os observava cochichar estreitando os olhos. Sua mãe tinha cruzado os braços e respirava fundo.

– Sentiu saudade da mamãe, papai? – ao ouvi-la, Elliot assentiu. – Já falou isso para ela?

– Não disse, ainda. – Elliot suspirou.

– E tá esperando o quê, papai? – Amelia bufou frustrada e se afastou do colo de Elliot.

– Vai ficar bem?

– Vou! – ela começou a empurrá-lo, até ele se levantar. – Nem vou prestar atenção em vocês!

– Você tem quantos anos mesmo? – Elliot ajeitou a camisa amassada, Amelia riu de sua pergunta e fixou sua atenção na televisão, mas o observou caminhar em passos lentos e inseguros até a cozinha, sem afastar os olhos de sua mamãe. – Essa menina é surpreendente. – ouviu-o dizer ao se aproximar da cozinha. Sem querer ouvir mais aquela conversa melosa e declarações de amor de seus pais, Amelia aumentou o volume da televisão.

– É, não é? – Susan encostou-se ao mármore da pia e apoiou as duas mãos sobre a pedra, a apertando. Sentia-se chateada.

Elliot entrou na cozinha e olhou em direção a sala. Amelia estava concentrada na televisão, ou ao menos era o que aparentava. Ele levou as mãos até a cintura de Susan e aproximou o corpo do dela, ficando alguns centímetros apenas afastados, somente para poder devorá-la com os olhos.

Ao vê-la de uniforme quando ela abriu a porta do apartamento alguns minutos atrás, mesmo estando irritado com o fato de ela não estar em sua casa o esperando, seu corpo reagiu à presença dela, mas o desejo acalmou quando viu sua filha e um sentimento fraternal tomou conta dele.

Entretanto, vê-la irritada com ele, os seios subindo e descendo entre o decote, fez seu sangue borbulhar em seu corpo. Deslizou os olhos por seu corpo, observando cada curva. Suas pernas deliciosas, fazendo-o se recordar de como era senti-la enroladas em sua cintura. Grunhiu e olhou furtivamente para Amelia.

– Nem pensar! – Susan entendeu o que ele quis induzir com aquela olhadela.

– Eu não disse nada! – ele encolheu os ombros e sequer afastou as mãos de sua cintura.

– Ah, conheço esse olhar! – ela afastou uma mão do mármore da pia e levou-a até o peito dele, tentando afastá-lo sutilmente. – Joy deve chegar a qualquer momento.

– Que horas ela vai chegar? – Elliot olhou o relógio no pulso.

– As sete! – ao ouvi-la, Elliot sorriu.

– Temos alguns minutos!

– Ah, não temos mesmo! Não para o que você quer e, mesmo que tivesse, não ia rolar.

– É, tem certeza? – Elliot afastou uma de suas mãos da cintura dela e, vagorosamente, deslizou a ponta dos dedos até alcançar o vão entre os seios no decote. – Não é o que sua respiração está me dizendo.

Ele deslizou um dedo por entre o sutiã, sentiu-a ofegar e soltar o ar, a mão que o empurrava seu peito antes, agarrou sua camisa. Engolindo em seco, ele desceu o rosto e escondeu-o, no pescoço de Susan.

– Senti sua falta! – ele colocou mais um dedo em seu sutiã, sentindo a pele macia e o afundou, até roçar no mamilo erigido. Susan levou a outra mão até sua cintura, o apertando. – Senti muito a sua falta!

Ele afastou o rosto de seu pescoço e a encarou. Susan arfava e tentava se controlar para não se entregar, mas sua libido já havia dominado o corpo. A boca estava aberta, provocante e muito chamativa. Sem esperar que ela voltasse a si, Elliot se apossou de seus lábios ferozmente, mostrando o quanto realmente sentiu sua falta.

Susan queria protestar, discutir e afastá-lo, mas mais uma vez Elliot a vencia como sempre venceu quando jogava seu charme. Queria ser como a garota, aquela do começo de toda a história deles, a dizer não quando ainda tinha forças, mas depois que esteve em seus braços pela primeira vez, nunca mais foi capaz de resistir. Será que ainda tinha forças para isso dentro dela? Duvidava muito.

Não devia deixá-lo se aproximar com facilidade assim. Tocar em partes do seu corpo como estava fazendo naquele momento, pois mesmo que ele tivesse explicado, não totalmente, os motivos que o mantiveram longe e sem comunicação, ela não podia ceder tão facilmente, senão ele acabaria fazendo isso mais vezes e a torturaria sempre.

Ela queria saber mais. Queria que ele dissesse antes de viajar o que iria fazer e se abrisse com ela. Susan sentia que ele escondia algo e queria saber o quê.

Susan abraçou-o fortemente, pedindo por mais. A boca dele explorava a sua e, enquanto suas línguas roçavam, uma descarga elétrica percorria por seu corpo e um desejo latente surgiu em seu ventre. Algo que doía e precisava ser curado. Na verdade, surgia um desejo que precisava ser saciado, pois vinha mais feroz a cada minuto. Ele colou o corpo no dela e ambos soltaram um gemido ao sentirem a ereção pungente roçar em sua barriga. Elliot grunhiu e

PERIGOSAS TRADUÇÕES

desceu as mãos erguendo seu vestido em seguida, deslizando uma das mãos entre suas pernas.

Susan virou o rosto, ofegante e Elliot. Ela olhou na direção da sala. Amelia estava concentrada na televisão. Deslizou a mão até o cóis da calça jeans dele e esfregou a ereção. Elliot mordeu seu ombro e forçou o quadril contra ela, enquanto sua mão estava entre as pernas dela, afastou a calcinha para o lado. Susan ergueu uma perna dando liberdade para ele, que sentiu-a úmida.

– Merda! – ele deslizou um dedo lentamente e sentiu-o encharcar. – Caralho! – murmurou.

– Mais um pouco e eu... – a interrompeu.

– Eu preciso de você! – Elliot sussurrou. – Preciso tanto!

Penetrou o dedo e Susan apertou a ereção sobre a calça. Elliot prendeu o fôlego. Estava doendo, doendo muito.

– Põe a mão para dentro! – exigiu ele.

Susan o obedeceu, levando as duas mãos até os botões da calça, abrindo-a lentamente e afastou a cueca.

Duas batidas na porta ecoaram pelo apartamento, os interrompendo.

– Susan? – a voz de Joy se ouviu do outro lado da porta. E eles estavam tão perto. Será que sua amiga os ouviu do outro lado da porta?

Susan roçava os dedos na cabeça inchada e Elliot, sentindo seus dedos, soltou um grunhido aflito que praticamente o fez choramingar de frustração.

Ele ergueu a cabeça e olhou para Susan. Ela estava ofegante e vermelha, muito vermelha e magnificamente sedutora. Ele era louco por aquela mulher e sofria naquele momento por causa disso. Ofegante e excitado, ele se afastou, mas disse antes de correr para o banheiro.

– Isso não vai acabar assim. Hoje vou te comer de um jeito que você nunca imaginou! – e caminhou a passos largos, entrando no banheiro batendo a porta.

Susan apoiou-se na bancada da pia e levou a mão até o peito. Estava ofegante e sentia muito calor, mais que o normal. Ouviu mais duas batidas na porta e ajeitou a roupa, levou a mão até o cabelo para verificar se não tinha

danificado o penteado e resmungou, ao constatar que precisaria se arrumar de novo.

Abriu a porta, escancarando-a, sem dar oportunidade para Joy que estava acompanhada de seu filho Josh, perceber seu estado. Passou rapidamente pela sala e parou na frente do guarda-roupa se olhando no espelho pequeno.

– Elliot está no banheiro! – anunciou para não assustar Joy quando ele aparecesse de repente.

– Então era mesmo o carro dele que vi estacionado de qualquer jeito aqui embaixo. – Joy foi até Amelia verificar sua febre. – Ela está melhor. – sorriu. – Eu disse que ele tinha a ver com isso, não disse?

– Tia Joy, “tô” vendo TV! – Amelia resmungou e empurrou Joy que estava na frente dela.

– Crianças, todas iguais. – Joy caminhou até Susan e Josh foi até o sofá, ele carregava um boneco do capitão América, sentou-se ao lado dela e perguntou algo. Amelia o abraçou, mas voltou a se concentrar na televisão.

– Com o Elliot aqui, você ainda quer cuidar dela para mim? Pode aproveitar a sua noite de folga com o Paul.

– Ficarei um pouco, Josh estava preocupado com Amelia.

– E quando ele não está?

– Na verdade, acho que ele está apaixonado por ela. – Joy confidenciou.

– O quê?! – elas sequer perceberam Elliot sair do banheiro. Ele se sentou na cama mais relaxado.

– É o que achamos, Paul e eu. – Joy olhou de um para o outro. Elliot olhava para Susan como se a desnudasse e sua amiga o estava devorando.

– Ele não é muito novo para isso?

– É claro que é, é só a primeira paixão de criança. – Joy deu de ombros. – Eles são amigos, é natural ter um sentimento forte que não sabem ainda o que significa, sem contar que ele quer protegê-la e cuidar de Amelia o tempo todo.

– Isso não é normal. – Elliot enrugou a testa. – Ela é uma menininha ainda, minha menininha. Achei que teria ainda alguns anos pela frente antes de ter cabelos brancos de preocupação com abutres em volta dela.

– Deixa de ser bobo, Elliot. – Joy se virou e olhou para a sala. – O sentimento dele é inocente.

– Por enquanto, né? – Elliot respirou fundo.

– Por muito tempo, ainda! – Susan se sentou na cama ao lado dele e segurou em sua mão, esfregando-a. – Preciso ir ao trabalho, qualquer coisa me liguem, tá?

– Claro! – os dois disseram ao mesmo tempo.

– Posso te levar até o corredor? – Elliot sugeriu e roçou o ombro no dela.

– Não precisa! – ela se ergueu e o beijou no rosto rapidamente. Ele enroscou um braço em volta de sua cintura e a outra mão segurou seu queixo.

– Assim não! – ele deslizou a língua em sua boca pedindo permissão para entrar e ouviu Joy arranhar a garganta, mas não deu importância, se apossando totalmente dos lábios de Susan quando ela deu passagem. Ele grunhiu quando o beijo ficou incontrolável e se afastou ofegante. – É assim que se faz! – murmurou sofregamente, o peito subindo e descendo, recordando de momentos antes de serem interrompidos.

– Que isso, hein! – Joy caminhou até a cozinha, deixando-os para trás.

Susan, desnorteada, a seguiu cambaleante, foi em direção da porta e saiu, batendo-a em suas costas. Elliot até a imaginava se escorando na porta naquele momento em busca de fôlego, ele mesmo precisava de ar.

23 - Joy

*“Ela tem um sorriso que parece
Lembrar-me de memórias de infância
Onde tudo era fresco
Como o brilhante céu azul”
Sweet Child O’ Mine*

Após fazer as crianças jantarem, Elliot e Joy foram assistir um pouco de televisão e foram até a cozinha. Enquanto Joy preparava o café para eles beberem, Elliot a observava e percebeu que ela estava tensa.

Ela vestia um vestido longo, com listras discretas. Joy era da mesma altura que Susan, mas não tinha o corpo tão bonito quanto. Joy parecia estar a ponto de explodir se não dissesse o que a estava incomodando e, com certeza, era algo a ver com ele.

– Diz logo o que você quer dizer, Joy! – Elliot sorriu para ela quando se virou, mas sentia-se apreensivo.

– Você desapareceu, não ligou ou sequer deu satisfação. – ela levou para ele um copo com café. – Eu sei que Susan não vai perguntar, mas ela achou estranho seu sumiço repentino sem ao menos dar notícia. Ela me ligava todos os dias, Elliot. – Joy gesticulou negativamente e movia a mão livre, gesticulando. – Eu sei que não tenho nada a ver com o assunto de vocês, eu sei disso, mas ela merece uma explicação.

Elliot abriu e fechou a boca para falar, mas não sabia o que dizer.

– Não é para mim que você precisa contar, eu não quero saber também, mas ela sente que está escondendo algo e estou te falando isso para te ajudar. – ela umedeceu os lábios pintados com batom rosa. – Não deixe o que você esconde estragar o que vocês estão começando a viver de novo.

– Está certo! – Elliot suspirou e olhou o relógio. Fazia uma hora e meia que Susan saiu para ir ao trabalho. – Você sabe até que hora a lanchonete ficará aberta hoje?

– Até meia noite, mais ou menos, mas acho que a Susan só estará livre quando terminar de organizar e limpar tudo. – Joy levou o copo até a boca e

bebeu um gole do café, torcendo o nariz. – Puta merda, adocei muito. Como você aguenta beber isso?

– Eu gosto! – Elliot terminou de beber o café e se levantou. – Eu preciso tomar um banho enquanto está aqui. – ela assentiu e o observou ir até o banheiro.

Elliot não se encaixava naquele apartamento. Um homem alto e forte, como ele, o tornava desproporcional para um cômodo tão pequeno quanto aquele, entretanto, ele parecia não se importar com a acomodação pequena. Ela o viu entrar no banheiro e suspirou.

Todas as mulheres na cidade eram apaixonadas por ele que nunca deu atenção para elas, Elliot só teve olhos para Susan e por isso as mulheres a detestavam, antes disso, ela era uma pessoa normal, com uma vida difícil, mas não era incomodada. Elliot sequer imaginava o que Susan e Amelia sofreram nos últimos anos.

Após sair do banho, Elliot viu o celular piscar, olhou rapidamente e verificou que era uma mensagem de Joseph.

“Será que o Ben não percebe o quanto o uniforme das garçonetes são curtos? Ou isso é jogada de marketing para atrair a atenção da clientela?”

Em seguida, sem dar tempo para Elliot responder, Joseph enviou outra.

“Susan parece feliz. Você tem a ver com isso?”

Irritado com aqueles comentários provocativos de Joseph, Elliot se vestiu rapidamente e nem se deu o trabalho de respondê-lo. Se olhou no espelho, pensativo. *Vou ou não vou? Ah, é claro que eu vou!* Pensou antes de sair do banheiro, pegou a toalha para secar os cabelos e abriu a porta.

Elliot voltou para a cozinha vestindo a mesma roupa, mas secava os cabelos enquanto caminhava. Sentia-se revigorado. O ar de Avon Park o renovava e, estar perto de Susan e Amelia, fazia com que ele se sentisse finalmente em casa. Elas eram seu lar, não importava onde estivessem, era com elas que ele se sentia bem.

– Joy, eu sei que acabei de voltar de viagem e precis...

– Vai viajar de novo? – ela que mexia no celular, jogou-o sobre a mesa e se esticou em cima da mesma, falando baixo.

– Não, não... – Elliot soltou um riso nervoso, a expressão de incredulidade de Joy foi engraçada. – Eu queria ir a lanchonete buscar Susan, você ficaria aqui para mim?

– Por que não leva Amy com você? – Joy ergueu o corpo, sentando-se ereta na cadeira e esticou o pescoço, olhou atrás dele, onde Amelia e Josh estavam.

– Amy está doente e...

– Ela só queria você por perto. Olhe como ela está agora? – Joy fez um gesto com a cabeça em direção a sala. Elliot a seguiu com os olhos e viu a filha rindo, apertando o braço de Josh.

– É, você tem razão! – ele mordeu o lábio inferior, sentindo-se um pouco inseguro. – Me ajude a escolher uma roupa para ela?

– Claro, pode deixar que a arrumo! – Joy se levantou e caminhou em direção à sala, mas parou ao lado dele. – Coma alguma coisa!

– Acho que vou comer na lanchonete. – ele ergueu a mão e a levou até a cabeça a coçando. – Quero manter Susan ocupada comigo lá.

– Benjamin vai despedi-la se fizer isso!

– Gosto dessa ideia, só assim para livrá-la daquele uniforme minúsculo!

– Você e o Paul são dois imbecis, se preocupam com um pedaço de pano.

– Pedaço minúsculo você quer dizer! – Elliot se sentou no braço do sofá.
– Vai me dizer que os homens não assediam vocês?

– Eles tentam, mas sempre acabam com a mão quebrada! – Joy deu de ombros. Ela estava mexendo no guarda-roupa. – Não tem muitas roupas aqui para escolher a melhor, mas esse... – Joy o mostra um vestido rosa, com laço na cintura. – Esse é novo e lindo. Você que deu?

– A gente comprou muitas roupas antes de eu viajar!

Após arrumar Amelia, Joy e Josh se despediram e, com a filha falando sobre tudo o que ouviu durante essa semana, eles foram até a lanchonete de carro, pois ao sair do prédio, Elliot percebeu que Susan foi ao trabalho a pé e com aquele minúsculo uniforme, o que o deixou ainda mais preocupado.

Dentro do carro, Amelia olhava para o lado de fora. Ela havia se sentado no banco do carro e dali tinha uma boa visão. Comércio um ao lado do

outro, o parque que costumava ir quando sua mamãe estava de folga, passou diante de seus olhos.

– Pai, me traz no parquinho? – ela olhou para Elliot, que sorriu para ela. Tudo ficava tão tranquilo dentro dele quando Amelia o chamava de pai. Era tão certo. Tão perfeito. Ela era perfeita.

– Claro!

– Amanhã?

– Vamos ver com a sua mamãe!

– Ela trabalha amanhã!

– Ah, então esperamos ela ficar de folga! – ele levou uma mão até seu rostinho e o acariciou rapidamente, voltando a prestar atenção no volante.

– Eu quero ir para a Disney! – Amelia anunciou.

Elliot mordeu o lábio e controlou o riso, ao perceber onde Amelia queria chegar. Ela o estava seduzindo lentamente.

– E vamos para a Disney!

– Na folga da mamãe? – ela se virou para ele, puxando o cinto de segurança com tudo.

– Se sua mamãe aceitar ir!

– A gente pode levar o Josh?

– Podemos levar o Josh sim! – Elliot gesticulou negativa, mas continuou com os olhos fixos na pista.

– Ah, sabia que você é o melhor papai do mundo? – Amelia esticou os braços e apertou a cintura dele.

– Eu estou tentando ser! – ele gostou do carinho que recebeu dela e suspirou.

Ao entrar a banda tocava *Closer* do Chainsmokers e as pessoas falavam mais alto que a música, algumas dançavam no ritmo, parecendo que estavam se conectando com a letra, girou os olhos rapidamente pela lanchonete lotada, literalmente a cidade em peso estava presente.

Estacionou longe e, de mãos dadas, caminharam em direção à lanchonete de Ben. Havia muitos carros estacionados espalhados pelos dois quarteirões

próximos à lanchonete e havia algumas pessoas do lado de fora, conversando animadas. Ao ver tantas pessoas, Elliot pegou Amy no colo e a carregou até o balcão. Puxou um banco para ela ficar perto dele, onde fez Amelia se sentar. Virou-se procurando por Susan.

– Ah, voltou de viagem! – Benjamin chamou sua atenção, ele estava do outro lado do balcão, com um pano de prato sobre os ombros e vestia uma blusa xadrez vermelha e preta. – É por isso que ela está tão feliz! – Benjamin constatou.

– Tá falando da mamãe, tio Ben?

– É claro! – Ben deu de ombros e apoiou as mãos sobre o balcão. – Vai querer alguma coisa?

– Sim, um suco para essa mocinha aqui e uma...

– Eu quero refrigerante bem gelado, tio Ben, aquele que eu gosto muito, você sabe!

– Ela não estava doente? – Benjamin arqueou a sobrancelha, desconfiado.

– Parece que eu tenho a ver com a melhora repentina. – Elliot sorriu e tocou na cabeça de Amelia, mas se afastou, pois Joy havia feito um penteado nela e não queria bagunçá-lo, tocou em seu rosto macio, sorrindo. – Mande o refrigerante e não precisa estar tão gelado, mas não deixe Susan saber disso.

– O que eu não posso saber? – Susan está ao lado dele, que não percebeu sua aproximação, ela devolveu uma bandeja de alumínio a Ben. – Mais 4 *longnecks* de *Budweiser*³ para a mesa 3, Ben!

Elliot a olhou, os cabelos ainda continuavam presos, mas alguns fios estavam soltos, seu rosto corado e estava ofegante, ela vestia um avental pequeno sobre a saia do uniforme, mas que de nada adiantava, pois não tampava absolutamente nada. Ela sorriu para ele e Amelia esticou o pescoço.

– Oi, mamãe! – ela ergueu um bracinho, acenando.

– Depois vamos conversar sobre você trazer Amy aqui, papai do ano. Ela está doente e isso é muito irresponsável da sua parte! – Susan pegou a bandeja que Benjamin a devolveia com o pedido e se virou.

– Ela está melhor, Susan! Olhe para ela! – Elliot segurou seu braço fazendo-a se virar novamente. Susan esticou o pescoço e olhou atrás dele.

– Ela está fraca! Você não ouviu o que eu disse sobre ela não ter se alimentado direito essa semana?

– Eu ouvi, mas consegui fazê-la comer! – Elliot acariciou o braço que segurava.

– Mesmo assim... – Susan soltou o braço. – Conversaremos sobre isso em casa. – ela se virou, sem dar espaço para ele continuar e caminhou em direção da mesa três, onde levava o pedido.

– Tem alguém que vai dormir no sofá hoje! – Benjamin brincou. Ele tinha um sorriso no rosto.

Elliot ia respondê-lo, mas Amelia chamou sua atenção e ele desistiu de discutir com Benjamin.

– Não vou te deixar dormir no sofá, papai. Te dou meu lado da cama. – Amelia pegou o copo de refrigerante que Benjamin depositou diante dela, levando o canudinho à boca, olhando ao redor, em seguida, sorriu. – Tio Joseph! – gritou e sacudi as perninhas.

Joseph se aproximou segurando uma *longneck*, apoiou os braços sobre o balcão e olhou para Elliot sorrindo de orelha a orelha.

– Minhas mensagens te trouxeram até aqui?

– Vai à merda! – Elliot pediu uma cerveja a Benjamin e olhou ao redor, procurando por Susan, até encontrá-la. – Ah, vai te catar. Olha aquele merdinha tentando passar a mão na minha mulher. Joseph, toma conta de Amy que preciso bater na cara de alguém.

3 Budweiser, também conhecida popularmente como Bud, é uma cerveja do tipo Lager americana, fabricada pela empresa Anheuser-Busch, fundada em 1876 por imigrantes alemães.

24 - Nostalgia

*“Cada suspiro que você der
Cada movimento que você fizer
Cada laço que você quebrar
Cada passo que você pisar
Eu estarei te observando”
Every Breath you Take*

– Eu não gosto disso, Elliot! – Susan sussurrou quando abriu a porta do apartamento e deu passagem para ele passar carregando uma Amelia adormecida no colo. – Você não pode se intrometer no meu trabalho! Quantas vezes vou precisar falar?

– Ele passou a mão na sua bunda! Preciso repetir quantas vezes isso? – Elliot disse baixinho, atravessando o apartamento rapidamente, caminhando em direção à cama e deitou Amy, puxou as cobertas, aquecendo-a. Se virou para ela e apontou para a cozinha.

O caminho de volta da Lanchonete até o apartamento não durou 5 minutos de carro, entretanto no curto percurso debateram sobre o ocorrido algumas horas antes. Tanto Susan quanto Elliot estavam irritados, mas por razões diferentes e, por isso, pareciam não chegar a lugar algum naquele momento. Elliot foi até a cozinha, abriu a geladeira sem pedir permissão e tirou pedaços de gelo do congelador. Ele torceu o nariz ao sentir a ardência na mão com o toque do gelo.

– Se machucou? – Susan se aproximou e tocou em sua mão, analisando-a.

A mão de Elliot sangrava entre uns dedos. Ela deslizou o dedo, estreitou os olhos e o encarou achando aquela situação ainda mais absurda. Nada disso teria acontecido em sua mão se ele não se intrometesse. Respirou fundo e apertou os lábios, tentando controlar a vontade de discutir e enfiar na cabeça dele que sabia se cuidar, pois antes de ele reaparecer, precisou aprender a lidar com situações como aquela. Elliot não afastava os olhos de Susan e percebeu o que se passava em sua mente. Ela queria continuar discutindo, mas ele não, pois não chegariam a um consenso comum.

– Não é nada demais! – ele deu de ombros. – Não me arrependo. Se tivesse que fazer de novo, eu faria. Ele não pode sair por aí passando a mão na bunda da mulher só porque o uniforme é curto.

– E você não precisa me defender! – Susan suspirou. – Eu ia tomar uma atitude, mas você tinha que se intrometer.

– Que atitude, posso saber?

– Eu ia chutar o saco dele!

– Você não conseguiria... – Elliot soltou um riso rouco. – Ele é mais forte e...

– Eu trabalho na lanchonete há anos, acha que eu nunca passei por uma situação como essa?

– Já passou? – Elliot voltou até a geladeira e pegou mais gelo.

– Já, muitas! E sei lidar com tipos como aquele. – ela apontou o dedo. – Então, nunca mais se intrometa!

– Não posso prometer nada, é mais forte que eu! – Elliot esticou a mão, flexionando-a e jogou o gelo na pia. Aproximou-se dela e tocou em seu rosto.

– Você me deixou constrangida! – ela bateu em seu peito o empurrando, em seguida, depositou as mãos em seus ombros, apertando-o e acariciando.

– Eu só quis te defender! – ele deslizou a mão pela saia do uniforme, puxando-a para baixo um pouco, no intuito de tampar suas pernas. – A culpa é toda desse uniforme minúsculo!

– Você não vai parar de implicar com meu uniforme?

– Não, você sabe disso! – Elliot a puxou, grudando seu corpo no dela. – Dói te ter por perto e não te tocar. – ele fechou os olhos e inalou o seu perfume. – Me masturbei todos os dias pensando em você e quando fui interrompido pela Joy mais cedo, tive que dar um jeito.

Suas palavras roçaram a pele de Susan, deixando-a arrepiada.

– Que merda, hein! – ela riu e deixou escapar um sorriso iluminado. – Eu fiquei frustrada!

– Amy parece bem! – Elliot disse após abrir os olhos.

– Foi uma loucura sua levá-la até a lanchonete. – Susan apertou seus ombros.

– Joy me convenceu! – ele umedeceu os lábios. Estava louco para te beijar.

– E você se deixa convencer fácil assim?

– O que posso fazer se queria ficar perto das duas mulheres mais importantes da minha vida ao mesmo tempo? – ele respirou fundo. – E, bem, Joy é intimidadora!

Susan umedeceu os lábios olhando em seus olhos, ele parecia preocupado e, mesmo estar ali com ela, não fazia ele se acalmar completamente. A pergunta que se repetiu durante toda a semana reverberou em seus pensamentos. Ela precisava aliviar aquela sensação estranha que havia entre eles, embora parecessem bem. Havia algo invisível entre eles e, mesmo que não pudessem ver, podiam sentir.

– Há algo mais acontecendo para você precisar ir à Nova Iorque as pressas, não há?

Ao ouvi-la, Elliot afastou-se, desviando dela e caminhando até a sala. Susan o acompanhou e sentou-se ao lado dele no sofá.

– Tem muitas coisas, Susan! – Elliot segurou uma de suas mãos e brincou com seus dedos. Virou-se para ela. – Eu preciso registrar Amy! – desviou do assunto.

Susan percebeu que não era hora de forçá-lo, pois parecia tão cansado quanto ela. Ele havia acabado de voltar de viagem e, mais cedo ou mais tarde, Elliot contaria. Bem, pelo menos era o que ela esperava.

– Podemos ir ao cartório na próxima semana!

– Eu trouxe algumas coisas para vocês, mas estão na minha casa. – Elliot suspirou, parecendo cansado. – Vamos voltar para lá, não vamos?

– Sim, mas ficaremos só enquanto você estiver aqui! – Susan levou a mão livre até seu rosto e o acariciou, sentindo a barba em sua mão.

Somente em tocar na sua barba, sentiu o corpo reagir com o contato, recordando de como era senti-la roçar em algumas regiões muito sensíveis do seu corpo.

– Você está de folga amanhã?

– Não, por quê?

– Queria levar você e a Amy a Disney!

– Eu folgo na terça! – Susan aproximou o rosto do dele, buscando seus lábios, roçando boca com boca, lentamente, provocando-o.

A respiração de Elliot alterou, ficando ofegante, mostrando o quanto é fácil mexer com ele. Colocou a língua em sua boca, acariciando, provocando e explorando lentamente. Um beijo de saudade, mas que significava muitas outras coisas, era como se pedisse a ela para confiar nele. Elliot afastou aos lábios um momento em busca de ar. Olhou em seus olhos.

– A música que tocava no bar, no instante que bati naquele merdinha, não sai da minha cabeça e então vem a imagem da mão dele na... – ela o interrompe tocando dois dedos em seus lábios, o silenciando.

– Eu não ouvi música nenhuma! – ela deslizou a língua por sua boca provocando e o distraíndo da briga no bar que teve há algumas horas.

– Ah, eu lembro! – ele puxou sua mão que ainda segurava e a fez se levantar. – Senta no meu colo, vamos continuar o que estávamos fazendo quando a Joy nos interrompeu. – ela o obedeceu, erguendo o vestido, mas olhava em direção a cama, onde Amelia dormia. Susan abriu as pernas, sentando-se. – Ela está dormindo, amor. Nem vai notar o que estamos fazendo.

– Mesmo assim, vou ficar de olho!

Elliot subiu as mãos até o rosto dela e a fez olhar para ele.

– Quero fazer amor com você olhando em seus olhos!

– É um risco, você sabe, não é?

– Adoro viver perigosamente!

Ele deslizou uma das mãos por sua nuca e enroscou os dedos entre os fios de seu cabelo, com a outra mão livre, escorregou-a lentamente pela lateral de seu corpo, dedilhando sua pele, fazendo-a se arrepiar. Em sua mente cantarolava a música que não saía de sua música.

Sua mão ficou entre suas pernas e Susan ergueu-se esfregando-se nele, matando a saudade que estava sentindo e perguntou-se se o que estavam fazendo seria suficiente para aplacar o que sentia naquele momento. Ela fechou os olhos, sentindo os dedos dele agirem em seu corpo e bombardear seu corpo, provocando calor e uma pulsação tomar conta de cada poro. Um

PERIGOSAS TRADUÇÕES

frio jorrou em sua barriga e se espalhou por toda a sua coluna, transformando em arrepios. Ela gemeu contra seus lábios em busca de um beijo feroz e deslizou a mão entre seus corpos para afastar a roupa que o atrapalhava.

Ao sentir unir o corpo com o dela, Susan inclinou a cabeça para trás, de olhos fechados, movendo-se e guiando todos os movimentos do corpo, conforme sua vontade e necessidade, Elliot a observava e deixou-a conduzir, mas isso não tornava o ato menos doloroso, pelo contrário, ela não tinha pressa e isso o torturava. Ele implorava com resmungo, pedindo para chegar ao êxtase, mas Susan não parecia prestar atenção nele, ela estava concentrada no próprio momento.

Não haviam tirado a roupa e isso não torna o ato menos sensual, pelo contrário. Susan apertou seus ombros e voltou a olhar para ele, fazendo o movimento um pouco mais rápido.

– Isso! – Elliot segurou sua nuca e a manteve com o rosto em sua direção.
– Olhe para mim! – forçou o quadril contra o dela pela primeira vez desde que seu corpo uniu com o dela.

– Ah, Elliot! – ela sorriu e, em seguida, apertou os lábios, aflita.

– Porra! – murmurou e forçou o quadril de novo. – Goza para mim, Susan!

Susan respirou ofegante. Sua testa brilhava de suor. Ela aumentou a velocidade e Elliot grunhiu, estava no seu limite.

– Porra, porra, porra! – murmurava sem afastar os olhos dela. O peito subia e descia, os cabelos haviam se soltado completamente.

Susan gemeu indo mais rápido, sentindo a necessidade pungente crescer dentro dela. Ela queria mais e sabia que havia mais a alcançar. Seu corpo tremendo, ela o afundava dentro de seu corpo, tocando um ponto que fazia um choque percorrer e atingir cada camada de seu corpo. Era tão gostoso e não conseguia acreditar que ficou tanto tempo sem sentir aquilo. Elliot chamou sua atenção gemendo, avisando-a que mesmo que tentasse antes, aquele era o único homem que desejava sentir aquilo. Fechou os olhos.

– Olhe para mim, Susan! – Elliot continuava segurando sua nuca. Susan abriu os olhos como pediu. – Você está sentindo, não está?

– Estou!

– Então me dá!

– Só mais um pouco! – Susan apoiou-se melhor em seus ombros e Elliot se arrastou para a ponta do sofá, fazendo suas pernas se enrolarem em torno dele e afundou-se nela com força; uma, duas, três vezes. – Ah! – Susan encostou a testa na dele, soprando ar contra sua pele. – Agora sim! – murmurou quase sem força.

Elliot sentiu engoli-lo, o apertando, contraindo.

– Caralho! – ele beijou sua boca, para conseguir controlar os gemidos e gozou junto com ela.

*

Como Susan trabalhou até tarde na noite anterior, ela só precisaria trabalhar a tarde no dia seguinte. Logo pela manhã, Elliot as levou para sua casa e prepararam o almoço em família, acompanhado de Joseph, é claro, que tentava manter os olhos afastados de Susan, embora algumas vezes fosse uma tarefa completamente difícil.

Susan vestia-se após o banho, Amelia e Elliot brincavam no jardim, gritando e correndo, e ouvia todo o barulho do quarto. Ela foi até a sacada, sorrindo. Sua filha mudou de repente com a presença de Elliot. Ao vê-los deitados na grama de barriga para cima enquanto contavam confidências, Susan sentiu que seu coração voltava ao eixo, se normalizando.

Amelia a viu e acenou para ela. Seus cabelos estavam soltos e jogados na grama, ela usava um short preto e blusa rosa com *glitter*, descalça e, aparentemente, toda suja.

– Você vai ter que cuidar do banho dela mais tarde. – ao ouvi-la, Elliot ergueu a cabeça para olhar a janela.

– Eu sei tomar banho, sozinha, mamãe!

– Eu dou banho nela! – Elliot deitou a cabeça ao anunciar e abraçou Amelia.

Susan o viu fechar os olhos e falar algo baixinho para ela, que riu e deitou-se novamente. Queria saber o que ele contara a Amelia para fazê-la rir. Ela olhou para o lago. O sol estava radiante sobre ele, o reflexo e o brilho naquele horário era ainda mais bonito. Sentiu vontade de tirar a roupa e tomar um banho nele, como fazia antigamente, somente para provocar Elliot.

Ela gesticulou negativamente e voltou para o quarto, olhando-se no espelho. Havia amassado todo o seu uniforme na noite anterior e o sujado também, por isso, vestia outro, ainda mais curto e, provavelmente, Elliot teria uma crise quando a visse com aquele. Pelo menos, aquele era um short saia. Desceu até o primeiro andar e caminhou até o jardim, não sem antes olhar o relógio. Ao vê-la se aproximar, Elliot se sentou.

– Mas que roupa é essa? – ela contraiu os ombros ao ouvi-lo.

– Meu uniforme, o de ontem amassou e... – ela levou a mão até o decote no seio. – sujou.

– Não tem outro?

– Não! – ela suspirou. – É só esse!

– Vai voltar que horas? Posso levá-la? E buscá-la?

– Claro que pode! – ela sorriu. – Saio às oito!

– Acho melhor pedir um emprego ao tio Ben, papai! – Amelia se levantou.

– Talvez seja uma boa ideia! – Elliot se virou para ela, fazendo cócegas. Amelia gargalhou, se contorcendo. – Eu trouxe algumas coisas de Nova Iorque para vocês. Espero você chegar para dar o presente dela?

– Não! – Amelia deslizou a língua pela boca.

– Sim, quero ver o que o pai do ano trouxe para A MINHA FILHA antes de entregar a ela.

– Então vamos levar a mamãe até o trabalho? – Elliot segurou a cintura de Amelia e a fez ficar de pé. Amelia começou a chacoalhar para se afastar da sujeira.

– A gente pode tomar sorvete, papai?

– Claro! – Elliot se levantou e estendeu a mão para Amelia e, em seguida, a puxou para dentro da casa.

*

Um carro escuro aproximava-se da casa de verão quando eles atravessam a ponte, se afastando. Elliot olhava pelo retrovisor dando atenção a Amelia que falava quais sabores de sorvete queria tomar e ele sequer percebeu o carro passar por eles, dar a volta e o seguir.

Em outros tempos, teria percebido. Estar com Susan e Amelia o descontraía, fazia a sua guarda baixar. E, se fosse em outro tempo ele saberia quando era hora de partir, porque Claire Turner finalmente sabia onde ele estava.

Susan desceu do carro ao chegar à lanchonete, contornou-o e Elliot baixou a janela para ela, que apoiou o braço sobre a porta e inclinou-se para dentro, beijando-o rapidamente. Ela se virou, caminhando rapidamente para dentro da lanchonete. Elliot subiu o vidro e deu a ré, mas ao invés de voltar pelo caminho feito anteriormente, ele seguiu por outra direção. O carro continuou seguindo-os, observando todos os seus passos, até chegar à casa de verão.

Susan estava de costa lavando a louça, quando ouviu-se o sino informando que alguém abriu a porta e entrou na lanchonete. Benjamin saiu da cozinha, após uma pausa. Estava cheio como sempre nesse horário, uma música ambiente tocava e o estalar de um salto agulha ecoava enquanto aproximava do balcão. Susan percebeu a presença imponente dela sem sequer olhar para ela.

Era uma presença sentida, como se a mulher tocasse nela. Ergueu o rosto, virando-se em sua direção, como se ela fizesse algo que a induzisse a agir como ela desejava que acontecesse. Mais alta que ela, cabelos castanhos e usava óculos escuros de alguma marca chique que Susan desconhecia, provavelmente Elliot conhecia.

O batom que ela usava era de um vermelho vibrante, sua pele muito clara e bem cuidada. Ela levou a mão até os óculos, para afastá-lo dos olhos, mostrando suas unhas pintadas da mesma cor do batom. Ao se mover, seu perfume tocou Susan. Sofisticada, bonita e muito feminina. A roupa embora mostrasse sua imponência e elegância, evidenciava também suas curvas e feminilidade, e mesmo assim era muito discreta e não mostrava quase nada.

– Em que posso ajudá-la? – Susan olhou ao redor, em busca de algo que pudesse oferecer a alguém como aquela mulher. O que serviam ali nada combinava com ela.

– Eu quero uma cerveja! – Susan enrugou a testa e a mulher olhou para a placa em cima da porta que dá acesso a cozinha. – Uma *Budweiser*, por favor!

Sem dizer qualquer coisa irrelevante, Susan concordou e pegou a *longneck*, abrindo-a antes de colocar sobre o balcão. A mulher colocou a bolsa cara, da *Louis Vuitton*⁴, em cima do balcão e parecia não se importar em sujá-la. *Provavelmente tem muitas iguais aquela*, pensou Susan.

– Obrigada! – ela disse elegantemente e pegou a cerveja. – Como esse lugar é quente, não é?

– É sim! – Susan se virou e voltou para a sua tarefa, pois tinha muitos copos para lavar.

– Eu estou procurando uma casa para passar minhas férias! Você sabe onde consigo alugar uma? – Susan se virou ao ouvi-la e gesticulou negativamente.

⁴ A Louis Vuitton é uma empresa especializada na produção de bolsas e malas de viagens, feitas em couro e lona[.]

25 - Claire Turner

“Sim, isso está me envolvendo

Me modificando

E me obrigando a lutar

Para estar infinitamente

Frio por dentro

E sonhando que estou vivo”

Hysteria

As pessoas olhavam para a desconhecida elegante que entrara na lanchonete. Era praticamente impossível não olhar para ela, para suas roupas, suas joias e não ficar interessado. O que uma mulher como ela estava fazendo ali? Avon Park não combinava com aquela mulher.

Susan parou em frente à Claire, admirando sua bolsa. Claire estava em dúvida se Susan não havia escutado sua pergunta, mas achou melhor abordar o assunto de outra forma e em outro momento. Seus olhos brilhavam de expectativa em direção à bolsa e Claire percebeu sua inocência. Provavelmente uma de suas características que encantou Elliot.

Aquela mulher sabia seduzir qualquer um. Empertigando-se, Claire afastou o encantamento que Susan distribuía para qualquer um e concentrou-se no fato de que ela era sua rival, não sua amiga. Mas isso não significava que não poderia jogar o mesmo feitiço contra ela, não é? Claire também sabia seduzir e Susan estava facilitando.

– Gosta da bolsa?

Claire forçou um sorriso para a mulher que roubou o amor de sua vida. Susan afastou-se e ficou de costas para ela, parecendo constrangida por ser flagrada de olho em sua bolsa. Observando suas costas e o encolhimento dos ombros, Claire se empertigou na cadeira novamente, sentindo-se desconfortável. Afastou os pensamentos e continuou forçando o sorriso.

– Ei, nós somos mulheres e gostamos de coisas boas. A bolsa é maravilhosa mesmo, sinal de que você tem bom gosto. – ao ouvi-la, Susan se virou. – Não precisa ficar constrangida em conversar comigo enquanto estou

aqui bebendo uma cerveja. As pessoas não costumam conversar com você quando vem aqui?

– Sim, claro! Adoram me contar seus problemas. – Susan ainda se sentia constrangida. – A bolsa é maravilhosa mesmo! – colocou o pano de prato no ombro. – Eu não sei nada sobre bolsas de grife, mas já ouvi falar dessa marca, só não tinha visto uma pessoalmente. – ela caminhou até a pia e retirou o pano do ombro, começando a secar os copos. – Deve ser bem resistente e durar muito tempo.

– Sim! – Claire levou a *longneck* até a boca. – Mas vou te contar um segredo.

Susan parou o que estava fazendo e se aproximou dela.

– Geralmente, a gente usa a bolsa três ou quatro vezes e a descarta depois, pois todos os dias sempre tem uma nova sendo lançada e é necessário estar na moda. Ou seja, logo essa será esquecida.

– É sério? – Susan sorriu e gesticulou a cabeça desacreditando nessa possibilidade, pelo menos, ela não descartaria uma bolsa tão bonita como aquela. *Como alguém seria capaz de jogar fora uma bolsa maravilhosa daquela?* Pensou.

– Muito sério! – Claire suspirou e Susan sentiu o hálito fresco de cerveja roçar em seu rosto. – Eu trouxe muitas na minha viagem. – Claire continuou forçando o sorriso. Não foi difícil conversar com Susan, embora a tenha achado insossa e pouco significativa. – Posso te mostrar qualquer dia, se quiser.

– Pretende ficar quanto tempo? – Susan apoiou as mãos no balcão, inclinando o corpo um pouco para frente, esquecendo-se da tarefa de secar os copos.

– Se conseguir encontrar uma casa por aqui, o tempo que achar necessário para... – Claire pausou um momento, pensativa. – Para descansar. Trabalho há anos sem conseguir tirar férias, agora que consegui, quero ficar o mais longe possível de lá.

Susan prestou atenção em seu rosto enquanto articulava aquelas palavras. A cliente parecia estar sofrendo, seu olhar ficou triste de repente. Susan sentiu sua dor e, embora ela não contasse seus problemas como os clientes

costumavam fazer ali, ela quis ajudá-la. Susan queria ajudá-la. Ela não sabia porque, mas sentiu que se conectava com aquela mulher, embora não entendesse como isso fosse possível.

Às vezes as pessoas entram em nossas vidas de repente e não nos demos conta, mas simplesmente nos afeiçoamos a elas e nos conectamos. É assim a vida. Susan pensou. Ela mordeu o lábio e olhou para a tarefa que precisava fazer, mas um minuto a mais um a menos, não faria diferença, o movimento na lanchonete era tranquila naquele momento.

– Eu não sei como te ajudar com isso, mas o Benjamin, meu chefe, tem muito contato, acho que ele pode te ajudar. – Susan sorriu. – Vou perguntar a ele e já volto, você precisa de mais alguma coisa?

– Não, pode ir lá! – Claire olhou para a *longneck* que estava pela metade.
– Eu espero!

– Só um momento! – Susan se virou rapidamente espalhando seu perfume, o que fez Claire torcer o nariz.

Provavelmente Elliot deveria gostar de seu perfume. Susan cheirava a fruta fresca. Claire a aguardou atravessar a porta em direção à cozinha, totalmente interessada em ajudá-la, e foi somente quando Susan desapareceu lá dentro que deixou os ombros relaxarem. Revirou os olhos e olhou ao redor.

Havia alguns clientes e percebeu que uma das garçonetes estava sentada em uma mesa no canto, ao lado do balcão e olhava para ela atentamente e parecia não gostar dela. Claire a ignorou, como sempre costumava fazer com as pessoas que não importava e voltou a prestar atenção na porta a sua frente.

Ao fundo tocava uma música pop e uma televisão estava ligada no mudo. Ela ouviu vozes e Susan voltou, ao lado de um homem que aparentava ter 50 anos, provavelmente aquele era Benjamin. Ela estava empolgada falando sobre Claire como se já a considerasse uma amiga e ao menos sabia seu nome.

– É ela que está perguntando, Ben! – Susan apontou para Claire.

– Eu sou Mary e estou de férias desejando um bom lugar para descansar.
– Claire ergueu a mão a oferecendo para Benjamin que segurou-a em cumprimento.

– Eu tenho alguns contatos! – Benjamin se aproximou mais do balcão e

apoiou os cotovelos sobre ele. – Que tipo de casa você está interessada?

Benjamin olhou para sua bolsa e, em seguida, para seu rosto com bastante atenção. A mulher que estava na sua frente usava joias, discretas, mas muito caras. Relógio de ouro e sua roupa além de ser cara, não havia um amassado, era impecável. A considerou elegante e com certeza tinha muito dinheiro para gastar.

Pegou um papel, caneta e a ouviu descrever o que buscava em uma casa. Era exigente e tinha um tom de voz forte. O tipo de mulher que estava acostumada a comandar. Duvidava que fosse ficar muito tempo em Avon Park, mas a ajudou mesmo assim, anotando alguns telefones.

Após beber sua cerveja, a garçonete que não gostou nada dela voltar ao trabalho, Claire despediu-se e saiu da lanchonete, não sem antes dar uma gorda gorjeta a Susan. Ela não podia ficar muito tempo por perto, sem que alguém que a conhecesse aparecesse. Ela entrou no carro e dirigiu até o hotel com os pensamentos fervendo.

As coisas estavam certas, pelo menos, ela achava que sim. Claire tinha tudo sob controle, até descobrir que havia uma lacuna gigante que a atrapalhava de novo. Mais uma vez Elliot escapava de suas mãos e pela mesma pessoa. Se ele não fosse tão cabeça dura no começo, tudo estaria bem e, mesmo que descobrisse sobre elas, ele não tinha como escapar, ela teria controle sobre ele.

Foi muito fraca nesses últimos anos, deixando-o viver a vida como queria, embora estivesse em seu encalço, procurando-o, Claire não iria obrigá-lo mais do que já estava fazendo e sabia que mais cedo ou mais tarde ele se cansaria, e voltaria para casa, para ela. Claire só precisava saber o que ele estava fazendo, queria ficar a par de seu paradeiro. No começo se manteve afastada, dando a ele o espaço que precisava. Estava com o coração dilacerado e quem quer que se aproximasse dele, não o suportava.

E ali, diante da mulher que mexeu com toda a estrutura do amor de sua vida, ela percebia que não devia ter se mantido distante. Devia ter insistido, o conquistado. Com certeza foi fraca. O fato de se importar com ele prejudicou seu plano. E agora o perdia novamente e, dessa vez, ele sabia de toda a verdade. Jamais a perdoaria. Provavelmente a odiava agora. Claire não sabia o que fazer e nem o que estava fazendo ali.

Quando soube que Elliot estava no país, ela ficou desesperada, precisava vê-lo. Havia visitado Ayah Kane há menos de uma semana e conversaram por algum tempo. Percebeu que Ayah estava diferente. Talvez fosse a morte que a tornava reflexiva e arrependida de todos os seus atos, se lamentava do que havia feito a Elliot e com a pobre Susan.

Repetia inúmeras vezes que queria conhecer a bisneta, que queria se redimir com Elliot e consertar as coisas. Após tentar convencê-la de não fazer aquilo, Ayah desestruturou-a, dizendo que havia se decidido e que tinha já dado o primeiro passo. Agora estava nas mãos de Elliot.

Claire jamais pensou em matar alguém, mas olhando para Ayah Kane naquele estado, a beira da morte, percebeu que não faria muita diferença matá-la imediatamente. Sentiu-se traída e a raiva a dominou, tanto que olhou para o travesseiro embaixo de sua cabeça. Ela já não respirava bem, só ajudaria acabar com seu sofrimento, não é? Gesticulou a cabeça negativamente. Ayah não sabia o que estava dizendo, provavelmente estava delirando, mas seu coração batia forte no peito, como se tivesse levado choque de realidade.

Ela levantou-se e começou a caminhar pelo quarto. Ouvia-se o som do seu sapato quicando em cada passo, cruzou as mãos nas costas e fez as perguntas. *O que disse a Elliot? O que ele disse quando soube?* E Ayah buscava o ar sofregamente, mas estava disposta a contar tudo a ela, afinal, Claire foi para ela como uma neta desde que Elliot sumiu pelo mundo e por isso lhe contou tudo, até algo que Claire não sabia sobre o acordo que fizeram.

Embora Ayah repetisse inúmeras vezes que ela continuaria fazendo parte do Grupo Kane, Claire não acreditava muito nisso. Tudo pelo que ela e o pai batalharam para conseguir estava escapando totalmente de suas mãos. Elliot e a fortuna. Aquele império todo era de Amelia. Como não tinha percebido essa falha antes? Claro, elas não sabiam de sua existência quando fizeram o acordo.

Estava tudo errado. Continuou ao lado da senhora que a chamava de neta, investigando. Ela queria saber onde Elliot estava e ouviu atentamente tudo o que Ayah disse. Ele veio. Ele esteve aqui e sequer a procurou. A única razão de voltar à cidade foi Susan. Mas Ayah não sabia mais onde ele estava. Se tinha ficado ou voltado para onde esteve.

Mas Claire era uma mulher inteligente e não foi difícil juntar dois mais dois, se Elliot veio ao encontro de sua avó a menção do nome de Susan, com certeza após ouvir a história toda, iria atrás dela, só precisou observar Susan para confirmar suas suspeitas.

Elliot tinha voltado ao país, mas ao invés de ir atrás dela, de sua noiva, ele foi atrás de Susan. A mulher que o roubou dela.

Após a conversa que teve com Ayah Kane, Claire saiu de casa com a certeza de que Elliot tinha voltado, ela não pensou muito e providenciou uma passagem o mais rápido que pôde, não sem antes organizar algumas coisas antes de partir. Ela foi poucas vezes à Avon Park, mas se recordava de tudo ainda e algumas coisas não haviam mudado.

Como a cidade era pequena, não foi difícil encontrar Susan, todo mundo a conhecia e perguntou para uma ou outra pessoa, e logo soube onde encontrá-la. Ela não havia mudado muito desde que a viu pela última vez.

A seguiu sem sequer ser notada, quando estava quase desistindo e indo embora, com a certeza de que Elliot não tinha procurado por Susan, após cinco dias sem sinal dele, o viu entrando no bar, com a filha de Susan e aguardou do lado de fora, esperando ansiosamente, sentindo o coração se despedaçando de novo. E embora sentisse tudo isso, ela esperou e os viu saírem da lanchonete. Eles discutiam, mas os olhares que davam um para o outro demonstrava que resolveriam em instantes.

Estava sofrendo e sentindo-se machucada, mas ao vê-lo, não conseguiu evitar a emoção que sentiu. Ele estava bem, mais bonito, mais forte e completamente inalcançável, como quando o viu pela última vez. Muitas vezes o achava um covarde por fugir, mas o sentimento nunca durou muito. Ela o amava, sempre o amou e só ele foi capaz de fazê-la se sentir completa.

Namorar Elliot foi uma das coisas mais incríveis que experimentou em sua vida e, embora soubesse que ele a traía o tempo todo, como todo jovem com hormônio demais é capaz, ele sempre voltava para ela. Era um relacionamento diferente. Elliot não a impedia de sair com as amigas e não fazia perguntas de como sua noite acabava, mas quando estavam juntos, era maravilhoso e sempre acabavam em cima da cama.

Embora fosse jovem e com pouca experiência na época, nenhum homem ao longo desses anos foi capaz de satisfazê-la completamente. Elliot tinha

algo especial. Talvez fosse a atenção que ele dava ao que ela gostava. Ou talvez fosse o jeito como ele sabia o que ela queria ouvir. Ele nunca foi romântico, mas compensava em outras coisas que ela considerava importante.

Eram perfeitos. Até que suas férias e de Elliot não coincidiram. Ela precisaria trabalhar em um projeto importante com o pai e ele queria ir até a casa de verão de seus pais para descansar após as provas finais. Elliot não se preocupava muito com a herança que havia herdado, pois tinha outras pessoas mantendo tudo sob controle para ele e, havia decidido aproveitar sua vida enquanto suas obrigações não o chamassem. Claire gostava disso nele. Seu jeito descontraído e leve era contagiante.

Mas ele mudou quando voltou de suas férias e após terminar o relacionamento com ela, Elliot queria trabalhar, dizia para todos que era um homem diferente, pois havia conhecido uma pessoa que o ensinou a valorizar as coisas que tinha. Claire achou aquilo uma bobagem sem tamanho, pois sempre o incentivou e deu apoio em sua vida, em suas escolhas. Esteve ao seu lado o tempo todo.

Não conseguia entender por que ele não se recordava que ela sempre esteve ao seu lado, mas Elliot não parava de magoá-la. Será que ele não percebia o mal que fazia toda vez que citava o nome dela... O nome da outra.

Claire não conseguia acreditar que Elliot a largou por uma mulher do interior, que não tinha conhecimento de etiqueta e de qualquer outra coisa importante no mundo que viviam. Ele precisava de alguém que estaria ao seu lado para todos os momentos. E ela era essa mulher.

Entrou no quarto e foi até a cama se jogando nela. Havia escolhido a acomodação mais sofisticada do único hotel de Avon Park, pelo menos poderia tomar banho de banheira. Claire desejava tirar o peso das costas e do coração.

Se passaram nove anos praticamente e Elliot não cansava de humilhá-la e magoá-la. Precisava encontrar uma forma de separá-los de novo. Se Elliot não ficasse com ela, não ficaria com a mulher que amava. Ele não merecia ser feliz.

Fechou os olhos e levou a mão até a testa, ainda deitada de barriga para baixo na cama, pensando. Deveria haver uma forma de destruir sua família feliz.

26 - Susan

*“Eu queria ser uma chama dançando em uma vela
Iluminando a sua sala de estar em cima da verga da chaminé
Eu poderia trazer um pouco de romance sem qualquer escândalo
E então quando se cansasse apenas me apagaria”*

I Wish I Was

Susan foi até o vestiário trocar de roupa quando seu turno acabou, se olhou no espelho após tirar o uniforme e arrumar o cabelo. Ela havia ficado impressionada com Mary, com seu cabelo impecável, a pele parecendo pêssego e era elegante tanto em sua postura como na maneira de conversar.

Após Mary se despedir e ir embora, toda hora Susan comentava algo sobre ela com Joy, que não parecia muito entusiasmada com a presença daquela mulher, parecia que já tinha visto ela em algum lugar, só não se recordava onde e nem quando. Era uma sensação estranha, dado o fato de que nunca viu alguém tão elegante como Mary em toda a sua vida.

Olhando-se no espelho, Susan reparou em sua pele oleosa e cabelo desganhado. Como Elliot podia achá-la bonita daquele jeito? Mary era bonita e ela era ajeitadinha. Queria ser como Mary para poder combinar com Elliot. Ele era inteligente, sofisticado, bonito e muito sexy. Precisava cuidar mais de si e de sua aparência. Desceu os olhos até a sua barriga, onde havia algumas estrias, discretas, mas estavam ali. Aquilo não poderia ser revertido, pois era consequência da gravidez. Pelo menos não ficou flácida.

Vestiu a roupa e penteou o cabelo, fazendo um coque. Seu celular tocou e ela suspirou, Elliot chegou e a aguardava. Queria estar cheirosa para quando o encontrasse, mas infelizmente, o cheiro de fritura estava impregnado em sua pele. Ela abriu o armário e espirrou o perfume em seu pescoço. Não era o seu perfume mais cheiroso, mas dava para o gasto. Pegou o celular e o jogou na bolsa, colocando-a até o ombro direito, atravessou a cozinha e a lanchonete. Despediu-se de Joy e de Benjamin antes de sair. Ao atravessar a porta, ela os avistou. ele e Amelia a aguardavam.

Amelia estava linda de trança e de vestido vermelho, algo que Susan estranhou um pouco. *Elliot sabia fazer trança?* Enrugou a testa e atravessou a

PERIGOSAS TRADUÇÕES

rua pensando onde ele teria aprendido a fazer penteado em criança. Parou na frente da porta do carona e Amelia sorriu para ela. O vidro do carro estava aberto.

– Oi, mamãe! – Amelia abriu a porta e saiu do carro, a abraçando.

– Ei, princesa! Como foi o seu dia com o papai? – Susan devolveu o abraço.

– Foi bom, a gente fez um monte de coisas! – Amelia entrou no banco de trás e Susan entrou no carro, ao lado de Elliot.

– Oi! – Elliot apoiava o braço esquerdo no volante e havia arqueado o corpo em sua direção, beijando rapidamente seus lábios.

– Posso saber quem fez essa arte no cabelo dela? – Susan apontou em direção a Amelia e mordeu o lábio inferior.

– Eu fiz! – Susan arqueou a sobrancelha diante da resposta dele. – Tem vídeos na internet ensinando sobre isso. Gostou?

– Sim, gostei muito! – ela colocou o cinto.

– Pensei em comprarmos algo para comer hoje e Amelia sugeriu lanche. Então, antes de passarmos aqui, nós compramos. Pedi muita batata frita, pois de acordo com a nossa filha, você é apaixonada.

– Ela me conhece tão bem! – Susan olhou para trás, sorrindo. Amelia ergueu os pacotes para mostrar a ela.

Amelia saiu correndo do carro quando estacionaram em frente à casa. Ela estava feliz e não parecia em nada com a garota doente de dia atrás. Ela escancarou as portas e desapareceu dentro da casa.

– Voltei, Joe! – Amelia disse e pulou no sofá. – Perdi alguma coisa?

– Já acabou! – ele disse em relação ao filme que assistiam antes de Elliot chamá-la para irem buscar Susan.

– Ah, não deu tempo! – e ela cruzou os braços e fez bico.

– Calma, vai passar em outro canal mais tarde! – Joe achou graça de sua expressão.

Ela podia se parecer muito com Elliot, mas tinha os olhos de Susan. Amelia herdou o que havia de mais bonito da mãe. Quando olhava para ela, era como se conecta-se com o olhar de Susan. O que o deixava desconcertado

e encantado ao mesmo tempo. Nada daquilo era certo e não sabia o que fazer para remediar o que estava sentindo, só tinha certeza de uma coisa: não conseguia se afastar delas.

E isso só tornava as coisas mais difíceis.

Susan ajudou Elliot a carregar os pacotes com os lanches e o acompanhou até entrar em casa.

– Hoje conheci uma mulher elegante que foi na lanchonete. – Susan subia os degraus lentamente. – Nunca tinha visto ninguém igual a ela. Parece até uma advogada. – disse admirada. – O perfume bem cheiroso, roupa bonita e um cabelo maravilhoso.

– Eu gosto do seu perfume! – Elliot levou a mão até suas costas, apreciando o contato com ela.

– Ah, mas o dela é melhor, mais doce! – Susan entrou na casa, olhando vez ou outra para o rosto dele. – Ela vai ficar um tempo na cidade. Diz que quer tranquilidade.

– Vejo que ficou impressionada com ela.

– Ela é elegante e muito diferente, foi gentil comigo. Não me tratou como as mulheres daqui costumam me tratar. – Susan sorriu. – É muito raro uma mulher não olhar para mim com repulsa e raiva. Gostei da Mary! Espero que ela vá mais vezes até a lanchonete para conversarmos.

– Se isso te faz bem, espero que ela volte lá todos os dias e, quem sabe, conheço ela algum dia?

Antes de irem até a cozinha, eles foram até a sala e encontraram Amelia já sentada no sofá, na frente da televisão. Joseph estava com ela e a entregou o controle remoto.

– Vai ver o que, pequena? – ouviram-no perguntar a ela.

– Não sei ainda, mas tem tantas opções que estou em dúvida.

– Vou preparar a mesa para comermos, espero que não demorem muito! – Susan anunciou.

– Pode deixar, vou arrastar essa pequena comigo! – Joseph pegou Amelia no colo e a abraçou. – Ele parecia gostar de Amelia tanto quanto ela gostava dele. Eles haviam construído uma amizade e Susan gostava disso.

– Obrigada, Joe! – Susan se virou e saiu da sala. Elliot estava parado de braços cruzados e encostado no batente da porta, aguardando-a.

– Joe? – ele indagou quando desapareceram no corredor.

– Ah, Elliot! Está com ciúmes do Joseph de novo? – Susan gesticulou negativamente. – Achei que essa fase já tinha passado.

– Isso nunca vai passar! – ao ouvi-lo, ela revirou os olhos.

– Eu não gosto de ciúmes! – ela achou melhor mudar de assunto. – Sabe, a Mary bebeu uma cerveja e não pediu copo, bebeu no bico da garrafa, acredita?

Elliot colocou o pacote no centro da mesa e olhou para ela, observando-a. Ele admirava tudo naquela mulher, sua simplicidade, seu cheiro, o fato de não precisar se embelezar para ficar bonita. Ela não precisava de nada especial para ser admirada e chamar atenção.

– Ela faz muito seu estilo!. – Susan anunciou olhando atentamente para seu rosto. – É tão sofisticada como você!

– Acho difícil ela fazer o meu estilo. Porque você é o meu estilo, Susan! – ele foi até ela. – Se você quer combinar com o meu estilo, posso providenciar tudo isso para você, mas pra mim você não precisa. Só vai me deixar mais enciumado do que já sou.

– Ah, mas ela é sofisticada sem precisar de nada disso. Eu jamais poderia ser. – Susan levou a mão até uma mecha do cabelo que havia se soltado.

– Você pode ser o que quiser, só precisa acreditar nisso! – Elliot a abraçou. – Não sei de onde tirou essa ideia de que não é elegante. Sua postura é sofisticada e você sempre foi educada, mesmo com as pessoas dessa cidade que não merecem sua educação.

– Ah, não sei não. – ela o abraçou o pescoço e suspirou.

– Posso te provar que está errada! – ele a empurrou até fazê-la encostar-se ao mármore verde escuro da pia. Susan suspirou. – Senti tanto sua falta hoje!

– O que você e Amelia fizeram? – Elliot encolheu os ombros diante de sua pergunta. – O que foi Elliot?

– Nós brincamos de bola na frente do lago, depois a ensinei a nadar e assistimos TV. Quer dizer, ela dormiu no meu colo.

– Queria estar presente para ver isso. – ela ficou na ponta dos pés e aproximou o rosto do dele, mordeu seu queixo.

– Hum... – ele esfregou o quadril contra o dela. – Queria te erguer nesse balcão e fazer amor com você agora mesmo.

– Depois que a Amy dormir a gente poderia realizar esse seu desejo!

– E não estreamos a cozinha ainda! – ele soltou a respiração em seu rosto e aproximou os lábios de sua bochecha, deslizando a língua. – Deliciosa!

– Deve ter sabor de fritura! – Susan brincou, sentindo o corpo se arrepiar.

– Adoro fritura! – ele murmurou em seu ouvido e mordiscou o lóbulo de sua orelha. – Vamos comer, você deve estar faminta!

– Um pouco, mas estou com fome de outra coisa! – ela deslizou uma das mãos entre eles e tocou em sua ereção sobre a calça.

– Puta merda! – ele encostou a testa na dela. – Assim você desestrutura qualquer autocontrole que eu poderia ter, Susan.

– Eu sei! – ela abriu o zíper e desabotoou a calça. Colocou a mão dentro da cueca e sentiu o calor inundá-la. O membro estava despertando e o segurou, apertando-o sentindo-o ficar duro.

– Agora você vai ter que concluir!

– Queria poder usar a boca dessa vez! – rovou.

– Porra, Susan! – ele gemeu sentindo-a mover a mão lentamente. – Porra, porra, porra!

– Isso te deixa fraco?

– Porra, minhas pernas não têm força nenhuma nesse momento! – ele levou as mãos uma de cada lado do corpo de Susan, segurando-se na pia.

– Vou aumentar o movimento! – ela subiu e o desceu os movimentos da mão rapidamente.

Elliot respirava sufocadamente e mordia o lábio, gemendo bem baixinho. Ele estava se controlando. Os movimentos da mão de Susan se tornavam cada vez mais rápido e forte, o membro estava úmido em seus dedos e estalos ecoavam entre o som da respiração de ambos. Ele gemia!

– Porra, estou quase lá! Mais forte meu amor e eu gozarei em sua mão em instantes. – Elliot admirava seu rosto. Ela estava excitada, seu olhar era tão

PERIGOSAS TRADUÇÕES

malicioso e isso estava deixando-o louco. Ele se imaginava dentro dela, se movendo com força, até perder o controle. – Caralho! – Susan continuou o acariciando, acalmando os movimentos lentamente.

Elliot se segurou no mármore com força, a carícia só cessou quando a última gota de seu orgasmo esparramou em sua roupa. Ele olhou para baixo. Ela ainda o segurava, até o membro se encolher em sua mão e seus dedos desceram os movimentos dedilhando até suas bolas.

– Susan... – a repreendeu. – Minhas bolas são muito sensíveis!

– Eu sei! – ela as apertou. – Tão delicioso tocá-las!

– Ah, porra! – ele suspirou. – Fala isso daqui 10 minutos, mas dessa vez, vou te arrastar para o quarto e a farei chupar como queria fazer minutos atrás!

– É que eu senti sua falta, desculpa! – e a encostou a testa em seu queixo.

– Eu também! Nos vemos há poucas horas e, mesmo assim, dói quando não estou com você. – ele levou as mãos até seu rosto e beijou sua testa antes de afastá-la. – Obrigado por me masturbar desse jeito!

– Gostou é? – ela o olhou em dúvida.

– Muito! – seus ombros relaxaram. – Melhor do que quando eu faço, com certeza.

Ao ouvi-lo, ela inclinou a cabeça para trás e gargalhou.

– Gostaria de ver você se masturbar! – ela subiu a cueca e abotoou a calça.

– Se você me deixar masturbar e gozar na sua boca, te mostro como faço!

– Molhei! – ela mordeu o lábio inferior escondendo o sorriso e cruzou as pernas.

– É sério? – Elliot estreitou os olhos. – Quero lamber!

– Ah, para! – ela o empurrou batendo levemente em seu ombro. – Acho que está escorrendo!

– Merda, Susan! O que está acontecendo com você? De onde saiu essa provocação toda? Estou ficando duro de novo e isso é um recorde. Faz o quê, três minutos que gozei.

Ela riu e se afastou dele.

– Amelia vai aparecer a qualquer momento, acho melhor a gente não ficar aqui se amassando muito tempo. – ela lavou a mão e caminhou até a mesa. Elliot a abraçou por trás.

– Ela está distraída com a televisão! – ele esfregou o quadril contra sua bunda. – Sente amor, o que suas palavras me causaram!

– Perverso! – ao ouvi-la, Elliot apertou o quadril e ergueu a saia, apalpando sua bunda. – Elliot, falei que mais tarde nós podemos fazer isso aqui.

– Vai fazer tudo o que eu quiser?

– Tudo! – ela ofegou ao senti-lo esfregar o quadril. – Fazendo desse jeito, eu concordarei com tudo o que você quiser!

Ele planejava avançar naquele momento, mas ouviram passos no corredor.

27 - Conflito

“Escritas nessas paredes estão as histórias

Que eu não consigo explicar

Eu deixo meu coração aberto

Mas ele fica aqui vazio por dias”

Story of My Life

Elliot desceu sua saia e a abraçou, para se esconder. Amelia apareceu acompanhada de Joseph que olhou para ambos e percebeu que haviam interrompido algo. Susan corou mais do que já estava.

– Mamãe, não vamos comer? – Amelia levou as mãozinhas na cintura e bateu um pezinho, ansiosa.

– Vamos, mas aqui e não na sala!

– Ah mamãe, o papai me deixa comer lá! – ao ouvi-la, Susan olhou para ele, que encolheu os ombros.

– Não dá para resistir quando ela pede. – tentou se defender.

– Se pedir mais uma vez para comer na sala, vai ficar de castigo mocinha.

– Amelia bufou e cruzou os braços.

– É por isso que meu papai é mais legal que você! – Amelia gritou, se virou e saiu correndo.

– Que droga! – Susan levou a mão até a cabeça e se virou para Elliot, encarando seus olhos. – Está vendo o que acontece quando faz todas as vontades dela?

– Eu não sabia Susan, desculpa!

– Desculpa? – disse exaltada. – Estou sendo a pior mãe do mundo na cabecinha dela neste momento. Ela nunca agiu desse jeito comigo. – Susan esfregou a testa. – E isso é o que eu mais temia, rebeldia.

Ela encolheu os ombros após apoiar as mãos sobre a cadeira e baixar a cabeça. Elliot levou as mãos até seus ombros e massageou-os.

– Eu não sabia que não podia, ela não me disse que era proibida. – ele olhou para Joseph, que se sentou, mas não olhava para eles. – Vou consertar

isso, prometo!

– Não, eu tenho que corrigir isso! – Susan afastou as mãos dele e caminhou em direção à saída da cozinha. Elliot foi atrás dela após alguns segundos.

Amelia correu até a sala, ligou a televisão. Sentou-se no sofá e apoiou-se no braço do sofá. O rosto estava banhado em lágrimas. Ela estava se sentindo muito chateada. Era mais legal quando ficava em casa sozinha com seu papai. Achava ele mais divertido e menos ranzinza. Quando era só ela e a mãe as coisas eram sempre do mesmo jeito. Desde que conheceu seu papai, ela se diverte mais.

Ela ouviu passos se aproximarem e fungou, limpando o rosto. Não queria que ninguém a visse chorando. Ela não era mais criança para chorar na frente dos outros. Sua mamãe vivia chorando quando ela fingia que estava dormindo. Ela sempre chorava, mas nunca fez isso na sua frente.

Amelia esfregou o nariz e se concentrou no que estava passando na televisão. Ela gostava de assistir televisão. Tinha tantos programas legais, muitos desenhos, bem mais que na casa de Jude. Eram tantas opções. Suspirou tristemente.

Susan a encontrou na sala, olhando para a televisão, mas não prestava atenção ao que passava. Sentou-se no sofá, um pouco distante dela e olhou para Amelia.

– Amy... – Susan sussurrou e Amelia se virou, ficando de costas para ela.
– Amy, olha para mim. Vamos conversar!

– Eu não quero! – ela fungou e Susan sentiu os ombros pesarem uma tonelada. – Não quero comer. Vou fazer greve de fome.

Susan sentiu o peito apertar.

– Mas temos que conversar! – Susan se arrastou até ela. – Amy, querida, você não pode comer assistindo televisão, não faz bem para sua saúde, meu amor. Temos tempo certo para tudo. Para comer, para ver televisão, para tomar banho, fazer dever de casa e brincar. Você sabe disso, mamãe já te explicou isso antes. – Susan acariciava o topo de sua cabeça, atenta a seu rosto.

Ela percebeu os olhos úmidos e o nariz vermelho. Amelia havia chorado e

ela se sentia culpada. Ergueu o rosto ao ver uma sombra na porta e seus olhos encontraram os dele. Ela fechou os olhos e respirou fundo, queria chamá-lo, precisava de ajuda. Não gostava de ver sua filha chorando. Que mãe gostava de ver aquilo? Que mãe gostava de ser a causa daquele choro? Ela sentiu a garganta ficar apertada, mas precisava fazer Amelia entender.

Somente o som da televisão ecoava pela sala. Eles estavam em silêncio. Amelia olhava para a televisão. Seus olhos estavam agitados. Devia ser muita informação. Ela olhou nos olhos de Susan e disse o que estava perturbando sua mente.

– Eu vi o Joseph comendo e assistindo televisão. Por que ele pode e eu não?

Susan engoliu em seco e respirou fundo em seguida, fechou os olhos tentando achar um argumento que convencesse Amelia.

– Porque os adultos se esquecem que comer assistindo televisão faz mal.

– Que tipo de doença dá para quem come assistindo televisão?

Diante da sua pergunta, Susan ficou muda. Elliot, que observava tudo da porta, entrou na sala e as interrompeu. Ele não queria intrometer na conversa das duas. Susan o ensinava como educar Amelia e era isso que ele estava fazendo ali; aprendendo.

– Quem come assistindo televisão pode ficar cego! – ele disse a primeira coisa que veio a mente. Se Susan dizia que ela não podia comer assistindo televisão, ele não deixaria também. – As pessoas vão ficando cegas com o tempo. – Elliot parou de frente para elas e olhou para Susan que enrugava a testa.

– É mamãe? – Amelia fixou o olhar em Susan, que concordou assentindo. – Eu não quero ficar cega, mamãe. Eu gosto de ver televisão, de ver você, de ver o papai.

– Pois é! Promete que não vai mais comer assistindo televisão? – Susan enrolou os braços em volta de Amelia e a puxou para um abraço.

– Prometo mamãe! – ao ouvi-la, Susan beijou sua testa.

– Agora, vamos comer aqueles lanches que nos esperam lá na cozinha e provavelmente estão frios já!

Amelia afastou-se dela e desceu do sofá, correndo em direção à cozinha.

Elliot estendeu a mão para Susan que a segurou e suspirou ao mesmo tempo.

– Você agiu igual a minha avó! – ele levou o braço em volta de seus ombros e a puxou para perto, beijando sua testa, guiando para fora da sala.

– E você mente muito mal! – ela levou a mão até seu peito e ergueu o rosto para olhá-lo. – Quero que Amelia conheça sua avó!

– Não vejo razão para isso acontecer!

– Eu vejo! Ela precisa conhecer Amelia. Tenho certeza que se apaixonará pela bisneta. – Susan tocou em seu queixo com a ponta do dedo.

– Amelia é capaz de conquistar qualquer pessoa, mas duvido que encante minha avó. Ela é mais fria do que um *iceberg*. Talvez se Amelia aparecer banhada a ouro, quem sabe a conquiste um pouco. – Elliot brincou e sorriu com a piada que acabou de fazer, mas Susan não achou graça de sua brincadeira.

– Elliot, está na hora de você e ela acabarem com isso. Sua avó está morrendo e não tem muito tempo. Já que não posso dar a Amelia uma avó, pois não sei onde minha mãe está ou se está viva, quero pelo menos que ela conheça a sua e se a sua avó não aceitá-la bem, a gente pelo menos tentou.

– Eu e a minha avó nunca ficaremos bem, Susan. Enfie isso de uma vez na sua cabeça. – eles caminhavam lentamente até a cozinha. – Acho que devemos pedir para Joseph não comer assistindo televisão, não é? – Elliot tentou mudar de assunto, fazendo Susan estreitar os olhos. – O que foi?

– Não adianta mudar de assunto. – ela o afastou.

– Eu não estou fazendo isso! – se defendeu.

Ele levou uma mão até o bolso e a outra até o cabelo bagunçando-o. Susan acelerou o passo e entrou na cozinha, deixando-o para trás sem saber se estava chateada com ele ou não.

*

Susan olhava para o lago. Elliot havia pedido para que o esperasse lá enquanto fazia Amelia dormir. O céu limpo, poucas estrelas o iluminavam. Parecia combinar perfeitamente com seus pensamentos. Ela não conseguia parar de pensar em Elliot e sua avó. Sentiu-se egoísta por desejar estar no lugar dele e, ao menos, ter um ente por perto. Ela podia ter todos os defeitos do mundo, mas todos temos defeito. Era sua avó e não merecia ficar sozinha

nesse momento tão triste de sua vida.

Deus, ela estava morrendo e Elliot parecia não se importar com sua morte. Susan não conhecia aquele homem. Ele estava diferente. Havia alguma coisa diferente nele e, embora contasse ao vento que a amava, ele não era o mesmo que conheceu.

Ela também não era e a vida se encarregou de trabalhar para que essa mudança acontecesse, mas sabia que em relação a ele nada dentro dela mudou. O sentimento era tão forte quanto antes ou mais.

Ela sabia o quanto ele a amava e que tentava demonstrar o que sentia, mas algo o impedia de se entregar e algo dentro de seu coração, dizia que não tinha nada a ver com ela, mas não sabia exatamente o que era.

Elliot estava de volta e novamente desestruturava sua vida, mas de uma maneira boa. Ela se sentia completa. Tinha os melhores amigos, a melhor filha, um emprego razoável e Elliot. Nunca foi fácil ser mãe em Avon Park.

As pessoas a olhavam torto, os homens tentavam se aproveitar dela. Às vezes quis desistir, mas havia alguém que dependia totalmente dela e era isso que não a deixava desistir. Agora ela podia dividir as preocupações. Nem tudo seria só responsabilidade dela.

Susan achou que, quando Amelia nascesse, os comentários parariam, mas nunca parou. E embora tenha encontrado alguns homens capazes de ignorar os comentários horríveis que praticamente voavam pela cidade a seu respeito, ela não se sentia confortável com eles e nunca conseguiu dar uma chance. Ela não o esquecia e, mesmo com o coração partido, ninguém seria capaz de substituí-lo.

Não há nada além da luz da lua iluminando o lago, a casa e a natureza. Susan não conseguia afastar os olhos da paisagem a sua frente sem sentir abduzida pela beleza e nostalgia que tudo isso induzia.

Elliot saiu da casa, descalço e sem camisa, se aproximando de Susan e lentamente a abraçou por trás, se sentando atrás dela. Ela agarrava as pernas dobradas. Vestia seu pijama curto e que o provocava toda vez que a via usando aquela peça minúscula. Elliot apoiou o queixo em seu ombro, ao percebê-la pensativa e pouco receptiva.

– O que foi? – indagou com receio de a discussão de há pouco não ter

finalizado. Ele não queria discutir, não hoje e nem amanhã. Mas pelo jeito, seria inevitável.

– Já parou para pensar que já perdeu tanto da sua vida a ponto de se perguntar qual o sentido dela?

– Por que está dizendo isso? – ele se afastou para olhar em seu rosto e, percebendo que ela estava falando sério, rastejou o corpo para ficar sentado de frente para ela.

– Eu não sei como é o meu pai e nem onde minha mãe está, sinto um vazio ecoar dentro de mim, por não ter me sentido uma vez na vida completa quando era mais jovem. É isso que a ausência de um pai e uma mãe causa. Eu não sei se tenho outros parentes, ou avós, ou irmãos, ou primos. Eu não sei nada da minha família, Elliot!

Seus olhos ficaram úmidos e tristes, em seguida, suspirou sofregamente e encolheu os ombros, praticamente apertando ainda mais as pernas.

– Você tem a sua avó e mesmo que não concorde com as atitudes dela, ainda a tem. Você não perdeu tudo ainda. A vida é muito injusta para perder tempo guardando rancor. Não deixe ser tarde demais, para se arrepender depois.

Susan desenroscou os braços das pernas, esticando-as para relaxá-las e segurou suas mãos, as unindo e apertando-as entre as duas.

– Eu tenho tanta raiva e mágoa da minha mãe que provavelmente vou ter um excesso de histeria quando e se ela aparecer de novo, mas vai ser apenas momento, o calor da emoção depois de tanto tempo longe e de ter me abandonado à vida toda, mas sei que não durará muito. Porque todos os momentos que precisei dela, vão vir à tona em minha memória, revelando o quanto estive oca por dentro sem ela, até encontrá-la mais uma vez. Só tenho uma oportunidade, pois não sei quando ela escapará de mim novamente e nem como. Eu não perderia a chance de estar com ela só mais uma vez, Elliot. Porque além de Amelia, ela é a única pessoa que tem meu sangue e faz parte de mim.

Uma lágrima deslizou pelo rosto dela, mas não se importou. Ela queria e precisava mostrar a importância que uma família, mesmo que defeituosa, tinha para ela. Susan olhou para baixo um momento e quando seus olhos se ergueram, eles estavam inundados.

– Você acha que depois de tudo o que passamos, o fato de achar que você não queria mais saber de mim e que me deu dinheiro para abortar... – ele ia interrompê-la, mas ela ergueu uma de suas mãos, pedindo para ele não fazer isso. – Eu sei que nosso caso é diferente, mas veja pelo meu ponto de vista. Decidi acreditar em você e agora eu sei que é verdade, mas tudo pareceu se encaixar fácil demais na nossa história no início e eu poderia não te perdoar, só que eu não fiz isso.

– É que você é boa demais, Susan!

– Não, eu não sou boa. Eu pensei em muitas vezes bater em muitas pessoas da cidade, principalmente nas mães das colegas da escola de Amelia. – ele sorriu diante do pensamento. Ela umedeceu os lábios e suspirou. – As coisas podiam ser diferentes para nós, Elliot, e se não tivesse te escutado e aceitado voltar tudo como era antigamente, de onde nossa história não devia ter parado.

Já pensou que, enquanto você está brigado com a sua avó, está perdendo um tempo precioso que poderia estar com ela? Como está aqui comigo? A gente podia estar lá agora, ao lado dela, com Amelia mostrando o quanto é inteligente e capaz de conquistá-la.

Elliot respirou fundo e soltou o ar com força. Ele sabia que Susan não tinha dado por fim a conversa sobre sua avó. Ela havia ficado quieta o tempo todo enquanto comiam e assistiam televisão com Amelia.

Quando deu a ela os presentes que havia comprado em Nova Iorque ela sequer olhou para eles. Amelia, por outro lado, havia feito uma festa com o *tablet* e o celular. Aquelas foram suas primeiras palavras desde que lancharam.

E foram como as doces palavras que Susan costumava ressaltar quando se conheceram, e isso o fez se recordar de uma frase que ela disse a ele muitos anos atrás. Quando havia contado a Susan sobre a perda de seus pais e ele não sabia ainda nada sobre a vida dela. Elliot presenciou alguns dos seus momentos difíceis e, mesmo assim, ela continuava apoiando e perdoadando uma mãe que fazia de conta que Susan não existia.

Algumas pessoas quando compartilham da mesma dor, elas acabam se identificando, se unindo e se conectando, apenas uma pessoa que conhece a sua dor e sabe o que está sentindo, é capaz de te compreender tão bem. É

PERIGOSAS TRADUÇÕES

assim com você e comigo, Elliot. Você perdeu seus pais. E eu nunca tive os meus de verdade.

Ela tinha os olhos úmidos e tristes quando disse aquelas palavras, havia preocupação em sua expressão, a voz estava fraca. Susan faria qualquer coisa para ter uma família de verdade. Ele não tinha mais os pais, mas quando ainda eram vivos, aproveitou cada momento ao lado deles, tornando-os inesquecíveis, mas Susan, não tinha ninguém de seu sangue para protegê-la como realmente um pai e uma mãe deveriam fazer.

O que Susan disse aquele dia o acompanhou desde então. Ele sempre se pegava lembrando de seus pais e no fato de perdê-los tão cedo. Tantos pais diziam que para eles é obrigatório morrer antes do filho, pois a dor era dilacerante, mas Elliot discordava.

A dor que sentiu quando perdeu seus pais foi tão forte quanto e ele se repetia que ninguém merecia perder alguém que amava de uma hora para a outra. Num momento eles estavam ali entre eles, mas minutos depois não estavam mais. Desaparecendo através do vento.

Ele sentia falta de seus pais todos os dias, mas quando conheceu Susan, a dor que compartilhou com ela, com alguém que compreendia o que estava sentindo, foi como se tornasse tudo aquilo suportável.

Encolheu os ombros diante dela. Estavam em silêncio, um olhando para o outro. A mesma expressão de nove anos atrás estava ali e ele não negaria nada a ela, nem se fosse ameaçado.

– Nós iremos para Nova Iorque! – anunciou. – E vamos morar lá, mas não agora. Quero aproveitar mais alguns dias aqui, com vocês, antes de nos mudarmos.

– Eu não disse para morarmos lá. Eu posso tirar férias e...

– Eu não ia contar pra você agora, queria esperar um pouco mais, mas tenho que voltar para lá e não vou sem vocês, não vou mais deixá-las para trás.

– Ah... – ela levou uma mão até o peito. – O que eu vou fazer lá? Nem me encaixo naquela cidade imensa.

– Poderá estudar como tinha planejado antes e trabalhar. Tenho contatos, posso indicá-la.

Ela o olhou e levou a mão que estava no coração até o rosto dele, acariciando sua bochecha.

– É tão de repente. Depois que voltei para cá quando estava grávida de Amelia, eu não planejava mais sair daqui.

– Eu sinto muito por fazer isso com vocês! – Elliot segurou a mão que o tocava e beijou o dorso. – Case-se comigo, Susan?

– O quê? – ela arregalou os olhos.

– Eu sei que não é um pedido nada romântico e foi bem repentino, mas quero ir para Nova Iorque com a certeza de que você é minha. – disse possessivo.

– Mas eu nunca deixei de ser sua!

– Eu sei, mas há muito mais oportunidades lá do que aqui. Só preciso ter certeza.

– Casando ou não, se acontecer de me apaixonar por outra pessoa, estarmos casados não vai me impedir de nada. – ele fechou os olhos e enrugou a testa. Susan riu de seu sofrimento e aproximou-se dele. – Mas eu duvido que isso vá acontecer. Eu sou louca por você, Elliot!

– Então, casa comigo, só para me deixar mais tranquilo.

– Não, vou casar com você porque nos amamos!

– Vou providenciar tudo amanhã! – ela gesticulou negativamente.

– Não, quero me casar em Nova Iorque, na presença da sua avó e com a aprovação dela.

– Susan, ela nunca...

– Vou fazê-la pensar o contrário! – Susan disse confiante e beijou seus lábios. – Vamos lá para a cozinha continuar de onde fomos interrompidos!

Elliot inspirou fundo ao recordar-se do que planejavam fazer após Amelia dormir, Susan estava sorrindo maliciosamente. Com certeza planejava afastar seus pensamentos do casamento naquele momento. Mas ele não iria esquecer. Sua avó jamais aceitaria.

Será que Susan não conseguia entender isso? Entretanto, adiaria o confronto. Seu corpo era muito fraco e traiçoeiro, que reagiu no instante que a ouviu. Ele a queria de novo e de novo. Nunca se cansaria de Susan.

– Precisa de ajuda para se excitar, amor? – ela tocou entre suas pernas apertando-a, fazendo seu corpo reagir.

– Puta merda, Susan! – ele segurou a mão dela e a apertou contra o volume de sua calça. – Vamos lá, que a casa é toda nossa, temos que aproveitar cada cômodo dela enquanto estivermos aqui.

28 - Revelações

*“Por favor, venha agora, eu acho que estou caindo
Estou me segurando em tudo que acho ser seguro
Parece que eu achei a estrada para lugar nenhum
E eu estou tentando escapar
Eu gritei quando ouvi o trovão
Mas o que me restou foi um último suspiro
E com ele, me deixe dizer”
One Last Breath*

Susan olhava o lago pela sacada do seu quarto. Havia acordado há uma hora e sentia-se um pouco angustiada. Ela tinha certeza que, assim que acordasse, Elliot iria tocar no assunto sobre sua avó novamente. Ela sabia que estava indo por um caminho muito perigoso, mas se havia uma chance de ajudá-lo a se reconciliar com a avó, aquele era o momento. Ela iria gostar se ele fizesse de tudo para ajudá-la com a sua mãe como estava fazendo com ele e sua avó.

Olhou para o céu e cruzou os braços enquanto admirava as nuvens cinzentas e carregadas penetrarem lentamente a cidade. Ela sempre gostou daquela vista da cidade. A casa de verão de Elliot ficava no ponto mais alto de Avon Park e praticamente no final da cidade. Da janela do seu quarto, ela observava tudo à distância. Ela acreditava que dali podia ver, mesmo que em um ponto pequeno, a lanchonete de Benjamin. Ao olhar para lá, sentiu o coração apertar.

Ela iria embora e tinha aceitado isso tão facilmente. Por quê? Havia tantos motivos. Avon Park nunca foi boa de verdade para ela e nem para Amelia, embora fosse um lugar mais fácil para cuidar da filha sem temer que algo de ruim acontecesse a ela.

Mas o sentimento de deixar Joy, Paul, Josh e Benjamin para trás não era bom. Eles haviam feito tanto por ela. Queria poder levá-los para sempre consigo. Talvez fosse uma das razões também por estar sentindo aquele aperto no peito. Desde que ela e Elliot se reencontraram, sentia o coração

menos pesado. Tudo parecia melhor e mais fácil, embora ela soubesse que com certeza que não era. Entretanto, o que estava sentindo era estranho. Como se tivesse os abandonando. Como se a sua vida tivesse entrado no eixo e agora que estava tudo bem, deixava-os para trás. Ela não gostava dessa sensação.

Como iria dizer isso a sua melhor amiga? Como Josh iria reagir à separação com Amelia? Eram tantas coisas para pensar. Precisava encontrar uma forma de amenizar o impacto. Mordeu os lábios ainda com os olhos fixos no céu, que aos poucos escurecia.

O calor estava intenso, mas nem por isso evitava a nuvem carregada se aproximando da cidade e com ela trazendo a chuva que prometia ser forte. Susan apoiou os braços na barra e olhou para baixo ao sentir que Elliot se aproximava dela, lentamente.

Era hora do confronto.

– Acordou primeiro que eu. – ele a abraçou por trás e beijou seu pescoço.
– Não dormiu bem?

– Não muito. – ela sequer olhou para ele.

– Está pensando no que vai fazer para conquistar minha avó? – Elliot soltou um riso. Ela contraiu os ombros. Ele parecia ter se esquecido de tudo o que disse ontem. – Realmente precisa fazer vários planos, porque ela é bem difícil.

Novamente ele riu, mas dessa vez seu riso foi de nervoso. Ele estava tão desconfortável com aquela situação que Susan olhou para ele, enrugando a testa, sentindo que havia algo errado.

– Eu sei, mas quero tentar! – ela umedeceu os lábios. – A gente precisa tentar!

– Não é uma boa ideia, Susan. – seu tom foi repreensivo.

– Elliot, eu só vou aceitar me casar com você, se tivermos a aprovação dela!

– E por causa dela não vamos nos casar! Você entende isso, não é? – ele apertou sua cintura. – Deixa de ser cabeça dura, Susan!

– Se ela não me aceitar... – Susan estremeceu com o pensamento. – Eu não vou me sentir bem com isso. Não quero me casar com você sabendo que

sua avó não concorda com a gente. Não vai ser bom para mim, nem para você e muito menos para a Amy. Vai parecer que estávamos fazendo algo errado.

– Hum... – murmurou em seu ouvido, sugou o ar e em seguida a exalou. Diante do seu silêncio, Susan se virou completamente para ele. Esperava que Elliot argumentasse mais. Ele desviou o olhar do seu, como se tivesse algo para contar, mas não queria fazer isso.

– Tem alguma coisa entre você e sua avó acontecendo? – no mesmo instante, ele olhou para ela. – O que há de errado, Elliot?

Ele a encarou e apoiou a testa na dela, suspirou com força. Estava tendo uma briga interna. Seu olhar pedia ajuda a Susan. Não sabia como contar toda a sua história para ela, sem mencionar sua história com Claire.

– Porra, Elliot! – Susan o afastou e Elliot encolheu os ombros com o palavrão. Ela nunca foi de xingar e isso significava que não havia nada de bom acontecendo dentro dela. – Quer que eu me case com você, mas não pode me contar o que está acontecendo? – ela bufou. – Quer saber, vai para Nova Iorque sozinho e só volte quando puder me contar o que está acontecendo. Se for para passar o resto da minha vida com você, não quero segredos entre nós. – ela entrou no quarto pisando duro.

– Susan! – ele voltou para dentro do quarto e fechou a porta de vidro atrás dele. Ela foi até o guarda-roupa e retirou algumas peças de roupas, jogando-a na cama. – Susan! – chamou-a e ela voltou até o guarda-roupa pegando mais peças e a jogando sobre a cama, ignorando-o completamente. – O que está fazendo, Susan? – ele enrugou a testa e sentiu o coração gelar.

– Eu não vou ficar aqui! – ela olhou para ele desviando rapidamente a atenção ao que estava fazendo. – Ontem eu me abri com você, eu sempre conto tudo para você. Será que pode compartilhar um pouquinho do que acontece dentro de você? – seus olhos ficaram úmidos.

– Para com isso, Susan! – ele se aproximou dela em passos largos e a abraçou. Susan tinha nas mãos uma blusa, Elliot tirou-a e a jogou sobre a cama. – É muita coisa para te contar!

– Me conte, porra! – seus olhos úmidos se fixaram nos dele e percebeu o quanto estava inseguro.

– Nem sei por onde começar.

– Pelo começo! – ela revirou os olhos o que Elliot não gostou. Afastou as mãos das dela e se sentou.

– É difícil falar sobre isso com você, Susan, por que... – ele deixou os ombros caírem. – É complicado, nem eu consigo entender tudo às vezes.

Do lado de fora, algumas gotas de chuva respingaram no vidro. Ele deixou o ar saltar de seus pulmões e fechou os olhos um momento, planejando como contaria tudo desde o começo. Ao abri-los, Susan o olhava fixamente, totalmente atenta em seus movimentos.

– Há mais de nove anos, após meus pais morrerem, minha avó não entendia de negociações e eu muito menos, deixamos tudo por conta de terceiros para administrar os nossos negócios, porque eu era jovem e não tinha a idade permitida, mesmo faltando pouco para assumir a herança da minha família. Minha avó era minha responsável legal e de todo o nosso dinheiro. Ela nunca entendeu muito bem sobre negócios e isso foi a nossa ruína. Perdemos tudo, Susan. A única coisa que não perdemos, foi essa casa, porque era de minha mãe e não estava incluída no testamento de meu pai. Perdemos todos os nossos imóveis aos poucos sem saber o que estava acontecendo. Mas não tínhamos perdido a empresa ainda.

Ele pausou um momento e olhou em seus olhos, Susan se sentou ao lado dele e o abraçou. Queria fazer inúmeras perguntas, mas sabia que ainda não tinha acabado. Por isso deixou-o terminar.

– Minha avó me convenceu a passar minhas férias aqui. Eu não entendi a razão naquela época, mas disse para eu me afastar. Ela não me disse a razão e, naquela época, embora não tivéssemos um relacionamento de neto e avó dos melhores, eu a respeitei, sempre fiz o que ela me pedia e vim para cá sem questioná-la. Eu iria passar apenas alguns dias, mas te conheci e tudo mudou. – ele sorriu para ela e segurou sua mão com força.

– Me lembro disso! – Susan umedeceu os lábios e aproximou-os de sua bochecha, dando-lhe um beijo.

– Quando voltei eu soube de tudo isso e que tínhamos perdido todas as ações da empresa, mas ainda éramos donos da única coisa que ninguém podia comprar. O nosso nome. Eu só precisava aceitar o acordo que eles tinham a me oferecer. – ele arranhou a garganta ao senti-la apertar e arder. – Acontece que todas as ações que pertenciam ao meu pai, foram para o meu nome e,

PERIGOSAS TRADUÇÕES

embora minha avó tenha assinado quando completei vinte e um anos, isso não invalidava o acordo. A única coisa capaz de invalidar a assinatura dela era eu ter um filho antes de o acordo ser assinado.

– Ah, Elliot, sinto muito! – Susan sentiu os olhos umedecerem e gesticulou negativamente.

– Eu também lamento muito o fato de Amelia estar envolvida em toda essa história e a minha avó querer usá-la para conseguir todo o nosso legado de voltar. Ela é um monstro, mas eu juro que não sabia disso, até semana passada.

– Como é que é? – Susan disse sem entender a que ele estava se referindo.

– É Susan, Amelia se tornou herdeira e minha avó não podia ser responsável por ela, já que você e eu somos os pais estamos vivos.

– Que confusão! – Susan soltou as mãos das dele e se levantou, andou de um lado para o outro, parou, olhou para ele e voltou a circular pelo quarto. – Isso me deixou confusa demais. Eu... Eu... Eu... – gaguejou. – Não sei se entendi direito.

– Qual parte? – ele encolheu os ombros. – A que a minha avó está interessada em Amy depois que descobriu que ela é a única capaz de salvar tudo o que é nosso ou que, no instante que registrar Amelia como minha filha, ela se torne milionária?

– Meu Deus, você não tinha ficado pobre? – Susan parou de frente a Elliot. – Eles não tinham roubado seu dinheiro?

– Sim, tinham nos roubado. Mas quem nos roubou continuou nosso trabalho e agora vai ter que devolver tudo para nós assim que registrarmos Amelia.

– Você ia me contar isso quando? – ela engoliu em seco.

– Eu pretendia não te envolver nisso, Susan! – Elliot ergueu as mãos e as levou até sua cintura. – A gente não precisa desse dinheiro, mas quero registrar Amelia, quero que o mundo saiba que sou o pai dela.

– Tem alguma forma de não ficarmos com esse dinheiro? – Susan umedeceu os lábios. Elliot negou e encolheu os ombros.

– Você vai ser mãe de uma milionária. Como se sente sobre isso? – Elliot sorriu. Ele sentia os ombros mais leves. Tinha dado certo.

– Vou continuar sendo pobre de espírito! – ele riu com seu comentário e gesticulou negativamente. – Você disse que tem dinheiro. Como conseguiu?

– Uma longa história, amor! Digamos que viajei pelo mundo inteiro e fiz algumas coisas. – ele a puxou a e fez se sentar em seu colo.

– Que tipo de coisas? – o abraçou o pescoço.

– Coisas terríveis! – Elliot beijou seu pescoço e mordiscou-o, fazendo-a se arrepiar. – Me envolvi com pessoas e coisas erradas.

Elliot sentia o coração sendo esmagado. Era um assunto tão delicado tanto para ele quanto para Susan. Ele se recordava de tantas vezes que a confortou por causa de sua mãe e, com certeza aquilo a faria se recordar.

– Quão erradas? – ela levou uma mão até sua nuca, chamando sua atenção, e brincou com seu cabelo, enroscando os dedos nele.

– Do tipo bem perigoso! – Elliot mordeu o lábio, sentindo que sangrava por dentro.

Ele nunca tinha pensado na possibilidade de que o que escolheu fazer quando se separaram e após tudo o que aconteceu com a sua vida, pudesse machucá-la, até porque nunca mais cogitou encontrar Susan novamente, mas ali estava ele, com ela em seu colo e o que diria a ela poderia desestruturar tudo novamente. Mas ele precisava contar, só não queria fazer naquele momento.

– Você é perigoso? – Susan inclinou-se para trás um pouco, para olhar em seus olhos enquanto o ouvia. Seu olhar o desestruturou. Os olhos escuros estavam desconsoláveis e Elliot parecia brigar internamente consigo mesmo. Ele suspirou e quando disse, suas palavras saíram rasgadas e doloridas.

– Não, mas fiz coisas perigosas!

– Me conta, Elliot! – ela se agitou em seu colo, sentindo o coração acelerar. Ela precisava saber.

– Você não vai gostar de ouvir! – ele encolheu os ombros.

– Com você agindo assim estou tendo certeza que não, mas pare de me tratar como uma adolescente que não aguenta durezas. – ela disse firme. – Eu já passei por tantas coisas e você sabe disso. A minha história com a minha mãe não foi bonita. Enquanto as garotas estavam comprando roupas e indo

para a Disney, eu estava limpando a bagunça da minha mãe.

Ele olhou para frente, pensativo. Aquele era o momento que alguém devia bater na porta e os interromper, mas como ele não tinha tanta sorte assim e Susan estava conseguindo arrancar tudo o que ele não queria contar a ela, não havia escapatória.

– Me conta, Elliot! – ela repetiu, chamando sua atenção.

– Ah, merda! – seu olhar para ela era desesperado e intenso. – Eu espero muito que me entenda, Susan. Aliás, eu espero não, eu preciso que você me entenda!

– Eu vou tentar! – ela suspirou e ele levou uma mão até o cabelo, o bagunçando.

– Caralho, é bem difícil! Não quero te decepcionar e nem te afastar de mim, não depois de tudo o que aconteceu. Eu preciso que me prometa que o que você ouvir de mim agora, não vai fazer com que você e Amelia se afastem de mim. Eu não vou suportar se isso acontecer.

– Ah Elliot, o que você fez de tão grave? – seus lábios tremeram. Ela estava ficando com medo, mas não queria que houvesse mais segredos entre eles. –É melhor que você me conta, antes de eu saber pelos outros. – ela umedeceu os lábios e respirou fundo. Susan sentia o coração acelerado, batendo contra o peito, sendo espremido.

– Trabalhava com tráfico de drogas internacional.

Susan observou sua postura, o nariz afilado e empinado em direção à sacada, a apreensão evidente em sua postura. Ele fechou os olhos, aguardando ela falar alguma coisa. Ela umedeceu os lábios e apoiou a cabeça em seu pescoço. Ela esperava qualquer coisa dele, menos o que acabou de ouvir, mas devia cogitar essa possibilidade, pois a forma como ele implorou para ser compreendido e o medo que sentia por se afastar de Amelia era de se esperar que fosse algo tão grave assim. Pensar em sua filha a levou de volta ao passado, onde havia somente ela e sua mãe.

De repente todos os momentos que viu sua mãe drogada jogada no chão da sala, pó sobre a mesa e ao redor do nariz vieram à tona. Sua mãe costumava ir a outra órbita quando se drogava e a única coisa que restava a Susan era deixá-la o mais confortável possível quando despertasse daquele

torpor tranquilizador, proporcionado pela droga. As garrafas de bebidas alcoólicas baratas estavam vazias ao lado da mancha de pó e sobrava para ela limpar os rastros das aventuras de sua mãe. Enquanto isso, as garotas normais aprendiam como se vestir e maquiar, mas ela... Ah, ela estava ajoelhada no chão juntando os cacos. Foram dias escuros, que tentava a todo instante esquecer deles.

Seus olhos seguia lentamente pelo quarto. Ela jamais imaginou que moraria em uma casa tão luxuosa como aquela, que tanto cortina quanto os lençóis da cama fossem combinar com os móveis. Tudo organizado. Sequer imaginou que haveria um espelho gigante em seu quarto e que teria tantos cremes para o corpo e cabelo como uma pessoa normal poderia ter, mas nada disso focava em sua mente desanuviada. Só ouvia o som de recordações em sua memória dentro de sua cabeça, levando-a de volta para a época de sua vida que não queria mais se lembrar.

Ela sentiu as lágrimas inundarem seus olhos. As drogas sempre fizeram parte de sua vida e Elliot sabia o quanto repudiava aquela química maldita. Será que ele não pensou que seguir por aquele caminho, ia contra toda a sua ideologia? Quantas vezes conversaram sobre isso no passado? Susan levou uma mão até o rosto secando-o.

Ficaram em silêncio por longos minutos, cada um perdido em seu pensamento, ouvindo a chuva estalar do lado de fora e a ventania zunir através da janela. Susan levou a mão até a perna, secando-a.

– Por que você decidiu entrar nisso? – levou a mão até seu queixo, para acariciar sua barba. Elliot demorou um tempo para respondê-la. Provavelmente estava pensando em uma forma fácil de dizer a ela como isso aconteceu.

– Disse a minha avó que eu levei um pé na bunda da garota que eu amava.
– Susan fechou os olhos.

– Você não pode me culpar por isso, Elliot! – Susan nunca sentiu o coração pesar tanto como naquele momento.

– E eu não te culpo por isso. – ele inclinou a cabeça para o lado, olhando um instante para ela e beijou sua testa.

– Então por que o fato de eu ou nosso relacionamento acabar tem a ver com você entrar nessa vida?

Susan queria entender. Ela precisava entender por que escolheu esse caminho. Tinha tantas opções para escolher. Sua respiração saiu áspera quando a espiralou. Estava sendo impossível a angústia que sentia não dominar sua raiva e afundava seu coração cada vez mais.

Toda a separação deles foi uma mentira e causou tantos transtornos e feridas. Ela fechou os olhos, mordendo os lábios, se esforçando para as lágrimas não a controlarem. O seu corpo agitou e choramingou, o abraçando com força, escondendo o rosto já molhado em seu pescoço. E o ouviu recitar as palavras mais tristes e bonitas que Elliot alguma dia disse a ela.

– Ah, Susan, você ainda não entendeu o quanto significa para mim? O quanto o que tivemos no passado significou na minha vida? – ele olhou para ela, os olhos úmidos. Piscou algumas vezes para limpar os olhos e as lágrimas deslizaram, molhando seu rosto. – Foi tão incrível o que tivemos que, todas as noites, eu fechava os olhos apenas para me lembrar de como era estar com você. Era o único momento bom da minha vida e mesmo tendo a certeza de que você não me queria e sim o maldito dinheiro da minha família, o que nós tivemos foi suficiente para mim pelo resto da vida, porque foi inesquecível, mas eu não podia ficar aqui, com tudo o que estava acontecendo na minha vida. Fui um covarde e escolhi o caminho mais fácil para ganhar dinheiro. Não me orgulho disso, não. Todos os dias que traficava, me sentia horrível por dentro, como se tivesse traído você, era o único jeito que eu encontrei de esconder o que sentia por você em algum lugar dentro de mim.

Susan o olhava com tanta tristeza. Elliot conseguia imaginar o que passava em sua mente. Ela se sentia culpada. Mas ela não era.

– A culpa não é sua, Susan! – ele respirou o ar com força e se esforçou para conseguir articular algumas palavras que se entalaram na garganta. – Nós fomos os prejudicados em toda essa história. Eu sei que você acredita que podemos conseguir a aprovação da minha avó, mas ela fez questão de nos separar antes. Pagou para você abortar. – a voz dele falhou ao anunciar aquela palavra abominável. – Quando vejo Amelia todos os dias, não consigo imaginar um mundo sem ela. Agradeço todo dia por você não ter feito isso! – ele não conseguia controlar as lágrimas. – Então, minha avó não merece seu esforço e sua dedicação para voltarmos a ser uma família.

Susan sentiu o nariz entupir e começou a soluçar com o choro. As palavras de Elliot ecoavam em sua mente, fazendo-a latejar dolorosamente. Dúvidas e mais dúvidas penetravam seus pensamentos. Ela precisava perguntar se...

– Você algum dia chegou a usar drogas? – ela apoiou a testa na dele, encarando seus olhos, se sentindo tão desapontada.

Quantas vezes imaginou a morte de traficantes de drogas por proporcionar esse vício a sua mãe. Seu peito subia e descia. Esperando sua resposta. Ela não estava preparada para ouvir uma resposta positiva, mas precisava saber.

– Ah, Susan. – Elliot subiu uma das mãos até a mecha que caía tampando seu rosto e a levou atrás de sua orelha. – Eu nunca faria uma coisa dessas. Eu sei que o que fiz me torna tão horrível quanto aqueles homens que iam até a sua casa vender drogas para sua mãe. Mas foi pensando em você e no que passou que nunca me permiti ser usuário. Tive muitas oportunidades, mas eu sei o quanto aquilo é capaz de dominar o ser humano. Eu vi como sua mãe era dependente.

Os lábios de Susan tremiam, o mesmo acontecia com sua respiração. Ela levou uma mão até o rosto, tentando secá-lo, mas era uma tarefa inútil, as lágrimas não paravam.

Ela se levantou e caminhou lentamente pelo quarto. Havia algumas prateleiras brancas de frente com a cama que continha apenas uma foto recente dela com Amelia. Susan levou a mão até uma das prateleiras, deslizando-a. Os olhos ainda estavam úmidos. Uma vez Elliot disse que aquele era o quarto dos seus pais e, ela se lembrava que, antigamente, continha inúmeras fotos deles e de Elliot ali, naquelas prateleiras. Seus pais costumavam fotografar todos os momentos importantes de Elliot em sua infância e adolescência. Eles tinham tanto orgulho do rapaz que ele estava se tornando. Ela fungou. Como a vida era injusta. O rapaz das fotografias não era mais o mesmo e a vida que o havia transformado. Ela deslizou a ponta dos dedos até o único porta-retrato e acariciou o rostinho sorridente de Amelia sobre o vidro do quadro.

Elliot a observava. Susan ponderava tudo o que havia lhe contado e, naquele momento, ele a compreendia totalmente. Ela só pensava em Amelia e no que aquilo poderia causar a sua filha. Ela queria protegê-la de tudo o que

um dia já sofreu. Susan sabia o quanto aquele caminho, seja para quem era usuário ou traficante de drogas, podia ser irreversível.

Seria doloroso se ela não o perdoasse e o aceitasse com suas falhas, mas se esforçaria para fazer o melhor por elas. Amelia estaria bem encaminhada e Susan também, ele se encarregaria de providenciar o futuro delas e se afastaria se ela pedisse. Elliot sabia que ele tinha que decidir isso, mas era um fraco e egoísta que aceitaria qualquer coisa que Susan pudesse dar a ele.

– Eu... Eu... – ela gaguejou chamando sua atenção. – Estou confusa.

Ela apoiou a testa na prateleira e fechou os olhos.

– Eu sei!

Elliot continuou no mesmo lugar. Sentado na cama. Ele vestia apenas uma cueca e, embora soubesse que era um homem impactante aparentemente, se sentia vulnerável e frágil.

– Isso é tão difícil e arriscado. – ela se virou abruptamente para ele. – Amelia não merece passar por isso. Essa vida não é para ela!

– Eu sei Susan! – ele encolheu os ombros e fechou os olhos com força, enrugando-os.

– Você se aproximou de mim e dela. – seus olhos passaram a ficar ressentidos. – Sabendo o quanto isso é perigoso. Muito mais perigoso do que a minha vida com a minha mãe. Quantos traficantes morrem por dia? Quantas famílias acabam se envolvendo nesse “jogo”, Elliot? – seu tom de voz era ácido e, mesmo saindo rasgado, ele sentia sua mágoa. – Como pôde ser tão egoísta?

Ela engoliu em seco e suas mãos se fecharam com força ao lado do corpo. A raiva crescia dentro dela.

– Como você pôde fazer isso comigo e Amelia?

Ele não sabia o que falar e nem tentaria, porque não havia palavras para justificar. E não queria convencê-la a aceitá-lo com palavras vazias. Ele só podia dizer uma coisa e não tinha nada a ver com fato de convencê-la a compreendê-lo, mas porque era como realmente se sentiu todos esses anos.

– Eu me arrependo todos os dias, Susan. Mas não pude sair.

Ele queria dizer muitas coisas, mas nada justificava o rumo de sua vida. E

embora quisesse decepcionar sua avó com a vida que escolhera, eles voltariam novamente para o começo de toda essa história. Eram tantas razões em sua cabeça na época, mas um meio não justificava o fim.

– Eu sei que te pedir perdão não vai amenizar o que está sentindo. – a chuva cessou do lado de fora e o sol começava despontar na janela, brilhando. – Eu só quero que saiba que me arrependo e a única coisa que posso te pedir é perdão por ter seguido um caminho tão diferente do que havíamos planejado há nove anos. – ele umedeceu os lábios. – Eu vou entender se você não quiser mais ficar comigo.

Elliot baixou o olhar para o piso de madeira, porque dizer aquelas palavras doía mais e ele sabia que doía nela também, pois o olhar de Susan demonstrou claramente o quanto ouvir aquilo doeu. Como se a realidade de o futuro deles estivesse batendo a porta e ela tivesse que decidir. Na verdade, ela tinha que decidir qual caminho iria seguir. Com Elliot ou sem ele.

Mas Elliot não a deixou decidir, pois as palavras que ouviu em seguida mostraram isso e deixou-a na defensiva. Estava tudo acabado. Como estava doendo.

– Vou providenciar para que nada falte a você e a Amelia.

– Eu não estou preocupada com dinheiro. Cuidei de Amelia por oito anos sozinha, posso continuar cuidando dela. – Susan arrependeu-se no instante que disse aquelas palavras. Ela não queria falar daquela forma, mas estava tão... Sem chão.

Aquelas palavras tiveram um impacto tão forte no peito de Elliot, mas era direito de Susan. Estava tudo acabado. Resignando-se de sua decisão, ele se levantou da cama e foi até o guarda-roupa, o abrindo. Tirou uma calça jeans e a vestiu, em seguida, uma camisa preta.

– O que você está fazendo? – ele sequer parou os movimentos e pegou os sapatos, caminhando até a cama para se sentar e calçá-los. O que estava sentindo podia ser explorado depois, pois precisava focar em sair dali o mais rápido possível. Dessa vez não havia mágoa em seu coração, só uma tristeza por ter feito as escolhas erradas e agora arcava com as consequências delas.

– Estou me vestindo para ir embora. Venho buscar minhas coisas depois!
– ele calçou os sapatos e se levantou, olhando para ela.

Susan observava seu rosto e o quanto ele estava sofrendo. Ela fechou os olhos pensando nas próprias palavras e sentiu o coração gelar ao perceber que Elliot havia entendido errado. Quer dizer, ela não decidiu o que iria fazer ainda. Sem sequer olhar para ela, ele foi em direção à porta.

Se ele fosse embora sem terminarem a conversa e decidirem juntos o que seria da vida deles, se separados ou não, seria pior. E ela não podia deixar de pensar em Amelia e no quanto essa atitude repentina de ele ir embora poderia prejudicá-la. Ele ir embora assim significaria não estar presente na vida da filha e ela não queria isso para nenhum dos dois. Não seria bom para eles.

Ela estava confusa. Não queria que ele fosse embora, ela o amava. Mas o amor não era o suficiente nessas circunstâncias, entretanto, a conversa, poderia ser.

– Como você pretendia resolver esse problema estando comigo e Amelia?

Ela o fez parar com a mão na maçaneta da porta. Elliot se virou e a encarou. Embora distantes, ele podia ver seus olhos e o quanto estava dividida. Aquilo o quebrou em pedaços. Ela não devia decidir aquilo e embora estivesse na porta pronto para se afastar delas, não arredou os pés dali. Ele não era um homem de verdade. Era um fraco. Susan merecia alguém melhor do que ele para estar ao seu lado e Amelia merecia um pai melhor que ele. *Egoísta e repugnante*. Se definiu em pensamento. Elliot umedeceu os lábios.

– Eu não ia ficar aqui quando voltei para cá para te ver. – ele se encostou na porta. – Eu nem sabia que a encontraria aqui. Mas não sairia daqui sem explicar o que havia acontecido entre nós de verdade, porque não podia ficar com você. Até que...

– Você viu Amelia. – Susan completou sua frase o interrompendo e caminhou até a cama, os olhos úmidos. Ela o compreendia.

– Sim! – ele se sentia derrotado. – Foi mais forte do que eu Susan!

– Então você não tem um plano? – uma lágrima deslizou por seu rosto. Ela perdeu a conta de quantas vezes chorou nesta manhã. Sentia a cabeça latejar de dor. Respirou fundo.

– Eu saí disso, Susan! – Elliot queria se aproximar, porém só faria isso se ela o chamasse. – Mas pode acontecer de algum dia isso voltar para minha

vida. Quem entra nesse meio nunca mais sai, só sai morto ou preso! – É! – ela encolheu os ombros. – E Amelia está no meio disso tudo!

– Sim! – Elliot sentia o estômago embrulhar. – No instante que decidi ficar aqui, ela entrou nessa encruzilhada sem volta. Tanto ela quanto você.

– E você vai cuidar para que nada aconteça a ela, não vai?

– Nem com ela, nem com você! – ele cruzou os braços em um esforço para não se aproximar da cama e abraçá-la.

– E você?

– Ah, Susan. Quando escolhi esse caminho, já sabia qual seria o meu destino e vou aguardar ansiosamente. – Elliot forçou um sorriso desolado. – Espero por isso mais cedo ou mais tarde. – *E agora mais do que nunca, quero que esse dia chegue logo.* disse em pensamentos.

– Não fale bobagem! – Susan enxugou o rosto e gesticulou negativamente. – Deve haver um jeito!

– Não há! – ele suspirou. Ficaram em silêncio por longos minutos um olhando para o outro.

Ela estava maravilhosa, os cabelos desgrehados e vestia um pijama curto. Era daquele jeito que se lembraria dela quando saísse por aquela porta. Só queria um pouco mais de tempo para gravar cada pedacinho perfeito dela e levar consigo para sempre. Só não queria se lembrar dela com o rosto vermelho e os olhos inchados de tanto chorar, mas levaria essa imagem consigo também, para poder se manter afastado dela. Estava na hora de ir. Desviou os olhos e soltou os braços, se desencostando da porta e virou-se, para ir.

– Você não vai fugir, vai? – sua voz estava rouca e fanha de tanto chorar.

– É exatamente isso que estou pensando em fazer. – ele virou o rosto para ela.

– Ao invés de pensar em alguma solução, você vai embora? – ela aumentou o tom de sua voz sem acreditar que Elliot estava decidindo por ela. – Uma vez me disseram que um relacionamento não é feito somente de momentos bons, mas também de momentos tortuosos e complicados, mas que quando o casal está junto, unido com a certeza de que um tem o outro, pode suportar tudo, desde que estejam juntos! – ela olhava fixamente em seus

olhos.

– Você está me dizendo para ficar mesmo assim? – ele não conseguia acreditar que, ainda assim, ela o queria por perto.

– É mais ou menos isso! – ela se levantou e caminhou até ele, parando em sua frente, com os olhos fixos nos dele, sem sequer piscar. – Eu já estou envolvida nessa história toda e não suportaria a ideia de você estar por aí, cuidando de mim e de Amelia, sem saber o que está acontecendo com você. – Susan umedeceu os lábios. – É muito difícil deixar você ir nessas circunstâncias, sendo que amo você mais do que algum dia achei que seria capaz de amar alguém, sabendo que você está correndo risco. Eu não vou deixar você passar por isso sozinho. Eu te amo, Amelia te ama e nós somos uma família. Um pouco desproporcional, mas somos. Temos um ao outro e embora isso não seja suficiente, nós vamos encontrar uma solução juntos.

Elliot queria beijar sua boca, suas bochechas, seu queixo. Seu corpo inteiro. Ela estava dando mais uma chance e ele iria se agarrar a ela com todas as suas forças. Sem conseguir controlar o desejo de abraçá-la, ele levou uma mão até a sua cintura, puxando-a para colar o corpo no dele.

– Desde que eu te vi soube que você era a mulher perfeita para mim! – ele acariciou sua bochecha e Susan fechou os olhos um momento, apreciando a carícia. – E que nunca encontraria alguém como você. Eu fui abençoado!

Ao ouvir suas últimas palavras, ela enrugou a testa.

– Abençoado? – repetiu para ter certeza de que ouviu aquela palavra. Elliot não era um homem religioso e nem acreditava em *Deus*.

– Sim! Você me fez acreditar que há alguém cuidando de mim e que se importa comigo o suficiente para que tantas coisas boas aconteçam comigo, mesmo não merecendo. – Elliot fechou os olhos. – Ele está me dando uma segunda chance com você e com Amelia.

29 - Aprendiz

*“Doce criatura
Tivemos outra conversa sobre
Onde estamos errando
Mas ainda somos jovens
Não sabemos para onde estamos indo
Mas sabemos aonde pertencemos”
Sweet Creature*

Após a conversa que tiveram naquela manhã com muitas revelações e decisões a serem tomadas quanto ao futuro deles principalmente ao que fariam em relação a herança, foram interrompidos por Amelia que estranhou não encontrá-los logo que acordou e foi até o quarto deles, interrompendo o restante da conversa, mas eles se sentiam satisfeitos com o que haviam conversado. Estavam em paz. Enquanto olhavam Amelia brincando sobre a cama *king size*. Eles a admiravam em silêncio. Ela realmente trouxera paz a eles. Sua felicidade era contagiante, tão inebriante.

Susan aproveitou para dizer a Elliot, antes de descer do carro para ir ao trabalho, que iria conversar com Benjamin e com Joy na hora do almoço sobre a mudança que fariam. Ele sabia que seria um dia complicado na vida dela, mas ela disse que poderia suportar e ainda pediu para Elliot esperá-la voltar para casa e contarem juntos sobre a mudança que fariam em breve a Amelia.

Elliot subiu rapidamente os degraus ao estacionar o carro em frente a casa e foi procurar sua pequena, que não estava na sala vendo televisão. Ele ouviu murmúrios e acompanhou o som até chegar à cozinha. Encontrou-a sentada jogando. Os cotovelos estavam apoiados sobre a mesa suspensa. Amelia vestia *short jeans* e uma blusa cinza com estampa dos *Minions*. Os cabelos estavam presos no alto e a franja escondia sua testa, mas não os lindos olhos verdes. Joseph vestia o avental e preparava alguma coisa para comerem. Elliot se aproximou por trás dela e a abraçou, apoiando o queixo em sua cabeça.

– Já voltou papai? – ela esticou o pescoço procurando alguém atrás dele, mas não encontrando ninguém, ela voltou a atenção para o jogo.

– Sim, estamos só nós três! – Elliot se sentou no banco ao lado dela. – O que acha de a gente nadar um pouco hoje?

– Eu não sei nadar sem boia.

– Podemos ir ao clube. – ele olhou para Joseph que, ultimamente, estava muito quieto. – Eu posso te ensinar a nadar na piscina.

– Eu nunca fui ao clube, papai. – ela pausou. – Dizem que é bem legal!

– Pronto! Vou te apresentar o clube e vamos nadar bastante. – Elliot se levantou e se aproximou do fogão. – O que está preparando?

– Alguém aqui pediu espaguete. – Joseph abriu a tampa da panela e Elliot sentiu cheiro do molho.

– Acho que você dá conta da cozinha hoje! – Elliot bateu em seu ombro.

– Até agora não sei por que não tem uma cozinheira. – Joseph devolveu a tampa na panela e abriu outra.

– Porque, meu amigo, as pessoas dessa cidade falam demais! – Elliot olhou a outra panela e sentiu o cheiro. – Ainda bem que você sabe cozinhar.

– O Joseph cozinha melhor que a mamãe! – Amelia chamou a atenção deles. – Ela só não pode saber que eu falei isso.

– Pode deixar pequena, isso ficará entre nós. – Joseph sorriu para Amelia e depois olhou para Elliot, que prestava atenção nos dois.

– Fico satisfeito ao saber que você vai ficar com a gente. – Elliot anunciou e Joseph enrugou a testa.

– Então decidiram? – disse o mais baixo que pode.

– É, mas não sem antes aproveitarmos nossas férias em família. Vamos contar hoje para ela.

– Ela já sabe de tudo? – Joseph se referia a Claire.

– Quase tudo, só não sabe de Claire! – Elliot sentiu os ombros relaxarem. – Mesmo sabendo tudo o que eu fiz, ela quis ficar comigo, Joseph. Ela não me deixou ir embora. Com elas ao meu lado, acho que posso suportar qualquer coisa que vier daqui pra frente.

Joseph assentiu e olhou para a panela com molho, mexendo-a, embora não precisasse mexer mais, se concentrar na panela fez Elliot se afastar e ele precisava desse espaço. Era muita informação para digerir.

Susan sabia o que Elliot e ele faziam. Será que ela concordaria com a sua presença como concorda com a de Elliot? Havia sentimento entre eles, mas Joseph era ninguém para ela e não estava preparado ainda para ir embora. Ele precisava ficar. Havia se afeiçoado a Amelia também, não conseguia ficar longe dela.

Após preparar o almoço e almoçar, Joseph vestiu sua roupa de corrida, pegou o celular, os fones de ouvido e saiu. Ele precisava espairar, sua mente não desviava os pensamentos de Susan.

Com os pensamentos inundando sua mente, ele se afastou bastante da casa, atravessou boa parte da cidade. As pessoas o olhavam quando ele passava, totalmente inerte aos pensamentos e a música o ajudava a se perder completamente ao que perturbava sua mente.

Não percebeu que seus passos o levaram para o único lugar que não deveria ir. A roupa estava encharcada de suor quando desacelerou os passos em frente a lanchonete e a respiração pesada ficou ainda mais difícil de puxá-la ao perceber onde havia parado. Ele apoiou uma mão na parede de concreto e a outra na cintura. Olhou para baixo, se concentrando no fato de que precisava respirar.

Ele nunca havia se apaixonado por alguém e achava que era imune a esse tipo de sentimento estúpido, mas se havia uma coisa que Joseph não entendia, era o que estava sentindo por Susan. A mulher que perturbava seu sono e aparecia quando não devia. Era difícil não olhar para ela quando estava por perto e precisava fazer um esforço terrível para desviar os olhos, mas não adiantava, ela vinha em seus pensamentos mesmo assim e sem ser convidada.

A vida que havia escolhido não foi forçada, Joseph a queria. Ele precisava viver aquilo, aquela adrenalina, pois desejava escapar do seu passado, da dor que havia causado. Ao contrário de Elliot, Joseph não tinha mais ninguém com quem compartilhar a vida e, escolher aquele destino, ele tinha sentenciado a própria morte e era o que ele buscava todos os dias desde então.

Porém, ao conhecer Elliot, o irmão que adotou em seu coração, sentia que

PERIGOSAS TRADUÇÕES

nem tudo havia se perdido e mais uma vez encontrara alguém que se importava com ele, mas o sentimento de que mais dias ou menos dias a morte chegaria, o perseguia e o desejava com todas as suas forças que aquilo acontecesse logo. Entretanto, Amelia e Susan trouxeram uma luz que ele não queria e não precisava. Ele não merecia aquela luz. Não depois do que havia feito.

Joseph não podia sentir aquilo por Susan, ele não seria bom para ela, mesmo sabendo o quão inalcançável era ela, isso a tornava ainda mais interessante. Ela era a mulher de seu melhor amigo e parceiro de trabalho, como ele poderia trair Elliot assim? O que estava fazendo ali ainda? Vivendo no meio deles como se fizesse parte da família, sendo que estava claro que ele sobrava naquela história toda.

Havia tantas razões. Pensou. Joseph gostava daquele sentimento de dor que o sentimento por Susan causava, mas mesmo assim esperava o que iria acontecer entre Elliot e Susan quando todas as revelações viessem à tona, quando a história mal resolvida de Elliot e Claire surgisse, ele queria estar lá, esperando por ela, para consolá-la. Ele estava pronto para trair a confiança do amigo quando surgisse a oportunidade perfeita.

Era um maldito. Tanto para seu amigo quanto para Susan. Devia haver uma placa de aviso para ninguém se aproximar dele. Elliot devia ser o primeiro a fazer isso. Era um filho da puta. Respirou fundo, em buscar de ar e fechou os olhos, a imagem de Susan invadiu sua mente. Bonita, como todos os dias, com aquela bondade que somente ela tem.

– Ah, merda! – murmurou gesticulando negativamente, tentando suprimir esses tipos de pensamentos e escondê-los.

– Joe? – ouviu a voz dela bem atrás dele. – Está tudo bem? – Susan era tão atenciosa. Buscou força e se virou, a encarando. Aquele uniforme... Como não gostar dele?

– Estou sim, só corri demais e fiquei sem fôlego. – ele estava mesmo sem fôlego, mas não tinha nada a ver com a corrida e sim com o fato de ela estar diante dele com a porra daquele uniforme curto.

– A essa hora, Joseph? – ela gesticulou negativamente. – Está muito quente! Sua mãe não o ensinou que não se expõe ao sol neste horário?

Ele ficou tenso a menção de sua mãe. Não queria se recordar dela. Não

podia. Não merecia se lembrar nunca dela.

– Eu achei que a chuva tinha refrescado um pouco. – ao ouvi-lo, Susan gesticulou negativamente de novo.

– Você não sabe nada sobre o calor daqui. – ela sorriu. – Vem, vamos entrar e beber algo para refrescar.

– Vai me acompanhar? – *Ah, merda!* Pensou e gesticulou negativamente. Era um filho da puta mesmo por querer uma migalha de sua atenção.

– Claro, mas por pouco tempo. Está muito movimentado. – ela se virou e em poucos passos, abriu a porta de vidro da lanchonete, dando espaço para ele passar.

– Tem problema entrar nesse estado aqui? – ele parou diante de Susan, olhando para baixo e em seu rosto, ela estava encostada na porta e segurava a maçaneta. Tão tranquila...

Naquela manhã, quando foram tomar o café, ele reparou em seus olhos inchados de tanto chorar. Ela e Elliot haviam chorado, mas parecia estar tudo bem. Olhando para ela agora, o efeito havia passado e Susan estava melhor. Ela era incrivelmente bela. Compreendia muito bem o fato de Elliot ter se apaixonado por ela. Será que ela sabia o quanto era bonita? Indagou-se em pensamento.

– Nenhum problema, você é meu amigo! – ele ultrapassou a porta, sentindo o ar faltar com aquela declaração importuna.

Joseph não queria ser seu amigo. Caminhou em passos rápidos em busca de uma mesa e Susan o acompanhou. As pessoas olhavam-nos, cochichavam e, em seguida, torciam o nariz. Provavelmente falavam e pensavam coisas horríveis sobre ela estar sendo tão atenciosa com o amigo de Elliot e, provavelmente, supunham coisas que não existiam. – gesticulou negativamente. – Seria bom para ela e para Amelia sair dessa cidade.

– Me aguarda um instante, vou pedir um momento a Benjamin. – ela para diante dele, que está sentado. Joseph assentiu. – Bebe alguma coisa?

– Sim, uma cerveja! – sua voz ainda estava estranha, ele não conseguia articular as palavras corretamente.

Susan assentiu e se afastou. As pessoas olhavam para ele ainda e pela expressão no rosto delas, estavam mesmo pensando erroneamente a respeito

de ela estar sendo simpática. Ele ia se levantar para ir embora. Não queria problemas com Elliot em relação a isso, mas no instante que se levantou, Susan voltou.

– Vai a algum lugar? – ela abriu a garrafa e colocou-a na frente dele, junto com um copo.

– As pessoas estão olhando para nós! – Joseph gesticulou negativamente.
– Não quero que pensem...

– Eles sempre fizeram isso. Até quando estou conversando com Benjamin. – ela deu de ombros e se sentou. – Estou acostumada!

– Ainda bem que isso vai acabar não é? – ele encheu o copo com a cerveja. Ela olhava para ele intensamente. Joseph sabia o que se passava na cabeça dela. Susan queria saber se ele estava envolvido na mesma vida que a de Elliot. Arranhou a garganta após dar dois goles. – Sim, eu e Elliot somos amigos há muito tempo. Desde que vocês se separaram.

– Ah! – Susan levou o rosto em direção à janela de vidro, olhando para as pessoas que andavam na calçada.

– Sinto muito! – ele queria poder dizer mais.

– É o que vocês gostam de dizer. – ela voltou a olhar para ele e sorriu. – Vou dizer o mesmo que disse a ele. Somos uma família e também somos amigos, então, vamos um ajudar o outro.

– Eu não sei quanto tempo farei companhia a vocês. Elliot não quer que eu vá, mas... – Joseph olhou para o copo com cerveja pela metade.

Não queria ir embora, não quando olhava para ela naquele momento, tão preocupada e mesmo assim maravilhosa, entretanto, ele ou Elliot devia voltar. E Joseph faria qualquer coisa para manter seu melhor amigo e família juntos a salvo.

– Espero que demore muito tempo para você ir. – ela sorriu e levou a mão até uma mecha praticamente invisível, pois seu cabelo estava bem preso em um coque.

– Pode ter certeza que enquanto eu estiver por perto, protegerei vocês!

– E protegerá você também, não é? – Susan o encarava nos olhos, preocupada.

– Claro! – ele umedeceu os lábios e levou o copo até a boca, tomando tudo de uma vez.

Susan observava seu rosto atentamente. Reparava em cada nuance. Joseph não era o tipo de homem muito vaidoso. Aparava a barba, mas ela era grande e ela desconfiava que ele a deixava assim de propósito, para se esconder. Não parecia ser o tipo de homem que gostava de se exhibir. Seu olhar encontrou o dele, o azul da cor do céu refletidos naqueles olhos e perceber isso a fez sentir um calafrio.

Ele parecia indeciso naquele momento, talvez estivesse sentindo alguma dor. Uma dor de longa data e que o perseguia há muito tempo. Talvez fosse isso o que o uniu a Elliot. Somente uma pessoa com tanta dor para entender a outra.

Ela conhecia aquele sentimento e, naquele momento, se conectava a ele. A dor era sua velha amiga e só uma pessoa que a sente todos os dias para conseguir compreender aquele olhar. De alguma forma, ela e Joseph se uniam, uma amizade bonita se formava através do olhar. Ela não precisava que Joseph contasse o tamanho de sua perda, pois cada um sabe o tamanho de sua dor, do seu fardo. Se ele o carregava em suas costas, é porque podia suportar, mas isso não significava que a dor não era forte.

Engoliu em seco, tentando entender por qual razão não havia notado aquilo antes, mas ela sabia. Estava tão focada em seu relacionamento com Elliot, em Amelia e não viu os sinais. Ela havia gostado de Joseph logo que o conheceu e, geralmente, se afeiçoava a alguém por identificar uma tragédia em comum. Mordeu o lábio inferior quando Joseph desviou o olhar do dela, parecendo perceber que ela desvendou sua alma.

Diferente dela que contou a todas as pessoas que eram próximas as suas dores, mas nem todo mundo gostava de compartilhar seus problemas, como Elliot e Joseph.

Quando ela e Elliot se aproximaram, no passado, Susan precisava mostrar a ele qual era a sua bagagem. Uma mãe viciada e, ainda por cima, roubava. Ela precisou contar a ele, pois mais cedo ou mais tarde, Elliot iria saber e não queria que fosse pela boca dos outros. Desviou os pensamentos ao perceber que ficaram em silêncio por muito tempo. Arranhou a garganta tentando pensar no que faria. Olhou para suas roupas e algo em sua mente estalou.

– Agora, me fala. Você veio correndo lá de cima até aqui? – ela gesticulou apontando para fora da lanchonete.

– Sim, eu precisava. Fazia tempo que não corria.

– E você deixou aqueles dois sozinhos? – ela sorriu diminuindo a tensão que havia surgido entre eles na conversa.

– É! – ele sorriu de volta. Era impossível não se contagiar pelo sorriso dela.

– Elliot também te viciou em correr? – Joseph assentiu em resposta. – Fez o mesmo comigo. Ele dizia que correr era como se o amortizasse dos problemas e dores que poucas pessoas podiam ver, mas eram sentidas no coração e corria para amortecê-las.

– Ele falou a mesma coisa para mim. – ele despejou o restante da cerveja no copo. – E o filho da puta tem toda a razão!

– Tenho que concordar! – Susan suspirou, mas sorriu. – Sabe, quando estivermos em Nova Iorque, poderíamos correr no *Central Park*. Era uma das coisas que queria realizar com Elliot quando fazíamos planos e toda a nossa história do passado parecia caminhar para algum lugar.

– Sim, podemos! – Joseph bebeu mais um pouco. – Vai ser legal!

– Ainda bem que teremos você lá, diz o Elliot que não vai ser fácil.

– Fiquei sabendo! – ele terminou a cerveja e se levantou. Susan fez o mesmo.

– Ele te conta tudo?

– Nem tudo! – Joseph deu um passo e olhou para baixo, fixando os olhos nos dela que ainda estava sentada. – Eu não fazia ideia que você existia até vir para cá.

Ele não aguardou sua resposta, piscou e sorriu, indo embora, praticamente fugindo dela e do que havia descoberto nos poucos minutos que estiveram ali. Susan o acompanhou com os olhos pelo vidro da janela atravessar a rua e suspirou. Ela gostava de Joseph, mas não sabia nada sobre ele também.

Mistérios e mais mistérios. O que os dois haviam vivido juntos em todos esses anos? Viram tragédias? Vivenciaram a morte? Perguntas e mais perguntas. Mas Susan desconfiava que aquela parte da vida deles, Elliot não

compartilharia com ela e ela não sabia se queria saber de tudo aquilo. Tinha receio da resposta.

Susan se levantou quando outro cliente entrou na lanchonete e Benjamin apontava gesticulando com a cabeça em direção à pessoa que entrava. Era hora de trabalhar.

*

Elliot olhava para o guarda-roupa de Amelia. Havia comprado biquínis para ela, mas não sabia qual escolher. Eram tantas cores e opções. Ela estava pelada em cima a cama, esperando-o.

– Papai? – ela o chamou ao percebê-lo parado.

– Só um momento, querida. – ele anunciou e levou a mão até o queixo pensando e imaginando que cor de biquíni ficaria boa nela. Susan era melhor que ele em relação a isso.

– Eu gosto do amarelo, papai! – ela desceu da cama e caminhou até ele, pegando-o.

– Você tem certeza? – ele enrugou a testa. Amelia estendeu o biquíni para ele pegar e ergueu os bracinhos.

– Tenho papai! – Amelia riu.

Elliot demorou para vesti-la, porque se atrapalhou com os laços de cima do biquíni. Parecia tão mais fácil quando era para tirar aquela peça. Ele bufava todas as vezes que dava errado e isso fazia Amelia rir. Ela estava se divertindo. Quando terminou, ele pegou uma mochila e jogou nela protetor solar, toalha e pentes. Havia feito uma pesquisa na internet sobre o que um pai deve levar a uma piscina. Eles não esperaram Joseph voltar da corrida para ir e saíram.

Ele vestia um *short* azul escuro e uma camisa regata, o que facilitava a qualquer pessoa ver sua tatuagem e os pelos aparados do peito. Enquanto dirigia, Amelia escolhia a música. Ela gostava de *One Direction*, percebeu quando instalou um aplicativo de música para ela no celular que havia dado a ela e a primeira banda que escolheu foi eles. Ela parecia em dúvida de que música escolher até que *History* começou a encher os alto-falantes do carro.

– Por que eles? – Elliot segurava o volante com as duas mãos, mas olhava para ela de vez em quando.

Amelia cantarolava a música, enquanto fixava seus olhos para fora do carro. As casas passavam por eles lentamente. Se Susan soubesse que a deixava se sentar no banco do passageiro e não atrás, iria brigar muito, mas Elliot e Amelia haviam feito um trato: nada de contar para a mamãe algumas artes. Ela virou o rosto para ele.

– Quando era pequena... – Elliot enrugou a testa e estava pronto para dizer que ela ainda “É” pequena, mas a voz suave e doce dela encheu seus ouvidos. – eu assistia aquele programa de música na casa da Jude, o *X-Factor*. Era a única coisa que me fazia parar e todos os dias ela me mostrava um pouco, até conhecer o *One Direction*. E passei a ver todos os dias na casa dela tudo o que saía sobre eles.

– Eles se separaram, você sabe?

– Claro que eu sei, papai! – ela revirou os olhos diante de sua pergunta, como Susan costuma fazer e isso o fez sorrir, mas segurou o riso.

Amelia voltou a olhar para fora do carro, cantando a música. A voz dela era maravilhosa e Elliot se perguntava quem Amelia havia puxado para ter aquela voz bonita. De repente, ela virou o rosto para ele e desviou seus pensamentos.

– Mamãe e eu costumamos fazer coreografia de algumas músicas e cantar. – ela sorriu e o coração de Elliot foi preenchido. – Mamãe diz que eu tenho talento.

– E tem mesmo!

– Mas você tem que ouvir ela cantar, papai. Parece um anjo. Sua voz é tão... – Amelia suspirou sonhadora. – Acho que se ouvir, vai querer ouvir todos os dias ela cantar.

Elliot enrugou a testa com aquela informação, mas continuou sorrindo. Susan nunca falou sobre isso com ele e isso o deixou intrigado. Por que Susan não compartilhou aquele dom com ele?

Estacionou o carro em frente ao clube e, ao descer, Paul também estacionava o carro ao lado do deles. Antes de sair, Elliot o convidou e pediu para levar Josh. Como iriam embora em breve, queria que sua filha aproveitasse a companhia de Josh o quanto fosse possível.

Enquanto entravam, as mulheres olhavam para eles. Os pais levando suas

filhas para passear, quando passaram por elas, suspiraram e sentiram inveja ao mesmo tempo.

Joy e Susan haviam tirado a sorte grande. Paul era popular na época do colégio e desde os seus 17 anos namorava Joy, a primeira namorada, nunca teve olhos para outra que não fosse ela. Já Elliot, não aconteceu diferente, ele também não teve olhos para nenhuma outra garota desde que conheceu Susan e as coisas desde então não haviam mudado, entretanto, agora Elliot tinha olhos para outra garota também, mas essa sortuda era uma miniatura dele e não era nenhuma das mulheres da cidade.

Elas olhavam torto e com expressão repugnante para Amelia, já ele recebia olhares cobiçosos delas que suspiravam com as imaginações impróprias.

Elliot colocou as boias nos braços de Amelia e passou o protetor nela, deixando-a toda branca, o que fez Josh rir, ela estava parecendo uma palhaça. Amelia não gostou e reclamou.

– Debaixo d’água vai diminuir. – Elliot se levantou e tirou a camisa. As mulheres que estavam na entrada, agora rodeavam a piscina. – E depois que você sair da água e não ficar ardendo, vai me agradecer. – e sua mãe também, pensou.

– “Tá” bem! – ela segurou a mão dele, sorrindo. Os olhos verdes brilhando de expectativa. Amelia estava ansiosa e Elliot esperava fazer tudo certo.

Amelia estava tão bonita. Com o cabelo solto e vestindo um biquíni amarelo que pelo jeito, já se tornara o seu preferido. Ela podia ser baixinha, mas tinha as pernas grossas iguais a da mãe e seu corpo já mostrava algumas pequenas formas. Ele a guiou para a beira da piscina e sentou-se na beirada.

– Preparada? – olhou para ela que assentiu.

Amelia nunca tinha visto uma piscina na sua frente, quanto mais uma tão grande. Elliot entrou na água e ergueu os dois braços para ela que se sentou na beirada, repetindo os passos deles e deixou-a carregar para dentro da piscina.

– Está gelada! – ela mordeu o lábio inferior. – Muito gelada!

Josh pulou na água, assustando-a ao fazer ondas que foram direto para o

rosto dela, fazendo-a se agarrar a Elliot com força.

– Logo você vai se acostumar, princesinha! – Elliot a puxou para a parte rasa da piscina. – Veja se alcança os pés!

Amelia esticou as pernas e sentiu a ponta dos dedos roçar a cerâmica, mas a água a tampava até o pescoço e, enquanto Elliot a orientava, segurando seus dois braços, o observavam e suspiravam. Algumas até se arriscaram tentando chamar sua atenção, mas foi em vão. Ele só tinha olhos para sua garotinha que aprendia rapidamente e não tinha medo da água. Amelia era destemida.

Após duas horas dentro da piscina, a ensinando e até senti-la mais confortável na água, Elliot a orientou a ficar na parte rasa, pois de repente, as mãos entraram com seus filhos na piscina. Ele estava se sentindo sufocado. Ele se recostou na parede e sentou-se dentro d'água e ficou olhando Amelia nadar diante dele. Ela havia descartado as boias e nadava. Estava maravilhosa sendo banhada pelo sol. E isso trouxe-lhe lembrança de Susan nadando no lago para ele, banhada pelo sol. Magnífica. Olhou para o lado e observou que Josh e mais outro garoto olhava para ela do mesmo jeito que ele fazia com Susan. Será que eles percebiam que a admiravam? Pelo menos não havia desejo nos olhos e sim admiração.

– Que merda! Controle os olhos do seu filho, Paul! – Elliot jogou um pouco de água no rosto.

– O Josh ama Amelia, mas é um amor de irmão, Elliot. São crianças! – Paul soltou um risinho.

Amelia subiu a escadinha junto com Josh.

– Papai, posso pular? – alguns respingos de água deslizavam por seu cabelo e escorriam de seu cabelo.

– Sim, mas nessa região aqui, onde eu possa ver você! – ele apontou bem diante dele.

– “Tá”! – ela pegou uma distância e ofereceu a mão para Josh e começou a contar. – 1, 2, 3... – e correram, pulando. Dando susto nas mãos que estavam dentro da água. Elliot aguardou-a se erguer na água e quando fez, ela riu olhando para ele que sequer percebeu que estava prendendo a respiração.

– Como estão as coisas com a Susan? – Elliot virou o rosto para ele.

De repente, as mulheres que estavam perto deles ficaram quietas e

PERIGOSAS TRADUÇÕES

voltaram a atenção para ele. Não foi difícil perceber o interesse delas na conversa. Ele gesticulou negativamente enquanto olhava Amelia subir novamente a escadinha, acompanhada de Josh, para pular de novo.

– Estamos bem, acho que melhor do que antes! – Elliot sorriu para Amelia a incentivando a pular. – Eu queria que Ben, você, Joy e Josh passassem mais tempo conosco em casa, pois em breve iremos embora.

Amelia se jogou na água, as mulheres que prestavam atenção na conversa começaram a falar ao mesmo tempo, mas Elliot não prestou atenção nelas. Ele não queria saber o que elas estavam falando sobre Susan ou Amelia. Não precisava encher a cabeça com assuntos desnecessários. Não como fizera antes. Sua filha foi até ele, havia gotículas de água em seu rosto, ela estava radiante.

– Hoje foi o melhor dia da minha vida!

– Espero que cada dia de sua vida seja melhor que o anterior, princesinha do papai! – Elliot a agarrou e ela enroscou as perninhas em torno da cintura dela. – Ah, Paul. Queria saber se amanhã posso levar Josh para a Disney comigo, Amelia e Susan.

– Papai, deixa eu ir! – Josh juntou as duas mãos e cruzou os dedos, implorando com os olhos.

– Preciso conversar com a sua mãe, mas acho que não vai ter problema, garotão. – Paul o pegou e o fez subir em cima de seus ombros. – Te aviso, Elliot. Amanhã vou trabalhar bem cedo e se Joy aceitar, Josh vai ter que dormir em sua casa, tudo bem?

– Está certo! – ao ouvi-lo, as crianças comemoraram. – Mas vão dormir em quartos separados.

– Meu Deus, tenho pena de Amelia! – Paul gesticulou negativamente, rindo.

– Só para prevenir, sabe como é. – Elliot deu de ombros. – Acho que já aproveitamos bastante, pequena. Vamos para casa, tomar um banho e preparar o jantar para a mamãe?

Amelia reclamou um pouco por ir embora, mas quando percebeu que não conseguiria convencer seu pai a ficar mais tempo na piscina, eles foram embora. Após tomar banho e se vestir, Paul levou Josh até a casa deles, pois

Joy concordou em deixá-lo ir a Disney.

*

Susan limpava o balcão. Faltava uma hora para acabar seu expediente e em breve, o movimento aumentaria, mas pediu para conversar com Benjamin e Joy antes de ir embora. Sentia os nervos em frangalhos. Estava nervosa e nem sabia como começar a contar a eles a mudança que aconteceria em sua vida em breve.

Ela guardou os copos e levou os pratos para a cozinha. Joy estava no caixa quando voltou. A porta da lanchonete abriu e a campainha tocou, informando que alguém estava entrando. Ela olhou na direção da porta e sorriu. Não acreditou que ela fosse voltar lá novamente, mas lá estava Mary, caminhando em direção ao balcão.

– Como essa cidade é quente! – ela abanou-se e se sentou no banco, em frente à Susan. – Como vocês se acostumam com isso?

– Talvez porque nós nascemos aqui! – Susan nem esperou seu pedido. Foi até o freezer e pegou a *longneck*. Ela era assim, gravava tudo o que seus clientes bebiam. Era atenciosa. Depositou a garrafa na frente de Mary e a abriu em seguida.

– Obrigada, Susan! – Mary olhou para ela com gratidão.

– Então, como foi seu dia em Avon Park? – Susan se sentou no banco e apoiou os cotovelos sobre o balcão.

– Vai ser difícil encontrar uma casa aqui, Susan! – ela encolheu os ombros. – As que fui verificar ficavam muito distantes.

– Ah, sinto muito! – olhou para Mary com pesar.

– É! – Mary limpou a ponta da garrafa e levou-a até a boca. – Por enquanto vou ficar no hotel!

– Você não acha que uma casa afastada de qualquer burburinho e movimentação talvez seja o que precisa?

– Pode ser! – Mary estava olhando para a garrafa, concentrada, pensando. – Mas preciso ouvir nem que sejam alguns barulhos, mesmo que poucos, para viver.

– Ah! – Susan não entendeu muito bem, mas não quis se intrometer. Já

havia feito isso uma vez, talvez ela não fosse gostar disso se fizesse uma segunda vez.

O telefone de Mary acendeu a tela, a foto de um homem apareceu, uma música antiga e romântica ecoou pela lanchonete e, ao ver a expressão em seu rosto, Susan simpatizou com ela, pois parecia estar sofrendo e aquele homem da foto era a causa. Mary ignorou a ligação.

– Que saco! – Mary levou a garrafa à boca e a virou de uma vez. – Vou querer mais uma, Susan!

Susan imediatamente pegou outra *longneck* e entregou a ela. Mary bebeu dois goles e praticamente quebrou a garrafa quando a devolveu no balcão. Ela estava com raiva. O seu celular tocou novamente, o que a fez desligá-lo, parecendo furiosa.

– Me desculpe por isso! – Mary amassou os lábios. Estava furiosa.

– Tudo bem, homens tem o dom de nos estressar, não é?

– É! – Mary mexeu os ombros, fingindo não se importar e bebeu mais um gole. – Sabe, eu o peguei com outra e agora está todo arrependido! – Mary engoliu em seco, sentindo algo entalar em sua garganta. Só havia mentido duas vezes e tudo por causa de Elliot.

– Ah, então é por isso que você fugiu para cá! – Susan levou a mão até a dela, tocando-a. Mary se assustou com seu gesto e isso a fez se afastar.

– Quanto deu a conta? – Mary olhou em seus olhos um momento e, em seguida, desviou-os para a bolsa, abriu-a, retirando a carteira. Ela parecia desamparada. Susan mordeu o lábio inferior.

– Imagina, é por minha conta! – Susan levou novamente a mão na dela, a impedindo de retirar o dinheiro. – Espero que volte aqui mais vezes!

Mary assentiu, mas se levantou e virou as costas, sem se despedir. Susan mordeu o lábio e sequer percebeu que Joy observava-a conversar com a cliente.

– Por minha conta? – Joy explodiu quando Mary desapareceu pela porta. – Que porra foi essa, Susan?

– Ela está sofrendo! – Susan deu de ombros e olhou para ela. – Pare de bisbilhotar meu trabalho. Você nunca foi disso. Por que começar agora?

– Talvez por que eu não goste dessa mulher. Eu não sinto coisa boa vindo dela. – Joy olhou o relógio no pulso.

– Você está com ciúmes de mim? – Susan se aproximou dela e a abraçou. – Joy, sua amizade é insubstituível, não seja paranoica!

– Eu estou falando sério, Susan! – Joy a afastou. – Eu não gostei dessa mulher e isso não tem nada a ver com ciúmes. Eu não estou com ciúmes, aliás.

– Pare de bobagem, ela está sofrendo! – Susan suspirou. – Quando a vi entrar ontem, senti uma conexão muito forte, como se a conhecesse de algum lugar. – Joy revirou os olhos com sua declaração. – E agora entendo por quê!

– “Tá” bem, “tá” bem! Depois não diz que eu não avisei.

Benjamin atravessou a porta da cozinha e parou diante dela.

– Fale para ela Ben, que você também se sentiu incomodado com aquela mulher chique que veio aqui ontem. – ele olhou para ela e depois para Susan.

– Ela é só uma cliente que veio se refugiar aqui. – Susan revirou os olhos ao anunciar e se recostou na pia.

– Mas é uma cliente muito estranha! – Benjamin se sentou no balcão. – Eu já a vi em algum lugar, mas não lembro onde.

– Vocês são muito chatos! – Susan suspirou e cruzou os braços.

– Só estamos preocupados, Susan. Sinto uma coisa aqui... – Joy levou a mão até o peito. – quando vejo-a.

– Ai, você a viu só duas veze!. – Susan umedeceu os lábios. – Mas enfim, essa discussão não vai levar a gente a lugar algum.

– É! – Benjamin assentiu. – Kate!! – gritou e Kate, a garçonete que estava conversando com um cliente na mesa perto da porta há mais de 10 minutos, ficou tensa e correu para perto do balcão, carregando uma bandeja vazia. – Eu, Susan e Joy precisamos conversar. Se o movimento apertar, nos grite.

Kate assentiu e deu a volta, entrando no balcão. Joy foi a primeira a entrar na cozinha, Susan foi logo atrás e Benjamin, foi por último. Eles caminharam em silêncio até o vestiário e, ao chegar, Susan fechou a porta e posicionou as duas mãos na frente do corpo, juntando-as e as apertando. Estava nervosa e nem sabia quais palavras usar. Eles ficaram em silêncio por cerca de 2

minutos. Susan olhava de um para o outro. O gesto de Joy olhando o relógio, totalmente impaciente e respirando fundo a deixou agitada.

– Pelo amor de Deus, Susan! – Joy revirou os olhos. – Diz logo que você vai embora.

Susan arregalou os olhos e olhou para Benjamin, que sorria.

– Vocês sabiam? – sua voz saiu arrastada.

– É claro! – Joy deu de ombros. – Isso iria acontecer mais cedo ou mais tarde com a volta de Elliot para cá. Agora eu quero saber, como farei para te convencer de levar a gente com você.

Ao ouvi-la, Susan sentiu os ombros relaxarem e sorriu. Embora os olhos de Joy estivessem tristes, ela tentava amenizar o impacto. Sua melhor amiga torceu o nariz diante do olhar ainda interrogativo de Susan.

– Ah, Elliot contou para o Paul hoje, que me ligou e contou.

– E Joy me contou logo em seguida. – Benjamin gesticulou negativamente. – Ninguém consegue guardar segredo neste lugar.

– É! Agora me diz, quando você vai?

– Não sei ainda, mas não temos pressa! – ela mordeu o lábio inferior e suspirou.

– Tem certeza? – Benjamin se aproximou dela em dois passos e segurou-a pelos ombros, fazendo-a olhar em seus olhos.

– Tenho! – ela sorriu para ele e levou a mão até o seu rosto. – Agradeço por tudo o que fez por mim e Amy, Ben!

– Não me agradeça! – ele a puxou para um abraço quando sentiu os olhos umedecerem. – Só não fique longe tempo demais de mim!

– Está bem! – ela o abraçou de volta. – Promete que vai me visitar?

– Prometo! – Susan o afastou.

– Há muitas coisas que preciso contar a vocês. – ela levou a mão até um dos olhos, onde uma lágrima teimava em escapar.

– Pode contar em cinco minutos? – Joy olhou para o relógio no pulso novamente. – É que está quase na hora de você ir embora.

Susan assentiu e tentou resumir o máximo que pôde sobre a história de

Elliot, omitiu sobre o que ele fez todos esses anos, pois era um segredo só deles e de mais ninguém. Quando concluiu, já havia passado os minutos, mas não importava.

Eles se abraçaram mais algumas vezes e fizeram muitas promessas de nunca se afastarem, mesmo o destino mostrando que seria difícil de isso não acontecer. Susan jamais se esqueceria deles e pretendia levá-los consigo para todo o sempre. Ela sabia que as emoções estavam apenas começando, pois todos os dias em que fosse trabalhar sabia que o dia de sua partida estava se aproximando e dessa vez, ela iria embora definitivamente e, mesmo decidida, ela não estava preparada para a despedida.

E a noite ainda não tinha acabado. Ela e Elliot precisariam conversar com Amelia. Será que seu coração aguentaria tantas emoções?

30 - O Primeiro Dia De Suas Vidas

*“Isso vai doer, mas eu me culpo primeiro
 Porque eu ignorei a verdade
 Bêbado de amor, minha cabeça erguida
 Não há como esquecer você
 Você me acordou
 Mas você está me sufocando, eu estava tão obcecado
 Te dei tudo de mim
 E agora honestamente, eu não tenho nada”
 Dangerously*

Contar a uma criança que vai haver uma mudança radical em sua vida, que os locais que conhecia não serão mais os mesmos, que conhecerá outras pessoas e que as que conhece ficarão para trás, pode não ser fácil. Susan tinha receio do que isso poderia implicar à Amelia. Seriam muitas informações para assimilar e explicou com todo o cuidado para que ela entendesse. A diferença de sua filha para as outras, é que Susan sempre foi sua amiga, elas conversavam bastante.

O que não teve com sua mãe viciada, ela aplicou com sua filha. Queria tanto fazer parte de todos os passos da vida de Amelia como fazia questão de que ela soubesse quase tudo sobre ela. Eram amigas, além de mãe e filha. E, embora sentisse um aperto no peito por fazer sua filha passar por uma mudança repentina, Amelia compreendeu quase tudo.

– Nós não vamos mais amanhã para Disney? – os olhos verdes estavam marejados, sua expressão foi tomada por uma tristeza.

Elliot e ela a fizeram trocar de roupa e vestir o pijama. Eles haviam esperado chegar a hora de dormir e que Josh não se estivesse por perto para conversar com ela. Susan havia feito uma trança em Amelia que não desgrudava de um urso que ela chamou de *Pooh*, pois parecia com o desenho, ela olhava de um para o outro, sentada na cama.

– Nós vamos passear amanhã sim, meu amor! – Susan acariciou sua testa, afastando a franja. – Vamos aproveitar uns dias aqui antes de irmos embora.

– A tia Joy, tio Paul e o Josh vão com a gente?

– Não, meu amor, mas eles poderão nos visitar quando quiserem. – Elliot segurou sua mão e a levou até os lábios. Ele estava sentado em um lado da cama e Susan do outro. A atenção deles estava focada em Amelia.

– Você irá conhecer sua bisavó! – Susan olhou para Elliot quando anunciou.

– Vou conhecer minha bisavó? – Amelia soltou a mão da de Elliot e apertou o urso contra o peito, sorrindo. – Vou poder brincar com a minha bisavó, papai?

– Hum... – ele se empertigou sentindo dificuldade em responder, mas olhando para o rosto de Amelia cheio de expectativa, era impossível negar qualquer coisa a ela.

– Sim, irá sim! E tem o Finn, o mordomo fiel da sua bisavó. Você vai deixá-lo louco, quando o conhecer. – Elliot se contagiou com o sorriso brilhante estampado no rosto de Amelia e sorriu para ela. Provavelmente sua filha iria gostar de Finn, pelo menos havia alguém realmente bom em Nova Iorque para tornar tudo aquilo suportável.

– O Josh pode ir com a gente? Ele pode passar as férias com a gente, mamãe e papai?

Ah, como dizer não se a única coisa que ela pedia era para ficar perto de seu melhor amigo por mais um tempo? Susan olhou para Elliot indagando em silêncio. Ela também queria que Josh fosse com eles, para tornar essa mudança para Amelia mais agradável.

– Claro que pode, desde que não se abracem muito!

– Elliot! – Susan o repreendeu, mas sorriu. – Que absurdo!

– Não, não tem absurdo nenhum. É só uma preocupação minha. – Susan revirou os olhos e suspirou. Ela não entendia a cisma que Elliot tinha em relação à Josh e Amelia.

– Está na hora de dormir, mocinha! Amanhã iremos levantar muito cedo.
– Susan apertou seu nariz e Amelia assentiu, se deitando na cama.

– Boa noite mamãe e papai!

Elliot deu um beijo em sua testa e se levantou, caminhando em direção à

porta do quarto. Susan fez o mesmo e, antes de apagar a luz e sair do quarto, olhou para Amelia, que já tinha fechado os olhos.

No dia seguinte, acordaram muito cedo. Na verdade, Josh e Amelia entraram no quarto de Elliot e Susan correndo, os assustando, pois estavam praticamente nus, a única coisa que os cobria, era um lençol. Após o café da manhã mais barulhento que aquela casa já teve, eles saíram acompanhados de Joseph.

O sol nem havia nascido ainda quando pegaram a estrada, as crianças conversavam e cantavam uma música que conhecia e tocava no rádio, mas a agitação delas não demorou muito. Enquanto a paisagem diante dos olhos era praticamente deserta, com poucos carros e o sol ainda dando resquício de aparecer, adormeceram.

Susan se sentava no meio do banco, com as duas crianças em seu colo. Elliot a cada minuto que passava, olhava para trás, para verificar se estava tudo bem e Joseph a observava pelo retrovisor, vez ou outra, embora se esforçasse para não olhar para Susan mais do que o necessário.

Aquela era a primeira vez que Susan estava em um carro com ele e Elliot, aquilo o deixava desconfortável e extasiado ao mesmo tempo. Não conseguia evitar admirá-la. Tão simples e não se esforçava para mostrar nada além do que ela era. Sua beleza estava no que Susan era e isso emanava dela.

A viagem até a Disney demorou algumas horas, as crianças acordaram duas vezes durante o caminho, mas dormiram novamente. Quando chegaram, Elliot levou-as até o *Disney's BoardWalk Villas* para tomar o café da manhã mais completo que eles já viram.

Joseph pouco conversava durante a refeição, às vezes seus olhos cruzavam com o de Susan e ele percebia que ela estava curiosa em relação a ele. Talvez quisesse fazer perguntas relacionadas a seu trabalho com Elliot, ou o que fez se juntar a ele. Ele podia ver todas essas perguntas em seus olhos.

O bom de estar ali, é que havia pessoas do mundo inteiro e poucas ou nenhuma delas olhava para eles, o que Susan gostou. Eles eram como todos os outros. Ninguém a discriminava, ou discriminava Amelia. Pelo menos, por um dia, não receberia olhares recriminadores.

Amelia e Josh escolheram tudo o que era servido para comer, a maioria

besteiras. Os olhos de sua filha brilhavam de expectativa e êxtase. Ela estava realizando um sonho. Elliot estava tornando um sonho de sua filha real. Olhou para ele, sentindo o coração explodir e, enquanto levava um copo de suco até a boca, os olhos de Elliot encontraram os dela.

– Obrigada! – ela gesticulou com os lábios, mas não saiu som algum.

– De nada! – Elliot fez o mesmo.

– O que vamos fazer depois daqui, papai? – Amelia chamou sua atenção.

Elliot retirou um papel do bolso e o olhou.

– Surpresa! – piscou para ela e guardou o papel de volta no bolso. As crianças resmungaram, mas durou pouco, pois Elliot pediu um pedaço de bolo de chocolate para cada uma e isso as deixou quietas, sujando os lábios e as bochechas enquanto comiam.

Como só tinham um dia de passeio, Elliot as levou para conhecer o *Magic Kingdom*. Amelia, como adorava a série *Once Upon a Time*, que assistia com sua babá Jude, ficou encantada, ela queria conhecer várias atrações, mas era muito grande e seu papai explicou que não poderiam explorar tudo em um único dia, pois era totalmente impossível.

Josh, que não conhecia muito dos contos de fadas, foi apresentado ao reino mágico por ela, que sabia de toda a história. Pelo menos, ela achava que sabia sim. Ela estava empolgada contando toda a história dos contos de fadas para ele, que estava atento.

Amelia se emocionou quando conheceram o castelo da *Cinderela* e, junto com outros turistas, Elliot a fotografou com o castelo ao fundo, toda sorridente e apaixonada, depois fez o mesmo com Susan e, as crianças insistiram para fotografar os dois juntos.

O encontro com *Mickey*, *Ariel* e *Cinderela* foi mágico para Amelia, que pedia para o pai fotografá-la em todos os momentos. Ele a obedecia. Era ela quem comandava todos os momentos.

Enquanto a observava falar e seus gestos, ele conseguia perceber uma força e atitude autoritária que conhecia apenas em uma pessoa, em sua bisavó. Isso o deixou assustado e preocupado. Ele olhou para Josh que a olhava com admiração e gesticulou negativamente. Talvez sua filha quando mais velha não facilitasse as coisas para ele, afinal.

O lugar que Josh gostou mais de conhecer foi o navio pirata onde voaram sobre Londres com *Peter Pan* a bordo. Amelia não gostava muito de *Peter Pan*, ela falava que ele não era bom e sim malvado. Elliot que não conhecia aquela versão da história, a ouvia atentamente. Embora Amelia tivesse oito anos, ela era muito esperta e falante. Explicava tudo.

– Jude precisa aprender a dizer não para Amelia! – Elliot disse enquanto saiam do navio.

– É uma série legal, eu assisto com ela! – Joseph disse atrás deles.

– Não precisaremos nos preocupar mais com Jude agora, Elliot, já que vamos para Nova Iorque. – Susan segurou em sua mão, entrelaçando os dedos nos deles. As crianças corriam e voltavam para eles.

– Não acho que essa série seja boa para Amelia. – Elliot suspirou. – Onde já se viu, falar que *Peter Pan* é mal.

– Ah, você também gosta do Peter, é? – Susan sorriu após indagar.

– Ele é legal! Não cresce e é criança para sempre. Tem algo melhor que isso?

– É não tem! – Susan olhava para Amelia e Josh brincando, inocentes e despreocupados. Ela não queria que aquela fase acabasse nunca para Amelia. – Mas a série não é ruim, Elliot. Pelo que ela me conta, tudo gira em torno do amor.

– Eu preciso assistir para entender.

– E ensina também a gente a ver todos os ângulos da história. – Susan suspirou. – Por exemplo, a rainha má nem sempre foi má. – ele olhou em seus olhos e percebeu que havia muito mais em suas palavras.

– Estamos mesmo falando sobre contos de fadas? – Elliot sentiu os ombros ficarem tensos.

– Estamos falando sobre tudo, inclusive sobre contos de fadas. – Susan apertou sua mão.

– Tive a impressão de que você falava sobre a minha avó.

– Também estou falando sobre ela!

– Acho que vou correr atrás das crianças. – Joseph anunciou ao perceber que o assunto entre eles era delicado e passou por eles sem aguardar uma

resposta.

– O que você quer dizer, Susan? – Elliot a virou de frente para ele.

– Quero dizer que precisamos analisar todos os lados da história. Não apenas o seu ou o meu, mas o dela também. – Susan levou as mãos até seus ombros. – Só vamos ouvir e entender qual foi a razão que ela teve por fazer isso conosco quando conversarmos com ela.

Elliot fechou os olhos, recordando-se da conversa que teve com Ayah Kane alguns dias atrás, quando ela lhe contara tudo. De repente, a caixa que continha fotos de todos os momentos de Amelia até agora surgiu em sua mente. Sua avó, mesmo sabendo que Susan não abortara, não fizera nada em relação a Amelia e ele queria entender por quê. A Ayah que ele conhecia não permitiria que Susan continuasse com aquela gravidez. Ele abriu os olhos e a encarou.

– Talvez você tenha razão!

Susan enrugou a testa um momento, sentindo-se confusa.

– Mesmo?

– É! – ele se virou para caminhar e segurou sua mão, entrelaçando seus dedos nos dela novamente.

Havia muitas pessoas e de vários lugares do mundo inteiro. Susan ficou admirada ao ver tantas pessoas de diferentes culturas. Ela nunca viveu nada parecido com aquilo. Era mágico, como o próprio nome do lugar. A felicidade de Amelia era a sua, ela se divertia com todas as coisas que sua filha dizia e a forma como as quais pronunciava. Joseph brincava com ela e Elliot corria atrás dela, fazendo-a gritar de felicidade. Por um momento, Susan se esqueceu de sua mãe e da cidade que em poucas horas iriam voltar.

Elliot não quis ir embora antes de o sol se por e verem os fogos de artifícios que sobrepôs o castelo da *Cinderela* e foi como se tivessem vendo a introdução de um dos filmes da Disney ao vivo. Eles se sentaram, admirando as luzes sob o céu estrelado de verão. Elliot tinha um braço em volta da cintura de Susan e o outro segurava Amelia que estava sentada em seu colo e olharam para o céu.

Na volta para casa, após jantarem, as crianças falaram bastante. Tanto Amelia quanto Josh falavam ao mesmo tempo. Eles haviam ganhado

presentes de Elliot e Joseph antes de assistirem aos fogos, e estavam muito felizes com a recordação que levavam para casa daquele dia. Amelia queria voltar lá de novo, mas agora para conhecer o mundo mágico de *Harry Potter*.

– Ela já assiste *Harry Potter*? – Elliot que dirigia, indagou olhando pelo retrovisor.

– Sim, papai! Por quê? – ela não deixou-o responder. – Mamãe não me deixa ler, mas a Jude me deixou assistir.

– Essa Jude... – ele gesticulou negativamente. – Está demitida da função de sua babá.

– Ela não ia ser mais minha babá mesmo, né. – Amelia deu de ombros. – Você sabia que vou morar em Nova Iorque, Josh?

– Meu papai falou. – o menino respondeu tristemente.

– O meu papai disse que você pode ir com a gente.

– É? – Josh sorriu e Amelia assentiu. Seus cabelos estavam soltos e alvoroçados.

– Mas nós vamos conversar com seus pais primeiro, Josh. Eles precisam autorizar. – Elliot anunciou os interrompendo.

– Já avisou a sua bisavó? – Joseph que mexia no celular olhou para ele, mostrando a tela do celular. Claire estava ligando.

– Não, ainda não. Nem sei se farei isso. – Elliot deu de ombros.

– E quando iremos? – Joseph guardou o celular no bolso e Elliot olhou para Susan.

– Tudo vai depender do trabalho da Susan e eu não estou com pressa para ir. – Elliot soltou o volante e aumentou um pouco o som encerrando o assunto.

Os dias que se seguiram foram como uma despedida para Susan no trabalho, embora ela quisesse muito se mudar, ela não desejava se separar de Joy, Paul e Benjamin. Eles eram a sua família e ir para outra cidade a quilômetros de distância a amedrontava. Seria tudo novo, seus costumes precisariam ser outros, algo que ela não sabia ser capaz. Ainda mais depois de conhecer Mary. Ela era sofisticada, entendia de moda, de bolsas caras, joias e ela, ah, ela não entendia nada disso.

Ela, às vezes, achava que estava se entregando demais ao sentimento que nutria por Elliot, mas não conseguia controlar, desejava estar perto dele que, após contar tudo a ela, se abria cada vez mais. Parecia ter tirado um peso dos ombros. O que antes o via ficar apreensivo vez ou outra, perdido em pensamentos, atualmente não encontrava um resquício de preocupação. Ele havia mudado completamente. O Elliot que conheceu estava ali, para ela e com ela. De corpo e alma.

E o amava cada dia mais, seu amor irradiava mais quando o via brincar e olhar para Amelia. Elliot era o pai que ela imaginou que seria. Totalmente devoto e carinhoso, cheio de amor para dar a sua filha. Perdida em pensamentos, ela sequer notou que alguém entrara na lanchonete e caminhava em sua direção no balcão, foi somente quando a viu diante de seus olhos que dispersou o devaneio.

– Susan, está tudo bem? – Mary a olhava preocupada, uma ruga entre as sobrancelhas se formou e ela se esticou tocando no ombro de Susan.

– Oi, Mary! – Susan sorriu e não se afastou. – Estava pensando.

– Não estava pensando em algo bom, imagino. – Mary se sentou.

– Uma cerveja? – ela respondeu assentindo ante a pergunta de Susan, que imediatamente a serviu. – Eu estou pensando nas mudanças que vão acontecer na minha vida em breve.

– Que tipo de mudanças? – Mary levou a *longneck* até a boca e apoiou os cotovelos sobre o balcão. Ela não parecia em nada com a mulher que viera dias atrás.

– Ah, deixa para lá. Você não está aqui para ouvir minhas preocupações. – Susan se sentou no banco e cruzou os braços.

– Que isso, já somos amigas de bar. Conta suas preocupações! – Mary sorriu e bebeu mais um gole da cerveja.

– Eu vou me mudar para Nova Iorque. – sua voz saiu extasiada e embora ela se sentisse feliz, havia uma preocupação em sua expressão.

Mary forçou um sorriso, mas novamente ela sentia seu coração sendo esmagado. Elliot ia levar sua família para Nova Iorque e isso só podia significar uma coisa; que tudo o que havia planejado em todos esses anos havia escapado de suas mãos. Suspirando, Mary tentou não transparecer o

quanto aquela informação a desestruturou. Precisava ir embora, mas não tinha tempo, ela tinha que se aproximar de Susan e aquela era a oportunidade perfeita.

– Você está com uma expressão contraditória. – Mary gesticulou com uma mão apontando e fazendo círculos diante de seu rosto.

– É, pois é! – Susan deixou os ombros caírem e umedeceu os lábios, suspirando logo em seguida. – Meu namorado é rico e muito sofisticado, eu não sei nem me vestir direito, nem como me comportar. É tudo muito novo para mim, estou ansiosa e com muito medo de fazer algo errado.

– Você é bonita, Susan! – Mary sorriu ao dizer isso. – Eu só te vi de uniforme até agora, mas posso te ajudar com algumas dicas.

– É? – de repente os ombros de Susan ergueram e a ruga em sua testa desapareceu, o sorriso lentamente se formou em seu rosto. – Vai me ensinar a me vestir como você?

– Se quiser, posso te dar dicas importantes. – Mary bebeu mais um gole da cerveja. – Aliás, poderemos nos ver sempre que você quiser. Eu moro em Manhattan. Já sabe onde irá morar?

– Acho que é em Manhattan também, eu não perguntei isso a Elliot. – seu rosto ficou confuso. – Mas tenho quase certeza que iremos morar lá, porque é onde mora a avó do meu namorado.

– Moraremos na mesma cidade, então. – Mary suspirou. – Posso te apresentar a várias lojas de roupas. – Susan mordeu o lábio inferior. A porta de vidro da lanchonete abriu e ela olhou para lá, vendo Joy entrar.

– Você pode me ajudar com algumas coisas antes de me mudar? É que vou ver a avó do meu namorado depois de tanto tempo e queria impressioná-la.

– Claro, claro! – ela tomou o restante da cerveja de uma vez ao ver a outra garçonete se aproximar. Mary não gostava da forma que a outra garçonete a olhava. – Amanhã volto e trago algumas roupas para você avaliar. Acho que algumas de minhas roupas cairão bem em você, só precisarão de ajustes no tamanho.

– Agradeço, Mary! Vou pedir para minha melhor amiga me ajudar a fazer os ajustes, ela costura muito bem.

– Está certo! – Mary retirou a carteira da bolsa e jogou algumas notas sobre o balcão. – A gorjeta é sua!

– Obrigada novamente, Mary! – Susan pegou o dinheiro no balcão e a observou se afastar e sair da lanchonete, se virou para Joy que a observava, levando a nota de 100 dólares no peito. – Nunca ganhei uma gorjeta tão alta.

– Como se agora você precisasse. – Joy desdenhou com os ombros.

– Eu não sou rica, Joy! – Susan deu dois passos em sua direção e ergueu a nota para ela.

– Não quero dinheiro dessa mulher! – Joy cruzou os braços.

– Você deveria ficar feliz por mim, sabia? Ela é de Nova Iorque e não estarei tão sozinha lá, um lugar onde eu não conheço ninguém além do Elliot e Joseph.

– Não confie em alguém que não conhece, Susan! – Joy suspirou.

– Eu não confio!

– É mesmo? – Joy ironizou. – Não é o que eu acabei de ver.

– Preciso dela! – Joy revirou os olhos ao ouvi-la.

– Vou fingir que acredito no que está dizendo.

– Vai ficar com o dinheiro ou não? – Susan moveu a mão diante do rosto dela, lhe mostrando a nota.

– Claro que eu vou, não sou louca de negar duas vezes uma grana dessas. – Joy pegou a nota. – Mas não ache que está comprando minha amizade com esse gesto não, ok?

– Pare de ser boba, Joy! – Susan a abraçou, sorrindo.

– Já tem previsão de quando vão partir?

– Elliot já organizou nossas coisas em caixas, só estamos esperando Benjamin contratar alguém, ele disse que hoje já terei uma resposta. – Susan mordeu o lábio inferior. – Você vai me visitar, não vai?

– Pelo menos uma vez no mês iremos sim! – Joy sorriu.

– Eu queria muito que morassem lá, perto de mim e Amelia. – Susan suspirou.

– Elliot ofereceu um emprego para Paul, mas vamos aguardar um pouco

até sabermos que está tudo resolvido. – Joy apoiou o corpo no balcão, perto da pia. – Vai vender mesmo seu apartamento e a casa de sua mãe?

– Vou sim! – Susan suspirou. – Elliot deu a Amelia a casa de verão e como eu preciso de dinheiro, vender o apartamento e a casa de minha mãe vai me ajudar muito.

– Você não precisa de dinheiro! – Joy gesticulou negativamente. – Elliot é rico!

– Mas não quero depender dele!

Susan desviou o olhar do dela para qualquer lugar que não fosse os olhos de Joy, pois não podia contar a sua amiga que havia feito Elliot prometer que não usaria mais o dinheiro de seu trabalho com ela e nem com Amelia, já que contar isso iria desencadear em muitas perguntas. Aquele era um segredo de Elliot e dela.

A porta da lanchonete abriu e Benjamin a atravessou, ele carregava uma pasta embaixo dos braços, estava sorridente e se sentou do outro lado do balcão, onde Mary estava sentada, alguns minutos atrás.

– Você pode treinar sua substituta por alguns dias, Susan?

*

Joseph havia voltado para casa, após encontrar Brienne, sua válvula de escape em Avon Park. Estava se tornando insuportável ver Susan andar casualmente pela casa, vê-la de pijama totalmente descontraída com Elliot ou em momentos íntimos quando eles achavam que não estava em casa à noite e a única forma de ficar confortável era encontrar-se com Brienne casualmente, mesmo que tenha se tornado frequente e, algumas vezes, mais de uma vez ao dia.

Ele foi até a cozinha em busca de algo para beber, quando encontrou Susan sentada e com os braços sobre a mesa, mexendo no celular e resmungando. Algumas vezes a ouvira reclamar a Elliot que não estava conseguindo mexer naquele negócio, pois era muita tecnologia para uma pessoa como ela. Internamente, Joseph ria. Achava divertido.

– Oi, Joseph! – Susan sorriu e ele desviou os olhos, implorando em pensamentos para não sorrir daquele jeito tão sensual.

– Oi! – Se limitou a dizer. Caminhou até a geladeira e a abriu em busca de

PERIGOSAS TRADUÇÕES

algo para beber. Havia várias latas de água tônica, a bebida sem álcool que Elliot preferia e não podia faltar, de acordo com Susan. Suspirou e pegou uma *longneck*, a abrindo e levando até a boca.

– Que droga! – Susan resmungou e se virou para Joseph. – Como compartilha mesmo, Joseph?

Ele riu e se aproximou dela, apoiou a garrafa sobre a mesa ao lado dela. O rosto ficou perto do dela para ver o que ela estava se referindo para ajudá-la.

– Não tem como compartilhar essa postagem. – ele virou um pouco o rosto para encará-la e Susan fez o mesmo.

– Por que não tem? Tudo nessa merda compartilha. – ele sorriu diante de sua frustração.

– Amelia não está por aqui, não é? – ele apoiou a mão na mesa, ainda a centímetros de distância do rosto dela.

– Não, por quê? – ela arqueou a sobrancelha sem entender a mudança abrupta de assunto.

Era a primeira vez que ficava tão perto dela e essa aproximação causou uma comoção interna e a vontade de beijá-la cresceu em seu âmago. Ela era tão bonita. Nariz afilado, lábios grossos e convidativos, o olhar profundo e, ao mesmo tempo, meigo. A pele macia e lisa, como se nunca uma espinha tenha surgido ali, mas o que mais o surpreendeu foi descobrir que havia uma pinta na ponta do nariz.

Será que Elliot tinha notado isso? Indagou-se. Susan respirou fundo e o hálito roçou em sua pele. Joseph sentiu a vontade de beijá-la entalar em sua garganta e, se continuasse mais tempo perto dela, iria fazer uma loucura. Ele não podia, não devia. Engoliu a vontade que crescia a cada minuto.

– Porque você falou a palavra merda. Só quando ela não está por perto que você solta uns palavrões! – ouviu passos e a conversa fiada de Amelia se aproximarem.

– Eu não falo palavrões! – Susan se defendeu, mas sorriu.

Joseph se afastou sentindo uma descarga elétrica percorrer o seu corpo ao receber aquele sorriso. Elliot entrou na cozinha com Amelia tagarelando sem parar no colo do pai que a carregava como se fosse uma flor de tão leve. Ele olhou de Susan para Joseph e enrugou a testa ao perceber a expressão de

Joseph.

– Ei mamãe, o papai me disse que na casa da bisavó tem um montão de pinturas de pessoas famosas. – Amelia sacudiu as pernas para sair do colo e Elliot a deixou no chão, que correu até a mãe e a abraçou.

Joseph suspirou e pegou a cerveja que estava esquentando sobre a mesa, levou-a até os lábios e virou-a de uma vez.

– Como foi o passeio? – Susan fixou sua atenção em Amelia e deixou o celular sobre a mesa.

– O papai comprou muitos brinquedos para mim e para o Josh. – Amelia olhou o que a mãe fazia no celular. Elliot foi até Susan e roçou seus lábios nos dela.

– Senti sua falta! – ele deslizou a ponta dos dedos em seu rosto, reparando em cada detalhe dele, pois nunca se cansava de olhar para ela e duvidava que algum dia isso fosse acontecer.

– Eu também, mas... – ao ouvi-la, ele arqueou a sobrancelha e enrugou a testa. –isso aqui me distraiu e não deu para sentir tanto a sua falta assim. – brincou e deixou um sorriso escapar, enquanto admirava seu rosto. O olhar de Elliot era penetrante e praticamente a desnudava. Ela sentiu um arrepio e desconcertou-se por não resistir ao seu charme diante de outras pessoas. Susan desviou os olhos dos dele e voltou a se concentrar no celular.

Joseph caminhou até a pia e colocou a garrafa vazia sobre ela, indo novamente até a geladeira para pegar outra, abrindo outra cerveja e olhando para a família que conversava animadamente.

Susan não o olhava com recriminação, não depois do que descobrira a seu respeito. Ela não o proibiu de ficar perto de Amelia, embora devesse, mas Joseph admirou-a muito mais por ela não o olhar diferente.

Enquanto a observava reclamar sobre a dificuldade que continuava tendo no celular, Joseph se descobria irrefutavelmente apaixonado por ela e não havia como remediar o que estava sentindo. Ele tentava se manter afastado para que sentimento não aumentasse, mas sempre observava-a com Elliot e Amelia, ou até mesmo quando estava sozinha fazendo alguma coisa, ela nunca mudara seu jeito de ser.

E Joseph não suportava mais ficar perto dela, porque doía mais do que

qualquer dor que experimentou em toda a sua vida, o que não foi pouco e, embora não quisesse se afastar de Amelia, pois havia se apegado a ela, não podia mais viver a vida daquela família. Ele precisava seguir em frente e se afastar. Mas não sabia quando.

– Vamos embora daqui três dias, Joseph! – Elliot se aproximou dele, o que chamou sua atenção, e abriu a geladeira, pegando uma cerveja, a abrindo e roçando a garrafa na dele, brindando. – Amelia está animada, mas eu não.

– Você precisa de ajuda com alguma coisa? – Joseph bebeu mais um gole da cerveja.

– Sim! Eu consegui colocar o apartamento e a casa de Susan à venda, mas preciso vender seu carro também.

– Acho que sei de um cara que conhece um cara que pode... – Elliot o interrompeu.

– Não dessa forma. Tem que ser do jeito certo. Susan me mataria se saísse da linha mais uma vez. O dinheiro tem que ser limpo, você sabe. – Elliot olhou para ela que prestava atenção ao que Amelia dizia sem parar, ela ergueu os olhos e sorriu. Tanto Elliot quanto Joseph suspiraram ao mesmo tempo.

– Levarei o carro dela amanhã para uma concessionária. – Joseph bebeu mais um pouco da cerveja e se virou para Elliot. – Consegui um bom fornecedor para Portugal.

– Não fale sobre isso aqui, Joseph! – Elliot encolheu os ombros.

– É um dos bons e mais barato. – Joseph se virou para a pia, apoiou a garrafa vazia ao lado da outra e disse baixo, praticamente sussurrando. – Posso fechar?

– Se isso me der mais tempo para pensar o que vou fazer para me livrar deles, com certeza. – Elliot suspirou e um ar gelado exalou de seus lábios.

– O único jeito seria acabando com todo o tráfico.

– Mas eu não ficaria livre para ver a minha filha crescer, Joseph.

– É o único jeito! – Joseph se virou e afastou-se. – Vou tomar um banho.

– Vai mesmo, está cheirando a sexo barato! – Elliot o seguiu para fora da cozinha.

– Sexo dos bons, meu amigo! – Joseph anunciou rindo e acelerou o passo ao perceber que Elliot iria dar um tapa em sua cabeça.

– Está na hora de sossegar, Joseph!

– Até pouco tempo atrás você não pensava assim, só porque agora enrabichou, quer que eu siga seu caminho. Deus me livre de ficar igual a você!

31 - A Tal Bisavó

“Nós não nos falamos mais como costumávamos fazer

Nós não rimos mais

Para que foi tudo isso?

Oh, nós não nos falamos mais

Como costumávamos fazer”

We don't talk anymore

Uma semana. Sete dias para se despedir e partir. Dias de tensão, medo e aprendizado. Como prometera, Mary realmente cumpriu e levou para ela algumas roupas muito sofisticadas, deu dicas do que combinava com o que, explicou sobre o bom senso nas cores, as melhores marcas de roupas e sapatos, o tipo de maquiagem que devia usar, não que Susan fosse usar tanta maquiagem, mas achou as dicas necessárias.

Aos poucos, ela e Mary se aproximaram e, para Susan, saber que teria alguém para conversar quando estivesse em Nova Iorque a fazia se sentir confortada, afinal, teria muitas coisas para enfrentar quando encontrasse a avó de Elliot.

O dia de ir embora havia chegado e eles levantaram muito cedo, a casa já estava vazia, Elliot enviou todas as coisas que ela achava importante levar antes. Ele cuidara de tudo, ela não precisou se preocupar com nada, mas, ainda assim, estava preocupada. Não havia dormido aquela noite, pensando, sentindo medo dominá-la. Ela sentia uma inquietação no estômago toda vez que pensava e isso vinha se tornando mais forte conforme a partida se aproximava.

Após o expediente no seu último dia de trabalho, Benjamin fechara a lanchonete e convidou apenas algumas pessoas para participarem da festa de despedida somente para ela e Amelia. Joy, Paul, Josh, Elliot e Joseph, além dele próprio. Foi divertido e eles voltaram muito tarde para casa, mas quando se despediu, chorando muito, Susan prometeu que voltaria no dia seguinte ainda antes de irem para o aeroporto, para se despedir e buscar Josh, que iria passar o restante das férias junto com Amelia em Nova Iorque.

Susan se assustou ao sentir os braços de Elliot envolver sua cintura, ela virou-se para ele na cama e respirou fundo antes de abraçá-lo, esconder o rosto em seu pescoço e beijá-lo. Sentiu-o se arrepiar e estremecer.

– Está querendo me prender na cama? – Elliot a afastou para encará-la.

– Talvez seja melhor ficarmos aqui. – ela forçou um sorriso.

– Se você quiser... – ela gesticulou e o interrompeu beijando.

– É tudo novo para mim, por isso estou assim, mas não posso deixar o medo me impedir de fazer alguma coisa, se fosse deixá-lo me vencer, eu não estaria onde estou agora. – Elliot a encarou e uma sombra se formou em seus olhos, Susan umedeceu os lábios. – Eu não me refiro a ter medo de ficar com você, Elliot. Eu senti medo de não ser uma boa mãe para Amelia quando decidi não abortá-la e tive medo de não poder cuidar dela ou dar tudo o que ela precisasse. – suspirou e se levantou, ficando de costas para ele, completamente nua, jogou o cabelo longo para trás, tampando sua pele. – Senti medo muitas vezes, mas Amelia nunca percebeu. Para ela, eu era a mãe que salvava o mundo. O seu mundo.

– Te amo, Susan! – Elliot deslizou a mão por suas costas e aproximou dela, beijando seu ombro. – Eu não saberia viver nenhum terço do que você viveu em todos esses anos. Com a sua mãe, depois somente com Amelia e ainda teve que enfrentar o preconceito das pessoas dessa cidade calada por Amelia. Te admiro muito. Eu não mereço seu amor. – Elliot apoiou o queixo sobre o dela. – Mas quero merecer.

Susan virou-se ficando de frente para ele e acariciou seu rosto.

– Meu coração escolhe quem amar, não eu, Elliot. Se ele acha que você merece, a minha razão também acha isso.

– Mas quero mostrar todos os dias que mereço ser amado por você e Amelia! – Elliot engoliu em seco, os olhos verdes se conectavam com os deles. Ela mordeu o lábio inferior antes de aproximar o rosto do dele, roçar o nariz no seu e, em seguida, o beijou suavemente. Foi um beijo casto e rápido. Susan afastou-se e se levantou de uma vez.

– Temos que levantar, Amelia deve entrar no quarto a qualquer momento e temos uma despedida para enfrentar ainda por cima. Quero evitar que minha filha nos veja completamente nus de novo. – ela caminhou em passos

largos até o banheiro, sentindo o olhar de Elliot em suas costas.

– Eu também quero evitar que ela me pergunte o que isso que tenho no meio das pernas de novo e ainda dizer que nunca viu nada igual. – Elliot se levantou e procurou a cueca. – Caramba, onde eu deixei a cueca dessa vez? – ele se agachou e procurou embaixo da cama.

– Veste outra! – Susan abriu a torneira e lavou o rosto. – Acho que a anterior ficou lá fora na frente do lago.

– É a terceira que perco essa semana! – Elliot apareceu no banheiro vestindo uma cueca boxer vermelha e desceu os olhos pelo seu corpo. – Não aguento mais perder cueca por aí, Susan!

– Você está me repreendendo, Elliot? – ela gesticulou negativamente e passou por ele.

– Por que eu faria uma coisa dessas? – ele a abraçou por trás e apoiou o queixo em seu ombro. – Bom dia!

*

Após fecharem a casa, olharem para ela mais uma vez; Elliot, Susan, Amelia e Joseph foram até a lanchonete despedirem-se mais uma vez. Estavam um pouco atrasados, ao chegarem, Josh saiu da lanchonete correndo e parando na frente do carro. Ele estava feliz por viajar sem os pais pela primeira vez por bastante tempo e, claro, por poder ficar um pouco mais com Amelia.

Com muitas promessas de sempre estar por perto, eles partiram. Benjamin os observava tomarem distância e um sentimento forte o dominava. Provavelmente, só veria suas meninas uma vez por ano e, talvez mais tempo que isso.

Susan estava seguindo o caminho que por muitos anos fora adiado e ele ficava feliz por finalmente ela estar saindo de Avon Park para viver isso, entretanto, ele não conseguia afastar a sensação de que Susan e Amelia viveriam muitas turbulências nessa nova vida que as esperava.

Antes de se virar para voltar à lanchonete, ele avistou um carro preto parado há alguns metros de distância dali. Se recordava de que o viu algumas vezes nas últimas semanas. Ele não havia reparado nele, até aquele dia, quando o viu dar a partida e seguir na mesma direção que o carro de Elliot e

Susan. Benjamin sentiu um arrepio, mas gesticulou negativamente, afastando qualquer sensação estranha que pudesse ter.

*

Susan se sentia extremamente cansada. A viagem de carro até o aeroporto e depois teve a espera do voo e ainda passar mais algumas horas dentro de um avião, tudo isso a deixou exausta. Era a terceira vez que entrava em um avião, mas mesmo com a experiência boa que teve em todas as outras vezes que viajou, dessa vez ela sentia medo quando o avião decolava.

Amelia e Josh achavam graça de seu medo, mas Elliot, ah, ele segurava sua mão, beijava-a e a olhava tão confortante, mostrando que estava com ela.

Pelo horário que chegaram à Manhattan, obviamente enfrentariam trânsito e a única coisa que Susan conseguia pensar era em uma cama, embora soubesse que isso seria impossível. Pelo que Elliot dissera, a avó estava em casa e os aguardava.

Susan não queria encontrá-la ainda, pois queria estar em boas condições físicas e emocionais, entretanto, enquanto estavam a caminho de Nova Iorque, Amelia fazia tantas perguntas sobre sua bisavó e estava tão curiosa, que não poderia adiar aquele momento por mais tempo. Somente por ela enfrentaria o olhar minucioso de Ayah Kane.

Elliot estava apreensivo no banco da frente. O peso nos ombros aumentavam conforme se aproximavam de sua casa em Upper East Side. A cidade se estendia diante de seus olhos, embora ele achasse a paisagem bonita, não amenizava o frio no estômago.

Ele não conseguia compreender quando foi que se tornara tão maleável e deixou Susan convencê-lo de, ao invés de procurarem um lugar para morarem, ela queria ir diretamente para a casa de sua avó.

Susan não sabia o que a esperava, mas ele sim. Sua avó estava vencendo e ele cedendo a ela. Não totalmente, porque um de seus planos não dera certo. Mas sua avó era tão esperta que sempre tivera um plano B. Ele olhou Amelia pelo retrovisor e respirou fundo.

Sua filha estava sendo levada diretamente para o ninho da cobra e ele simplesmente deixava isso acontecer. Tinha que intervir. Precisava manter Amelia longe de sua avó. Ela não faria bem para sua filha. Onde ele estava

com a cabeça para deixar sua filha se aproximar dela? Indagava-se e mal percebia que apertava as mãos com força.

– Estou me sentindo um caco! – ela disse ao pé do ouvido de Elliot, o dispersando dos pensamentos. Ele estava sentado no banco do carona, ao lado de Joseph que dirigia. – Acho que não conseguirei conversar muito com a sua avó hoje. – ela sussurrou. Elliot inclinou um pouco o corpo se virando e assentiu.

– Tudo bem! – ele umedeceu os lábios. – Eu pensei que talvez seja melhor irmos para outro lugar hoje. – Susan gesticulou negativamente.

– Eles já estão nos esperando, Elliot! – Susan amaciou os lábios. – Mas confesso que estou sentindo um frio na barriga. – ela mordeu o lábio inferior. – Da mesma forma que senti quando vim aqui da outra vez, te procurar. Não sei o que esperar.

– O que “tá” cochichando com o papai, mamãe? – Amelia se aproximou dela, se fazendo ser notada, enfiando o rosto no meio deles. – Elliot riu e beijou a testa de Amelia.

– É um segredo meu e do seu papai, Amy! Coisa de adulto. – Susan levou a mão até sua cabeça e deslizou os dedos por seus cabelos escuros.

– Ah, aquela coisa chata de conversa de adulto de novo? – Amelia retorceu o nariz. – Não cansa de ter conversa de adulto com o papai, mamãe?

– Ah, bem, tem coisas que são necessárias, amorzinho. – Susan segurou sua cintura e a puxou para se sentar em seu colo e se acomodou melhor no banco.

– Falta muito para chegar à casa da minha bisavó? – Amelia bem perguntou e o carro estacionou em frente a uma casa gigantesca.

– Chegamos! – Elliot anunciou.

– Caramba! – Josh que estava na janela, olhando a cidade passar a sua frente sibilou. – É aqui que vai morar?

– Cadê? – Amelia saiu do colo da mãe e engatinhou até a janela de Josh. – É aqui mamãe?

– É! – Elliot saiu do carro e abriu a porta para Susan. – Vamos descer crianças, que logo poderão conhecer a casa.

Finn, o fiel escudeiro de Ayah Kane abriu a porta gigante, de madeira maciça e desceu as escadas. Ele se vestia com seu costumeiro Fraque preto e, ao avistá-lo, as crianças riram. Amelia tocou na parte traseira do fraque e a ergueu. Finn pareceu não se importar. Ele tocou seu cabelo e sorriu, depois olhou para Elliot.

– Senhorita Young! – Finn anunciou levando a mão até as costas e fez uma medida. – Que bom revê-la!

– Nada de senhorita Young, Susan está bom! – ela tocou em seu ombro. – Minha amiga Joy enviou lembranças.

– É claro! E o senhor Paul, como está?

– Eles estão bem casados e tem um filho também, que está aqui, conosco! – Susan apontou para Josh. Finn assentiu e virou-se para Elliot.

– Sua avó os espera! – ele gesticulou apontando para a casa de três andares. – Ela está na sala de visitas, mas antes de entrar, gostaria de explicar o que irão ver.

Joseph já havia retirado as bagagens do porta-malas e as carregava em direção a casa.

– Ela precisa de um cilindro de oxigênio e pouco poderá falar, mas aguarda ansiosamente pela chegada de vocês. – Elliot enrugou a testa. – Está esperando ansiosamente para conhecer Amelia. Ela teve muitas complicações na noite passada e quase não resistiu, estava ansiosa e disse que só iria morrer depois que conhecesse Amelia.

– É claro que ela quer conhecer Amelia. A única esperança que ela tem de manter o nome e o dinheiro da família intacto!

– Elliot! – Susan o repreendeu.

– Senhor Kane, não admito que fale mais assim de sua avó! – Finn disse apontando o dedo para ele, em forma de ordem e repreensão. – Você já é um homem, está na hora de ser como tal. Nem parece que tem uma filha.

Susan sorriu, Amelia segurou sua mão e Josh a outra, o que chamou sua atenção.

– Vamos entrar? – sua filha disse olhando em direção a casa, aparentando estar louca para entrar.

– Claro, claro! – Finn respondeu e os guiou para dentro da casa.

Amelia olhava tudo ao redor e Josh não parava de falar “Caramba!” enquanto observava as janelas, a escada gigantesca e as pinturas caras na parede do salão oval logo que entravam na casa.

– Uau! – Josh anunciou ao passar pela porta de madeira maciça, grossa e grandiosa, que mais parecia a porta do paraíso que sua mãe tanto costumava falar.

Havia quadros pendurados em algumas paredes, janelas grandes de vidro. Josh parou no meio do salão oval e olhou para cima, onde pôde contar quantos andares tinha na casa. Sua boca ficara aberta por um bom tempo. Amelia que estava ao seu lado, admirava também e olhava para cima, parecendo imitá-lo.

Ela desceu os olhos lentamente para as janelas onde o vento soprava, penetrando a casa sorrateiramente. As cortinas balançavam suavemente e havia uma mulher com um vestido preto e avental limpando o que parecia ser uma mesa de madeira bem brilhosa.

Ela nunca vira uma mulher vestida daquele jeito, só na televisão. Se virou ao ouvir os passos no piso de madeira se afastarem e correu para acompanhar seus pais. Joseph havia voltado de fora carregando as malas para dentro da casa. Ela acenou antes de se afastar e se aproximou da mãe, pensando em várias perguntas que gostaria de fazer.

– Agora você é rica, Amy? – Josh disse quando eles entraram no corredor a caminho da sala de visitas. – Caramba!

– Sou mamãe? – Amelia enrugou a testa após fazer aquela pergunta.

– Não é, não! – Susan gesticulou negativamente. – Isso tudo aqui é do seu papai e não seu.

– Mas o que é do papai não é meu? – Susan abaixou a cabeça um pouco surpresa. – É o que aprendi em uma série que assisti com Joseph.

– Vejo que gosta de assistir televisão igual a sua bisavó. – Finn anunciou antes de parar em frente de duas portas, levou a mão até as maçanetas e as empurrou, dando-lhe passagem para eles assim que as abriu.

Elliot segurou a mão de Susan, impedindo-a ir. Buscou seus olhos e ela não parecia mais tão apreensiva, pelo contrário, estava decidida a enfrentar

PERIGOSAS TRADUÇÕES

sua avó. Ele não sabia o que esperar daquele encontro. Estava com medo, muito medo do que iria acontecer.

Em uma conversa muda, Elliot perguntou a Susan se devia entrar, se era isso mesmo que ela queria. Ela assentiu em resposta e tocou seu ombro, o confortando. Susan deslizou a mão e o guiou até a porta.

Susan sentiu o coração pesar diante da cena e do cheiro hospitalar que inundou seu nariz. Senhora Kane estava sentada em uma cadeira de rodas, as duas mãos cruzadas sobre o colo, os cabelos totalmente brancos e presos, mas não era isso que a deixava tão perplexa. A senhora a sua frente não se parecia em nada com a mulher que conheceu há alguns anos.

Ela não era mais ativa e não esbanjava saúde, Susan tinha certeza de que ela ainda continuava viva, não de saúde, de teimosia. A pele totalmente prejudicada pelo tempo e sua respiração saía com muita dificuldade. Susan sequer percebeu que Amelia havia soltado sua mão para se esconder atrás de Elliot, em suas pernas. O choque inicial fora muito forte. Teve um impacto forte em seu peito.

Susan pouco reparava ao redor e não conseguia prestar atenção em qualquer coisa que não fosse Ayah ligada a aparelhos. A enfermeira, que devia ter em torno de 35 anos, monitorava os batimentos cardíacos e Susan se indagava como haviam conseguido carregar aqueles aparelhos todos até a sala de visitas.

A avó de Elliot estava bem vestida e, embora o cabelo estivesse preso, ela continuava elegante em sua postura, mas Susan percebeu o quanto sua saúde estava debilitada, cobrando seu preço naquele momento, entretanto, Ayah Kane não aparentava se importar. Susan a admirou naquele momento, se identificou de alguma forma com ela.

De repente, Susan recordou-se dos dias que estivera naquela casa e a conhecera. Ela andava sobre uma bengala, mas havia tanta força e vitalidade naquela mulher que ela parecia invencível e olhando-a naquele momento, percebia o quão frágil era a vida, que num estalar de dedos, podia fazê-la desaparecer e ser esquecida.

Por tantos anos Elliot e a avó brigaram, tantos anos desperdiçados, separados e perdendo tempo de criarem memórias juntos.

Ayah Kane a encarou. Os olhos continuavam firmes e observadores.

Susan deu um passo à frente entrando lentamente na sala. Quando percebeu que Susan caminhava até ela, uma lágrima deslizou pela bochecha de Ayah e sua respiração ficou desenfreada. Percebendo sua agitação, Susan hesitou e cessou os passos. Ela se virou e olhou para Elliot, erguendo a mão para ele.

Elliot não conseguia dar um passo a frente. Ele umedeceu os lábios, sentindo a garganta seca e apertada. Seu coração batendo acelerado e com força contra o peito. Suas mãos tremiam. Seus olhos estavam fixos em um único lugar. Na sua avó, sentada na cadeira de rodas, olhando fixamente para Amelia com... Com amor.

Ela havia vestido uma roupa sofisticada e penteado os cabelos. Estava diferente desde a última vez que a viu. Mais magra e pálida, mas seu estado de saúde não parecia abalá-la naquele momento.

Sua avó tinha os olhos úmidos e olhavam para Amelia totalmente arrependidos. Era um olhar com pesar, como se ela percebesse naquele momento que tinha perdido muitos anos de Amelia, como ele também perdera. Todos os dias que olhava para sua filha ele se lamentava o fato de não ter presenciado suas primeiras descobertas. E olhando para sua avó, reparando sua fisionomia, ele podia enxergar que era isso que passava em sua mente.

Ele se recordou da caixa que ela lhe dera antes de passar mal há algumas semanas, com fotos de Amelia em vários momentos. Desde o nascimento até pouco tempo atrás. Sua avó a acompanhava, a via de alguma forma. Ela não guardou aquelas recordações para nada. Pensou e gesticulou negativamente, sem saber o que estava acontecendo.

Era a primeira vez que ele não a entendia, ou talvez nunca a tenha compreendido. – gesticulou negativamente, afastando os pensamentos contraditórios. – Amelia dispersou sua perturbação ao se mexer em suas pernas as apertando.

– Vem aqui! – Susan pediu. – Vem, Elliot! – ela insistiu e ele olhou para Amelia que olhava para ele. Seus olhos transmitiam medo. – Traga-a até aqui!

Ele pegou Amelia no colo e caminhou, entrando completamente na sala. Finn fechou a porta atrás dele e encostou-se nela, cruzando os braços a sua frente, mas sem desviar os olhos da cena a sua frente. Desde que conheceu

Susan quando ela veio até ali, grávida e sofrendo, há muitos anos, ele sabia que ela seria a única pessoa capaz de fazer Elliot e a avó se reaproximarem, mas tudo dera errado.

Sua esperança se esvaiu completamente, entretanto, ainda havia uma chance e embora tenha pouco tempo, o relacionamento entre a avó e o neto poderia ser reestruturado.

Todo o cansaço que Susan sentiu no caminho até chegar àquela casa, simplesmente desapareceu. Havia algo mais importante a fazer do que descansar. A respiração sôfrega da avó de Elliot chamou sua atenção e olhou para ela, antes de sentir a mão quente e firme de Elliot tocar a sua.

Ayah Kane tossiu, sofrendo, emocionada. Seus olhos caíram para quem Elliot carregava. Ela não esperava conhecer Amelia antes de morrer, havia se contentado em saber como ela era apenas por fotos, pois não esperava que Susan fosse perdoá-la ou deixá-la chegar perto da menina que ela a obrigou a abortar. Mas ali estava, a mulher por quem Elliot se apaixonara, e quando a conheceu havia notado algo muito bom em Susan, algo que Elliot também notara; uma bondade pouco vista em alguém hoje em dia.

Ela queria tanto ter tempo de conhecer sua bisneta, de conhecer o neto e a mulher que ele claramente amava. Ayah tossiu com força. Havia se esforçado mais do que as restrições médicas permitiam, mas ela queria estar com uma boa aparência quando os encontrassem juntos e saber que mesmo que todo o plano de separá-los não havia funcionado.

Seu olhar caiu para as duas mãos entrelaçadas a sua frente. A força que Elliot enroscava os dedos de Susan dizia que seu plano falhara, o amor que sentiam não se apagara com o tempo.

– Eu... – ela sibilou algumas palavras que saíam doloridas. – Amelia.

O ar lhe faltou no pulmão e ela sentiu raiva desse órgão fraco. Ele precisava funcionar por mais algum tempo. Ela sabia que não tinha tanto tempo assim e queria aproveitá-lo.

– Bisavó? – a vizinha doce de Amelia cantarolou e encheu o ambiente de energia boa. Os olhos de Ayah ficaram úmidos e seus lábios tremeram.

Olhando para Amelia, ela não conseguiu imaginar um mundo sem ela, sem aquela voz e sem a doçura que emanava de sua bisneta. Como foi capaz

de pedir para Susan abortá-la? Como criou tanta coragem? Ela, uma mulher tão religiosa.

Sentiu o rosto ficar todo úmido e com esforço ergueu a mão com o objetivo enxugá-lo. A enfermeira que estava ao seu lado ofereceu-lhe um lenço e, com as mãos trêmulas secou a pele úmida. Umedeceu os lábios e olhou para a enfermeira, que compreendeu o que ela estava pedindo e levou um copo com água até sua boca. Ela umedeceu a garganta e fechou os olhos, buscando o ar. Ela precisava falar.

– Temos tanto o que conversar. – ela finalmente conseguiu expressar alguma coisa. Sua voz soara baixa, mas com o silêncio que emanava pela sala, não havia como ela não ser ouvida.

– Deve descansar, senhora Kane! – Susan se aproximou dela. Não havia nada além de bondade expressado em seu olhar. Mesmo tendo feito o que fez a ela, Susan não a desprezava.

– Descansarei quando eu for! – anunciou e seus olhos voltaram-se para Amelia.

– Essa é... – interrompeu a apresentação de Susan.

– Amelia! – Ayah balbuciou.

– Isso! – Susan sorriu e mordeu o lábio inferior.

– A minha filha, vovó! – Elliot abraçou a filha. – Amelia Kane.

– Eu não me chamo mais Young? – Amelia interrompeu a apresentação, enrugando a testa o que fez Ayah sorrir.

– Não, minha coisinha pequena! – Elliot virou o rosto para encará-la. – Papai a registrou com o nome dele.

– Por que eu não tenho mais Young no meu nome? – ela olhou para Susan.

– Você não gosta do nome do papai? – Elliot a olhou tristemente.

– Elliot! – Ayah chamou sua atenção e ele olhou para ela. – Eu quero... – ela ergueu os braços na direção de Amelia. – Eu posso?

– Ela está pesada para sentar em seu colo, vovó! – Elliot prendeu Amelia com força em seu colo.

– Deixe-a abraçá-la, Elliot! – Susan tocou em seu braço e olhou nos olhos

PERIGOSAS TRADUÇÕES

de Amelia. – Você quer conhecer sua bisavó, não quer?

– Quero! – Amelia assentiu e olhou para a bisavó diante dela. – Mas ela tá tão dodói, mãe!

– Eu sei, meu amor! – Susan segurou sua mão e a beijou. – Mas ela quer te conhecer, saber tudo sobre você. Eu vou pegar uma cadeira para você se sentar perto dela, está bem? – Amelia assentiu e Susan olhou ao redor pela primeira vez, em busca de uma cadeira, mas Finn estava presenciando tudo e não precisou pedir para que providenciasse uma, ele já a estava carregando. – Viu, só. Agora você não precisa ficar preocupada se vai machucá-la. – Susan olhou para Elliot. – Deixe-a se sentar perto da bisavó, Elliot.

– Tem certeza? – ele perguntou em duvida.

– Tenho, olhe para ela e veja o que eu estou vendo. – Susan tocou em seu braço. – Ela o quer por perto de verdade, Elliot. Sua avó quer conhecer sua filha. Vamos deixá-la tentar recuperar o tempo perdido.

– Ela pode...

– Ela não tem forças para nada, Elliot! – Susan suspirou. – Eu vejo o arrependimento em seus olhos. Dê uma chance para ela, para você. Eu te dei uma chance, você devia dar o mesmo a ela.

– Papai, você está me apertando! – Amelia chacoalhou os pés. Tanto ela quanto Ayah prestavam atenção na conversa dos dois.

Susan não desviava os olhos dos dele e percebia sua confusão, seu medo. Ela também sentiu medo de que a avó de Elliot maltratasse sua filha, mas vendo a senhora debilitada, olhando para Amelia com tanto amor, fez qualquer resquício de medo que sentia desaparecer.

Ela conseguia enxergar o que se passava na mente da senhora e não entendia como Elliot não percebia isso. Ele formou uma imagem da avó em sua mente que não consegue apagar. Nem mesmo quando veio até aqui da outra vez e a conheceu, Ayah Kane não a tratou mal, pelo contrário, a tratou muito bem. Nem quando a ofereceu aquele cheque em nome de Elliot fora rude ou a tratou de maneira desagradável. Sempre muito educada. Não se parecia em nada com a imagem que Elliot passou para ela.

Elliot deu um passo a frente e agachou-se colocando Amelia sobre a cadeira.

– Você devia parar de pegar ela no colo, sabe? – Susan gesticulou negativamente quando ele se virou para ela. – Ela não é mais um bebê!

– Eu não resisto e ela é tão pequena, não parece ter mais que cinco anos. – Elliot encolheu os ombros.

– Coloco uma cadeira para vocês aqui também? – Finn indagou se aproximando por trás dele.

– Claro, Finn! – Ayah respondeu e com esforço, virou-se para Amelia, ergueu a mão esquerda e segurou a sua.

Amelia sentiu um choque com a mão fria tocando sua pele. Ela não estava acostumada a receber toques de pessoas estranhas, além de seus pais, Joy, Paul e Benjamin. Até pensou em afastar a mão da senhora, mas ela acariciou seu braço até alcançar o rosto. Amelia a olhou nos olhos e achou que ela parecia tanto com seu papai, por isso deixou-a tocá-la.

– Que linda! – a senhora disse.

– Você é a minha bisavó? – ela chacoalhou as perninhas na cadeira. A senhora tossiu.

– Sim! – ela respirou com força e o peito subiu e desceu com ferocidade.

– O que você tem bisavó? – perguntou interessada. – Vai morrer?

– Isso não é pergunta que se faz Amelia! – Susan a repreendeu. – Desculpe a indelicadeza de Amelia, senhora Kane, não foi essa a educação que eu dei.

– Chame-me... – ela pausou um momento para respirar. Susan, Elliot e até mesmo Amelia conseguia perceber o quanto era difícil para ela falar e respirar. – de Ayah.

– Senhora Ayah! – Susan se corrigiu e a avó de Elliot gesticulou negativamente. – Vou chamá-la só de Ayah.

– Isso! – um sorriso desabrochou em seus lábios enrugados e, mesmo a idade cobrando seu preço, Susan via tanta semelhança na forma que a senhora olhava com a de Elliot e no sorriso estampado em seu rosto. Ela olhou atrás de Susan e seu sorriso desapareceu. – Quem... – a voz falhou. – é aquele? – apontou com a cabeça na direção da porta e Susan olhou na mesma direção que ela.

– Oh, Josh! Me esqueci de você, querido, vem aqui! – Susan umedeceu os lábios e gesticulou o chamando, ele veio correndo e se sentou no colo dela. – Esse é o melhor amiguinho da Amy, Ayah! Vai passar alguns dias com a gente. Não se importa de ouvir estardalhaço de crianças pela casa, se importa? – Ayah gesticulou negativamente e o sorriso voltou ao seu rosto.

– Amigo da Amy é meu amigo também! – ela conseguiu dizer, mas voltou a tossir com mais desespero. A enfermeira rapidamente a atendeu, fazendo-a beber um gole de água.

– Ela não pode fazer muito esforço, mas é teimosa. – a enfermeira explicou olhando para Susan e depois para Elliot.

– Acho que isso está no sangue desta família! – Susan olhou de Amelia para Elliot que revirou os olhos.

Amelia olhava atentamente o rosto da senhora a sua frente. Ela percebeu que estava doente e que tinha dificuldade para falar, mas o que a impressionava é que ela era bem idosa e nunca tinha visto uma idosa como aquela na sua vida toda.

– Bisavó você tem quantos anos? 100? 200? – Susan arregalou os olhos e depois olhou para Ayah pedindo desculpas, mas a avó de Elliot riu e até ele gargalhou.

– Meu Deus! – Susan levou uma mão até o rosto, para tampá-lo. – Ela é impossível! Não consigo controlar a espontaneidade dela.

– Deixe-a Susan, minha avó até está se divertindo! – Elliot cutucou-a com o ombro. – Estou mais confortável assistindo a interação. – ele levou os olhos até a mão de sua avó que tocava o braço de Amelia e acariciava sua filha com ternura, a olhava de forma diferente.

Um milhão de perguntas se formavam em sua cabeça em relação a sua avó. Ele queria ter oportunidade para poder fazê-las e esperava que ela lhe contasse tudo o que desejava saber.

32 - A Verdade

“Ah, estou em pedaços

Corrigir

Está acabando comigo, mas eu sei

Um coração que se partiu é um coração que foi amado.”

Supermarket Flowers

Elliot estava em seu antigo quarto. Fazia muito tempo que não entrava ali e sentia-se estranho, um incomodo penetrava em seu estômago. Velhas recordações enalteciam em sua mente, trazendo sensações que ora o entristecia, ora o alegrava, pois fazia muito tempo que não se recordava de seus pais, de como era sua doce mãe e seu autoritário pai.

Olhou ao redor, as cortinas escuras escondiam as portas de vidro da sacada, a poltrona que mais parecia um sofá ainda estava no mesmo lugar, ao lado das portas da sacada. Caminhou até lá e tocou no braço da poltrona, recordando-se de seus pais sentados exatamente ali, repreendendo-o por passar mais uma noite fora se embriagando com pessoas desconhecidas.

Puxou as cortinas e abriu as portas, praticamente as escancarando. Elliot saiu e fechou os olhos. Diferente de Avon Park, o ar em Manhattan era uma mistura odorífera de poluição, sujeira e uma tentativa praticamente fracassada da natureza quase extinta. Ele olhou o céu, deixando as estrelas embalsamarem sua nostalgia um pouco mais. A cidade a sua frente era extraordinária. Luzes e mais luzes, algumas casas construídas para pessoas com muito dinheiro.

Para alguém que nos últimos anos viveu com pouco, morar ali seria como uma nova descoberta e duvidava que fosse desvalorizar como havia feito quando era jovem. A *townhouse* dos Kane era uma das maiores em Upper East Side, dali eles podiam ver outras casas e um pouco do que estava acontecendo em todo o bairro de cada uma das janelas dos quatro quartos no último andar. Apoiou os braços sobre o corrimão e fechou os olhos.

As lembranças vinham torrencialmente de uma forma que não pôde controlá-las. Em todas as suas recordações, os pais estavam presentes, era uma época onde a paz reinava em sua família e a única preocupação, tinha a ver apenas com a juventude de Elliot cobrando seu preço e liberdade. Eram

tempos agradáveis, sua avó não se parecia em nada com a mulher que ele conheceu, quando os pais ainda viviam. Ela mudara tanto desde então. Se transformara em alguém mais amarga, pouco sorria ou conversava.

Ali, olhando a cidade, Elliot podia imaginar o quanto sua avó sofrera com a morte de seus pais. Ela havia perdido um filho, o seu único filho e Elliot podia imaginar a dor que ela sentira, mas não conseguia definir sua proporção. Agora que existia Amelia em sua vida, ele não conseguia mais viver naquele mundo sem ela e se algo de ruim acontecesse a sua filha, ele imaginava que não poderia suportar perdê-la.

Com o coração apertado, Elliot se recordava da noite em que seus pais morreram, sua avó estava no carro, junto com eles quando o acidente aconteceu. O motorista e seus pais morreram no mesmo instante, fora fatal, mas Ayah Kane sobrevivera, embora tenha sofrido vários danos pelo corpo, ficara inconsciente e os médicos acreditavam que ela provavelmente não acordaria do coma, mas Elliot estava lá, na espera, ansioso e acreditando que ela fosse acordar. Ele precisava que sua avó acordasse e que ficasse ao seu lado. Não podia perdê-la também. Já estava sofrendo e não sabia se suportaria perder sua avó também. Claire e seu pai, Alberich, estavam ao seu lado, mas ele pouco os notava. Sua mente estava voltada apenas para a recuperação de sua avó.

Sentiu um frenesi no peito. Fazia muito tempo que não visitava o túmulo de seus pais, talvez fosse a hora de conversar com eles e explicar todas as decisões erradas que tomara até agora, mas estava disposto a corrigir-se. Elliot levou a mão até o peito angustiado.

– Eu estou de volta, papai! – Elliot sentiu os olhos umedecerem. A primeira vez que chorava por eles desde que conhecera Susan. – Desculpe demorar tanto. Espero que onde quer que estejam, possam entender minhas escolhas e a minha covardia em não aceitar as imposições de vovó e Claire. Fui negligente com o seu nome, mas posso recuperá-lo agora. – ele suspirou um instante. – Eu tenho uma filha. Ela é tão linda, inteligente. Acho que agora eu posso entender a preocupação de vocês. – soprou as palavras para o silêncio da noite. Estar ali significava ficar perto de seus pais.

Ele sentiu o vento soprar em seu rosto e um calafrio tomar conta de seu corpo. Pela primeira vez recordar-se de seus pais não o amedrontou, pelo

contrário, ele sentiu paz. A porta do quarto abriu e ele se virou, vendo Susan entrar. Susan suspirou ao se aproximar da cama e jogou-se sobre ela, ficando de bruços.

– Eu estou exausta! – ela apoiou o corpo sobre os cotovelos e sentiu prazer com o lençol na cama. – Por que o quarto está tão escuro?

– Sempre gostei quando a iluminação da lua e das estrelas lá fora penetravam o quarto. – Elliot fechou a porta de vidro e caminhou pelo quarto. – Não vou fechar a cortina, tudo bem?

– Parece bem aconchegante. – Susan apoiou-se em apenas um cotovelo e virou-se ficando de frente para ele. – Você não precisava ter escolhido um quarto tão longe para o Josh, Elliot. Eu me perdi para encontrar o quarto, tive que pedir ajuda a uma enfermeira que saía de um dos quartos.

– Logo você se acostuma. Amanhã te apresento a casa toda. Desculpa por não termos tempo. – Elliot suspirou e se sentou na cama, olhando para ela. – E então, o que achou? – ele estava se referindo a avó.

– Eu que devia te perguntar. – ela brincou com o lençol em busca de um pelo felpudo, mas tudo naquela casa era perfeito demais para ter algo fora do lugar. – O que achou da reação da sua avó diante da sua filha?

– Estou sem palavras, para dizer a verdade. – Elliot enrugou a testa. – Quer dizer, quero fazer muitas perguntas a minha avó. Eu não esperava aquela atitude.

– Talvez tenha entendido muitas coisas que ela disse de forma errada todo esse tempo.

– É, talvez, mas ela pode ter aceitado Amelia pelo que ela significa, não acha? Salvar o prestígio dessa família.

– E isso importa? Ela aceitou a bisneta e não tratou Amelia mal. É isso que a nossa filha vai se lembrar.

– Ah, eu sinto que estou dando a vitória para ela. – Elliot umedeceu os lábios e fechou o punho. – Não gosto de deixá-la vencer.

– Mas vai precisar, Elliot. A felicidade de sua filha está em jogo. – Susan levou uma mão até seu colo e o puxou. – Eu nem acredito que estou aqui.

– Também não! – ele segurou sua mão e a levou até os lábios, beijando-a na palma.

– Agora, em relação as suas perguntas, você pode conversar com a sua avó para esclarecer. – Susan suspirou. – E, Elliot. Há algo que não te contei.

– O quê? – ele deitou na cama, na mesma posição que ela, ficando com o corpo metade para fora e a outra metade em cima da cama. Um de frente para o outro, admirando o outro.

– Quando vim até aqui te procurar. Sua avó não me tratou mal. Quando soube da minha gravidez, ela se transformou, mas no começo foi bem áspera, só que sua atitude mudou e me levou para dentro da casa, me tratou bem, foi agradável. Somente no dia seguinte, quando voltei aqui para o almoço que havia me convidado, algo mudou e ela me deu a carta, assinada por você e um cheque também com a sua assinatura, mas ela não me tratou mal. Até senti que pedir-me para abortar em seu nome a magoava. – Susan suspirou. – O que quero dizer é que realmente achei que ela estava agindo daquela forma a contragosto, te representando. E agora estou muito confusa, porque você não pediu para que sua avó me pedisse para abortar, mas ela parecia não estar confortável em me pedir aquilo e hoje sinto que ela não queria mesmo fazer algo como aquilo. Ela realmente chorou ao ver Amelia, Elliot. A reação dela não foi forçada. Eu senti o amor dela pela bisneta.

– Eu também senti isso! – Elliot brincou com seus dedos, acariciando-os e respirou fundo, desviou os olhos em direção ao closet, as malas estavam no chão ainda. Ele sequer apresentara o quarto a Susan de tão desnortado que se encontrava.

Eles não arrumaram nada e nem pediram para alguém fazer isso. Seus olhos focaram os de Susan novamente. Ele queria dizer. Aquele era o momento certo para contar sobre Claire. Susan entenderia tudo se contasse desde o começo da história, mas Elliot precisava ter certeza de que só havia uma pessoa culpada e que sua avó era apenas uma marionete em tudo isso.

– O que está pensando? – Susan soltou sua mão e tocou o dedo indicador na testa dele, onde uma linha de expressão se formara.

– Na minha avó! – ele suspirou.

– Eu também! Ela me deixou confusa, pois eu esperava que ela me recebesse e a Amelia de forma mais ríspida.

*

No dia seguinte, Elliot acordou cedo. Na verdade, ele nem dormiu. Ficou boa parte da noite admirando Susan enquanto dormia. Era um sono sereno e a iluminação de fora que penetrava o quarto, brilhava em sua pele, deixando-a mais atraente do que era. Beijou seu ombro antes de sair da cama, se trocar e sair quarto.

Por onde passava, ele identificava sinais do gosto de seus pais. As pinturas que valiam milhões estavam presas às paredes e nunca haviam sido trocadas. Ali havia pinturas de Jackson Pollock a Monet. Elliot havia decepcionado muito seus pais e em várias ocasiões, mas não existia decepção maior para Daud Kane do que o filho não nutrir nenhum interesse por arte e vivia repetindo pelos cantos a quem Elliot havia puxado para seu lado artístico ser praticamente nulo.

Ele gesticulou a cabeça negativamente, tentando afastar as lembranças nostálgicas, mas estava sorrindo, se lembrando do pai e desceu a escada gigantesca e redonda. Uma das enfermeiras estava subindo e o encontrou ao chegar no segundo andar, olhou-o de cima abaixo e entrou em um quarto, onde ele foi duas vezes em menos de dois meses. De onde estava, ele ouviu Ayah resmungar.

Olhou em direção à porta em dúvida se entrava ou não, mas havia algo incomodando em seus pensamentos. Ele sentia que precisava entrar naquela quarto e conversar com a sua avó. Estava na hora de esclarecer tudo. Caminhou até à porta que estava entreaberta, ouviu sua avó falar algo bem rabugento a enfermeira e a abriu completamente. Elliot entrou no quarto sem pedir autorização o que assustou a enfermeira.

– Nos dê licença, por favor? – ele foi em direção à poltrona de couro preta, que estava perto da cama, arrastou-a para ficar de frente a sua avó e se sentou, acomodando-se. Ayah havia acabado de acordar e parecia mais pálida que o dia anterior.

– Pode ir, Meg! – a enfermeira assentiu, pediu licença e caminhou em direção à porta, fechando-a ao sair.

Elliot apoiou o braço na poltrona e levou uma mão até o queixo olhando fixamente para sua avó. Ela soltou um suspiro aflito, mas em seus olhos, ele notava uma serenidade que fazia muito tempo que não via.

– Parece que não dormiu. – a voz de sua avó soou baixa e rouca,
PERIGOSAS TRADUÇÕES

completamente disforme.

– Eu não dormi! – ele enrugou a testa um instante. – Não consigo parar de pensar no que aconteceu ontem. Tenho muitas perguntas!

Ayah olhava em seus olhos, ela percebia o quanto seu neto estava sofrendo e ela se sentia da mesma forma. Havia agido erroneamente com Elliot. Seus atos fizeram com que seu neto mudasse completamente sua vida, as linhas de expressões em seu rosto estavam intensas e perturbadas, seus olhos mostravam o quanto ele estava perturbado e sofrendo, embora Elliot tentasse não demonstrar o que estava sentindo, seu olhar não escondia. Ele podia se esforçar o quanto quisesse, mas sua melancolia e tristeza estava estampada naqueles olhos castanho escuros.

Ela respirou com força, pedindo para que tivesse força para falar. Ayah sentia a vida escapando de seu corpo, da mesma forma quando desmaiava, mas ela estava consciente ainda, mas sentia que não por muito tempo e embora seu coração sentisse menos atormentado por saber que Elliot, Amelia e Susan estavam em sua casa, juntos, algo ainda a perturbava. Ela precisava de força. Fechou os olhos e pediu em pensamento para ter força e conseguir falar. Seu corpo estava tão fraco. O dia anterior havia se excedido e hoje seu pulmão estava cobrando o preço.

Sua respiração fraquejou, o corpo estava ficando mais fraco. A vida estava se despedindo do corpo, a hora se aproximava. Quantas vezes ouvira falar que algumas pessoas sentiam quando a morte se aproximava. Ela abriu os olhos e percebeu o olhar de Elliot fixo nela, observando-a atentamente. Ela precisava lhe contar tudo antes de ir.

Enquanto olhava-o no olho, Ayah se recordava dos momentos de seu neto, jovem e impetuoso, cheio de energia. Lembrava-se de ouvir a voz de Daud Kane repreendendo-o por suas peripécias quando adolescente. Ela sorriu, sentindo uma lágrima deslizar por seu rosto diante das recordações que invadiram sua mente e piscou várias vezes quando a visão ficou embaçada. Ela queria ver seu neto um pouco mais. Queria que ele a perdoasse por atrapalhar sua vida. Buscando fôlego, Ayah umedeceu os lábios. Elliot a olhava com atenção.

– Eu nunca quis que Susan abortasse! – Ayah soltou um pigarro seguido de tosse, ela queria finalmente acabar com aquela conversa.

– Mas mesmo assim pediu para ela fazer isso. Eu achei que você não queria meu relacionamento com outra mulher que não fosse a Claire. – ele a olhava confuso.

– Na época eu a achava adequada para você sim, mas nunca quis induzir sua escolha, Elliot. – ela soprou uma baforada de ar com força.

– Ainda assim, induziu diretamente. – Elliot gesticulou negativamente. – Isso é muito contraditório, senhora Kane!

– Quando Susan saiu daqui desnorteada e assustada, eu me arrependi. – Ayah tossiu uma, duas, três vezes e precisou de alguns minutos para buscar força e ar para falar. – Claire estava aqui, aguardando o desfecho da sua história com a Susan. Quando... – mais uma lágrima deslizou pela bochecha cheia de rugas e manchas. – Eu tentei ir atrás para contar a verdade, mas Claire me impediu.

– Você devia ter ido mesmo assim, Vovó. O que Claire poderia te causar se fizesse isso? – indagou confuso, buscando na mente algo que Claire pudesse usar contra a sua avó.

Ayah o encarou por um longo momento, seus olhos estavam apreensivos. Uma sombra se formou ao redor deles substituindo a serenidade de antes. Ela suspirou e umedeceu os lábios. Elliot se levantou e pegou um copo, o enchendo de água e o levou até a boca de sua avó, fazendo-a beber água.

– Você não sabe a verdade sobre a noite do acidente dos seus pais. – Ayah segurou sua mão. – Eu estou disposta a contar tudo, Elliot, mas preciso saber se está mesmo disposto a ouvir a verdade que é mais dolorosa do que pode imaginar.

– Ora, vovó. Eu não sou mais criança, posso aguentar! – ele voltou a se sentar na poltrona e apoiou uma perna sobre a outra, se acomodando. Ayah admirou-o. Seu neto havia se transformado um homem espetacular. Compreendia a razão de Susan não resistir ao seu encanto.

– Nunca fui capaz de dizer o quanto me orgulho do homem que se tornou, Elliot!

– Não devia, fiz coisas muito erradas! – ele suspirou. – Mas... – Elliot pausou um instante. Os olhos de sua avó estavam focados nele, absorvendo qualquer informação que ele pudesse dar a ela. – Mas vou melhorar. Agora

tenho razões para fazer tudo certo.

– Fizemos escolhas erradas e temos que arcar as consequências das nossas escolhas, é assim a vida, Elliot. Temos que estar preparados e saber que, mesmo quando achamos que a escolha que fizemos é certa, ela pode não ser na verdade e lá na frente, cobrará seu preço. E eu fiz uma escolha naquela época, irreversível. A escolha de não te contar a verdade. – Ayah ergueu a mão para ele segurar que imediatamente obedeceu. Ela fechou os olhos ao senti-lo tocá-la após tanto tempo e, quando os abriu, estavam úmidos. Fixou os olhos nos dele e suspirou. – Seus pais morreram no acidente por minha causa, Elliot! – ela apertou sua mão. – Eu não me lembro exatamente e nem por que estava sentada no banco do carona, ao lado do motorista. Os médicos acham que tive um lapso de nervosismo no momento do acidente, que não me lembro de como tudo aconteceu exatamente, só me recordo que, de repente, segurava o volante. Eu estava usando o cinto de segurança e seus pais não, fui totalmente protegida pelo *airbag*, mas eles... – a voz dela falhou. Ela abriu a boca e a fechou, apenas ouvia-se o sopro e a vontade de falar. Elliot apertou sua mão, dando-lhe força.

– Eles não sobreviveram ao impacto! – ele continuou olhando para sua avó.
– Não foi sua culpa, vovó!

– A perícia diz que foi, Elliot! – a avó de Elliot soltou a mão da sua. – Eu não consigo recordar por que fiz isso. – ela olhou para o teto. – Todos os dias tento me lembrar. – sua voz soou fraca.

– Claire a ameaçou me contar?

– Sim!

– E por que não me deixou saber dessa história? – Elliot gesticulou negativamente. – Me deixou culpá-la por me vender.

– Melhor do que pensar que eu matei seus pais. – ela voltou a olhar para ele.

– Eu não pensaria isso, vovó!

– Não mesmo? – ela esboçou um sorriso e Elliot enrugou a testa, pensativo. – Você se lembra como agiu quando acordei do coma?

– Te perguntando o que aconteceu no acidente, mas você não se lembrava. – Elliot gesticulou negativamente.

– É, você não parava de investigar o que houve. Queria culpar a companhia do ônibus que atingiu nosso carro. – ela mordeu umedeceu os lábios. – Preciso de água.

– Mas você deveria ter me contado depois o que realmente aconteceu. – Elliot encheu o copo novamente com água e levantou-se, fazendo-a beber a água.

– Eu realmente não me lembrei do que houve, mas um tempo depois algumas lembranças surgiram, mas mesmo assim não era nada nítido.

– E você pediu ajuda a Claire?

– Não, pedi a Alberich! – Elliot estava em pé ao lado dela. – Ele era o melhor amigo de seu pai e estava disposto a nos ajudar. Era o que eu acreditava na época.

– Até hoje não entendo como ele conseguiu arrancar nosso dinheiro.

– Se você me deixar tomar o café da manhã, posso te mostrar como tudo aconteceu. E Elliot, vai se surpreender ao descobrir que eu não tenho culpa quanto a isso, ele vinha enganando nossa família há anos. – ela suspirou e tossiu, levando a mão até o peito. Estava doendo respirar.

– Vou chamar a enfermeira! – Elliot fez menção de se afastar, mas a avó segurou em sua mão.

– Eu sei que não tenho mais tempo, Elliot! – ela umedeceu os lábios. – Mas quero aproveitar o pouco que me resta com você, Amelia e a Susan, principalmente a Susan. Preciso conversar com ela!

– Vovó... – Elliot apertou sua mão e levou-a até o coração. – Há algo sobre Susan que precisa saber.

– O que é Elliot?

– Vou confiar que a senhora fará a coisa certa e não dirá nada a ela. – ele apertou sua mão. – Você quer mesmo meu perdão?

– Quero sim! – Ayah virou a mão e tocou em seu peito. – É tudo o que mais quero!

– Não conte nada sobre Claire à Susan. – Elliot umedeceu os lábios e engoliu em seco, aquele assunto ainda entalava na sua garganta. – Ela não sabe nada sobre meu suposto noivado.

Ayah fixou os olhos nos dele um momento, esperando-o lhe dar mais explicações, mas Elliot não disse mais nada.

– Isso não é justo com ela, Elliot!

– Eu sei! – Ele suspirou. – Não sei como consegui deixar chegar a esse ponto.

– Não comece um relacionamento escondendo algo desta proporção, Elliot! – Ayah voltou a apertar sua mão que estava contra o peito dele. – Ela irá entender se você contar a ela, só não a deixe saber de uma forma que vá fazer perder a confiança em você.

– Eu sei, vovó! – Elliot suspirou. – Eu sei, cuidarei disso, está bem?

– E o que fará com Claire?

– Vou reivindicar o que é meu! – Elliot encolheu os ombros. – Mas a mantereí no cargo, vovó. Reconheço o que Claire fizera pela empresa.

– Muito bem meu filho! – Ayah sorriu. – Mas não estou me referindo a isso e sim sobre *aquele* assunto.

– Não existe *aquele* assunto. Eu não firmei nada com ela, você fez isso por mim o que invalida qualquer acordo. – ele disse sorrindo. – É praticamente ridículo ela sequer cogitar que eu poderia ser comprado.

– Eu a avisei! – Ayah sorriu de volta para ele. – É bom te ter aqui de volta!

– Devíamos ter conversado antes! – Elliot gesticulou negativamente e suspirou. – Fui impulsivo!

– Muito, mas veja só o homem que se tornou. Completamente diferente do menino antes de sumir. – Ayah soltou a mão da dele. – Seu pai teria orgulho de você!

– Duvido muito, vovó! – Elliot continuou sorrindo, mas o sorriso não alcançou seus olhos. – A senhora pode sair?

– De acordo com os médicos, não. – ela suspirou e tossiu. – Mas eu não sigo o que os médicos dizem. O que você quer fazer?

– Queria ir até o cemitério. – ele engoliu em seco. – Faz muito tempo que não vou lá, achei que podia apresentá-los a Amelia e a Susan.

– E você quer que eu vá? – ela afastou o lençol.

– Se quiser ir.

– É claro, que pergunta. – a senhora revirou os olhos. – Meu cilindro de ar está aqui para me ajudar a fazer esses tipos de travessuras.

– Vovó, não é uma aventura! – Elliot disse apreensivo.

– Ora, não?

– Não, vamos lá para visitar meus pais e não para brincar. – ele não conseguia controlar o sorriso.

Duas batidas na porta anunciou a entrada de alguém, que logo a abriu e ele avistou Susan colocar apenas a cabeça para dentro do quarto, ela sorriu ao vê-lo, os olhos brilhando de uma emoção que ele não conseguia identificar, mas sabia que era bom. Tudo nela era bom demais e ele não merecia aquela bondade, entretanto, não conseguia viver sem ela. Elliot ergueu a mão para ela, convidando-a a entrar.

– Atrapalho? – ela tinha o cabelo preso em um coque e já havia trocado de roupa.

Ela vestia uma calça jeans desbotada e rasgada, uma blusa rosa clara, de alça fina, ainda parecendo uma garota do interior. Susan entrou e fechou a porta atrás dela. Seu perfume impregnou no quarto. Ela havia tomado banho, ele percebeu. Queria ter presenciado o primeiro banho dela na banheira, em sua casa, no seu quarto. Onde imaginou vê-la muitos anos atrás. Seus olhos a acompanharam se aproximar dele.

– Não, de forma alguma. – Elliot beijou seus lábios suavemente e Ayah pigarreou.

– Desculpe senhora Ayah! – Susan tocou em sua mão ao se virar. – Como passou esta noite?

– Me sinto melhor que ontem. – a senhora mentiu, mas sorriu. – Obrigada por perguntar.

– Vovó, pedi Susan em casamento e ela me disse que só vai se casar se a senhora aprovar que ela se case comigo.

– Elliot você não é nenhum pouco delicado. – Susan encolheu os ombros e apertou a mão da senhora. – Eu não acho certo nos casarmos sem a senhora aprovar.

– Tem a minha benção! – Ayah anunciou sem sequer pensar em dizer não. Se Susan fazia seu neto feliz, era isso que importava a ela. O ar faltou aos seus pulmões um instante.

– Ah, mesmo? – Susan sorriu de orelha a orelha, em seguida soltou um suspiro longo. – Então eu aceito! – e olhou para Elliot.

Elliot mordeu o lábio inferior, seus olhos estavam fixos em Susan. O amor que ele sentia por ela era visível, estava estampado em seu rosto. Provavelmente ele não percebia o quanto aquele sentimento era grande, mas Ayah percebia. Eles se amavam e sequer percebiam a extensão desse amor. Era algo que eles não podiam medir, mas quem estava de fora, conseguia perceber. Eram feitos um para o outro e havia mais do que isso. O que estavam mostrando à sua avó, era que o elo entre eles não podia ser quebrado. Não havia forma de derrotar aquele amor e aquela cumplicidade que há muito fora construída.

Ayah suspirou, recordando-se de Claire. Ela não iria desistir de Elliot tão facilmente. Provavelmente estaria aprontando algo para separá-los. Ayah sentiu um aperto no peito, dolorido, o que fez sua respiração falhar mais uma vez, mas dessa vez ela não voltou com facilidade. Ela precisava de sua enfermeira, no entanto, não queria se afastar de Elliot e Susan. Não quando podia vê-los juntos diante dela.

– Obrigado, vovó! – ouvir seu neto pronunciar aquelas palavras fez um sopro de ar e seu coração acelerar dentro do peito de Ayah.

Elliot nunca imaginou que fosse se sentir tão bem perto de sua avó e, agora no mesmo ambiente, a sua noiva. Ele abraçou Susan pelos ombros e beijou o topo de sua cabeça.

– Temos que marcar a data! – ele disse ao afastar os lábios de sua testa e olhou para a sua avó sorrindo.

Algo dentro dele se apertou ao ver a palidez no rosto de sua avó. Um barulho sofrido escapava de sua garganta. Ela estava com dificuldade para respirar de novo. Quando a viu daquela forma da última vez que viera visitá-la, ela quase morreu, mas era tão teimosa que não queria ficar internada. Sua vida estava por um fio e, mesmo quando sentia raiva dela, não queria se despedir dela.

E ali, diante de sua palidez, olhos arregalados, ele sentiu medo. Era a

primeira vez que sentiu aquilo em relação a sua avó desde o acidente de seus pais. Não podia perdê-la, não agora que haviam feito as pazes.

– O quanto antes, por favor! – Ayah engasgou e tossiu. O barulho do cilindro de ar soprando ecoou pelo quarto e sua avó levou a mão até o pescoço desesperadamente.

Elliot ao vê-la mudando gradativamente de cor, correu para fora do quarto, chamando a enfermeira, que imediatamente entrou no quarto, pedindo-o para se afastar. Ela foi até Ayah fazendo-a ficar sentada. Em seguida outra enfermeira entrou no quarto e fechou a porta, pedindo-o para aguardar.

Epílogo - Despedindo-Se

*“Sei o que dizer, mas não sei por onde começar
O medo de perder você debaixo da minha pele
Há solução para essa dor que estou sentindo?”*

Underneath

Elliot observava a movimentação em sua casa. Os empregados subiam e desciam as escadas agitados e apreensivos. Finn parecia ser o mais abalado. Ninguém realmente sabia o que fazer ou como reagir. Ele foi o único a reagir diante da situação e chamou a emergência. Susan tremia ao lado dele, com a mão na boca, totalmente sem reação. Ela não entendia o que estava acontecendo, mas ele sabia e não conseguia explicar.

Na verdade, ele não conseguia compreender o que estava sentindo naquele momento. Havia passado pelo menos uma hora ao lado de sua avó, um dos melhores dias que esteve com ela. A primeira vez em mais de dez anos e estava sendo bom. Ele estava se sentindo perturbado, afinal, perdera muito tempo guardando rancor e raiva de sua avó e, quando finalmente fizeram as pazes, aquilo aconteceu a ela.

Ele não ia deixar, não podia. Ainda tinham muitas coisas para resolver entre eles. Ela não podia simplesmente passar mal assim. Não, a vida não ia fazer aquilo de novo com ele que sequer se despediu de seus pais, que não tiveram tempo de ensiná-lo a ser um homem de negócios como esperavam que ele fosse. Elliot entrou no quarto, escancarando a porta. Susan tentou impedi-lo, mas não obteve sucesso.

A enfermeira usava o desfibrilador no peito de sua avó, o som do coração de Ayah Kane parado, ecoava pelo quarto e ele contornou a poltrona, segurando a mão de sua avó.

– Vamos, vovó! – ele apertou a mão a sua frente. – Você aguentou até agora, vamos!

– Senhor, precisa se afastar! – a enfermeira disse antes de a outra enfermeira passar gel no desfibrilador. Ele soltou a mão de sua avó e observou-a.

– Vamos, vamos, vamos! – seus olhos foram parar no monitor cardíaco. – Vamos, vovó! Não posso te perder agora! Não posso! – de repente, as mãos de Susan envolveram sua cintura.

– Bisavó? – ninguém se lembrava mais de que haviam deixado a porta aberta, só pensavam em salvar a vida de Ayah. Susan e Elliot olharam em direção a porta ao ouvir a voz de Amelia.

– Eu cuido dela! – Susan disse e se afastou.

– Bisavó? – Amelia gritou com os olhos fixos na cama, ao ver a senhora sem vida. – A Bisavó morreu mamãe? – indagou assim que Susan se aproximou.

– A mamãe não sabe amor.

– Eu quero falar com a minha bisavó. – Amelia não deixou sua mãe empurrá-la para fora do quarto, desviou-se dela e correu para perto de Elliot, subindo na poltrona, ficando em pé sobre ela. – Bisavó, temos muito que conversar. Eu acabei de te conhecer e nem sei sua idade ainda.

Elliot envolveu seus ombros em um abraço. Os olhos de Amelia ficaram úmidos. A enfermeira tentou novamente emitir energia elétrica ao coração de Ayah e aguardou, olhando para o monitor cardíaco que emitia um som fino, estridente e contínuo. Após aguardar, ela olhou para Elliot e gesticulou negativamente com pesar. Amelia se agachou e segurou a mão da bisavó. Elliot se agachou também e a abraçou, fazendo-a esconder o rosto em seu pescoço.

– Hora do óbito... – disse a enfermeira olhando para o relógio no pulso. Ela suspirou, olhou a senhora sem vida sobre a cama e umedeceu os lábios um momento, antes de se virar para o neto de Ayah Kane. No instante que ergueu o rosto, o monitor cardíaco agitou e o som não era mais contínuo, ele oscilava como uma batida do coração, fraca, mas havia frequência.

Amelia fungou olhando para a senhora jazida sobre a cama, seus olhos ficaram úmidos e depois virou o rosto em direção a sua mãe, que levou a mão até a boca e a olhava tristemente. – gesticulando negativamente, como se pedisse desculpas por aquilo. Amelia nunca sentiu uma tristeza como aquela que fazia seu peito doer de forma esmagadora, era um sentimento desconhecido, e desagradável.

Ayah tossiu e apertou a mão quente de Amelia, chamando a atenção da pequena para ela.

– Bisavó! – Amelia se afastou de Elliot, um sorriso nasceu em seu rosto e desceu da poltrona, se jogando na cama, sentindo as lágrimas quentes molharem suas bochechas.

Amelia foi afastada pela enfermeira para que pudesse cuidar de Ayah com atenção, mas a menina segurou a mão de sua bisavó que havia conhecido em menos de um dia, mas que queria conhecer mais. Ela era de sua família que, até pouco tempo atrás, era só ela e a mãe. Agora tinha um pai e uma bisavó. Ela secou o rosto e sua mãe a abraçou por trás.

Sua bisavó Ayah olhava para ela com atenção, mas não dizia uma palavra. Os paramédicos entraram no quarto, carregando maletas. Um senhor que atendia por Madson entrou no quarto, ele vestia branco e tinha os cabelos grisalhos, se aproximou da cama e distribuiu ordens que a pequena não compreendia. Rapidamente, sua bisavó foi carregada por uma maca para fora do quarto e desapareceu. Ela olhou para sua mãe, enrugando a testa, sentindo a garganta entalada e o peito acelerado.

– Mamãe para onde a bisavó foi?

– Levaram-na para o hospital, meu bem. – Susan acariciou o cabelo de Amelia e a puxou para sair do quarto.

– E nós vamos com ela, mamãe?

Susan suspirou e agachou-se ficando da altura dela. Acariciou o seu rosto, enxugando uma lágrima.

– Você vai ficar aqui com o Josh, Joseph e o Finn enquanto o papai e a mamãe vai acompanhar sua bisavó, está bem? – Amelia esboçou um bico, sentindo-se contrariada por ficar ali. Susan levou a ponta dos dedos até uma mecha que escondia seu olho esquerdo e a afastou. – Mamãe mandará notícias.

– Vai mesmo, mãe? – Amelia levou o dorso da mão até o nariz esfregando-o, ela fungou e exalou um suspiro derrotado.

– Vou sim! A mamãe te desapontou alguma vez? – Susan desceu os dedos até seu queixo, acariciando-o.

– Não, mamãe! – mais algumas lágrimas deslizaram por seu rosto. Susan

PERIGOSAS TRADUÇÕES

beijou sua testa e se levantou.

Achou fascinante a forma como Amelia em tão pouco tempo se conectou com Ayah Kane. Logo que a conheceu, se apaixonou pela bisavó e foi um sentimento recíproco. Enquanto Ayah os recebia, mesmo em um estado de saúde delicado, as duas conversaram, se conheceram e Ayah aparentava adorar a voz de Amelia, prestava atenção em tudo o que a menina falava. Foi uma conexão inesperada, mas que fez tanto Elliot quanto Susan assistirem emocionados. Susan imaginava, enquanto as assistia, como seria a relação dos pais de Elliot se conhecessem Amelia e, enquanto olhava para o homem que amava e lhe dera um presente maravilhoso, indagava se ele estava pensando o mesmo. Era nítido que ver aquela cena, o perturbava muito, mas mesmo deixando-o confuso, ele estava satisfeito e tranquilo. E era a primeira vez que o vira daquela forma.

Susan desceu a escada de caracol após deixar Amelia aos cuidados de Finn, explicou ao mordomo algumas coisas sobre Amelia e encontrou Elliot na sala oval, andando de um lado para o outro. Ele estava ao telefone e passava a mão no cabelo, desesperado. Susan parou ao pé da escada, admirando-o. Elliot a olhou e ela vislumbrou seus olhos vermelhos, com as pálpebras bastante irritadas.

Aproximou-se dele e o abraçou. Ele envolveu sua cintura e desligou o telefone, colocando-o no bolso, levando a mão livre até suas costas, a abraçando e apertando. Elliot levou os lábios até sua testa e respirou fundo. Apoiou o queixo sobre sua cabeça, ficando em silêncio. Ela podia ouvir seus pensamentos, embora ele não dissesse uma palavra. Ele não conseguia e Susan compreendia suas emoções.

Em um instante, Elliot tinha tudo de volta ao eixo. Sua avó, a cumplicidade entre eles havia sido estabelecida, mas a vida gostava de brincar com eles de uma forma irreversível, que às vezes duvidavam que algum dia pudessem se sentir completo por, pelo menos, algum tempo. Tempo suficiente para criarem uma recordação.

Susan nunca soube o que era ter uma família até Amelia nascer e conhecer Elliot, mas ele sabia o que significava ter tudo aquilo. Ele teve o amor dos pais, o amor da avó, o de Susan e os perdeu por todos esses anos, mas a vida tinha dado outra oportunidade e da melhor forma agora.

É assim que a vida funciona. Ela te dá o que tanto precisa e deseja, e sem que perceba ela tira de você, sem piedade. Elliot não sabia que queria fazer as pazes com a sua avó, até poder estar perto dela. Ele esfregou a barba na testa de Susan. Os olhos ardiam, mas ele se recusava a chorar. Sua avó estava viva ainda e teriam muito tempo para conversar. A vida não seria tão repugnante assim a ponto de dar e tirar no mesmo momento.

– Nunca mais... – ele sentiu a garganta ficar apertada e ardida. O gosto amargo de derrota invadia sua boca. Elliot fechou os olhos. – Nunca mais se afaste de mim, Susan!

– Eu não vou! – ela afastou a cabeça de seu peito e ergueu o rosto para olhá-lo. – Estou aqui Elliot!

Ele apertou sua cintura, olhando para seu rosto. Susan percebeu o desespero tomar conta de sua expressão. Ele estava com medo. Ela nunca o viu com medo.

– Desde que eu te vi pela primeira vez senti que havia algo especial em você. – ele engoliu em seco. – Se não fosse por você insistir que viéssemos para cá, ao invés de ficarmos em outro lugar, eu nunca teria conversado com a minha avó.

– Nem Amelia teria conhecido sua avó. – Susan levou as mãos que estavam em sua cintura e esfregou seu peito definido.

Elliot aproximou o rosto do dela e beijou seus lábios vagorosamente. O encontro de línguas foi singelo e não puderam aprofundá-lo, pois o celular de Elliot tocara novamente, o que o fez se afastar de Susan para atender. Joseph que descia a escada, parou no meio do caminho e os observou a distância, aguardou-os se afastarem para descer.

Ele havia passado a noite fora e não soube do que aconteceu entre Elliot e sua avó, só soubera que Ayah passou mal aquela manhã, quase morreu e fora socorrida. Joseph tinha decidido, quando voltara para a casa dos Kane's de madrugada, que iria embora.

Ele precisava resolver as pendências que Elliot deixara e precisava se manter afastado de Susan. Não conseguia parar de pensar na mulher de seu amigo. Ele não podia ficar, entretanto, ao ver o estado de Elliot aturdido, abraçado a Susan, não o permitia abandoná-lo nesse momento.

Joseph queria acreditar que era isso que o impedia de partir.

*

Embora houvesse sofrido três AVC's após ser internada, Ayah Kane não queria ficar no hospital e não podia mais voltar para casa. Os médicos aconselharam Elliot e Susan a se despedirem da senhora. Ela ainda estava consciente, falava desconexamente e sua rabugice ainda prevalecia, mas tinha pouco tempo. Somente os aparelhos podiam mantê-la viva e Elliot não quis se afastar dela ainda.

Nos seus últimos três dias de vida, ele contara a sua avó tudo o que fizera nos anos que ficou desaparecido, disse todas as coisas horríveis que fizera e que não conseguira contar a Susan, porque se ela soubesse, jamais o aceitaria. Sua avó não falava muito, mas observava-o com atenção. Ele segurava sua mão, se permitia chorar e dizia, enquanto a observava o quanto sentia medo da morte e perder tudo o que ele mais amava.

Amelia viera visitá-la duas vezes, ela conversou com sua bisavó, a fizera chorar todas as vezes que a visitou, mas foi com Susan que Ayah Kane se rebelou. Ela não podia mais falar, mas ainda tinha voz.

Era sua última noite, estava sentindo convalescer aos poucos, quando Susan adentrou o quarto, que só permitiam uma pessoa por vez. Ela estava com o cabelo preso em um coque, como da última vez que a viu. Susan sentou na cadeira que estava ao lado da cama, onde Elliot estava minutos atrás. Susan segurou sua mão e Ayah a apertou satisfeita por Susan estar ali.

– Amelia fez um escândalo por ir embora, ela queria ficar aqui, perto da senhora. – Susan sorriu. – Eu pedi para Elliot ir para casa, trocar de roupa e tomar um banho. Ele não descansou desde que a senhora veio para cá e estou preocupada com ele, que não come, não bebe água, não fala muito.

– Ele... – Ayah moveu a cabeça virando o rosto melhor em sua direção. – tem conversado comigo.

– É? – Susan enrugou a testa um momento. – A senhora pode pedir para se cuidar, por favor? – Ayah assentiu em resposta. – Obrigada!

– Susan! – Ayah umedeceu os lábios, ela estava com um tubo endotraqueal nasal e podia-se ouvir as falhas da sua respiração. – Eu tenho que...

– Não precisa, senhora Ayah! – Susan sentiu os olhos umedecerem. – Agradeço por aceitar Amelia.

– Eu sempre aceitei! – Susan conectou seus olhos com os da senhora, um pouco surpresa. – Eu sinto muito. Me arrependi no instante que saiu de minha casa, grávida e desnorteada. Abalada com o que me ouviu dizer. Sozinha! – uma sombra se formou nos olhos de Ayah.

– Tudo bem, senhora Ayah! – Susan apertou sua mão. – Já aconteceu. O passado não pode mais ser revertido.

– Não está nada bem! – Ayah forçou a voz. – Foi minha culpa por Elliot perder nove anos da vida dele. Eu quero pedir para que...

A porta do quarto se abriu e uma enfermeira atravessou-a, carregando uma prancheta, cumprimentou-as ao entrar e verificou o monitor, fez algumas anotações, olhou a bolsa do soro que estava sobre o suporte e saiu.

– Fica do lado dele, Susan! – Ayah apertou sua mão. – Elliot não vai suportar se te perder. Ele se faz de durão, mas você é o seu suporte.

– Eu e Amelia estaremos com ele! – Susan umedeceu os lábios que de repente ficaram ressecados.

– Obrigada! – Ayah virou o rosto para olhar o teto. – Elliot terá uma batalha gigantesca para enfrentar.

– E eu estarei ao seu lado para enfrentar tudo o que vier. – Susan acariciou seu braço. – Eu não sei o que o futuro nos espera, mas quem sabe? – ela conseguiu esboçar um sorriso por um momento e Ayah se sentiu contagiada, sorriu de volta. – Ninguém sabe o dia de amanhã. Só temos uma certeza nessa vida: Nascemos, vivemos e morremos. O que vai realmente acontecer enquanto vivemos, é imprevisível e temos que estar preparados, mas mesmo assim, seremos pegos de surpresa.

A porta do quarto abriu-se novamente e a mesma enfermeira chamou-a, informado que Elliot estava na recepção. Susan se levantou, olhou um momento para Ayah Kane e beijou o topo de sua cabeça.

– Fico feliz que, pelo menos Elliot tenha o seu amor, senhora Kane. – Susan se ergueu. – E em saber que a senhora ama a nossa filha, e pode dar a ela uma família.

Os olhos de Ayah ficaram úmidos e ela assentiu, sentindo a garganta

PERIGOSAS TRADUÇÕES

apertada e dolorida, mas dessa vez não tinha a ver com sua saúde e sim com o sentimento que atravessou-a ao ouvir as palavras de Susan. Ela ainda não conseguia entender como aquela garota podia acolhê-la depois de tudo o que fez para separá-la de Elliot. Susan acariciou seu cabelo e se afastou, mas antes de sair ela olhou para trás e assentiu, sentindo que seria a última vez que uma veria a outra.

Ao fechar a porta, Susan encostou-se na parede e levou a mão até o peito. Ela jamais vira a morte diante dela, mas estar ciente que alguém estava morrendo e que a qualquer momento não estaria mais ali, era perturbador saber que iria seguir em frente enquanto uma vida se extinguia e desapareceria para sempre.

Ela deixou as lágrimas escaparem, queria ter mais tempo com a avó de Elliot. Queria poder dizer mais do que sentia, mas Susan sabia que não teria outra oportunidade.

Ayah estava resistindo mais tempo do que o médico dissera. Parece que ainda não concluíra o que queria fazer ainda. Susan levou as mãos até o rosto o enxugando e respirou fundo algumas vezes, tentando se recuperar. Ela caminhou pelo corredor, vendo as pessoas observarem-na com os olhos inchados e o rosto vermelho.

Ao chegar a recepção do CTI, ela encontrou Elliot, ele havia trocado de roupas e tomado banho. Ele estava sentado, com os braços sobre as pernas e olhava para baixo, pensativo. Ao erguer o rosto, Susan sentiu o coração doer e acelerar.

Ele se ergueu e caminhou até ela, a abraçando. Elliot vestia uma camisa de botão preta e calça também escura. Seu perfume inundou-a e trouxe-lhe segurança. Ela escondeu o rosto em seu peito, sentindo-o acolhê-la e confortá-la. Susan apoiou o queixo em seu peito, olhando para cima. Seu rosto bronzeado era escondido pela barba que não fazia há dias, seu olhar nostálgico e melancólico fixou no dela.

- Como ela está? – sua voz foi um sopro pesaroso,
- Na mesma. – Susan confortou-o. – Seu estado continua do mesmo jeito.
- Acha que consigo entrar lá de novo?
- Já ultrapassamos o limite do horário de visitas há tempos. – Susan

ergueu a mão e roçou em sua barba. – Amelia?

– A fiz comer antes de vir para cá. – Elliot suspirou.

– E você comeu?

– Um pouco! – ele encolheu os ombros. – Não sinto fome, Susan!

– Mas precisa se alimentar! – ela o olhava tristemente.

– Eu comi um pouco. – ele suspirou e uma baforada de ar roçou o rosto dela. – Você irá ficar?

– Irei! – Susan umedeceu os lábios. – Só saio daqui arrastada!

Naquela madrugada, foi a pior de todas para Ayah Kane. Seus pulmões não funcionavam mais, ela tivera outro AVC antes de o sol despertar, mas continuava resistindo, entretanto, não conseguira mais ficar consciente e seus aparelhos foram desligados. Elliot entrou em seu quarto e segurou sua mão, aguardando. Não havia mais o que fazer.

Ele se sentou e levou a mão dela até sua testa, olhando para os sapatos. Fechou os olhos e deixou as lágrimas saírem. Estava sozinho no quarto, se recordando de todas as discussões calorosas que tivera com sua avó, nas vezes que a ofendeu e no quanto a manteve afastada de sua vida. Ele chorou e pediu perdão por ter sido tão negligente.

– Por que você está indo agora, vovó? – ele disse erguendo o rosto para olhá-la. – É tão injusto!

É verdade que quando alguém está a beira da morte e antes de morrer tem momentos de lucidez, que traz uma fagulha de esperança de que irá se recuperar. Foi assim antes de Ayah Kane morrer, antes da conversa com Susan. Ela pode ficar perto de Amelia e conhecê-la, pode contar alguns segredos para Elliot sobre a empresa e se redimir de tudo o que causara de ruim a sua família.

A chuva caía do lado de fora torrencialmente quando o coração de Ayah parou de bater, antes de o sol nascer. Elliot estava ao seu lado, segurando sua mão. Ele aguardava. Se nos últimos anos ele não esteve ao seu lado, nos últimos dias de sua vida se fez presente. Talvez os anos que perderam não tivessem sido bem aproveitados como foram os poucos dias que passou com ela e ele sabia que não podia recuperá-lo, mas aproveitou enquanto ainda tinha tempo.

No funeral poucas pessoas compareceram. Ayah Kane havia deixado instruções de como gostaria que fosse sua despedida e Elliot atendeu seus últimos desejos. Enquanto o caixão era enterrado, Elliot segurava Amelia pelos ombros, com Susan ao seu lado.

Ele olhava a lápide de seus pais a alguns metros de distância e, quando as pessoas se dispersaram, ele segurou a mão de Susan e Amelia, levando-as até a pedra. Elliot levou o óculos de sol no topo da cabeça, vestia calça preta bem justa e camisa também preta. Naquele dia a chuva havia dado trégua para o sol. Susan vestia um vestido preto, combinando com o de Amelia. Elliot se ajoelhou na frente da lápide dos pais e ergueu a mão para Amelia.

– Sua bisavó e eu tínhamos combinado de trazer vocês aqui! – Amelia se aproximou dele e sentou em seu colo, Susan fez o mesmo e sentou ao seu lado. – A gente queria contar histórias sobre eles para vocês.

Amelia olhou a lápide que estava trincada e mofada, quase não dava para ver o que estava escrito, ela virou o rosto para o pai sem entendê-lo muito bem.

– Eu não esperava que viesse aqui para enterrar a minha avó. – Elliot anunciou e suspirou.

– Ei! – Susan levou a mão até o seu ombro, acariciando-o. – Você esteve com ela até o final, conversaram e fizeram as pazes. – ela apoiou a cabeça em seu ombro. – Sua avó foi em paz, Elliot, sabendo que o neto a havia perdoado.

– Eu sei, eu sei! – Elliot beijou a cabeça de Amelia.

– Vai contar as histórias ou não papai?

– É claro que eu vou! – Elliot suspirou e virou o rosto olhando em direção ao local onde o corpo de sua avó fora enterrado. – Estamos em família!

– É! – Amelia também suspirou, imitando o pai. – Só faltou a minha vovó por parte da minha mãe estar aqui. A vovó também está enterrada aqui, mamãe?

Susan sentiu um frio percorrer sua coluna dorsal e encarou Elliot, pedindo em silêncio para não falar nada. Ela não queria que aquele momento em família desaparecesse.

Sua mãe não merecia ser citada naquele lugar, em meio a uma família,

PERIGOSAS TRADUÇÕES

mesmo que os pais e a avó de Elliot tenham morrido e não estavam mais ali. Seu futuro marido fora amado pelos pais e avó, Amelia receberia o mesmo tipo de amor. Sua mãe devia ser completamente esquecida.

Agradecimentos

Como concluir este livro sem agradecer as pessoas que fizeram parte dele? Ana Carolina Castilho, minha amiga que sempre lê tudo o que eu escrevo e faz aquelas críticas que preciso ouvir, me dando mais luz, mais energia para escrever a história. A personagem Amelia teve muito mais significado na história por causa dela.

A minha mãe por brigar comigo sempre. Se não fosse ela, Desde que Te Vi não tinha criado vida. Ao meu pai e meu irmão Celso por me apoiarem. O apoio de vocês é fundamental. Ao meu irmão mais velho que não converso faz 16 anos e mesmo que a gente tenha perdido todos esses anos, espero um dia recuperá-los e não ser tarde demais.

A minha beta Ludy que surgiu em minha vida para me incentivar e me fazer esquecer o mundo exterior para escrever. Você foi muito importante e ainda é.

A Simone Soares por sua amizade linda e por suas palavras de apoio que me fazem acreditar na verdade que eu escrevo. Por tudo o que trouxe de bom a minha vida. Acho que dizer o quanto sou grata por ter você na minha vida não é suficiente.

A Francine, Joicilaine, Rafaela Bacon, Elis, Gaby, Isis, Kelli, Nanda, Milena, Jadson e Aline que se dispuseram a ler Desde que te vi antes do lançamento. Obrigada por lerem e comentarem comigo item a item. Foi importante.

Ao *Moço*, agradeço todos os dias por você estar em minha vida e trazer todos os dias energia ao meu coração.

Obrigada Leandro por ler todos os meus livros e por acreditar no que eu escrevo.

E obrigada a você que leu a história. Espero que esteja ansioso para o próximo livro.

Entre em contato com comigo pelas minhas redes sociais:

<https://instagram.com/grazifontes>

<https://www.facebook.com/grazifontespage/>

